UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Autor & edição: três sub-séries da Correspondência
de João Guimarães Rosa (1957 – 1967)**

versão corrigida

Vera Maria Pereira Theodozio

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Autor & edição: três sub-séries da Correspondência
de João Guimarães Rosa (1957 – 1967)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em História

Aluna: Vera Maria Pereira Theodozio
Orientador: Professor Doutor Júlio Pimentel Pinto

São Paulo
2011

Agradecimentos

Ao orientador e amigo Júlio, histórico, literário.

Aos professores

Marcos Moraes, do curso, da banca, dos esclarecimentos mais que simpáticos,
Ana Paula, das bancas e comentários importantes,
e certo número de outros, anteriores mas sempre presentes.

Às pessoas do ieb, na biblioteca e no arquivo, sérias, boas, como Izilda e Mônica,
aos bibliotecários, florestanos fernandas,
aos secretários, dos papelórios.

Aos amigos e amigas,
entre eles Laerte,
entre elas Camila e Patricia, da fflch,
Lucia, do *inglês*.

Aos meus irmãos Neto, Sandra, Roberto
e minha mãe Ivete.
Ao meu filho Mathias, claro.

Ao José meu pai, em memória.

sub-título: *prosa com “flores”*

palavras-chave: João Guimarães Rosa; Epistolografia; História e Memória; Literatura e Edição; Análise histórico-literária.

resumo

Apresentar três lotes de correspondência inédita de João Guimarães Rosa, para responder ao problema de como os seus livros se recriaram em novos ambientes culturais, é trabalho que exige estabelecer o texto das cartas, redigir notas descritivas/analíticas e notas explicativas.

A recriação resulta da ação concertada de autor, editor e tradutor.

A edição dos livros se mostra um negócio ou empreendimento de tipo especial, seja em razão da rede de relações pessoais e profissionais que envolve, ou do movimento de idéias, que simultaneamente capta e produz. Editar é operação que se dá no terreno das mediações entre dois planos, um que é do simbólico, outro da fabricação ou reprodução técnica.

No trio de agentes, cada um de seu lugar e a seu modo busca o objeto livro que propicie a permanência da obra literária. Os lotes de correspondência, do arquivo que pertenceu ao escritor, agora ditos sub-séries, são:

1. com o editor francês Pierre Seghers (26/06/1957 a 10/10/1962), CE 1 a 15 (cx. 01), 17 documentos;
2. com o editor português António de Souza-Pinto (01/11/1960 a 27/01/1967), CE 16 a 64 (cx. 01), 56 documentos;
3. com o tradutor francês Jean-Jacques Villard (07/07/1961 a 25/04/1967), CT 1 a 47 (cx. 9), 48 documentos.

Na cena das cartas aos três destinatários vê-se um autor que, além de cuidar da forma de publicação de seus textos literários no exterior, estende sua atenção ao paratexto, interno e externo ao volume. Entre essas atenções dispensadas por via epistolar despontam diferentes personas de João Guimarães Rosa.

Sub-title: *prose with “flowers”*

Abstract

Presenting three batches of unpublished correspondence of João Guimarães Rosa in order to answer how his books were recreated in new cultural environments, is a task that demands establishing the text of the letters and composing descriptive/analytical notes and explanatory notes.

The recreation of the books results from the orchestrated action of author, publisher and translator.

Publishing books reveals itself as a special kind of business or enterprise, either because of the personal and professional network involved or because of the movement of ideas simultaneously captured and generated. Publishing takes place in the grounds of mediation between two spaces, one symbolic and the other of manufacturing or technical reproduction.

In the triad of agents -- author, publisher and translator -- each one of them in its way and from its place seeks the book that will engender permanence of the literary work. The batches of correspondence, from the file which belonged to the writer, now designated sub-series, are:

1. letters to the French publisher Pierre Seghers (06/26/1957 - 10/10/1962), CE 1 - 15 (box 01), 17 documents;
2. letters to the Portuguese publisher António de Souza-Pinto (11/01/1960 - 01/27/1967), CE 16 - 64 (box 01), 56 documents;
3. letters to the French translator Jean-Jacques Villard (07/07/1961 - 04/25/1967), CT 1 - 47 (box 9), 48 documents.

In the letters sent to the three addressees, we see an author who, in addition to taking care of the form of publishing his literary texts abroad, extends his attention to the paratext located inside and outside the volume. Amid this care, dispensed through epistles, different personas of João Guimarães Rosa arise.

keywords: João Guimarães Rosa; Epistolography; History and Memory; Literature and Publishing; Historical-literary Analysis.

Sumário

1. Introdução	8
2. Correspondência	
2.1. Com o editor francês Pierre Seghers	17
2.1.1. Apresentação	17
2.1.2. Índice	21
2.1.3. Cartas	22
2.1.4. Tradução	40
2.2. Com o editor português António de Souza-Pinto	44
2.2.1. Apresentação	44
2.2.2. Índice	50
2.2.3. Cartas	53
2.3. Com o tradutor francês Jean-Jacques Villard	117
2.3.1. Apresentação	117
2.3.2. Índice	121
2.3.3. Cartas	123
2.3.4. Tradução	194
3. Conclusão	205
Bibliografia	247

1. Introdução

A intenção estética raramente está ausente da produção epistolar. No caso da epistolografia de escritores, é ainda mais lícito afirmar sua presença. Nem por isso se deve tomar o epistolar como gênero literário, seria melhor considerá-lo uma escrita nômade, por vezes capaz de abrigar vários gêneros e desempenhar funções diversas. A missiva, essa particular expressão de um escritor, contém dados biográficos, alude a fatos marcantes, a planos, a aspirações, como por exemplo uma resenha publicada, um encontro decisivo, uma premiação aguardada. É um espaço autobiográfico e portanto sujeito a todas as injunções que cercam a escrita de si: movimento de constituição do sujeito, projeções de identidade, desejo de conformar as apreciações da posteridade.

É um espaço de crítica, de tomada de posições diante da arte e do papel do escritor. Sua leitura permite o rastreamento das sociabilidades intelectuais organizadas, das redes de relações profissionais e pessoais, do lugar do escritor na cena literária.

Comparável à oficina ou laboratório, traz informações sobre os projetos em andamento e sobre os processos de criação das obras, direções para sua leitura, e permite, em alguns casos, a apreensão da gênese de aspectos ou partes da obra.

Aceita a proposição que um estilo corresponde à marca ou identidade de um autor, é aquilo que o distingue dos outros, a correspondência de um escritor propicia uma aproximação ao estilo em estado nascente. Pois não é difícil imaginar a situação em que um pesquisador depara-se com a cópia carbono de uma carta datiloscrita, sem assinatura (como costumam ser as cópias carbono), sem referências internas que permitam identificar a autoria, e depois de lê-la supõe: trata-se de um escrito de B. Descobre mais tarde, ao ter notícia do original, - a carta encontrada no arquivo do destinatário, assinada por B, - que sua hipótese sobre a autoria estava correta.

De todo modo, a liberdade diante das classificações dá às correspondências uma espécie de caráter “sem caráter”; feita a análise, metódica, e a exploração, segundo critérios definidos a partir de resultados esperados, revela-se o indefinido, o inesperado, de valia para o conhecimento seja do autor de obra literária, seja do escritor como figura pública, em relações funcionais ou profissionais, seja da pessoa que aparece, as vezes à revelia, no espaço privado da troca de cartas.

Essas potencialidades explicam e justificam a atração que as reuniões de cartas de escritores tem exercido sobre diferentes leitores, sobre praticantes de diferentes áreas das ciências humanas, historiadores em particular.

Tramados com fios da vida íntima e da vida na cidade, os diários, correspondências, memórias, autobiografias, são sedimentações construídas por indivíduo singular, ao se opor ao esquecimento -- ou à lembrança. Nesses traços materiais, documentários, o historiador busca as confluências de costumes, práticas, hábitos mentais que permitem vislumbrar a experiência socialmente partilhada.

Mas a correspondência não se basta; antes, demanda um aparelho crítico cujo estabelecimento traz uma série de questões, já que pode apresentar lacunas de diversas origens: algumas cartas podem ser destruídas, sofrer extravios, apresentar lapsos do autor em relação a datas, entre outros.

Ela pede o estabelecimento da teia de referências, implícitas para os atores no momento da troca, mas tornada opaca para o leitor que veio depois. Ancorada em sua época, a troca epistolar ganha os sentidos que o leitor do presente pode lhe atribuir. É preciso devolver a esse objeto esquivo, construído *a posteriori*, a transparência possível, procurar em cada carta, em cada lote, e no conjunto tudo que ele tem a dizer ou esconder.

Dar à leitura tais escritos é favorecer novos diálogos, projeções múltiplas, outros agrupamentos de temas e problemas.

Paulo Rónai salientou o lugar do epistolar no conjunto dos escritos de João Guimarães Rosa:

O tempo gasto nesta correspondência daria para escrever outro *Corpo de Baile* ou outro *Grande Sertão: Veredas*. O conjunto de respostas dadas aos tradutores alemão, italiano, francês representa nada menos que uma exegese minuciosa da obra rosiana, dada pela única pessoa capaz de dá-la. ... A publicação conjunta das cartas a intérpretes daria vários volumes do maior interesse, complemento indispensável da própria obra, um documento sem qualquer analogia não só em nossas letras, mas talvez em toda a literatura mundial.¹

Bussolotti partiu da observação do literato, segundo o qual esse complemento “já por si realiza um estudo filológico, tradutório, poético, crítico”².

¹ Paulo Rónai. “Guimarães Rosa e seus tradutores”. *OESP Suplemento Literário*, ano 16, n. 741. São Paulo, 10 out. 1971.

² João Guimarães Rosa: *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)*. Ed., org. e notas Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p. 27.

Guimarães Rosa passou a integrar o sistema literário brasileiro no momento mesmo da publicação de seu primeiro livro. Aqui no Brasil teve desde cedo contos publicados em revistas, seus livros foram saudados pela crítica, recebeu prêmios e, para publicação e edições sucessivas, contou com uma espécie de casamento perfeito com o editor e amigo José Olympio. Após a venda da Livraria Editora José Olympio os direitos de publicação passaram à Editora Nova Fronteira, que desde 2003 vem reeditando toda sua obra.

Ele pertence ao cânone dos autores brasileiros, seu nome é conhecido, mas continua um autor pouco lido fora dos meios universitários da área das humanidades e de extratos letrados da população brasileira, possivelmente diminutos.

Em que pese o que a obra contém de universal, sua tradução e edição impuseram -- por razões formais que vão dos traços experimentais a um certo regionalismo -- um desafio, ao qual não se furtaram editores e tradutores estrangeiros de tantas nacionalidades. Por meio de quais contatos, acordos e conversas sua produção literária entrou em novos ambientes de recepção?

O estudo das correspondências do escritor com o primeiro editor na França, com o editor em Portugal e com o primeiro tradutor dos livros para o idioma francês pode contribuir para a resposta a essa pergunta.

Transposto aos leitores estrangeiros, o desafio se repete. Seus livros tornaram-se conhecidos, e, mais que isso, foram lidos fora do Brasil? Em que medida? Por quais razões? Além das correspondências, outro tipo de documentação, mais quantitativa, poderia dar a medida, se não da leitura, ao menos da difusão da obra desse autor tão festejado; são os contratos assinados, os números de edições, de exemplares e os demonstrativos de direitos autorais.

Diante da publicação da correspondência com os tradutores italiano e alemão e da existência de análise da correspondência com tradutores para o idioma inglês, levantamento preliminar em arquivo revelou a existência e o interesse de correspondência do escritor com o editor português e com o tradutor e editores franceses, até aqui praticamente desconhecida.

Mais de seis décadas se passaram desde a publicação de *Sagarana*, mais de cinco desde a publicação de *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*. A fortuna crítica do autor é imensa, estimada em dois mil e quinhentas peças entre artigos, livros, teses.

Os trabalhos se vinculam, como é natural, a perspectivas literárias, lingüísticas, da gênese do texto publicado/editado, psicanalíticas, filosóficas, histórico-sociológicas e, supomos, até aqui deixaram de lado os livros enquanto produto cultural de massa, a circular no mercado editorial.

Pareceu haver na época do cinquentenário daquele que é considerado seu maior livro, ao lado das sessões acadêmicas (2005, *III Veredas do Rosa PUC/Minas Gerais*; 2006, *Seminário Cinquenta anos de Grande Sertão: Veredas*, IEB/USP), uma espécie de superexposição da obra de GR, que inclui caminhadas literárias, filmes, leituras públicas, cd-rom, roteiros culturais, exposições; ela serviu de inspiração para uma coleção de moda (Ronaldo Fraga, SPFW, julho de 2006), para samba-enredo. Parte desses eventos explicam-se por certo traço de algumas criações de Rosa. O amante das estórias contadas, ao escrever as próprias conferiu-lhes flagrante oralidade, razão pela qual certas peças e episódios ganham outra clareza quando lidos em voz alta ou recriados em novos meios. Mas ao se apontar este traço convém lembrar que sua ficção nasceu para o leitor só e silencioso do livro de papel. “Como se recria esse livro?”, “Como uma substância nova, em forma de literatura, é inoculada, pode-se dizer, na corrente da cultura?” são perguntas que merecem ser respondidas, e responder a primeira é acercar-se das respostas da segunda.

Enquanto escritor, Guimarães Rosa participou da inserção de seus livros no sistema literário brasileiro, recolheu artigos de recepção, fez circular a crítica, e atuou com determinação para torná-los conhecidos no exterior. Como autor, esteve sempre a dizer significações, a ampliar possibilidades de leitura de sua ficção. Essa hipótese se apóia no conhecimento existente sobre suas constantes versões, revisões, opiniões sobre capas, número de volumes, formatos gráficos, nos trabalhos já feitos sobre a correspondência com tradutores, e nas próprias cartas do autor para amigos, editores e tradutores, em que trata ativamente do andamento da edição de suas obras e acompanha os ecos da publicação.

A pesquisa afere os modos de entrada da obra de João Guimarães Rosa no mundo literário de dois países, Portugal e França. A via dessa entrada é a interação do autor com editores e tradutor, que se deu através da correspondência.

Nela é possível procurar pistas sobre a direção que o autor queria imprimir à leitura de sua ficção e sobre suas intervenções para torna-la acessível ao leitor português e francês. Contém também informações sobre vida literária do escritor Rosa, frequência

a lançamentos, relações com a Academia Brasileira de Letras, participação em congressos internacionais de escritores, posição diante da possível veiculação de seus contos em outro meio, através de adaptação radiofônica, efeitos do cinema sobre a linguagem literária. Por fim, traz dados importantes sobre o livro como negócio: edições, tiragens, repartição de direitos autorais em Portugal e na França.

Uma vez definido o eixo a ser privilegiado no estudo da correspondência do escritor, tornou-se necessário: a. estabelecer o texto a ser apresentado; b. elaborar o índice das cartas transcritas; c. descrever material e tecnicamente cada peça do conjunto; d. explicitar as intervenções que se fizeram necessárias, com relação a rasuras, abreviaturas, tipografia e outras; e. definir quando cabem as notas explicativas e redigir as notas. f. fazer a apresentação, isto é, esclarecer como se constituiu o conjunto, do ponto de vista da história da troca e de seu arquivamento.

Escrever tais notas e apresentar o conjunto traduz um esforço em repor patrimônios memoriais, e enfrentar sua instabilidade. Se bem sucedida nesse esforço e enfrentamento, essa escrita será histórica.

Fontes e Métodos

Entre outros fundos de importância semelhante, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) mantém sob sua guarda os arquivos que pertenceram ao escritor João Guimarães Rosa, adquiridos através de Processo de Cessão em 1973. Sua biblioteca de cerca de 3500 volumes foi integrada a biblioteca do mesmo Instituto. Seus documentos -- cartas, estudos, originais, fotos, entrevistas, traduções... -- passaram por várias fases de organização, coordenadas por Cecília de Lara e equipe, até o estabelecimento das seis séries atuais: documentação pessoal, recortes, estudos para obras, originais, fotografias, correspondência.

Essa última série, composta de quase mil documentos, apresenta-se atualmente dividida em seis sub-séries. Entre elas, duas contém dados de base para este trabalho.

Em primeiro lugar, a correspondência com editores estrangeiros, subdividida por nacionalidade: dela foram aqui recortados 64 documentos, que se referem a edições na França (1957 a 1962) e em Portugal (1960 a 1964).

Em segundo lugar, a correspondência com tradutores; aqui isolou-se aquela com o tradutor para o idioma francês, Jean-Jacques Villard (1961 a 1967), com 47 documentos. Da perspectiva da entrada e difusão da obra na França, é através dela que a

história das edições continua a ser contada, uma vez que nenhuma correspondência com editores franceses relativa ao período posterior a 1962 foi localizada no Fundo João Guimarães Rosa do Arquivo/ IEB.

O fundo atual manteve para a série Correspondência, nos traços gerais, a organização original estabelecida pelo escritor e sua secretária, isto é, por assunto (pessoal, tradutores, editores, burocrática...); nela não há separação entre correspondência passiva e ativa. Provavelmente o diálogo epistolar está inscrito já no tipo de arquivamento adotado pelo escritor.

O arquivo de origem, privado, expressa uma intenção autobiográfica³, um desejo de constituir memória. Suas pastas de correspondência mostram que esta tinha, entre funções diversas, a de alimentar outras pastas do arquivo, fato atestado por inúmeras cartas em que o escritor pede que lhe enviem artigos de jornal sobre a recepção de suas obras. Suas cartas também dão notícias desses artigos, ou fazem circular seu conteúdo. Nesse sentido, a fonte principal, o epistolário, remete a outras, por exemplo seus recortes de jornal.

O levantamento das edições das obras de João Guimarães Rosa existentes na Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa) e na Bibliothèque Nationale de France (Paris), foi feito por consulta eletrônica.

A carta de um escritor dá ensejo a múltiplas aproximações. É suporte de informação, ora histórica, quando revela modos de sociabilidades, ora literária, quando mostra a gênese e maturação de obra, ora biográfica, ao deixar emergir a vida íntima (da alma). É também texto afetado por modelos da literatura, da qual pode ser considerada uma excrescência. É ainda peça de um diálogo escritural, que supõe a presença/ausência do destinatário; é espaço de constituição do sujeito, já que dirigir-se a outro permite a quem a escreve a produção de imagens de si. Por fim é uma maneira de atuar sobre o mundo. Tela de tantas figuras em movimento, é avessa a classificações, escapa das tentativas metódicas de análise e só pode ser abordada historicamente e caso a caso⁴. Inútil querer fazer, desta fugitiva, a prisioneira.

Como acercar-se de objeto memorial mostrou em conferência François Dosse, historiador pertencente àquela tradição historiográfica aberta aos conhecimentos

³ Reinaldo Marques. "O arquivamento do escritor". In SOUZA, Eneida Maria de e MIRANDA, Wander Mello. *Arquivos Literários*. Cotia: Ateliê Editorial, s/d, p.147.

⁴ Brigitte Diaz. *L'épistolaire ou la pensée nomade*. Paris: PUF: 2002. p.64.

acumulados em campos próximos -- filosofia, psicanálise -- , formada durante o século passado⁵ . Lá, ele atribuiu a Paul Ricoeur a clarificação da dualidade memória/ história, problema que havia ocupado Pierre Nora, Michel de Certeau, Georges Duby, Lucien Febvre, Maurice Halbwachs.

A partir das primeiras décadas do século XX, sucederam-se no terreno da disciplina histórica o estudo da memória coletiva, a explicitação da construção pelo historiador de seu problema ou objeto, a atenção para o acúmulo/depuração de narrativas, a revisão incessante por que passam os eventos (“um fato é o que ele se torna”), a percepção dos lugares de memória, na dinâmica entre documentos e monumentos.

Com tais avanços e um terceiro termo, o esquecimento, tomado no campo do freudismo, na passagem para o século XXI teria se construído uma história social da memória, na qual a memória é submetida à prova crítica da história, a seu crivo de verdade, sem o que não pode almejar a fidelidade. E a história, por sua intenção de verdade, é recolocada na sucessão de camadas temporais de que se revestem os eventos, no fluxo dialético da retrospectiva e do projeto, referidos a promessas do passado não sustentadas.

Lembra François Dosse os níveis envolvidos na operação: a. objetivar os testemunhos do arquivo, lugar espacial e social; novamente separar, escolher, rejeitar (estágio da desconfiança); b. tentar compreender e explicar diferenças e mutações, o que implica decompor, serializar, modelizar; mobilizar temporalidades e escalas de análise; c. narrar, fazer o relato inteligível e aceitável. A interpretação, a atribuição de sentidos, componente da intenção de verdade da escrita histórica, se estende sobre os níveis documental e explicativo, mas, principalmente, ela “depende, antes, da reflexão segunda sobre o curso total dessa operação”...⁶

Faz parte da interpretação -- entre cujos atos e métodos está o de comparar --, a busca da singularidade dos acontecimentos e dos sujeitos. A singularidade não é aparente no nível inicial, aquele da documentação. E embora a interpretação esteja presente em todos os níveis, ou seja desde a ida ao arquivo e as escolhas documentais, tem muito a percorrer até poder apresentar-se no espaço das conclusões.

Meios de aproximação ao documento memorial já praticados por pesquisadores devem permitir que as cartas ganhem circulação mais ampla sem perder seus sinais

⁵ François Dosse. “L’histoire et la guerre des mémoires”, 2007. p. 11

⁶ Paul Ricoeur. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp. 2007. p. 347.

particulares e ainda se cosam à trama do tempo da sua escrita. Adaptados ao presente caso, os meios são descritos abaixo.

Leitura sistemática e cronológica da correspondência com editores e tradutor citados e estabelecimento de seu texto.

Indexação (já existente nos catálogos do Arquivo, refeita para os fins do trabalho) e preparo de descrição material das cartas, nos moldes elaborados por pesquisadores do Instituto de Estudos Brasileiros, que resultaram na edição das correspondências Rosa/Onís ⁷, Rosa/ Meyer-Clason ⁸, e na organização, introdução e notas da *Correspondência Mario de Andrade & Manuel Bandeira* ⁹, contendo: assinatura/ ou não; data; local; autógrafo/ ou datiloscrito; original/ ou cópia; papel, dimensões, número de páginas; com ou sem acréscimos autógrafos/datiloscritos.

Tradução para o português das cartas trocadas em francês entre Rosa e seu editor Pierre Seghers (primeiro lote); tradução das cartas escritas em francês e enviadas a Rosa por seu tradutor Jean-Jacques Villard (terceiro lote).

Redação de notas destinadas a esclarecer sobre pessoas, situações e obras citadas nas cartas. A escolha das notas é motivada pela idéia que o anotador faz do leitor de correspondências, um ser que normalmente *gosta de ver as pessoas viverem*¹⁰, e da idéia que faz das cartas a anotar. As notas devem ser informativas. Quem são as pessoas? quais são seus laços com o escritor? quais são as referências dos livros, jornais, revistas mencionados? Ao apoiar o texto das cartas na época, as notas deixam o leitor seguir o pensamento do escritor. Elas acompanham o texto e distinguem-se dele por tipografia e localização na página.

A partir do estudo dos três lotes de correspondência se mostrarão os meios da entrada da obra de João Guimarães Rosa na vida literária da França e de Portugal.

Além de contribuir com dados para entendimento da recriação e edição da obra de João Guimarães Rosa nos novos ambientes culturais no final da década de cinquenta e nos primeiros terços da seguinte, o trabalho coloca ao alcance de interessados outras

⁷ Iná Valéria Rodrigues Verlangieri. *J. Guimarães Rosa -- Correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 1993.

⁸ Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti. *Proposta de Edição da Correspondência Inédita entre João Guimarães Rosa e seu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason (23 de janeiro de 1958 a 27 de agosto de 1967)*. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, 1997.

⁹ Marcos Antonio de Moraes, org.. *Correspondência Mario de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2001.

¹⁰ Collete Becker. *O discurso de escolha: A anotação e seus problemas*. Comunicação apresentada em Colóquio sobre edições de Correspondências organizado pelo Centro de Correspondências da Universidade de Paris IV. Tradução de Claudio Hiro. p. 3.

faces do autor. Entre elas, a de agente literário de si mesmo, função em que atuou principalmente por meio de correspondência e de contatos pessoais e ou profissionais; e a de missivista, que, ao escrever em língua materna e em língua francesa, leva para as cartas toda a experiência no trato da linguagem adquirida no exercício da literatura de imaginação.

Nas cartas se escrevem desejos, como o de revelar valores estéticos da própria criação literária e de dar impulso à sua circulação, o que é inesperado neste gênero de fonte, a correspondência com editores. Por pertencer o gênero ao mundo material dos negócios, seu teor é associado ao racional, à convenção e à univocidade.

As cartas, apesar do que tem de encenação, constituem uma escrita de si, são abrigo e espaço de construção de personas. Servem à construção biográfica do escritor, pessoa e tipo social.

Especialmente o terceiro lote traz esclarecimentos e direções para a leitura. dados pelo próprio escritor. Fixados os textos dos três lotes num subconjunto, ele pode favorecer o retorno à criação de base, e acrescentar-se a estudos em curso.

Em relação ao texto literário ficcional, objetivado na obra/ livro, a correspondência de escritores foi classificada por Gérard Genette¹¹ como paratexto editorial, precisamente epitexto (externo ao volume, ao suporte), e, mais precisamente, epitexto privado. Teve suas funções em seu tempo, tem no presente seus efeitos.

Aqui historicizada, a matéria memorial formada pelas cartas trocadas entre o escritor e dois de seus editores mais um tradutor estará pronta a sofrer novas refrações e deslocamentos.

¹¹ Gérard Genette. *Paratextos Editoriais*. Cotia, Ateliê, 2009. p. 12, p. 329.

2. Correspondência

2.1. Com o editor francês Pierre Seghers

2.1.1. Apresentação

Este capítulo pretende dar relevo a um aspecto que não deixa de fazer parte do sistema literário: a transformação da criação -- materializada no exemplar publicado de *Sagarana* -- em livro, fora do país e da língua em que foi criado. A transposição de fronteira nacional pela obra literária, iniciada por um conto a ser traduzido para figurar em antologia.

A passagem é mediada pelos editores. Antes da publicação no exterior, houve o sinuoso trânsito da oficina do escritor até o lançamento em livraria, resenhas, crítica, vendas. A história do livro de contos é conhecida. Apresentado sob pseudônimo em concurso promovido pela José Olympio em 1938 (Prêmio Humberto de Campos), obteve um controverso segundo lugar e ficou anônimo e inédito; publicado em 1946 pela Editora Universal, teve reconhecimento imediato e uma segunda edição no mesmo ano. A terceira edição, na casa definitiva do autor, é de 1951; a quarta veio em 1956, acompanhada portanto de *CB* de *GS:V*. Consagração. O editor Seghers entrou na história no ano seguinte e o mesmo Graciliano Ramos envolvido no episódio de 1938 participou da seleção do conto para a antologia francesa (carta 4).

O Fundo João Guimarães Rosa, pertencente ao Arquivo do IEB/USP teve origem no contato da pesquisadora Suzy Sperber, na época interessada na biblioteca do autor, com a encarregada do Setor de Publicações do Itamaraty e colaboradora de Rosa na instituição, Maria Augusta de Camargo Rocha. O Fundo atual tem portanto uma existência prévia, já como arquivo, ainda que privado; mais que isso, o arquivo de origem pertenceu a um homem de estado, conhecedor de práticas de arquivamento e que tinha à disposição os meios de realizar o próprio arquivamento .

Entre as séries compreendidas pelo Fundo João Guimarães Rosa, a Série Correspondência compõe-se de cerca de 950 documentos, dos quais 234 formam a Sub-série Correspondência com Editores; foi indexada por Daniel Reizinger Bonomo em 2001-2003, com base nos critérios da língua /nacionalidade dos editores e cronológico.

Aqui fez-se um primeiro recorte, que pareceu impor-se e resultou no conjunto apresentado: um bloco de cartas que trata da primeira publicação de texto de Rosa em

língua francesa -- “A hora e a vez de Augusto Matraga”. Elas se estendem de 1957 a 1962 e tem como figurantes o autor; o editor Pierre Seghers (Éditions Seghers); o secretário geral da editora Seghers, Roger Piauxt; o editor José Olympio; o organizador da antologia francesa de novelas latino-americanas que contém o conto brasileiro, Juan Liscano; e o tradutor Antonio Tavares-Bastos. Os três últimos aparecem apenas como destinatários, embora Liscano seja peça importante do episódio.

Afirmando o caráter lacunar de toda correspondência, o lote começa... *in media res*: a primeira peça menciona evento anterior -- uma autorização prévia para publicação -- do qual o arquivo não guardou outro traço. Sabe-se que anos anos o editor havia feito traduzir e publicado um poeta brasileiro, Vinicius de Moraes.¹²

A troca mostra os dois lados em equilíbrio de missivas e se estende por um período de mais de cinco anos. Nos dois primeiros foi mais intensa e tratou da cessão de direitos sobre o conto de *Sagarana*. Cerca de um ano foi o tempo decorrido entre os primeiros contatos e a publicação efetiva. Mostra-se depois uma disputa, perdida pelo primeiro editor de Rosa na França, pelos direitos do *Grande Sertão: Veredas*, que seria editado pela casa Albin Michel anos mais tarde.

Seguiu-se um longo intervalo, depois do qual, no último ano, a correspondência tratou da possível cessão de direitos de reprodução em meios audiovisuais do conto publicado e da regularização de direitos anteriores. Inclui-se nessa fase um rascunho autógrafo do escritor, destinado a Roger Piauxt, que provavelmente não teve sequência como carta enviada (15). Houve então, em Frankfurt, um encontro pessoal entre o autor, o organizador da antologia e o secretário editorial. A última carta apresentada foi escrita em 10 de outubro de 1962 (17) e resulta de dois rascunhos sucessivos, o manuscrito, seguido pelo datiloscrito, ambos com intervenções, correções e acréscimos diversos.

Por mais de uma razão o lote parece ultrapassar a dimensão de uma simples correspondência comercial, que é, em primeira instância. Trata-se da troca entre homens de letras, o editor já estabelecido e o escritor, o segundo juntando ao ofício que dá motivo à correspondência a carreira da diplomacia, campo de eleição do epistolar. De um lado o carteio se dá na intimidade, entretanto orienta-se se para a ação no mundo. A busca da clareza é acompanhada pelo domínio das significações contidas na carta, o

¹² Vinicius de Moraes. *Cinq élégies*, traduites du portugais par Jean-Georges Rueff. Paris, P. Seghers, 1953. Quatro cartas do poeta o mostram em algum tipo de contato com o editor nos anos cinquenta e sessenta. Idem, *Querido Poeta*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 188, 192, 264, 322.

remetente e o destinatário principais têm possivelmente consciência da escrita da carta como terreno de encenação, onde vêm à tona conflitos, desejos.

O escritor vivia o reconhecimento de sua obra no Brasil, ensaiava os primeiros passos para divulgá-la no exterior e naturalmente buscava editoras de prestígio. O editor empenhava-se em fazer conhecida na França a literatura latino-americana e obter para si seus nomes e títulos mais representativos. Poeta, parceiro de compositores da canção francesa, interessado em cinema, tinha relações no rádio e na imprensa, e podia fazer repercutir a literatura além do meio editorial e expandir o circuito de leitores.

Do lado do escritor, a maioria das peças é cópia datiloscrita e existem dois rascunhos autógrafos (8 e 15); do lado da casa editorial são datiloscritos originais. Nota-se também a circulação de duas cartas, uma de Seghers(4) endereçada a José Olympio, que antecede a primeira carta do editor/poeta ao escritor; e outra de Roger Piauxt endereçada a Juan Liscano (14). Ambas chegam às mãos do escritor Guimarães Rosa através de seus destinatários.

Existe ainda uma cópia de datiloscrito original enviado pelo editor aos tradutores Antonio eorgete Tavares-Bastos (3). Diante das características desta e da comparação das cópias feitas com carbono azul, igual, usado nas cartas 1, 2 e 3, foi possível levantar a hipótese que as duas primeiras, com autógrafos de João Guimarães Rosa, sejam rascunhos feitos sobre modelos-padrão enviados ao autor pelas Éditions Seghers.

Nesta primeira parte, à transcrição das cartas segue-se a descrição analítica (natureza do documento; materialidade -- número de folhas, dimensões do papel, cor, timbres; intervenções dos missivistas; marcas do arquivamento e do tempo). Mais de meio século decorrido, os papéis amarelaram, em graus diversos, o que não é mencionado. A descrição ajuda a ler os documentos. Por exemplo, a sociedade anônima editora tem seus impressos, que são elegantes; dá seu endereço, situa-se no espaço social; diz, por seu timbre, na margem inferior da folha, o seu capital. A transcrição é acompanhada de notas.

Por fim a tradução “devolve” as cartas para o português e o Brasil. Parece ser o suficiente para que por elas se conte uma pequena história, cuja leitura inclui a observação dos sinais particulares de cada uma.

Apresentá-las significa dessingularizá-las, o que sempre traz alguma mudança: Autógrafos presentes nos documentos de origem estão aqui grafados em itálico; a paragrafação, variável conforme o remetente e a carta, está simples; títulos de obras foram padronizados. Erros em nomes próprios foram mantidos, por serem indício do

pouco conhecimento que certos atores da troca tinham de outros. A flutuação do nome da antologia francesa, natural no estado nascente do volume afinal publicado, foi mantida.

Neste lote e nos seguintes a diferença entre o número de documentos do arquivo indicados na introdução e o número deles na presente classificação advém do desmembramento de anexos, que pareceu adequado aos fins do trabalho.

2.1.2. Índice

1. JGR > Seghers
2. JGR >
3. Seghers > Tavares-Bastos, 25/06/57

4. Seghers > José Olympio, 05/05/58
5. Seghers > JGR, 06/05/58
6. Le Service Littéraire > JGR, 27/05/58
7. JGR > Seghers, 05/07/58
8. JGR > Seghers, 05/07/58
9. Seghers > JGR, 11/07/58
10. Seghers > JGR, 21/07/58
11. JGR > Seghers, 10/11/58

12. JGR > Seghers, 15/02/59
13. Seghers > JGR, 20/02/59

14. Roger Piault > Juan Liscano, 24/05/62
15. > Roger Piault
16. Seghers > Rosa, 29/09/62
17. JGR > Seghers, 10/10/62

2.1.3. Cartas

1. JGR > Seghers

do autor ao SEGHERS:¹³

prosa com “flores”

importante

L'autorisation que je vous accorde à cet égard est valable uniquement pour l'édition du recueil *Vingt nouvelles choisies d'Amérique Latine*, car il est bien entendu que je réserve l'intégrité de mes droits pour toute reproduction ou adaptation du conte “L'heure et la chance d'Augusto Matraga”¹⁴, rien ne pouvant être reproduit ou adapté dans son autorisation préalable

prosa

Carta sem assinatura; sem data.

Datiloscrito; cópia carbono azul; 1 folha, 27,5 x 21,5 cm., papel branco; sublinhado: títulos da antologia e do conto.

Intervenção do remetente:

autógrafo a tinta preta: “*prosa com ‘flores’*”, “*importante*” (verticalmente, à margem esquerda do texto), “*prosa*”.

4 furos.

¹³ Pierre Seghers (1906-1987), poeta, editor, letrista. Mobilizado pouco depois de ter reunido e publicado seus poemas de juventude, fundou em 1939 a revista *P. C. 39 (Poètes Casqués)*, anual. Publicou inúmeros poetas engajados na Resistência. Seu interesse em divulgar poesia contemporânea o levou a criar em 1944 as Éditions Pierre Seghers e nela a coleção *Poètes d'aujourd'hui*, de antologias dedicadas sucessivamente a Eluard, Aragon, Max Jacob, Cocteau, Garcia Lorca, e outros.

Dirigiu a coleção *Cinéma d'aujourd'hui*. Sua própria obra poética foi reunida no volume *Les temps des merveilles*, Paris, Seghers, 1978.

¹⁴ Antonio Candido havia assinalado a superioridade de “A hora e a vez de Augusto Matraga” já na época do lançamento de *Sagarana*. Eduardo Coutinho, org. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, 1983. p. 247. O conto foi adaptado para o cinema por Roberto Santos em 1965.

2. JGR >

Rio de Janeiro, le
(*endereço*)

Je soussigné *João Guimarães Rosa*
déclare réserver à Monsieur *Antonio Tavares-Bastos*¹⁵ et Madame *Georgette Tavares-Bastos*¹⁶
l'exclusivité pour la traduction et l'adaptation de mes oeuvres en langue française, pour
l'édition, le théâtre, le cinéma et la radio, pour une période de cinq ans renouvelable par
tacite reconduction.
La repartition des droits sera de
Je les autorise à entreprendre toutes les démarches préalables, étant bien entendu que
l'autorisation définitive n'emanera que de moi.

Carta sem assinatura; sem data.
Datiloscrito; cópia carbono azul; 1 folha, 27,5 x 21,5 cm, papel branco.
Intervenção do remetente:
autógrafo a tinta preta: pontilhado para preenchimento da data; "*endereço*", seguido de pontilhado;
autógrafo a lápis preto, sobre pontilhado datiloscrito: "*João Guimarães Rosa*", "*Antonio Tavares-Bastos*
et Madame *Georgette Tavares-Bastos*".
4 furos.

¹⁵ Antonio Dias Tavares-Bastos, autor de *Introduction à la poésie ibéro-américaine*, Paris, Le Livre du Jour, 1947, organizou, prefaciou e traduziu os poemas de *La poésie brésilienne contemporaine*, Paris, Seghers, 1966. Poeta, publicou sob pseudônimo de Charles Lúçifer, *L'école des disparus*, Paris, Seghers, 1946.

¹⁶ Georgette Tavares-Bastos traduziu para o idioma francês *Urupês*, de Monteiro Lobato e *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado (*Dona Flor et ses deux maris*, Paris, Stock, 1972), seguidamente reeditado na França.

3. Pierre Seghers > Antonio Tavares-Bastos, 25/06/57

COPIE

ÉDITIONS SEGHERS

228, Boulevard Raspail, Paris XIVè.

Paris, le 25 Juin 1957.

Monsieur A. TAVARES-BASTOS

5, rue Francisque Sarcey, Paris XVIè.

Mon cher ami,

Vous intéresserait-il de participer à l'Anthologie des *Vingt meilleures nouvelles d'Amérique Latine* que nous allons publier à nos éditions dans la collection Melior? Il y a bien longtemps que nous nous sommes rencontrés, je le regrette vivement, mais ainsi en est-il avec Paris où le temps nous est à chacun parcimonieusement mesuré.

Notre ami commun, Juan Liscano¹⁷, a préparé pour mon compte cette anthologie qui comporte, sur le plan brésilien, une nouvelle absolument extraordinaire de J. Guimarães Rosa: "A hora e a vez de Augusto Matraga". Nous avons entre les mains le texte en langue portugaise. Accepterez-vous de traduire ce texte qui apparaît particulièrement représentatif, tant à Juan Liscano qu'à moi-même?

Je vous fais adresser, en même temps que ce pli, un exemplaire des *Nouvelles Françaises* et un exemplaire des *Nouvelles Américaines*. C'est vous dire que *Les nouvelles d'Amérique Latine* auront certainement un grand réentissement et que, personnellement, je serais très heureux que vous participiez à l'ouvrage sur le plan de la collaboration brésilienne.

Cette nouvelle, qui fait environ une quarantaine de pages, vous serait réglée FR 20.000, à la remise du manuscrit.

Puis-je vous demander de transmettre mon meilleur souvenir à votre femme et de me croire toujours bien amicalement vôtre.

(signé: Pierre SEGHERS)

P.S.- Je crois que je vais partir pour Bahia, São Paulo et Rio de Janeiro au début de la semaine prochaine. Je serais infiniment heureux de présenter quelques poètes français à leurs amis inconnus brésiliens.

¹⁷ Juan Liscano (1915 - 2001), poeta, crítico, ensaísta, tradutor, editor. Nasceu em Caracas, instalou-se com a família na Europa, onde, adolescente, manifestou inclinações literárias. Regressou à Venezuela em 1934. Estudou Direito e Antropologia. Após a queda de Romulo Gallegos exilou-se na França; voltou em 1958. Participou da criação do Conselho Nacional de la Cultura, teve intensa atuação pública. Autor de *Espiritualidad y Literatura*, Barcelona, Seix Barral, 1976; *Fundaciones e Descripciones*, ambos de poesia, Caracas, Monte Ávila, 1981 e 1983 respectivamente. Em carta enviada a JGR (26/09/67) Liscano pede o consentimento do escritor para publicar "La tercera Orilla del Rio" na revista *Zona Franca*, por ele editada.

Carta assinada; datada(um “duplo”: JGR é possivelmente segundo destinatário de carta igual, exceto pela palavra “*COPIE*”).

Datiloscrito; cópia carbono azul; 1 folha, 27,5 x 21,5 cm., papel branco.

Intervenção de JGR:

sublinhado a lápis vermelho: “une nouvelle absolument extraordinaire”;

autógrafo a tinta preta na margem inferior: linha horizontal da largura da folha, e abaixo dela: “*foi a seleção de Graciliano Ramos*”.

4 furos.

4. Pierre Seghers > José Olympio, 05/05/58

Paris, le 5 mai 1958

PS/cm

Monsieur José OLYMPIO¹⁸

Éditeur

Avenida Nilo Peçanha

RIO DE JANEIRO

Brésil

Mon cher confrère,

Nous faisons paraître, dans une quinzaine de jours, un très important ouvrage de notre collection “Melior”: *Les 20 meilleurs nouvelles de l'Amérique Latine*.

Dans cet ouvrage paraîtra une excellente nouvelle de JOÃO GUIMERAES ROSA: “L’heure et la chance d’Augusto Matraga”. Ce texte nous étant apparu comme singulièrement attachant, nous souhaiterions vivement prendre une option sur son roman *Grande Sertão: Veredas* que vous avez édité en 1956, ceci en vue d’une traduction et d’une publication dans notre collection des “Grands Romans”

Pourriez-vous nous adresser d’urgence un exemplaire en lecture? Nous vous en remercions vivement par avance,

Et Nous vous prions de croire, Monsieur et cher confrère, à nos sentiments les meilleurs

Seghers

Pierre Seghers

Carta assinada; datada.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta: “*Seghers*”; 1 folha, 27 x 21 cm., papel branco; timbre: margem superior: ÉDITIONS SEGHERS, 228, BOULEVARD RASPAIL, PARIS XIV^e. * TÉLÉPH ODEON 50-41 * C. CH POSTAL PARIS 1268-69; relevo seco: “PS”;

margem inferior: Société Anonyme au capital de 15.250 Francs – Siège Social: 7, Rue du Collège d’Annecy, Avignon – R.C. Avignon 14.655 – R.C. Seine 340.645.

4 furos.

¹⁸ José Olympio Pereira (1902 - 1990), editor ímpar no nosso cenário cultural; criou a coleção Documentos Brasileiros; graças sua sensibilidade para identificar talentos alguns dos mais importantes escritores brasileiros puderam editar seus livros. Amigo de seus editados, compareceu a posse de JGR na Academia Brasileira de Letras. Sobre ele e sua editora ver: Lucila Soares, *Rua do Ouvidor 110: uma história da Livraria José Olympio*, Rio de Janeiro: José Olympio, 2006; e Antonio Carlos Villaça, *José Olympio: O descobridor de escritores*, Rio de Janeiro, Thex, 2001.

5. Pierre Seghers > JGR, 06/05/58

Paris, le 6 Mai 1958

PS/cm

Monsieur JOÃO GUIMERAES ROSA

Cher Monsieur,

Dans quelques jours paraîtra notre anthologie *Les 20 meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*, où nous avons eu le plaisir de publier votre texte "L'heure et la chance d'Augusto Matraga".

Celui-ci nous étant apparu comme singulièrement attachant, sans aucun doute l'un de meilleurs du volume, nous souhaiterions prendre une option sur votre oeuvre en vue de sa publication éventuelle en traduction française, ceci dans notre collection des "Grands Romans".

Nous avons demandé à votre éditeur, Monsieur José Olympio, de nous faire parvenir d'urgence un exemplaire de *Grande Sertão: Veredas* afin que nous puissions mettre cet ouvrage en lecture.

Si notre offre de nous intéresser à votre oeuvre retient votre attention, nous vous serions reconnaissants de bien vouloir intervenir d'urgence auprès de votre éditeur pour que les choses soient facilitées.

A votre disposition,

Nous vous prions de croire, cher Monsieur, à l'expression de nos sentiments les meilleurs.

Seghers
Pierre SEGHERS

Carta assinada; datada.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta: "Seghers"; 1 folha, 27 x 21 cm., papel branco; timbre: margem superior: ÉDITIONS SEGHERS, 228, BOULEVARD RASPAIL, PARIS XIVè. * TÉLÉPH ODEON 50-41 * C. CH POSTAL PARIS 1268-69; relevo seco: "PS"; margem inferior: Société Anonyme au capital de 15.250 Francs – Siège Social: 7, Rue du Collège d'Annecy, Avignon – R.C. Avignon 14.655 – R.C. Seine 340.645.
4 furos.

6. Le Service Littéraire > JGR, 27/05/58

Paris, le 27 mai de 1958

Monsieur GUIMARAES ROSA
Palacio do Itamaraty
RIO DE JANEIRO
Brésil

Cher Monsieur,

Nous avons l'avantage de vous faire connaître que notre anthologie *Les 20 meilleures nouvelles de l'Amérique Latine* vient de paraître.

Nous avons plaisir à vous adresser, par pli séparé recommandé, un exemplaire de cet ouvrage dans lequel nous avons repris votre excellente nouvelle: "L'heure et la chance d'Augusto Matraga". Nous souhaitons que cet ouvrage vous plaise.

Nous vous remercions à nouveau pour votre aimable collaboration,

Et nous vous prions de croire, cher Monsieur, à l'expression de nos sentiments les meilleurs.

Le Service Littéraire

xxxxxxx

Carta assinada; datada.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul (ilegível); 1 folha, 21 x 13,5 cm.; papel branco; timbre:
margem superior: Éditions Seghers, 228, Boulevard Raspail, Paris XIV^e. Teleph.: Odeon 50-41 et 40-54,
C.Cb Post: Paris 1268-69; relevo seco: "P.S";
margem inferior: Société Anonyme au capital de 15.250.000 Francs – R.C. Avignon 14.655. Siège Social:
7, Rue du Collège d'Annecy, Avignon - R.C. Seine 340.645.
4 furos.

7. JGR > Seghers, 05/07/58

Rio de Janeiro, le 5 juillet 1958

Monsieur PIERRE SEGHERS
228, Boulevard Raspail
PARIS XIV^e.

Cher Monsieur,

À mon retour de vacances, en rentrant d'un long séjour à l'intérieur du pays, j'ai eu en mains vos aimables lettres du 6 et 27 Mai, que je m'empresse de répondre, tout d'abord en m'excusant du retard. Et j'ai trouvé aussi sur mon bureau l'exemplaire de votre anthologie *Les 20 meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*, dont fait partie "L'heure et la chance d'Augusto Matraga". Je vous remercie vivement de cet envoi et je suis très flatté de que vous soyez intéressé à cette nouvelle, si soigneusement traduite et excellemment imprimé par ÉDITIONS SEGHERS.

Vous aviez demandé à mon Éditeur, Monsieur José Olympio, de vous faire parvenir, en vue de sa publication éventuelle en traduction française, un exemplaire en lecture de mon roman *Grande Sertão: Veredas*. J'ai le bien vif regret de ne pouvoir pas vous donner satisfaction, car le livre a eu son édition entièrement épuisée, la deuxième devant paraître prochainement, peut-être au mois d'Août. Mais je suis aussi bien désolé, et il m'en coûte de vous le dire, car j'avais déjà, dès le mois d'Avril, pris engagement avec une autre maison éditrice¹⁹ de Paris, à laquelle j'avais accordé une option sur les droits de traduction en français du roman.

J'ai le plaisir de vous adresser, à cette date, par pli séparé recommandé, un exemplaire du *Sagarana* (5^e. édition)²⁰.

Et je vous prie de croire, cher Monsieur, à l'assurance de ma considération distinguée et de ma cordiale sympathie.

Adresse:

João Guimarães Rosa
Ministério das Relações Exteriores
Palácio Itamaraty
RIO DE JANEIRO
Brésil

Carta sem assinatura; datada.

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha, 25,3 x 20,2 cm., papel branco; timbre em vermelho: "CÓPIA".

Intervenção do remetente:

a tinta azul "XVI^e.", abaixo do XIV^e. rasurado (com a intervenção trocou-se o certo pelo errado).

6 furos.

¹⁹Éditions Albin Michel.

²⁰ Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

8. JGR > Seghers, 05/07/58

À
Pierre Seghers
sincère ami du
Brésil et des écrivains
Brésiliens,
hommage cordial
de
J. Guimarães Rosa
Rio, 5. VII. 58

Assinado (aparentemente rascunho de bilhete ou dedicatória do exemplar de *Sagarana*); datado.
Autógrafo; original; a tinta azul; parte de 1 folha, 11 x 13 cm, papel branco cortado; parte do timbre, no verso: Secretaria de Estado das Relações Exteriores.
3 furos.

9. Seghers > JGR, 11/07/58

Paris, le 11^{II} Juillet 1958

mp

Monsieur Joao GUIMARAES ROSA
Ministério das Relações Exteriores
Palacio Itamaraty
RIO DE JANEIRO (Brésil)

Cher Monsieur,

Je reçois votre lettre de 5 Juillet.

Je suis heureux que *Les 20 meilleures nouvelles de l'Amérique Latine* vous soient parvenues. Je vous redis le plaisir que j'ai eu à publier votre texte.

J'attends votre roman *Sagarana* dont vous m'annoncez l'envoi. Puis-je vous demander, dès à présent, une option pour ce texte. Ma nouvelle collection de romans sera sans doute susceptible de s'y intéresser.

Pour votre autre roman *Grande Sertão: Veredas* je regrette vivement qu'une option ait déjà été accordée à une autre maison d'éditions de Paris. Si cependant vous n'obteniez pas rapidement une réponse satisfaisante, vous pourriez reprendre contact avec moi; j'aurai un vif intérêt à prendre connaissance de ce nouveau roman.

Je vous prie de croire, cher Monsieur, à l'assurance de ma considération distinguée et de ma cordiale sympathie.

Seghers
Pierre Seghers

Carta assinada; datada.

Datiloscrito original; autógrafo a tinta azul: "*Seghers*"; 1 folha, 27 x 21 cm., papel branco; timbre: margem superior: ÉDITIONS SEGHERS, 228, BOULEVARD RASPAIL, PARIS XIV^e. * TÉLÉPH ODEON 50-41 * C. CH POSTAL PARIS 1268-69; relevo seco: "PS"; margem inferior: Société Anonyme au capital de 15.250 Francs – Siège Social: 7, Rue du Collège d'Annecy, Avignon – R.C. Avignon 14.655 – R.C. Seine 340.645.
4 furos.

10. Pierre Seghers > JGR, 21/08/58

Paris, le 21 Août 1958

mp

Monsieur João Guimarães Rosa
Ministère des Relations Extérieures
Palacio Itamaraty
Rio de Janeiro

Cher Monsieur

À mon retour de vacances, je prends connaissance de votre lettre du 5 juillet. J'ai reçu également l'exemplaire de *Sagarana*.

J'ai eu l'occasion, dans l'intervalle, d'avoir plusieurs conversations avec des amis brésiliens du monde littéraire, et tous m'incitent vivement à vous demander de revoir votre position à propos de *Grande Sertão: Veredas*.

Mieux que *Sagarana* qui est un recueil de contes, il semble que *Grande Sertão: Veredas* réponde exactement à la ligne de ma maison d'éditions: une grande oeuvre romanesque où le travail sur la langue, l'invention, et une re-crédation du monde à travers les mots, le dialogue du bien et du mal constituent une présence unique, la vôtre.

Vous m'avez dit que vous aviez donné une option sur le livre à l'un de mes Confrères parisiens. Peut-être cette option n'a pas eu de suite. De mon côté, après avoir édité votre nouvelle dans *Les vingt meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*, c'est cette *Grande Sertão: Veredas* que je voudrais éditer, ceci dans votre intérêt même, à Paris. C'est par cette oeuvre magistrale qu'une présence comme la vôtre doit s'affirmer chez nous.

Voulez-vous me dire s'il vous est possible de reprendre vos droits pour *Grande Sertão: Veredas* auquel cas, je suggérerais qu'une sorte de comité franco-brésilien soit institué pour la traduction de votre livre. Je demanderais à mon ami Correa et au poète An[n]ibal Machado²¹ de bien vouloir s'intéresser à ce travail qui serait ensuite revu à Paris pour un dernier polissage, de telle sorte que le livre soit imprimé en France avec toutes les garanties.

Du temps de Valéry Larbaud²², un travail analogue avait été entrepris pour *Ulysse*, et c'est ce que je voudrais faire pour *Grande Sertão: Veredas*.

Je souhaite de vous lire favorablement et je vous prie de croire, cher monsieur, à mes sentiments les meilleurs.

Seghers
Pierre SEGHERS

Carta assinada; datada.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta: "Seghers"; 1 folha, 27 x 21 cm., frente e verso, papel branco; timbre:

²¹ Anibal Machado (1894 - 1964), contista e romancista, é autor de contos reunidos em *A morte da porta-estandarte e outras histórias* e *João Ternura*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

²² Valéry Larbaud (1881 - 1957) poeta, romancista e ensaísta, coordenou a tradução francesa de *Ulisses*, Paris, La maison des amis du livre, 1929, que revisou com a colaboração de James Joyce.

margem superior: ÉDITIONS SEGHERS, 228, BOULEVARD RASPAIL, PARIS XIV^e. * TÉLÉPH ODEON 50-41 * C. CH POSTAL PARIS 1268-69; relevo seco: “PS”;
margem inferior: Societé Anonime au capital de 15.250 Francs – Siège Social: 7, Rue du Collège d’Annecy, Avignon – R.C. Avignon 14.655 – R.C. Seine 340.645.

Intervenção do destinatário:

a tinta vermelha, canto inferior direito: seta, seguida de “verso”.

4 furos.

11. JGR > Seghers, 10/11/58

Rio de Janeiro, le 10 Novembre 1958

Monsieur Pierre SEGHERS
Éditions Seghers
228, Boulevard Raspail
Paris, XIV^e.

Cher Monsieur,

Tout d’abord merci pour votre lettre du 21 Août.

Ce que vous dites du *Grande Sertão: Veredas* m’a vraiment touché et tenté beaucoup.

Mais, en même temps, vous venez de rendre plus vif mon sincère regret.

Car, à cause des mes voyages au “sertão” – et j’en reviens, en ce moment, d’où le retard de cette reponse, que je vous prie aussi de m’excuser, - et en raison aussi de la quelque peu tardive publication de la 2^e. édition de mon ouvrage, il y a seulement quelques jours que j’ ai pô faire parvenir à l’autre maison l’exemplaire de lecture que je lui avais promis; et, en conséquence, le delai de l’option accordé à votre Confrère n’expirera qu’au 9 Février prochain.

Sûrement, si, à cette date là, je n’obtiens pas une réponse satisfaisante, j’aurai le plus grand plaisir à reprendre contact avec vous.

Tout en remerciant votre amical intérêt, je vous prie de croire, cher Monsieur, à l’assurance de ma considération distinguée et de ma cordiale sympathie.

João Guimarães Rosa

P.S. Voulez-vous me dire si vous désirez l’option sur *Sagarana*? Sur un autre ouvrage à moi, *Corpo de Baile* (7 nouvelles), je suis aussi engagé, ayant accordé une option, à une troisième maison d’éditions²³ de Paris, jusqu’ à la fin de Février 1959.

Carta assinada; datada.

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha, 25,3 x 20,2 cm, papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente:

a tinta azul, assinalando o hífen de “voulez-vous”, datiloscrito acima da expressão.

6 furos.

²³ Éditions du Seuil.

12. JGR > Seghers, 15/02/59

Rio de Janeiro, le 15 Février 1959

Monsieur PIERRE SEGHERS
Éditions Seghers
228, Boulevard Raspail
Paris, XIVe.

Cher Monsieur,

Comme suite à ma lettre du 10 Novembre dernier, je dois vous faire part que votre Confrère vient de me communiquer qu'il prend engagement d'éditer le *Grande Sertão: Veredas*. En conséquence, pris et prisonnier sur ma parole, je ne peux plus vous accorder l'option pour cet ouvrage, que, j'en suis sûr, serait présenté par votre maison avec le soin et le goût qu'ont fait votre réputation d'Éditeur. Je le regrette profondément, non seulement à cause de cela, mais aussi parce que vous, qui êtes un grand compagnon de lettres et sincère ami du Brésil et des écrivains brésiliens, vous avez été le premier à présenter mon nom et mon oeuvre en France, dans votre belle Anthologie. Et le plan sérieux que vous aviez conçu pour la traduction du livre, c'était quelque chose de généreux et magnifique, que dans ma gratitude je n'oublierai jamais.

Dans ma lettre du 10 Novembre, je vous demandais aussi si vous désiriez l'option sur les droits du *Sagarana*. Est-ce que vous êtes à même de me donner une réponse le plus tôt possible? Déjà je vous remercie la gentillesse d'un mot à ce sujet par le retour du courrier.

Je vous prie d'agréer, cher Monsieur Seghers, avec ma sincère reconnaissance, l'expression d'une vive admiration et d'une sympathie très cordiale

João Guimarães Rosa

Carta assinada; datada.
Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha, 26,5 x 19 cm., papel branco.
4 furos.

13. Seghers > JGR, 20/02/59

Paris, le 20 Février 1959

PS/cm

Monsieur Guimaraes Rosa
Palacio Itamaraty
Rio de Janeiro

Cher Monsieur,

Je m'empresse de répondre à votre lettre du 15 Février.

Combien je regrette qu'un de mes confrères, plus heureux que moi, ait retenu votre roman *Grande Sertão: Veredas*.

Ma collection ne présentant pas de nouvelles séparées, il ne m'est pas possible, malheureusement, de donner une suite favorable à votre offre pour *Sagarana*. Je dois donc, à mon grand regret, renoncer à l'option que vous avez eu l'amabilité de m'accorder pour ce volume.

Je lirai avec un très vif intérêt *Grande Sertão: Veredas* en traduction française. J'aurai certainement l'occasion de parler de ce roman dans la presse ou à la radio, enfin, de faire écho à votre oeuvre si remarquable.

J'espère que nous rencontrerons, soit au Brésil, soit à Paris. J'y prendrai un vif plaisir.

Je vous prie de croire, cher Monsieur, à l'expression de mes sentiments de sympathie les plus cordiaux

Seghers
Pierre SEGHERS

Carta assinada; datada.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul: "Seghers"; 1 folha, 27 x 21 cm., papel branco; timbre: margem superior: ÉDITIONS SEGHERS, 228, BOULEVARD RASPAIL, PARIS XIVe. * TÉLÉPH ODEON 50-41 * C. CH POSTAL PARIS 1268-69; relevo seco: "PS";

margem inferior: Société Anonyme au capital de 15.250 Francs – Siège Social: 7, Rue du Collège d'Annecy, Avignon – R.C. Avignon 14.655 – R.C. Seine 340.645.

Intervenção do remetente:

a tinta azul, sublinhado: "nouvelles".

4 furos.

14. Roger Piault > Juan Liscano, 24/05/62

Paris, le 24 Mai 1962

Monsieur Juan Liscano
Villa Hendichka
BEHOBIE (B. Pyrénées)

Cher Monsieur Liscano,

Un producteur de Radio et de Télévision désirerait négocier avec nous les droits d'adaptation radiophonique et télévisuels, en langue française de la nouvelle de Joao Guimares Rosa "L'heure et la chance d'Augusto Matraga", nouvelle publiée dans le volume *Les vingt meilleures nouvelles d'Amérique Latine*.

Il me semble que l'autorisation de publication en France n'est pas clairement exprimée, mais je crois que c'est vous qui aviez négocié ces choses.

Croyez-vous que je doive consulter Joao Guimeres Rosa? Si oui, pouvez-vous me donner son adresse actuelle.

S'il n'y a aucune opposition, je pourrais naturellement autoriser cette adaptation, notre accord avec les Sociétés de perception pour le compte des auteurs et des éditeurs, récupérant pour notre compte et pour compte de monsieur ROSA, les droits normaux de représentations publiques.

Je serais heureux de connaître votre opinion dans cette affaire, pour que, le cas échéant, elle puisse être conduite à bien.

J'espère vous lire prochainement, et dans l'attente de vos bonnes nouvelles,

Je vous prie de croire, cher Monsieur, en l'assurance de mes sentiments amicalement dévoués.

RPiault
Roger Piault
Secrétaire Général des Éditions

Carta assinada; datada.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta: "*RPiault*"; 1 folha, 27 x 21 cm., papel branco; timbre: margem superior; "ÉDITIONS SEGHERS 228, BOULEVARD RASPAIL< PARIS XIVè. * TÉLÉPH: ODEON 50-41 et 40-54 8 C. CH POSTAL 1268-69"; monograma sobre fundo preto: "PS"; margem inferior: Société Anonyme au Capital de 250.000 Nouveaux Francs – Siège Social: 228, Boulevard Raspail, Paris 14è. R. C. Seine 58 B 6237.
4 furos.

15. > Piault²⁴

Cher Monsieur Piault

Je viens de rencontrer Monsieur Juan Liscano à Berlin, au cours d'un Colloque entre écrivains allemands et latino-américains²⁵. Il m'a remis votre lettre du 24 Mai 1962 en s'excusant de n'avoir pas répondu. Dans cette correspondance vous lui demandiez mon adresse actuelle tout en lui transmettant la proposition d'un producteur de Radio et Télévision qui désirait négocier les droits d'adaptation radiophoniques et télévisuels de ma nouvelle "L'heure et la chance d'Augusto Matraga" dont je suis l'auteur et qui fut publiée dans le volume *Les vingt meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*.

Je serais heureux d'autoriser cette adaptation, mais je voudrais connaître les détails: montant des droits d'auteurs, contract, etc. Je vous prie, donc, de m'écrire à la suivante adresse.....

J'ai aimé beaucoup le volume de nouvelles choisies par Monsieur Liscano. Il s'agit d'un heureux effort pour diffuser la littérature d'Amérique Latine en France.

Je profite de cette occasion pour vous prévenir que je n'ai jamais reçu le montant de droits d'auteur du texte publié dans cet ouvrage. Peut-être pourrions nous régler cette affaire maintenant. Du reste cette omission était toute naturelle puisque mon adresse était inconnue.

Je vous prie de croire, cher Monsieur, en [sic] l'assurance de mes sentiments amicaux.

Carta/rascunho sem assinatura; sem data (posterior a 26/09/62).

Autógrafo a tinta preta; original; 2 folhas, 21,5 x 15cm., papel branco.

Intervenção:

reescrita e inversão de parágrafos, setas, traços, rasuras diversas.

4 furos, 4 furos menores; rasgo na margem superior, esquerda.

²⁴ Apógrafo meu. Versão conjectural, a partir de autógrafo de JGR, carta inacabada que ficou no rascunho.

²⁵ O "Primeiro Colóquio de Escritores Latino-americanos e Alemães", foi promovido pela Revista *Humboldt* e realizou-se em Berlim, entre 16 e 22 de setembro de 1962. Ver adiante correspondência com o editor português, JGR > ASP, carta 12, 12/10/62.

16. Seghers > JGR, 28/09/62

Paris, le 28 Septembre 1962

Monsieur João Guimaraes Rosa
Ministério das Relações Exteriores
Palácio Itamaraty
RIO DE JANEIRO

Cher Monsieur,

J'ai vivement regretté de ne pas vous avoir rencontré à Francfort²⁶. M. Roger Piault m'a dit que vous étiez venu à mon *stand* en compagnie de notre ami commun Juan Liscano.

J'ai sous les yeux la correspondance que nous avons échangée lors de la parution de notre anthologie *Les 20 meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*. Je suis très fier d'avoir, un de tout premiers, traduit votre nouvelle "L'heure et la chance d'Augusto Matraga", ce qui m'a permis de vous compter au nombre des auteurs de notre anthologie.

M. Piault me fait connaître que vous souhaiteriez être informé a propos de conditions matérielles afférentes à cette publication.

Au moment de la préparation de notre anthologie, nous vous avons écrit à deux reprises, mais nous n'avons pas eu de réponse. Juan Liscano m'avait fait connaître à l'époque que, de toute manière, vous seriez d'accord pour paraître dans notre volume.

Sur le plan des droits matériels, nous réglons, en plus des frais de traduction que nous avons assurés, une somme forfaitaire de 4 NF par page reproduite, soit, pour l'ensemble de votre nouvelle (38 pages), un total de 152 NF. Vous trouverez sous ce pli un chèque du montant de ces droits.

Notre traduction, due à Tavarés-Bastos, ayant attiré l'attention de la télévision, nous souhaiterions à present que vous nous autorisiez à poursuivre notre action en vue de donner à votre texte la plus large diffusion possible. Il est entendu que nous partagerions par moitié les frais éventuels à provenir des adaptations quelles qu'elles soient, ainsi qu'il est d'usage pour les textes publiés sous le *copyright* d'un éditeur.

Je vous remercie par avance pour votre réponse. Je vous redis l'honneur et le plaisir que j'ai eu à editer votre nouvelle.

Veillez croire, cher Monsieur, à mes sentiments les meilleurs,

Seghers
Pierre SEGHERS

Carta assinada; datada.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul: "Seghers" (folha 2); 2 folhas, 27 x 21 cm., papel branco; timbre (folha 1):

margem superior: ÉDITIONS SEGHERS, 228, BOULEVARD RASPAIL, PARIS XIVè. * TÉLÉPH ODEON 50-41 * C. CH POSTAL PARIS 1268-69; relevo seco: "PS.";

²⁶ Durante a realização da Frankfurter Buchmesse.

margem inferior: Société Anonyme au capital de 25.000.000 de Frs (250.000 NF.) – Siège Social: 228, Boulevard Raspail, Paris 14è. – Registre Commerce Seine, 58 B 6.237;
cabeçalho (folha 2): datiloscrito; margem superior: “Éditions Seghers à M. João Guimarães Rosa” – Rio de Janeiro, 28/9/1962”.
4 furos.

17. JGR > Seghers, 10/10/62

Rio de Janeiro, le 10 Octobre 1962

Monsieur Pierre SEGHERS
Éditions Seghers
228, Boulevard Raspail
PARIS – XIVè.

Cher Monsieur

Je reçois votre lettre du 29 Septembre, avec le chèque de 152 NF, somme forfaitaire qui règle le montant de mes droits matériels pour la première édition de votre anthologie *Les 20 meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*, où figure ma nouvelle “L’heure et la chance d’ Augusto Matraga”. Je vous en remercie vivement.

Au sujet de la proposition du producteur qui désire négocier les droits d’adaptation radiophonique et télévisuel, en langue française, de ma nouvelle susdite, je suis heureux de vous donner ici mon autorisation. Ainsi qu’il est d’usage pour les textes publiés sous le *copyright* d’ un éditeur, nous partagerions par moitié des frais éventuels à provenir des adaptations quelles qu’elles soient et vous récuperez pour votre compte et pour mon compte les droits normaux de représentations publiques. J’aimerai aussi, dès il soit possible, de connaître les détails, nom du Producteur, montant des droits, contract, etc., et vous remercie par avance de me les faire connaître.

J’ai aimé beaucoup le volume de nouvelles choisies par notre ami commun, Juan Liscano et je n’oublie jamais que c’est vous, cher Monsieur Seghers, qui avez le premier fait paraître mon nom et un texte à moi publiés en Europe. Je vous en serai toujours reconnaissant, et aussi, d’ailleurs, par tous vos efforts sincères et amicaux pour diffuser en France la littérature de l’Amérique Latine. C’est ainsi que j’ai aussi vivement regretté de ne pas vous avoir pu rencontrer à Francfort, quand j’ai, avec Liscano, visité votre stand, où M. Roger Piault nous a reçu aimable et amicalement.

Je vous prie de croire, cher Monsieur, à mes sentiments les plus cordiaux.

João GUIMARÃES ROSA

Carta assinada; datada.
Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha, 27 x 20 cm.; papel branco.
5 furos.

Nota: existem dois rascunhos sem assinatura da mesma carta, mesma data:

a. autógrafo a lápis preto; 2 folhas; 32,5 x 22 cm.; papel amarelo;

timbre (no verso):

SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES/ MEMORANDUM para o Sr..... /

Em de de 19..

Intervenção:

a tinta azul, margem direita, de baixo para cima (folha deitada);

a tinta azul, folha de cabeça para baixo.

2 furos.

b. datiloscrito original; 2 folhas; 32,5 x 22 cm.; papel amarelo; timbre (no verso): o mesmo.

Intervenção (incorporada pelo remetente à última versão, transcrita acima): “*et vous recuperez pour votre compte et pour mon compte le droits normaux des representations publiques*”

correções; supressões a lápis vermelho; acréscimos e supressões tinta azul, acréscimos e supressões a lápis preto.

2 furos.

2.1.4. Cartas traduzidas

1. JGR

A autorização que lhe concedi quanto a isso é válida unicamente para a edição da antologia *Vingt nouvelles choisies d'Amérique Latine*, pois é claro que reservo a totalidade de meus direitos para toda reprodução ou adaptação do conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, nada podendo ser reproduzido ou adaptado na sua autorização prévia.

2. JGR

Eu abaixo assinado ...João Guimarães Rosa... declaro reservar ao ...senhor Antonio Tavares-Bastos e a senhora Georgette Tavares-Bastos... a exclusividade para a tradução e adaptação de minhas obras em língua francesa, para a edição, o teatro, o cinema e o rádio, por um período de cinco anos renovável por tácita recondução. /A repartição dos direitos será de ... /Eu os autorizo a empreender todos os procedimentos preliminares, estando entendido que a autorização definitiva emanará apenas de mim.

3. PS

Meu caro amigo, /Você se interessaria em participar da Antologia de *Vingt meilleures nouvelles d'Amérique Latine* que vamos publicar em nossa editora na coleção Melior? Faz bastante tempo que nos encontramos, eu lamento muito, mas também é assim com Paris, onde o tempo nos é tão parcimoniosamente medido. / Nosso amigo comum, Juan Liscano, preparou por minha conta esta antologia que comporta, no plano brasileiro, uma novela absolutamente extraordinária de J. Guimarães Rosa: “A hora e a vez de Augusto Matraga”. Temos nas mãos o texto em língua portuguesa. Você aceitaria traduzir este texto que parece particularmente representativo, tanto a Juan Liscano como a mim? / Eu lhe envio, junto com este envelope, um exemplar das *Nouvelles Françaises* e um exemplar das *Nouvelles Américaines*. Significa dizer que as *Nouvelles d'Amérique Latine* terão certamente uma grande repercussão e que, pessoalmente, eu ficaria muito feliz se você participasse da obra no plano da contribuição brasileira. / Esta novela, que tem cerca de quarenta páginas, seria remunerada em FR 20.000, na entrega do manuscrito. / Peço-lhe transmitir minhas melhores lembranças à sua mulher e acreditar-me sempre amigavelmente vosso /Pierre Seghers /P.S.- Eu acho que vou para Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro no começo da próxima semana. Ficaria infinitamente feliz de apresentar alguns poetas franceses a seus amigos desconhecidos brasileiros.

4. PS

Meu caro colega, /Nós lançaremos, dentro de uns quinze dias, uma obra muito importante de nossa coleção “Melior” *Les vingt meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*. / Nesta obra aparece uma excelente novela de João Guimarães Rosa “L'heure et la chance d'Augusto Matraga”. Tendo este texto nos parecido singularmente cativante, gostaríamos muito obter uma opção sobre seu romance *Grande Sertão: Veredas*, que você editou em 1956, isto tendo em vista uma tradução e uma publicação na nossa coleção “Grandes Romances”. /Poderia enviar-nos com urgência um exemplar de leitura? Nós agradecemos muito, desde já, /E pedimos acreditar, caro colega, em nossos melhores sentimentos. /Pierre Seghers

5. PS

Caro Senhor, /Dentro de alguns dias será lançada nossa antologia *Les vingt meilleures nouvelles de l'Amérique Latine* onde tivemos o prazer de publicar seu texto “L'heure et la chance d'Augusto Matraga”. / Tendo este nos parecido singularmente cativante, sem dúvida um dos melhores do volume, gostaríamos de tomar uma opção sobre sua obra em vista de sua publicação eventual em tradução francesa, em nossa coleção “Grandes Romances”. /Pedimos a seu editor, José Olympio, enviar-nos com urgência um exemplar de *Grande Sertão: Veredas* para podermos colocar esta obra em análise./Se nossa oferta de interessar-nos por sua obra tem sua atenção, nós lhe seríamos gratos por intervir com urgência junto a seu editor para que as coisas sejam facilitadas./A sua disposição,/Pedimos que acredite, caro Senhor, na expressão de nossos melhores sentimentos./Pierre Seghers

6. O Serviço Literário

Caro Senhor, /Temos a satisfação de informá-lo que nossa antologia *Les meilleures nouvelles de l'Amérique Latine* acaba de ser publicada./Temos o prazer de enviar-lhe, em envelope separado, registrado, um exemplar dessa obra na qual retomamos sua excelente novela: “L'heure et la chance d'Augusto Matraga”./Desejamos que este livro o agrade. Agradecemos novamente por sua amável

colaboração, /E pedimos que acredite, caro Senhor, na expressão de nossos melhores sentimentos. /O Serviço Literário

7. JGR

Caro Senhor /Na minha volta de férias, retornando de uma longa estadia no interior do país, tive em mãos suas amáveis cartas, de 6 e de 27 de maio, que me apresso em responder, antes de tudo desculpando-me pelo atraso. E também encontrei sobre minha mesa o exemplar de sua antologia *Les vingt meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*, da qual faz parte “L’heure et la chance d’Augusto Matraga”. Eu lhe agradeço vivamente este livro e estou orgulhoso que tenha se interessado por esta novela tão cuidadosamente traduzida e excelentemente impressa pelas Éditions Seghers. /O senhor tinha pedido a meu editor, José Olympio, que lhe fosse enviado, em vista de sua publicação eventual em tradução francesa, um exemplar de leitura de meu romance *Grande Sertão: Veredas*. /Lamentei vivamente não poder satisfazê-lo, pois o livro teve sua edição inteiramente esgotada, a segunda devendo aparecer em breve, talvez em agosto. Mas estou também desolado e me custa dizer, pois já tinha, desde o mês de abril, me comprometido com outra casa editora de Paris, com a qual combinei uma opção sobre os direitos de tradução em francês do romance. Tenho o prazer de enviar-lhe, nesta data, em envelope separado, registrado, um exemplar de *Sagarana*, (5ª ed.). /Peço-lhe que acredite, caro Senhor, em minha consideração especial e em minha cordial simpatia.

8. JGR

A Pierre Seghers/sincero amigo do Brasil e dos escritores brasileiros, /homenagem cordial de /J. Guimarães Rosa /Rio, 5.VII.58

9. PS

Caro Senhor, /Recebi sua carta de 5 de julho. /Estou feliz que *Les vingt meilleures nouvelles de l'Amérique Latine* tenham chegado. Eu reafirmo o prazer que tive em publicar seu texto. /Espero seu romance *Sagarana*, cujo envio me anuncia. Posso pedir-lhe, desde já, uma opção sobre esse texto? /Minha nova coleção de romances estará sem dúvida aberta a interessar-se por ele./ Quanto a seu outro romance *Grande Sertão: Veredas*, lamento vivamente que uma opção já tenha sido concedida a uma outra casa editora de Paris. Se, entretanto, não obtiver rapidamente uma resposta satisfatória, o senhor poderia retomar contato comigo, eu teria um vivo interesse em conhecer este novo romance. /Peço-lhe acreditar, caro Senhor, na certeza de minha consideração distinta e em minha cordial simpatia /Pierre Seghers

10. PS

Caro Senhor,/ No meu retorno de férias tomei conhecimento de sua carta de 5 de julho. Recebi também o exemplar de *Sagarana*./ Eu tive ocasião, no intervalo, de ter várias conversas com amigos brasileiros do mundo literário, e todos incitam-me vivamente a pedir-lhe rever sua posição a propósito de *Grande Sertão: Veredas* /Melhor que *Sagarana*, que é um conjunto de contos, parece que *Grande Sertão: Veredas* responde exatamente à linha de minha casa editora: uma grande obra romanesca onde o trabalho sobre a linguagem, a invenção, e uma re-criação do mundo através das palavras, o diálogo do bem e do mal constituem uma presença única, a sua. /Disse-me que havia dado uma opção sobre este livro a um de meus colegas parisienses. Talvez essa opção não tenha tido sequência. De minha parte, depois de ter editado sua novela nas *Vingt meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*, é o *Grande Sertão: Veredas* que gostaria de editar, isto em seu próprio interesse, em Paris. É por esta obra magistral que uma presença como a sua deve afirmar-se entre nós. /Queira dizer-me se lhe é possível retomar seus direitos sobre *Grande Sertão: Veredas*, caso em que eu sugeriria que uma espécie de comissão franco-brasileira fosse instituída para a tradução de seu livro. Eu pediria ao meu amigo Correa e ao poeta Anibal Machado assumirem este trabalho que seria em seguida revisto em Paris para um último polimento, de tal modo que o livro fosse impresso na França com todas as garantias. /Na época de Valery Larbaud, um trabalho análogo foi empreendido para *Ulisses*, e é isso que eu gostaria de fazer para *Grande Sertão: Veredas*. /Desejo lê-lo favoravelmente e peço-lhe acreditar, caro Senhor, em meus melhores sentimentos /Pierre Seghers

11. JGR

Caro Senhor /Antes de tudo, obrigado por sua carta de 21 de agosto./ O que disse de *Grande Sertão: Veredas* tocou-me verdadeiramente e tentou-me muito. /Mas, ao mesmo tempo, o senhor acaba de tornar mais vivo meu sincero pesar. /Pois, por causa de minhas viagens ao “sertão” -- e volto de uma, neste momento, daí o atraso na resposta, que lhe peço também perdoar -- e em razão também da um pouco tardia publicação da segunda edição de minha obra, há poucos dias somente que eu pude fazer chegar à outra casa o exemplar de leitura que lhe havia prometido; e em consequência, a prorrogação da opção

combinada com seu colega só expirará a 9 de fevereiro próximo. /Certamente, se naquela data, eu não tiver uma resposta satisfatória, eu terei o maior prazer em retomar o contato com o senhor./Agradecendo seu amigável interesse, peço-lhe que acredite, caro senhor, lhe asseguro minha consideração distinta e minha cordial simpatia./ João Guimarães Rosa/ P.S. Poderia dizer-me se deseja a opção sobre *Sagarana*? Sobre outra obra minha, *Corpo de Baile* (sete novelas), estou também comprometido, tendo combinado uma opção, com uma terceira casa editorial de Paris, até o fim de fevereiro de 1959.

12. JGR

Caro Senhor/Como seqüência a minha carta de 10 de novembro último, devo informá-lo que seu colega acaba de comunicar-me que assume o compromisso de editar o *Grande Sertão: Veredas*. Em consequência, tomado e prisioneiro de minha palavra, eu não posso mais ceder a opção pela obra, que, estou certo, seria apresentada por sua casa com o cuidado e o gosto que fizeram sua reputação de editor. Eu lamento profundamente, não somente por isso, mas também porque o senhor, que é um grande companheiro das letras e sincero amigo do Brasil e dos escritores brasileiros, foi o primeiro a apresentar meu nome e minha obra na França, na sua bela antologia. E o plano sério que havia feito para a tradução do livro é qualquer coisa de generoso e magnífico, que na minha gratidão nunca esquecerei. /Na carta de 10 de novembro, lhe perguntava também se o senhor desejaria a opção sobre os direitos de *Sagarana*. Será que poderia dar-me a resposta o mais cedo possível? Desde já lhe agradeço a gentileza de uma palavra sobre isso pelo retorno do correio./Peço-lhe aceitar, caro Senhor Seghers, com minha sincera gratidão, a expressão de uma viva admiração e de uma simpatia muito cordial. /João Guimarães Rosa

13. PS

Caro Senhor, /Apresso-me em responder a sua carta de 15 de janeiro. /Como eu lamento que um de meus colegas, mais feliz que eu, tenha obtido seu romance *Grande Sertão: Veredas*. /Não apresentando minha coleção novelas separadas, não me é possível, infelizmente, dar uma seqüência favorável a sua oferta para *Sagarana*. Devo, pois, com grande pesar, renunciar à opção que teve a amabilidade de me conceder para este volume. /Eu li com vivo interesse *Grande Sertão: Veredas* em tradução francesa. Terei certamente a ocasião de falar sobre este romance na imprensa ou no rádio, enfim, de fazer eco a esta obra tão notável. /Espero que nos encontremos, seja no Brasil, seja em Paris. Isso me daria grande prazer./Peço-lhe acreditar, caro Senhor, na expressão de meus sentimentos de simpatia os mais cordiais/ Pierre Seghers

14. RP

Caro Senhor Liscano, /Um produtor de Rádio e Televisão gostaria de negociar conosco os direitos de adaptação radiofônicas e televisivas, em língua francesa, da novela de João Guimaraes Rosa, “L’heure et la chance d’Augusto Matraga”, novela publicada no volume *Les vingt meilleures nouvelles de l’Amérique Latine*. /Parece-me que a autorização de publicação na França não foi claramente expressa, mas penso que foi você que negociou essas coisas. /Você acha que devo consultar João Guimarães Rosa? Se sim, poderia dar-me seu endereço atual?/ Se não houver nenhuma oposição, eu poderia naturalmente autorizar esta adaptação, nosso acordo com as Sociedades de percepção por conta dos autores e dos editores, recuperando por nossa conta e por conta do senhor Rosa os direitos normais de representações públicas. /Ficaria feliz de conhecer sua opinião sobre este assunto, para que, se for o caso, ele possa ser levado a bom termo. /Espero lê-lo proximamente, e aguardo suas boas notícias, /Peço-lhe que acredite, caro Senhor, na certeza de meus sentimentos amigavelmente devotados /Roger Piauxt/ Secretário Geral

15. JGR

Caro Senhor Piauxt/ Acabo de encontrar Juan Liscano em Berlim, durante de um Colóquio, entre escritores alemães e latino-americanos. Ele me deu sua carta de 24 de maio de 1962, na qual o senhor lhe pedia meu endereço atual, transmitindo-lhe a proposta de um produtor de Rádio e Televisão que gostaria de negociar os direitos de adaptação radiofônica e televisiva da novela “L’heure et la chance d’Augusto Matraga” de minha autoria, que foi publicada no volume *Les vingt meilleures nouvelles de l’Amérique Latine*. /Eu ficaria feliz de autorizar esta adaptação, mas queria conhecer os detalhes: montante de direitos, contrato, etc. /Eu lhe peço escrever-me para o seguinte endereço. /Gostei muito do volume de novelas escolhidas por Liscano. Trata-se de um feliz esforço por defender a Literatura da América Latina na França. /Aproveito a ocasião para avisá-lo que nunca recebi a soma dos direitos de autor do texto publicado neste livro. Talvez pudéssemos regularizar este caso agora. De resto, é natural, pois meu endereço era desconhecido. /Peço-lhe que acredite, caro Senhor, na segurança de meus sentimentos amigáveis.

16. PS

Caro Senhor, /Eu lamentei vivamente não tê-lo encontrado em Frankfurt. Roger Piault disse-me qu o senhor veio ao meu stand em companhia de nosso amigo comum Juan Liscano. /Tenho sob os os olhos a correspondência que trocamos na época do lançamento de nossa antologia *Les vingt meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*. Estou muito orgulhoso de ter, um dos primeiros, traduzido sua novela “L’heure et la chance d’ Augusto Matraga”, o que permitiu-me contar consigo entre os autores de nossa antologia. /Piault fez-me saber que o senhor desejaria ser informado sobre as condições materiais referentes a esta publicação. /No momento da publicação de nossa antologia, lhe escrevemos em duas ocasiões, mas não tivemos resposta. Juan Liscano informou-me na época que, em todo caso, o senhor estaria de acordo em figurar no nosso volume. /No plano dos direitos materiais, acertamos, além das despesas de tradução que custeamos, um valor fixo de 4 NF por página reproduzida, ou seja, pelo conjunto de sua novela (38 páginas), um total de 152 NF. O senhor encontrará neste envelope um cheque do montante desses direitos. / Tendo nossa tradução, feita por Tavares-Bastos, atraído a atenção da televisão, gostaríamos agora que nos autorizasse a prosseguir com nossas ações em vista de dar ao seu texto a maior difusão possível. É claro que dividiríamos pela metade todos os ganhos eventuais provenientes das adaptações quaisquer que sejam, como é usual para os textos publicados sob o copyright de um editor. /Eu lhe agradeço desde já por sua resposta. E reafirmo a honra e o prazer que tive em editar sua novela. / Queira acreditar, caro Senhor, em meus melhores sentimentos, /Pierre Seghers

17. JGR

Caro Senhor Seghers, /Recebi sua carta de 29 de setembro, com o cheque de 152 NF, valor que corresponde ao montante de meus direitos materiais pela primeira edição de sua antologia *Les vingt meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*, onde figura “L’heure et la chance d’ Augusto Matraga”. Eu lhe agradeço vivamente. /Quanto a proposta do produtor que quer negociar os direitos de adaptação radiofônica e televisiva, em língua francesa, de minha novela citada acima, fico feliz de lhe dar aqui minha autorização. Do mesmo modo como é uso para os textos publicados sob o copyright de um editor, nós dividiríamos pela metade os ganhos eventuais provenientes das adaptações, quaisquer que sejam, e o senhor recuperaria para nós os direitos normais de apresentações públicas. Gostaria também, se possível, de conhecer os detalhes, nome do produtor, soma dos direitos, contrato, etc. e lhe agradeço antecipadamente por fazer-me conhecê-los. /Gostei muito do volume de novelas escolhidas por nosso amigo Juan Liscano e não esqueço nunca que foi o caro M. Seghers, quem primeiro fez aparecer meu nome e texto meu publicado na Europa. Sempre lhe serei grato por isso e também por todos seus sinceros esforços para defender na França a literatura da América Latina. Assim, lamentei vivamente não ter podido encontrá-lo em Frankfurt, quando eu, com Liscano, visitei seu stand, onde M. Piault nos recebeu de maneira perfeita, amável e amigavelmente. /Peço-lhe que acredite, caro Senhor, em meus sentimentos os mais cordiais.

2.2. Com o editor português António de Souza-Pinto

2.2.1. Apresentação

A correspondência do escritor mineiro com seu editor em Portugal estendeu-se por seis anos²⁷ e refere-se às publicações naquele país de *Sagarana* (1961) e *Corpo de Baile* em três livros (1964, 1965, 1966).

João Guimarães Rosa havia recebido no Brasil o Prêmio “Machado de Assis”, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra e seus livros começavam a ser traduzidos para outros idiomas. *Buriti*, parte do *Corpo de Baile*, acabava de ser publicado na França. Enquanto a obra ganhava o mundo, a correspondência do escritor centrada em sua difusão se multiplicou, e a troca de cartas com editores estrangeiros traz repetições e revelações.

Em Portugal a literatura brasileira contemporânea (João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, João Guimarães Rosa...) começou a ser conhecida e discutida a partir da estada de Ribeiro Couto na embaixada brasileira em Lisboa²⁸, primeiro entre escritores e em seguida, a partir da criação da editora *Livros do Brasil*, pelos leitores.

António de Souza-Pinto, o fundador da *Livros do Brasil, Limitada. Editores, Impressores, Livreiros*, endereço à Rua dos Caetanos, 22, Lisboa já vinha de um negócio de livraria e edição.

No início da década de quarenta, os entraves nos transportes marítimos ocasionados pela Segunda Guerra provocaram certa contração do mercado brasileiro para o livro português. Este fato foi tomado como estímulo pelo editor: veio estabelecer-no Brasil em 1941 e criou a casa *Livros de Portugal*, com sede na Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. Ele e Jaime Cortesão, diretor literário da firma, dedicaram-se aqui à impressão de obras de literatura portuguesa antiga e moderna.

Ao voltar para Portugal em 1944, participou do *Inquérito ao Livro em Portugal* e fez por escrito algumas observações sobre nosso meio literário e editorial: *o país já*

²⁷ A indexação das peças da correspondência aqui adotada isolou algumas delas, originalmente catalogadas no Fundo como anexos. Daí a diferença entre os quarenta e oito documentos catalogados e este total de cinquenta e seis documentos.

²⁸ Alberto da Costa e Silva, *Invenção do Desenho: ficções da Memória*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2007, p. 211.

conta um grande número de romancistas e novelistas de grande valor ... a imprensa recebe com grande interesse a produção literária... os jornais dão o melhor acolhimento a todas as iniciativas de caráter editorial... o governo brasileiro se empenha por que a divulgação do livro brasileiro seja feita com a maior amplitude, favorecendo assim a produção do livro...²⁹; casas editoras... têm uma seção de propaganda...³⁰. A autora da pesquisa viu nele um espírito comercial sereno e otimista...³¹

O empreendimento português de editar a obra de João Guimarães Rosa teve início após um preâmbulo, também epistolar, à troca direta entre editor e editado. E com uma carta (2) dentro da carta (1), que por sua vez aponta para conversa presencial anterior, entre um brasileiro então professor na Universidade de Lisboa, Thiers Martins Moreira, e o criador e diretor da “Livros do Brasil”, António de Souza-Pinto, na qual surgiu o nome da pessoa que cuidaria dos detalhes da edição do primeiro livro: Alberto da Costa e Silva, um jovem diplomata que na época servia em Lisboa.

Nesta conversa foram decididas duas mediações. A primeira: o professor Thiers teve o cuidado de não escrever diretamente para o embaixador Rosa em seu endereço funcional, pois o assunto era com o escritor, cujo endereço particular ele desconhecia. Recorreu a um portador, Jorge Taunay, então chefe da Divisão Cultural do Itamaraty. A segunda: Thiers sondou e preparou o terreno para o editor. O escritor respondeu concordando com a proposta transmitida por Thiers (3), e só então recebeu a primeira carta do editor (4.), à qual respondeu fechando o acordo (5).

O contrato, acompanhado de nova carta, viria em seguida, para o endereço do Palácio do Itamaraty. *Sagarana* foi lançado dez meses depois, no final de 1961, e liquidados os direitos deste primeiro livro de João Guimarães Rosa pela Livros do Brasil, Limitada - Editores, Impressores, Livreiros, sediada em Lisboa.

A partir daí, a correspondência passou por uma mudança de tom, ao menos do lado do escritor, que, satisfeito, abandonou as contenções formais e começou a participar dos próximos passos da edição portuguesa de sua obra pelo *prezado amigo* Senhor Souza-Pinto. Ele parecia não se preocupar muito com tiragens e porcentagens,

²⁹ Irene Lisboa. *Inquérito ao livro em Portugal*. Lisboa, Seara Nova, 1944. p.136.

³⁰ Idem, p.138.

³¹ Idem, p.133.

mas cuidava da ordem em que saíam os livros, da divulgação de críticas locais ou mundiais, que transcrevia nas cartas ao editor, de dar notícias de outros contratos internacionais.

Em 1962, a viagem de Rosa à Alemanha, com as passagens pelo Colóquio de Berlim e pela Feira do Livro de Frankfurt, deu bons frutos e assinalou, pode-se dizer, a internacionalização da sua carreira literária. Mas o *Corpo de Baile* português, previsto para o ano seguinte, atrasou um pouco. Aceito o parecer do autor sobre a tripartição do livro, o *Miguilim e Manuelzão* - título escolhido pelo editor entre os que lhe foram sugeridos em carta - , saiu no início de 1964.

Nessa ocasião, Souza-Pinto introduziu na correspondência ou outro tema: a indicação do *Grande Sertão: Veredas* para o Prêmio Internacional dos Editores, feita uma segunda vez pela delegação portuguesa, na pessoa do crítico Óscar Lopes. A partir daí evidencia-se um certo descompasso entre os missivistas, pois se de um lado o editor se mostra muito atuante, do outro lado o autor apenas responde às suas iniciativas e faz circular amostras da crítica.

Souza-Pinto engaja-se nas questões da premiação internacional, que dependem do andamento de traduções e publicações em língua estrangeira; alimenta programa literário patrocinado por sua editora em estação de rádio; tenta inserção na imprensa escrita; pede a seu editado gravação de entrevista.

O texto de uma entrevista concedida por Óscar Lopes à rádio portuguesa dá algumas indicações sobre o funcionamento do prêmio e sobre as relações entre editores de diferentes países, insuficientes contudo para por si só esclarecer o leitor da correspondência. Talvez por desconhecer o regulamento, esse leitor percebe-se em uma zona de sombra, intui um campo do não escrito, do qual faltariam indícios, não fosse uma inconfidência matreira.

Roger Caillois escreve a um amigo de Rosa, Lourival Gomes Machado, este envia cópia da carta recebida ao escritor cordisburguense -- que por sua vez a transcreve, *confidencialmente*, em carta enviada ao editor português. O teor e o percurso da carta de Caillois mostra a complexidade dos aspectos entrelaçados, entre os quais estão o interesse de uma editora, Gallimard, por obras futuras de autor pertencente ao catálogo de outras (Seuil e Albin Michel), as somas de dinheiro presentes ou estimadas,

o prestígio e a publicidade do prêmio, que atestam valor cultural e ao mesmo tempo realimentam sucesso editorial, com dividendos diversos e amplamente partilhados.

Souza-Pinto continua as gestões pela concessão do prêmio a seu editado brasileiro, repassa a ele informações práticas sobre o juri. Enquanto isso, dá sequência à edição da segunda parte do *Corpo de Baile*, com *A Aventura nos Campos Gerais*, cujo contrato foi enviado e assinado, excepcionalmente, no mesmo tempo do lançamento, -- abril de 1965 -- e não antes, como de praxe. A estória do Prêmio Internacional dos Editores, que tantos urdiam -- editores, críticos, autores, e, à revelia, os leitores --, já embebida da história social, cruzou-se nesse momento com aquela do tempo curto do governos dos estados, a história política; o governo de Portugal impedia a livre circulação das manifestações do pensamento, dificultava as coisas para os intelectuais. O crítico Óscar Lopes era perseguido pelo regime, na forma da Polícia Internacional de Defesa do Estado, e impedido de sair do país; editor e crítico pediram então a intermediação do escritor/ embaixador para obtenção do visto.

Se João Guimarães Rosa teria atendido a solicitação nunca se saberá, já que em nova carta escrita pouco depois o editor comunicou o adiamento da reunião internacional de editores, (fato que suspenderia a viagem almejada) e possível mudança na periodicidade do prêmio, o que fez prescrever o prazo da candidatura do *Grande Sertão: Veredas*.

De todo modo, o episódio introduziu Óscar Lopes na correspondência como missivista, ainda que no sistema *matrioshka* do início, da carta inserida nas cartas, agora trocadas entre editor e editado.

Após justificada *inércia epistolar*, depois de ter tomado conhecimento de texto sobre sua obra escrito pelo crítico, e que desejava ver publicado como introdução nas novas edições brasileiras de *Sagarana*, João Guimarães Rosa respondeu-lhe, consultando sobre essa possibilidade. Permissão concedida, a questão ficou em suspenso até a interrupção da correspondência.

A edição de *Noites do Sertão*, terceira parte do *Corpo de Baile*, seguiu normalmente, isto é, em paralelo aos costumeiros cuidados do autor com sua obra, que corria o mundo sem nunca sair da oficina. Aparentemente, não se contentava em tê-la escrito, e, se pudesse, seria o revisor, o tipógrafo (para maior garantia), o capista, e fora do domínio português, o tradutor para as principais línguas vivas, quem sabe até o

húngaro. Corrigiu o exemplar português do *Manuelzão e Miguilim* para reedição futura; também propôs um título para o texto de Óscar Lopes que havia solicitado.

Os direitos autorais do *Noites do Sertão* foram remetidos com atraso, em razão da expansão e reorganização da Livros do Brasil, Ltda., e consequente sobrecarga do setor de contabilidade. Como aconteceu com o contrato enviado *a posteriori* de *A aventura nos Campos Gerais*, isto não foi problema. Produtores e vendedores de bens simbólicos participam da negação dos interesses e ganhos comerciais³², e quando esse tipo de bem é objetivado no livro, existe na base das transações entre autor e editor uma ética em que as principais moedas são confiança, reconhecimento mútuo, notoriedade.

Para a expansão do firma editorial há uma explicação possível: ao empreendimento de curto prazo, representado por sua coleção de romances policiais que fazia o capital circular rapidamente, Souza-Pinto aliou o empreendimento de longo prazo representado pela edição de obras de valor cultural já realizado, como aquelas dos autores brasileiros que imprimia. Assim, conseguiu manter tipos e rotativas em movimento em uma época de silêncios e exílios -- veja-se o caso de José Cardoso Pires³³ --, em que o regime de seu país era hostil à cultura e à produção literária.

Esse lote da correspondência do escritor mineiro com seu editor em Portugal indica que o negócio editorial se realizava dentro de fronteiras nacionais, mesmo quando não há barreira de idioma; que por outro lado, no plano internacional, os editores agiam em conformidade com a natureza desse objeto -- o livro, veículo da literatura -- votado a ignorar e ultrapassar fronteiras. Mostra também que a tripartição de *Corpo de Baile* se deu de fora para dentro do Brasil, mas foi coordenada pelo escritor. Por fim, sugere que os agentes da troca especial havida entre países do mesmo ambiente lingüístico e unidos já na formação histórica foram muitos, a começar pelo editor, críticos e leitores brasileiros.

No presente lote, cada documento diz por si sua natureza (carta datada e assinada, contrato, programa radiofônico...) e portanto a descrição analítica se inicia pela materialidade, no seguinte formato:

³² Pierre Bourdieu. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre, Zouk, 2008. p. 19.

³³ José Cardoso Pires. *E agora, José*. Lisboa, Moraes, 1977.

Datiloscrito/ autógrafo/ impresso; original /cópia; autógrafo; número de folhas, dimensões do papel, cor; timbre; carimbos; marcas. Intervenção do destinatário. Marcas de arquivamento (furos).

Quanto aos *anexos* da catalogação atual do Fundo, a medida de sua incorporação a este conjunto dependeu do horizonte do trabalho, o das trocas culturais, em seu aspecto econômico, que toca a fabricação dos livros; são apontados, ou parcialmente transcritos e descritos, ou desmembrados.

Para um tipo de anexo, impresso, o “Aviso de Lançamento” que acompanha o(s) cheque(s) enviado(s) pela firma ao escritor, em número de três³⁴, a descrição foi se completando a cada ocorrência, e os dados neles contidos foram retomados adiante.

³⁴ Existem os “Avisos de Lançamento” para o primeiro, terceiro e quarto livros de JGR editados pela Livros do Brasil, Limitada. Eles correspondem ao demonstrativo de pagamento de direitos autorais.

2.2.2 Índice

1. Thiers Martins Moreira > Taunay, 01/11/ 1960
2. Thiers Martins Moreira > JGR, 30/11/60
3. JGR > Thiers Martins Moreira, 09/12/60

4. António de Souza-Pinto > JGR, 04/01/61
5. JGR > ASP, 25/01/1961
6. ASP > JGR, 31/01/61
7. Contrato Sagarana, 31/01/61
8. JGR > ASP, 06/02/61
9. ASP > JGR, 20/11/61
10. JGR > ASP, 10/12/61

11. ASP > JGR, 14/02/62
12. JGR > ASP, 12/10/62
13. ASP > JGR, 12/10/62
14. JGR > ASP, 23/10/62
15. JGR > ASP, 11/11/62

16. ASP > JGR, 21/03/63
17. Contrato Miguilim e Manuelzão, 18/03/63
18. JGR > ASP, 26/03/63
19. JGR > ASP, 27/04/63
20. JGR > ASP, 07/05/63
21. JGR > ASP, 14/06/63

22. ASP > JGR, 26/03/64
23. JGR > ASP, 07/04/64
24. JGR > ASP, 09/04/64
25. ASP > JGR, 22/04/64
26. > ASP, 22/05/64
27. ASP > JGR, 03/07/64
28. ASP > JGR, 08/07/64
29. Texto de entrevista
30. JGR > ASP, 09/07/64
31. ASP > JGR, 24/07/64
32. ASP > JGR, 12/10/64
33. ASP > JGR, 23/02/65
34. ASP > JGR, 06/04/65
35. Contrato A aventura nos Campos Gerais, 20/03/65
36. ASP > JGR, 01/05/65
37. JGR > ASP, 12/05/65
38. ASP > JGR, 27/05/65
39. ASP > JGR, 16/02/66
40. Oscar Lopes > JGR, 14/02/66
41. ASP > JGR, 03/03/66
42. ASP > JGR, 28/04/66
43. JGR > Oscar Lopes, 15/05/66
44. JGR > ASP, 17/05/66
45. ASP > JGR, 15/06/66
46. Contrato Noites do Sertão, 15/06/66
47. ASP > JGR, 24/06/66
48. ASP > JGR, 29/06/66
49. Óscar Lopes > JGR, 23/06/966
50. JGR > ASP, 30/06/66

- 51. JGR > ASP, 27/07/66
- 52. Livros do Brasil > JGR, 05/09/ 66
- 53. JGR > Odilo Costa, Filho, 27/10/66
- 54. ASP > JGR, 18/11/66

- 55. JGR > ASP, 27/01/67
- 56. ASP > JGR, cinco cartões

2.2.3. Cartas

1. Thiers Martins Moreira > Jorge Taunay, 02/11/ 1960.

Lisboa, 2 de novembro de 1960

Meu prezado Jorge Taunay.

Muito lhe agradeceria se fizesse chegar às mãos do Embaixador Guimarães Rosa a carta em anexo. Perdoe-me por fazê-lo portador dela. Não tenho aqui o endereço do nosso embaixador e o assunto, de algum modo, pertence à Divisão Cultural do Itamaraty, que você agora dirige. Peço, aliás, que leia a carta. Outro romancista que provavelmente aqui se editará será Otavio de Faria³⁵. Provavelmente ainda caminharemos para a edição de outros novelistas e de alguns poetas.

Ignoro se houve modificações no pessoal da Divisão. Acredito que não. Peço-lhe portanto, que transmita a Lavínia³⁶, a Natividade e a Alice os meus mais sinceros votos de Feliz Natal, votos que estendo a você mesmo e a todos os seus.

E ainda com este abraço

do antigo vizinho e amigo

*Thiers Martins Moreira*³⁷

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 1 folha, 20,5 x 14,5 cm., papel branco; timbre: “UNIVERSIDADE DE LISBOA/ FACULDADE DE LETRAS/ INSTITUTO DE CULTURA BRASILEIRA”. 2 furos.

2. Thiers Martins Moreira > JGR, 30/11/60

Lisboa, 30 - 11 - 60.

³⁵ Otavio de Faria (1908-1980), crítico, ensaísta, tradutor, é autor do ciclo de romances *A Tragédia Burguesa*, do qual publicou treze volumes ao longo de quarenta anos.

³⁶ Lavínia Augusta Machado. Ver Correspondência com J.-J. Villard, carta 21.

³⁷ Thiers Martins Moreira (1904-1970) nasceu em Campos (RJ), estudou Direito no Rio de Janeiro; tem trabalhos sobre Camões, Gil Vicente e um livro de ficção, *O menino e o palacete*. Nos anos cinquenta foi professor visitante nas Universidades de Lisboa e de Coimbra e adido cultural à Embaixada em Lisboa. Nos anos sessenta deu aulas sobre poesia popular em série radiofônica da Radio MEC.

Meu prezado Guimarães Rosa.

Você certamente conhece a coleção “Livros do Brasil”³⁸ que se edita em Lisboa. Ali já estão Veríssimo, Zé Lins, Gilberto Freire, Sabino, Lígia Fagundes, José Américo, e outros. Cito de memória. O editor, Sr. Souza Pinto, que andou pelo Brasil e atualmente se dedica (com prosperidade) aos livros brasileiros em Portugal, pretende lançar *Sagarana*, *Corpo de Baile*, por aí afora. Você em toda a sua obra. Começaria com *Sagarana*. Conversamos ontem, demoradamente, sobre o assunto. Resultou da conversa que eu escreveria a você esta carta, dando início à matéria. Se estiver, em princípio, de acordo, peço que me escreva dizendo que sim e o Sr. Souza-Pinto lhe escreverá falando das condições. Quanto à preparação da edição portuguesa, creio que ela poderia ficar sob a responsabilidade do Alberto da Costa e Silva³⁹ que, presentemente, trabalha na Embaixada em Lisboa, que é inteligente, estudioso, interessado em boas letras e conhecedor direto das coisas que você escreve. Creio que em fevereiro, plenitude do ano letivo nesta terra, estarei falando de Guimarães Rosa em meu pequeno curso. Seria excelente que tudo se harmonizasse para a edição corresponder, cronologicamente, com as aulas em que você aparecerá.

Fico esperando resposta sua. Esta é minha missão e, neste caso, grande prazer. Ignoro as condições que o editor oferecerá. O que não posso é deixar de me interessar em uma edição sua em Portugal.

Com o abraço do amigo antigo

Thiers

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; autógrafo a tinta preta na margem esquerda: “*Feliz Natal*”; 1 folha, 30 x 21 cm., papel branco; timbre: “UNIVERSIDADE DE LISBOA/ FACULDADE DE LETRAS/ INSTITUTO DE CULTURA BRASILEIR”. 2 furos.

³⁸ Livros do Brasil, editora portuguesa de literatura estrangeira, nasceu em 1944. Foi fundada por António Augusto de Souza-Pinto, com o objetivo de divulgar as grandes obras da literatura clássica e contemporânea brasileira e conhecidos autores da literatura universal. Com mais de quatro mil títulos em catálogo, de diversos estilos e gêneros literários, empreende atualmente a edição das obras escolhidas ou completas de autores como André Malraux, Albert Camus, John Steinbeck, Ernest Hemingway. Há 58 anos publica mensalmente coleção policial (mais de 680 títulos). A editora tinha a coleção intitulada Livros do Brasil. Tem atualmente na direção a terceira geração do fundador.

³⁹ Alberto da Costa e Silva (1931) é diplomata de carreira, poeta, ensaísta, memorialista. Especialista em assuntos africanos, seu *A África e a escravidão, de 1500 a 1700* recebeu o Prêmio Jabuti, e o Prêmio Sérgio Buarque de Holanda, da Fundação Biblioteca Nacional. Doutor honoris causa pela Universidade de Ifé, membro da Academia Brasileira de Letras. Entre 1960 e 1963 foi secretário da Embaixada do Brasil em Lisboa, onde organizou a antologia *A nova poesia brasileira*; tornou-se amigo dos poetas locais e do editor Souza-Pinto. Removido em seguida para a Embaixada em Caracas, de lá correspondeu-se com JGR. Foi embaixador na Nigéria. Tem um ensaio intitulado *Guimarães Rosa, Poeta*, Bogotá, 1992.

3. JGR > Thiers Martins Moreira, 09/12/60

Rio, 9. XII. 60

Meu caro Thiers,

Se estou grato a Você? Taunay me trouxe, agora mesmo, a carta -- sua boa carta, amiga, para minha alegria. Sem surpresa: quando o Brasil consegue mudar em missão uma inteligência tão pontuda, séria e de alta marca, servida por cultura funda, e gosto de cumprir, e desenrola “essencialidade”, o resultado são coisas assim. (À margem do curso, que sei de notáveis brio, brilho e eficácia. Outro abraço por tudo.).

E, pois, com a idéia de colocarmos os livros aí, estou de acordo, em princípio; pode você dizer, por favor, ao Sr. Souza-Pinto. Com você aí, tudo há de correr da melhor maneira possível.

E por falar nisso, gostaria de contar a você que o assunto de meus livros no estrangeiro está pagando bem. Comunicam-me as Éditions du Seuil que já está pronta a tradução francesa de *Corpo de Baile*. Também está pronta, dependendo só de revisão, a tradução do *Grande Sertão: Veredas*, para a Alfred A. Knopf, de Nova York. A tradução francesa de *Grande Sertão: Veredas* pela Editora Albin Michel estará terminada a qualquer momento. Além desses três contatos, tenho mais um, para o *Sagarana*, com a Nuova Accademia Editrice, de Milão. E as editoras Rohwolt, de Hamburgo, e a Feltrinelli, de Milão telegrafam-me pedindo opção para o *Corpo de Baile*, assim como Garzanti pede para o *Grande Sertão: Veredas*, etc. etc. Mas o importante, mesmo, é que chegou a vez de Portugal, isto é, de Thiers valente amigo. *Sursum corda!*

Bem, agora me lembro de uma coisa, que se prende ao nosso assunto. Há tempos -- precisamente em outubro/novembro de 1957, recebi carta da Editora Ulisséia⁴⁰, daí (Rua da Misericórdia, 67 - 2º), propondo-me editar o *Grande Sertão: Veredas*. Respondi concordando com os termos da proposta (10% sobre o preço da capa, para os primeiros 3.000 exemplares, 12% daí por diante). Depois disso, porém, e até hoje, a firma não voltou a escrever-me. Não assinamos contrato. Se você puder, quer pensar sobre o caso, e indagar um pouco, para mim, e a gente ver em quantas andamos?

Depois, conversamos mais.

Valha, agora, o

P.S. A edição brasileira do *Sagarana* a ser utilizada deverá ser a 5a. e última.

Carta sem assinatura. Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha, 25,3 x 20,2 cm., papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”. 2 furos.

⁴⁰ A Editora Ulisséia, fundada em 1948, foi durante os anos cinquenta e sessenta uma das mais importantes editoras portuguesas.

4. António de Souza-Pinto > JGR, 04/01/61

Lisboa, 4 de janeiro de 1961

Exmo. Senhor

Doutor Guimarães Rosa
Rio de Janeiro

Prezado Senhor Doutor:

O Dr. Thiers Martins Moreira, recém chegado do Brasil, trouxe-me a agradável notícia de que V. Exa. aceitará minha proposta de o editar neste País.

Agradecendo-lhe a honra que me concede, cumpre-me dizer-lhe que sou seu sincero admirador e de há muito procurava entrar em contacto directo para lhe dizer que o seu prestigioso nome constituía uma lacuna na colecção “Livros do Brasil”, criada nesta casa desde a sua fundação.

Já combinei com o Dr. Alberto da Costa e Silva um Prefácio para o primeiro livro que pretendo editar: *Sagarana*. Depois deste, seguir-se-á o seu outro grande livro, *Grande Sertão: Veredas*.

O contrato a estabelecer-se para as edições dos referidos Livros (e julgo preferível que, no momento, se estabeleça o primeiro para *Sagarana* e mais tarde, outro para o *Grande Sertão: Veredas*) poderia basear-se nas seguintes condições gerais:

- a) edição limitada ao território português.
- b) tiragem fixada em 3.000 exemplares.
- c) direitos fixados em 10% sobre o preço de venda ao público e liquidados ao Autor no acto do lançamento da edição.
- d) pagamento de US\$ 100,00 no acto da assinatura do contrato.
- e) envio gratuito de 20 exemplares ao Autor.
- f) garantia do Editor de não introduzir no texto da edição portuguesa qualquer alteração não consentida pelo Autor, mas autorização deste para que seja usada a ortografia do Acordo Luso-Brasileiro, como é lei neste país (Portugal).

Seriam estas, basicamente, as condições que poderiam figurar e para as quais peço o seu parecer.

Seria muito útil para o lançamento da edição, ter em minha mão o material necessário para uma boa publicidade: notícias da Imprensa Brasileira e algumas coisas mais, sei que as possui o Dr. Alberto da Costa e Silva e que mas cederá. Mas talvez V. Ex^a. me possa dispensar outras e até me favorecer com o seu conselho. Torna-se indispensável, por exemplo, uma ou mais fotografias que terei de fornecer à Imprensa. Sei perfeitamente o quanto é V. Ex^a. arredo a estes meios de publicidade, mas espero que compreenda este meu caso.

E termino, enviando-lhe os meus melhores cumprimentos e subscrevendo-me com a maior consideração e

Muito atenciosamente
LIVROS DO BRASIL, LDA.
ASouzaPinto

(ANTÓNIO DE SOUZA-PINTO)
DIRECTOR

P. S.

Ficar-lhe-ia muito grato se me indicasse a sua direção particular para que, em futura correspondência, não tivesse de incomodar o Exmo. Sr. Wladimir Murtinho.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul (folha 2); 2 folhas; 31 x 21 cm.; papel branco de seda;
folha 1: timbre (adiante apenas **timbre**):
monograma : iniciais LB em branco sobre desenho de livro em cinza, 2 cm., e abaixo dele:
LIVROS DO BRASIL, LIMITADA

	EDITORES	
RUA DOS CAETANOS, 22	IMPRESSORES	TELEF. (PPC) 32621-23170
LISBOA 2 - PORTUGAL	LIVREIROS	END. TELEG.: LIBRASIL

folha 2: 31 x 21 cm.; papel branco de seda; cabeçalho datiloscrito: “Dr. G. R. -2” ; carimbos: “LIVROS DO BRASIL, LDA.”, “(ANTÓNIO DE SOUZA-PINTO)”, “DIRECTOR” (adiante, se em igual sequencia, apenas **carimbos**). 2 furos.

5. JGR > ASP, 25/01/1961

Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1961

Ilmo. Sr.
António de Souza-Pinto
Director da
LIVROS DO BRASIL, LIMITADA
LISBOA

Prezado Senhor:

Tenho o prazer de acusar o recebimento da carta, de 4 do corrente, em que Vossa Senhoria me comunica as condições básicas gerais do contrato para a edição do *Sagarana* por essa prestigiosa Casa.

Em resposta, muito me apraz dizer a Vossa Senhoria que estou de perfeito acordo com essas cláusulas.

Ao mesmo tempo, por correio marítimo, estou enviando – ao meu colega Dr. Alberto Costa e Silva, por maior facilidade – algum material de publicidade, assim como fotografias para a imprensa. Em tudo o mais, neste particular, procurarei estar da melhor maneira ao seu dispor.

Feliz de entrar assim a associar-me aos empreendimentos de sua grande Editora, e de poder aproximar-me dos leitores de Portugal, aproveito para apresentar os protestos de consideração e apreço, com que sou

De Vossa Senhoria

João Guimarães Rosa

Enderêço:

J. Guimarães Rosa
Ministério de Relações Exteriores
Palácio Itamaraty
RIO DE JANEIRO
Brasil

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha, 25 x 20 cm., papel branco; 2 furos.

6. ASP > JGR, 31/01/61

Lisboa, 31 de janeiro de 1961

Ilmo. Sr.
Dr. João Guimarães Rosa
Ministério das Relações Exteriores
Rio de Janeiro

Prezado Senhor:

Deu-nos Vossa Senhoria justificada alegria ao conceder-nos a honra de o apresentar ao público português através da sua notável obra que, esperamos, vai ter justificado sucesso no nosso meio. Ainda não conseguimos entrar em contacto com o Dr. Alberto da Costa e Silva, não sabendo portanto, se ele já recebeu o material publicitário.

Incluso encontrará Vossa Senhoria um contrato redigido em duas vias, uma das quais nos deverá ser devolvida depois de assinada, se os termos desse contrato merecerem a devida aprovação. Também juntamos um cheque de US\$ 100,00 para liquidação Art. 4 do referido contrato.

Com reiterados agradecimentos e os protestos da nossa maior consideração, subscrevemo-nos

Muito Atenciosamente

ASouzaPinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 27 x 21 cm., papel branco de seda; **timbre**; **carimbos**. 2 furos.

7. Contrato Sagarana

Contrato de edição

Entre Livros do Brasil, Limitada, com sede em Lisboa, na rua dos Caetanos, número vinte e dois e o Exmo. Sr. Dr. João Guimarães Rosa, residente no Ministério das Relações Exteriores- Palácio do Itamaraty, Rio de Janeiro - Brasil.

Daqui em diante designados por, respectivamente Editor e Autor, é ajustado este contrato que fica regulado pelas cláusulas abaixo mencionadas:

1) O Autor garante ao Editor licença exclusiva para editar em Portugal, para venda e circulação limitada ao Continente e Ultramar Português, o seu livro:

Sagarana

2) A tiragem da referida edição será de 3.000 (três mil) exemplares, mais 200 (duzentos) destinados à críticas e ofertas, não sendo este último objeto de percentagem para o Autor.

3) Os “Direitos Autorais” devidos ao Autor pela mencionada edição portuguesa são fixados em: 10 % sobre o preço da capa, e serão liquidados no ato de lançamento da edição no mercado. O preço de capa será fixado pelo Editor.

4) O Editor pagará um adiantamento de US\$ 100,00, no ato da assinatura deste contrato que, ao ser assinado pelo Autor, comprovará a efectivação desse pagamento. Esta importância será descontada na liquidação a fazer-se com o lançamento da edição.

5). O Editor enviará gratuitamente ao Autor 20 exemplares da edição portuguesa.

6). O Autor garante ao Editor opção para a edição em Portugal de toda sua obra, editada ou a editar no Brasil.

E por assim estarem justos e contratados, assinam o presente em duas vias de igual teor e data, na presença de duas testemunhas que abaixo se subscrevem

Lisboa, 31 de janeiro de 1961

O Editor

ASouzaPinto

O Autor

João Guimarães Rosa

Testemunhas

xxxxx

xxxxx Ribeiro Vieira

Impresso: original; datiloscrito (aqui sublinhado); autógrafo a tinta azul do Editor, Autor e Testemunhas; 1 folha; 30 x 22 cm.; **carimbos**.

8. JGR > ASP, 06/02/61

Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1961

Ilmo. Sr.
António de Souza-Pinto
Diretor da
LIVROS DO BRASIL, LIMITADA
R. dos Caetanos, 22
LISBOA
Portugal.

Prezado Senhor,

Foi-me grande satisfação receber, com sua carta de 31 do último, as duas vias do contrato, uma das quais, em anexo, tenho o prazer de restituir, devidamente assinada, a Vossa Senhoria.

Recebi também o cheque e US\$ 100.00, pela liquidação do Art. 4 do referido contrato.

Com os melhores agradecimentos, valho-me do ensejo para renovar os protestos de estima e consideração com que sou

De Vossa Senhoria

João Guimarães Rosa

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha, 25 x 20 cm., papel branco. 2 furos.

9. ASP > JGR, 20/11/61

Lisboa, 20 de novembro de 1961

Prezado Senhor Embaixador Guimarães Rosa:

Por intermédio do Dr. Thiers Martins Moreira, que amavelmente se empenhou em ser ele a mandar-lhe por Correio Diplomático o primeiro exemplar saído de nossas oficinas gráficas, já Vossa Excelência teve ocasião de apreciar a edição portuguesa do seu *Sagarana*⁴¹. Que ela tenha lhe agradado como agradou ao público deste País, são os nossos votos mais sinceros. Por via marítima mandamos, há dias, os vinte exemplares que lhe cabem por força do contrato.

Esta sua obra está a despertar entre nós um interesse invulgar e, por isso, compreenderá a alegria que sentimos com a iniciativa de o divulgar em Portugal.

⁴¹ Lisboa, Livros do Brasil, 1961. Coleção Livros do Brasil, vol 51.

Inclusos, encontrará quatro cheques no valor total de US\$ 368,10 para completa liquidação da edição, bem como o respectivo Aviso de Lançamento para devida conferência.

Esperamos muito sinceramente que, dentro de algum tempo, voltaremos à sua presença para lhe propor a edição do *Grande Sertão: Veredas*, obra magna que nos empenhamos em revelar ao nosso público.

Queira aceitar, prezado Senhor Embaixador, os protestos da maior consideração dos que se subscrevem

Muito Atenciosamente

ASouzaPinto

Inc.
cheques números
302396, 302446, 302485 e 302580
do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 27 x 21 cm.; **timbre**; **carimbos**.. 2 furos.

Anexo: Aviso de Lançamento. **Impresso** contábil com timbre da casa, datado: “20.11.61”; preenchimento datiloscrito. Intervenção do destinatário: autógrafo a lápis preto: “N. B. – Trocados, com M. Nelson, a 24. XI. 61, deram Cr\$”; autógrafo a tinta azul : “126.994,00” (quantia sublinhada, seguida de leminiscato e “!”). preço do livro 45\$00

10. JGR > ASP, 10/12/61

Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1961

Prezado Amigo

Senhor António de Souza-Pinto,

É um prazer vir acusar recebida sua estimada carta de 20 de novembro, que me traz a grande notícia de haver saído a edição portuguesa do *Sagarana*; ao mesmo tempo que, com o respectivo Aviso de Lançamento, os quatro cheques, no valor total de US\$ 368,10 – para completa liquidação da edição. E recebi, ainda, vindos por via marítima, os vinte exemplares do livro. Por tudo, creia: vivamente contente, estou-lhe bem agradecido.

A edição ficou realmente magnífica. A bela capa, o formato, o papel, o padrão tipográfico, tudo muito bem escolhido. Aqui, todos que a vêem, elogiam-na. Admirei o esmero da revisão. Achei honroso e sério o Prefácio, do meu colega Da Costa e Silva, excelente, assim como o Glossário, cuja inclusão foi sem dúvida uma louvável idéia. Sim, o Amigo soube cuidar com o mais carinhoso desvelo o meu livro, revestindo-o de perfeito aspecto e galas de bom gosto, para apresentá-lo agradavelmente aos caríssimos leitores de Portugal. Que a esse esclarecido público ele esteja agradando e despertando

aí invulgar interesse, como me diz, entusiasmo-me imenso – em alegria! Sei que, à parte o regular da edição, fico-lhe devedor de muito; pois graças à sua firme e simpática iniciativa, consigo, de golpe, outros milhares de leitores, e no País que é a matriz originária da nossa história e cultura. Sinto-o, bem, e satisfeito o confesso. Sincero.

Alegra-me, não menos, que esteja pensando em editar o *Grande Sertão: Veredas*. É um livro de sorte, posso dizer-lhe. Aqui, quase não há dia em que não se leia alguma boa referência a ele. Sua edição inglesa, pela firma Alfred Knopf, Inc., de Nova York, deverá sair em 1962, pois a tradução, já pronta, está recebendo agora a última revisão. Também, para 1962, se promete a edição francesa, pela editora Albin Michel, de Paris.

Se me fosse permitido sugerir-lhe-ia, porém, primeiro o *Corpo de Baile*, que já saiu em Paris, pelas Éditions du Seuil, sob o título de *Buriti* (como o *Corpo de Baile* compõem-se de nove [sic] novelas, preferiram lá, com minha autorização fazê-lo em dois livros separados, independentes. Assim, o *Buriti* contém três novelas. As outras, também já traduzidas, devem aparecer em 1962, formando outro livro. Talvez fosse o caso de estudar-se solução análoga para a edição portuguesa.)⁴² As críticas e notícias, aparecidas em jornais franceses, suíços, belgas, luxemburgueses e canadenses, têm sido ótimas. Aliás, para *Corpo de Baile* acabo de assinar com Feltrinelli Editore, de Milão, para a tradução e edição italianas, ao mesmo tempo que concedi opção a editoras na Alemanha, Holanda, Dinamarca e Tchecoslovaquia.

Creia que é com toda consideração e muito cordial estima que sou

Seu

editado, grato, amigo,

João Guimarães Rosa

P. S. Se pudesse, sem maior trabalho seu, receber, talvez por intermédio da Embaixada, recortes das principais apreciações sobre o *Sagarana* nos jornais e revistas daí, ficar-lhe-ia também gratíssimo.

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, folha 1: 26 x 19,5 cm.; papel branco de seda, 1 furo; folha 2: 25,3 x 19,2 cm.

11. ASP > JGR, 14/02/62

Lisboa, 14 de fevereiro de 1962

Prezado Amigo Dr. João Guimarães Rosa,

Muito obrigado pelas palavras generosas que me dirigiu a propósito da edição portuguesa de *Sagarana*. Bem sei que as devo à sua gentileza mas, ainda assim, deixe-me dizer-lhe que elas bastaram para me encher de regosijo, se a satisfação de ser seu

⁴² No livreto *Sobre a obra*, que acompanha a edição comemorativa dos cinquenta anos do livro (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006), Alberto da Costa e Silva publicou e apresentou “Três cartas de Guimarães sobre *Corpo de Baile*”, endereçadas a ele. A apresentação traz um retrato do editor português: “...risonho, carinhoso e bom”. p. 17.

editor em Portugal não fosse já motivo de orgulho. O seu belo livro tem sido muito bem recebido entre nós, dentro das limitações decorrentes de um mercado livreiro de proporções incomparáveis com o do Brasil. Mas, para que possa avaliar o entusiasmo que *Sagarana* está a despertar, tenho o gosto de lhe enviar juntamente dois recortes, nos quais destaco a crônica publicada por Guedes de Amorim em *O Século Ilustrado*⁴³ a propósito da publicação do volume. Irei enviando, conforme me pede na sua carta, outros recortes que sejam de interesse. Porém, aqui, infelizmente, as reacções da crítica são sempre muito menos rápidas do que as reacções do público. A crítica está em atraso relativamente ao movimento editorial, de forma que, em Portugal, quando o público lê as críticas já tem seu juízo feito e lê-as só para saber se gostou certo ou errado...

É muito interessante a sua sugestão, que aceitei, quanto a publicarmos *Corpo de Baile* antes de *Grande Sertão: Veredas*. Agradeço-lhe o obséquio de me enviar um exemplar, pois não tenho o livro em referência, e necessito de ver qual a modalidade de edição que será aconselhável aqui em Portugal.

Fico-lhe desde já muito grato se quiser ter o incomodo de me ceder recortes das críticas aparecidas na Imprensa mundial aquando do lançamento do primeiro volume de *Buriti*⁴⁴. Aqui vão ser-nos úteis por ocasião da edição de *Corpo de Baile*.

Renovando-lhe os meus agradecimentos por todas as atenções, *peço me creia, agora e sempre, seu admirador e amigo*

ASouzaPinto

SOUZA-PINTO

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha; 27 x 21 cm.; papel branco de seda; **timbre**. Intervenção do destinatário: autógrafo a tinta azul: "SOUZA-PINTO"; autógrafo a lápis vermelho: *remetidos 7-3-62 LGuedes; 2 furos.

12. JGR > ASP, 12/10/62

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1962

Prezado Amigo Sr. António de SOUZA-PINTO,

Com o maior prazer, hoje retomo nossa estimada correspondência que ficara em fevereiro deste ano, para lhe trazer muito cordiais notícias.

Estou regressando da Alemanha, aonde fui convidado para tomar parte no "Primeiro Colóquio de Escritores Latino-Americanos e Alemães", promovido pela Revista Humboldt e realizado, em Berlim, de 16 a 23 de setembro, com pleno êxito. Só não foi possível nem na ida nem na volta passar por Lisboa, a fim de avistar-me com o distinto Amigo, conforme seria meu melhor desejo.

Na Feira do Livro, em Francforte, onde tive a grata surpresa de encontrar-me com meus editores franceses, outra surpresa agradável me esperava, Acabava de sair, em Paris, pelas Éditions du Seuil, um segundo livro meu: *Les Nuits du Sertão*, em tradução excelente. Trata-se da novela "Buriti", do *Corpo de Baile*. Como o amigo sabe,

⁴³ *O Século Ilustrado*.

⁴⁴ João Guimarães Rosa. *Buriti*. Paris, Seuil, 1961. Trad. J.-J. Villard. São três novelas num único volume.

as Éditions du Seuil preferiram publicar o *Corpo de Baile* divididamente; e, pessoalmente, acho que a idéia não foi de todo má. Assim, lançaram no ano passado, o volume *Buriti* (contendo as novelas “Dão Lalalão”, “O recado do Morro”, e “Uma estória de amor”); apresentam, agora, este *Les Nuits du Sertão*; e pretendem publicar o terceiro em 1963, não sei ainda sob que título. Junto, envio-lhe a folha respectiva, do boletim das Éditions du Seuil, do mês de setembro.

A editora Albin Michel anuncia-me estar já adiantada a tradução francesa do *Grande Sertão: Veredas* que deverá ser lançado em Paris no próximo ano.

A edição em inglês, por Alfred A. Knopf, de Nova York, já está nas máquinas, para ser lançada em maio do ano que vem, sob o sugestivo título: *The devil to pay in the Backlands*.

Mas, também na Feira de Francforte, o Sr. Roger Piault, das Éditions Seghers, se apressava em procurar-me, queria minha autorização, com vistas à proposta de um Produtor, da Bélgica, que quer levar à televisão e ao rádio a novela “A hora e a vez de Augusto Matraga” (“L’heure et la chance d’Augusto Matraga”) do *Sagarana*, publicado na antologia *Les vingt meilleures nouvelles de l’Amérique Latine*, daquela editora. Aliás, quando cheguei de volta aqui, encontrei carta do editor Pierre Seghers, a esse respeito. Dei a autorização pedida, mediante contrato. Proximamente, enviarei ao amigo informações sobre isso, com detalhes, se lhe interessarem para a publicidade do nosso *Sagarana* aí em Portugal.

Outro bom resultado da minha viagem à Alemanha, foi poder conhecer e tratar pessoalmente com os muitos editores que queriam os meus livros. Desfiz várias conversas iniciais, já meio entabuladas, ao conhecer a proposta da Editora Kiepenheuer & Witsch, de Colônia, e seu dirigente, o Sr. J. C. Witsch, homem de notável inteligência e extraordinárias compreensão e simpatia. Assim, com a Kiepenheuer & Witsch já assinei contrato, para todos os meus livros, com os prazos devidamente escalonados, de publicação. Vão começar pelo *Corpo de Baile*, a ser lançado em 1963 ou 1964; em seguida, o *Grande Sertão: Veredas*; depois *Sagarana*; depois o *Primeiras Estórias*.

Assim, e já com contrato firmado com Feltrinelli, de Milão, para o *Corpo de Baile* e com a Nuova Accademia Editrice, para o *Sagarana*, enquanto Mondadori examina atualmente o *Grande Sertão: Veredas*, - tudo vai bem, em Portugal, França, Estados Unidos, Itália e Alemanha (A Feltrinelli, que me pediu opção para as “obras futuras”, estou remetendo agora o *Primeiras Estórias*.)

Aliás, por ele devia começar, nesta longa carta, pois é o meu último livrinho, saído agora, em meados de setembro. Remeti-lhe, logo, um exemplar. Já lhe chegou às mãos? Está sendo otimamente recebido aqui, graças a Deus, e parece-me ser um livro de sorte. Porque, alguns dos contos que o compõem tendo sido primeiro publicados aqui, em jornais, uma moça brasileira⁴⁵, que reside em Paris, entusiasmou-se por um deles - “A Terceira Margem do Rio” - mandou traduzir, para o francês⁴⁶, e enviou-o, por sua própria iniciativa, a Louis Pauwels⁴⁷, que tem em Paris a revista *Planète*⁴⁸, já com vivo êxito de tiragens crescentes. O Sr. Pauwels escreveu-lhe dizendo que o conto “*C’est une chef d’oeuvre en effet. Je vais le publier le plus rapidement possible*”. E pede notas

⁴⁵ Maria J. Frias; trabalhava na Embaixada do Brasil em Paris.

⁴⁶ “A terceira margem do rio” foi publicado em tradução da própria Maria J. Frias, revista por Maurice Pons.

⁴⁷ Louis Pauwels (1920 - 1997) é autor, com Jacques Bergier, de *Le Matin des Magiciens*, Paris, Gallimard, 1960, publicado aqui como *O Despertar dos Mágicos*, São Paulo, Difel.

⁴⁸ A revista *Planète*, bimestral, circulou na França entre 1961 e 1968 e em uma segunda fase, no início da década seguinte; teve versões em mais de dez países, Brasil inclusive.

bio-bibliográficas minhas, e um retrato meu, para a revista. Este pequeno episódio dá-me entusiasmo e esperança, quanto ao futuro europeu do *Primeiras Estórias*.

Esquecia-me de perguntar-lhe se recebeu o exemplar de *Corpo de Baile* enviado também, em data de 7 de março último. Quanto às críticas aparecidas na Imprensa mundial, quando do lançamento do 1º volume de *Corpo de Baile* em francês (*Buriti*), tenho comigo algumas. Agora porém, M. Flamand, das Éditions du Seuil, prometeu-me enviar fotocópias de todas. Em qualquer ocasião que seja útil, terei muito prazer em cedê-las ao amigo.

Pelo nosso amigo Alberto da Costa e Silva, tive a satisfação de enviar-lhe um exemplar do livro *Serras Azuis*, de Geraldo França de Lima⁴⁹, recomendando-o muito especialmente à sua arguta atenção. O livro teve e continua tendo, aqui, ótimo sucesso, de venda e de crítica.

Bem, depois de tanto me alongar, o melhor momento é este: o de renovar-lhe os meus vivos, sinceros agradecimentos, por tudo e tanto.

Com

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, 25,3 x 20,2 cm.; papel branco. timbre em vermelho no verso: "CÓPIA". 2 furos.

13. ASP > JGR, 12/10/62

Lisboa, 12 de outubro de 1962

Prezado Dr. João Guimarães Rosa,

Tenho o prazer de enviar juntamente alguns recortes de artigos e de notícias por nós enviados à imprensa portuguesa sobre sua obra e a repercussão que ela está obtendo em diversos países.

No próximo número do boletim *Livros de Portugal* do Grêmio Nacional dos Editores e Livreiros⁵⁰, ser-lhe-á consagrada uma notícia bibliográfica e a capa trará sua fotografia. Aí anuncio já a próxima edição de *Corpo de Baile* que procuro publicar ainda dentro do ano-corrente, e sobre cujo contrato voltarei oportunamente à sua presença.

Ficar-lhe-ia muito grato se me fizesse o favor de me dar a indicação das casas editoras européias ou americanas que vão proceder à publicação da sua obra e de quantas edições ela conta já no Brasil. Peço-lhe muita desculpa de vir incomodá-lo com este pedido, e asseguro-lhe que, se tivesse algum amigo seu a quem pudesse recorrer para este efeito, evitaria maçá-lo a si, pois sei como é avesso a estes pequenos problemas que, todavia, são de tanta importância para o editor. Porém, decerto

⁴⁹ Geraldo França de Lima (1914 - 2003). Conheceu JGR em 1933 quando estudava em Barbacena. Mais tarde, no Rio de Janeiro (onde foi professor de literatura), JGR leu os originais de seu primeiro romance, mudou o título e providenciou a publicação: *Serras Azuis*. Rio de Janeiro, GDR, 1961. O autor recebeu prêmios literários do Estado do Rio de Janeiro e do P.E.N. Club do Brasil. Foi membro da ABL.

⁵⁰ O Grêmio Nacional de Editores e Livreiros foi criado em 1939; tentou manter sua independência diante do regime de Salazar; instituiu o Prêmio Camilo Castelo Branco, nos anos sessenta o mais importante de Portugal. Em 1974 o Grêmio foi substituído pela Associação Portuguesa de Editores e Livreiros.

compreende que tais notícias, quando publicadas nas páginas literárias aqui existentes, contribuem bastante para despertar interesse à roda de um livro e de um autor. Infelizmente a crítica literária portuguesa pouco ou nada faz no sentido de um melhor conhecimento dos escritores de outros países. Nem do nosso!

Antecipadamente grato pela sua boa atenção que possa dispensar aos meus pedidos, subscrevo-me com a mais elevada admiração e sou *seu sincero amigo*

Muito atentamente

ASouzaPinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 27 x 21 cm., papel branco; **timbre**. 2 furos.

14. JGR > ASP, 23/10/62

Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1962

Prezado Sr. António de Souza-Pinto,

Ao receber a sua, muito estimada, vejo que nossas duas cartas se cruzaram, já que ambas escritas na mesma data de 12 deste e vazadas no mesmo espírito e sentimentos – o que tomo pelo mais simpático e auspicioso dos sinais. Muito agradeço o amável envio dos recortes de artigos e notas que enviou à imprensa portuguesa.

Alegra-me, muito, a grande notícia de pretender publicar ainda este ano o *Corpo de Baile*; e desvanece-me o anúncio que me faz do próximo boletim *Livros de Portugal*; que sempre recebo e leio, aliás, com vivo interesse, pois o acho excelente.

Apresso-me, agora, a responder às suas perguntas.

PUBLICAÇÃO DE MEUS LIVROS POR CASAS EDITORAS EUROPÉIAS E AMERICANAS (ademais, naturalmente da “LIVROS DO BRASIL, LIMITADA”, de LISBOA!)

I- Já publicadas:

Buriti (primeira parte do *Corpo de Baile* contendo as novelas: “Dão Lalalão”, “Uma Estória de Amor” e “O Recado do Morro”), Éditions du Seuil, Paris, 1961.

Les Nuits du Sertão (segunda parte do *Corpo de Baile*, compreendendo a novela que tem, na edição brasileira, o título de “Buriti”), Éditions du Seuil, Paris, 1962.

(A novela “A hora e a vez de Augusto Matraga”, do livro *Sagarana*, foi publicada, em francês, na antologia *Les vingt meilleures nouvelles de l'Amérique Latine*, (sob o título “L’heure et la chance d’Augusto Matraga”), nas Éditions Seghers, Paris, 1958.)

II- A serem publicadas:

1) *Grande Sertão: Veredas*, pelas Éditions Albin Michel, de Paris (a tradução já está adiantada, devendo o livro ser publicado no ano próximo).

2) *Grande Sertão: Veredas*, pela casa Alfred A. Knopf, Inc., de Nova York (deve sair em maio do ano que vem, sob o título de *The Devil to pay in the Backlands*. Está já sendo composto o livro. A tradução inglesa foi do Professor James L. Taylor, da Stanford University, e da Senhora Harriet de Onís.)

3) *Corpo de Baile*, em edição italiana, por Giorgio Feltrinelli Editore, de Milão (Contrato já assinado.)

4) *Sagarana*, em edição italiana, pela Nuova Accademia Editrice S.p.A., de Milão. (Contrato já assinado.)

5). Todos os 4 livros, em edição alemã, pela Verlag Kiepenheuer & Witsch, de Colônia. Contrato agora assinado, estabelecendo a seguinte ordem de programação:

Corpo de Baile – 1964

Grande Sertão: Veredas – 1965

Primeiras Estórias – 1966

Sagarana – 1967

6) A publicação em francês do *Corpo de Baile* completar-se-á no ano que vem, pelas Éditions du Seuil, com o lançamento de um terceiro volume (contendo as novelas “Campo Geral” e “A estória de Lélío e Lina”), cuja tradução já está pronta.

III- Livros ainda em opção, ou exame:

1. *Grande Sertão: Veredas*, com Arnaldo Mondadori Editore, de Milão, para a edição italiana.
2. *Corpo de Baile*, com Gyldendal, de Copenhague, para a edição em dinamarquês.
3. *Corpo de Baile*, com a editora De Tijdstrom, de Lochem, para a edição em holandês.
4. *Corpo de Baile*, com a Agence Théâtrale et Littéraire Tchecoslovaque, de Praga, para a edição em tcheque.

EDIÇÕES NO BRASIL

São as indicadas no volume do *Corpo de Baile* (2ª edição), acrescidas do *Primeiras Estórias*, contos, 1962.

(O *Grande Sertão: Veredas* e o *Sagarana* acham-se esgotados, há bastante tempo. O que tem dificultado a reedição é a instabilidade financeira, aqui, desde o tempo do governo Jânio Quadros. MAS a editora José Olympio já vai tirar, agora, a 6ª edição do *Sagarana*.)

Sobre o *Les Nuits du Sertão*, já recebi duas ótimas notícias críticas, ambas extremamente favoráveis. Transcrevo aqui alguns tópicos das mesmas:

I. De Georges Sion, no *Le Phare*, de 23/IX/62:

“Quand parut *Buriti*, de João Guimarães Rosa, on put parler de révélation. L’écrivain brésilien nous jetait au visage un univers extraordinaire d’intensité, de sombre fureur, de véhémence magnifique. Certes, le Brésil n’est pas “neuf”, beaucoup de romans brésiliens ou non, et de très nombreux reportages nous ont mené dans ses forêts, ses plantations, ses monstrueuses féeries végétales ou animales. À lire Guimarães Rosa, on

croit soudain n'avoir rien lu que de superficiel. Ou du moins rencontre-t-on ici un monde et un art que tous ces livres n'ont pas frôlés et qui éclatent dans toute leur nouveauté. Les personnages, les maisons, les paysages, les épisodes sont comme engloutis dans une force inconnue qui refaçonne tout.” “Une nouvelle traduction de Guimarães Rosa paraît aujourd’hui: Les Nuits du sertão, et confirme le choc de Buriti.” “Qui peuple ce roman qui est une épopée panique?..... Sans jamais faiblir, sans jamais non plus verser dans la description bien arrangée, le romancier nous fait éprouver la vie orgiaque, secrète, multiple, qui s’exprime dans la pesanteur du temps, le sortilège nocturne, l’arbre, l’herbe, la bête. Une immense fièvre emporte le récit. Elle n’est pas toujours agréable. Il lui arrive d’être harassante, mais elle a une grandeur sauvage dont on ne voit pas l’équivalent aujourd’hui. Guimarães Rosa est un romancier-poète, difficile, fascinant et certainement exceptionnel. Il alerte, inquiète, captive. Il existe terriblement.” ⁵¹

II. De Eugene Fabre, do *Journal de Genève*, de 1 de outubro de 1962:

“Il semble, à lire le récit de Guimarães Rosa, que des choses et des gens forment un tout et que la pulsation de la nature que les entoure soit la même que celle des coeurs humains.”..... “Un roman chaud, dont la lourde sensualité s’accorde à ce qu’il y a de suffocant dans le paysage où il s’inscrit mais qui -- qu’on en goûte ou n’en goûte pas la totalité -- proclame le maître-talent d’un écrivain qui porte à l’universel la voix brûlante et pathétique de son pays.” ⁵²

ALGUMAS OPINIÕES sobre o *Buriti*:

“L’art de Guimarães Rosa tient d’abord à une sorte de réalisme panthéiste dont la richesse et la couleur font vibrer chaque page de son livre.” ⁵³

(Georges Ottino, *Journal de Genève*, 5/6 de agosto de 1961.)

⁵¹ “Quando apareceu *Buriti*, de João Guimarães Rosa, se pode falar de revelação. O escritor brasileiro nos lançou no rosto um universo extraordinário de intensidade, de furor sombrio, de veemência magnífica. É verdade que o Brasil não é “novo”, muitos romances, brasileiros ou não, e numerosas reportagens, nos levaram para suas florestas, suas plantações, suas monstruosas alucinações vegetais ou animais. Ao ler Guimarães Rosa, acreditamos de repente só ter lido o superficial. Ou, no mínimo, reencontramos aqui um mundo e uma arte que aqueles livros não atingiram e que explodem em toda sua novidade. Os personagens, as casas, as paisagens, os episódios são como que engolidos numa força desconhecida que transforma tudo. ... Uma nova tradução de Guimarães Rosa aparece hoje, *Les Nuits du Sertão*, e confirma o choque de *Buriti*. ... Quem povoa este romance, que é uma epopéia terrível? Sem jamais enfraquecer, sem jamais cair na descrição bem arranjada, o romancista nos faz experimentar a vida orgiaca, secreta, múltipla, que se exprime no peso do tempo, o sortilégio noturno, a árvore, a erva, a fera. Uma imensa febre arrasta a narrativa. Nem sempre ela é agradável. Acontece de ser fatigante, mas ela tem uma grandeza selvagem sem equivalente hoje. Guimarães Rosa é um romancista-poeta, difícil, fascinante e certamente excepcional. Ele alerta, inquieta, cativa. Ele existe terrivelmente”.

⁵² “Parece, ao ler-se a narrativa de Guimarães Rosa, que as coisas e as pessoas formam um todo e que a pulsação da natureza que as cerca é a mesma dos corações humanos. ... Um romance quente, cuja pesada sensualidade se afina com o que há de sufocante na paisagem onde ele se inscreve, mas que - goste-se ou não do conjunto - proclama a maestria de um escritor que eleva ao universal a voz chamejante e patética de seu país.”

⁵³ “A arte de Guimarães Rosa se liga antes a um tipo de realismo panteísta cuja riqueza e cor fazem vibrar cada página de seu livro.”

*“Le coup de maître de Rosa, on le devine, a été d’intérioriser le thème du voyage”.*⁵⁴

(Yves Berger, *L’Express*, 27 de abril de 1962.)

*“Ces différents quêtes spirituelles, que seule la vie du sertão permet, nous sont transmises par une art raffiné où se mellent aussi bien les subtilités de la vieille tradition portugaise que les trouvailles de la poésie populaire ou les fausses richesses de l’art pseudo-populaire. Car, comme tout est ombre de quelque réalité essentielle, comme tout signifie, chaque mot a une valeur et chaque nom, pour faux qu’il soit, peut recéler une parcelle de la vérité qu’il faut redécouvrir. Tout l’art de João Guimarães Rosa est justement de nous faire pénétrer dans les méandres de ce déchiffrement. À chaque instant le style transfigurera le réel en intégrant le paysage à la pensée de l’homme que l’arpenste ou le traverse.” “Nous espérons qu’une éventuelle traduction des autres récits du roman de Guimarães Rosa permettra à J.-J. Villard d’apporter [.....]les soins qui mérite un tel chef-d’oeuvre.”*⁵⁵

(Pierre Furter, na *Gazette de Lausanne*, 12/13 -VIII - 1961.)

*“D’emblée, ce qui nous frappe ici, c’est l’extreme amplitude du coup d’oeil, le fourmillement de l’image, et, partout, bruissante, murmurante ou dechainée, ce qu’on voudrait appeler la présence de la sève, sa course inapaisable.”..... “Il ne faudrait pas oublier de signaler l’admirable traduction de J.-J. Villard, de ce livre, qui, dans la tradition virgilienne, s’inscrit comme une grande oeuvre de vie.”*⁵⁶

(Christian Dedet, *Arts*, 13 de setembro de 1961.)

*“Son langage est intuitif; soulignons-le, il exprime toute la magie cosmique.”*⁵⁷
(Edmond Vandercammen, de l’academie, *Le Soir*, Bruxelas, 21 de setembro de 1961.)

*“La dénomination de roman convient mal à ce grand flot verbal charriant la boue et les astres, au bout du quel, si nous n’opposons aucune résistance de l’espi rationaliste quiest le nôtre, nous redevenons, nous aussi, partie integrante de cette folle création édénique, parcelle du soleil et d’argile”.*⁵⁸

(André Laude, *La Révolution Proletarienne*, Paris, junho de 1961.)

⁵⁴ “O golpe de mestre de Guimarães Rosa, adivinha-se, foi interiorizar o tema da viagem”.

⁵⁵ “Estas diferentes buscas espirituais, que só a vida do sertão permite, nos são transmitidas por uma arte refinada onde se misturam tanto as sutilezas da velha tradição portuguesa como os achados da poesia popular ou as falsas riquezas da arte pseudo-popular. Pois, como tudo é sombra de alguma realidade essencial, como tudo significa, cada palavra tem um valor e cada nome, ainda que seja falso, pode encerrar uma parcela da verdade que é preciso redescobrir. Toda a arte de João Guimarães Rosa consiste justamente em nos fazer penetrar nos meandros deste deciframento. A cada instante o estilo transfigurará o real integrando a paisagem ao pensamento do homem que a percorre. ... Nós esperamos que uma eventual tradução das outras narrativas do romance de Guimarães Rosa permita a J.-J. Villard tomar os cuidados que tal obra-prima merece.” (Ver correspondência com J.-J. Villard, carta 18).

⁵⁶ “Primeiro, o que nos choca aqui é a extrema amplitude do ponto de vista, o formigamento da imagem, e por toda parte, barulhenta, murmurante ou descontrolada, o que se poderia chamar a presença da seiva, seu curso inesgotável ... Seria preciso não esquecer de assinalar a admirável tradução de J.-J. Villard, deste livro, que, na tradição virgiliana, se inscreve como uma grande obra de vida.”

⁵⁷ “Sua linguagem é intuitiva, sublinhemos, exprime toda a magia cósmica.”

⁵⁸ “A denominação de romance convém mal a este grande fluxo verbal carregando a lama e os astros, ao fim do qual, ora não opomos nenhuma resistência, nós também parte integrante desta louca criação edênica, parcela de sol e de argila.”

“Aujourd’hui on rend hommage à une poème épique, cosmique même, dépassant la forme romanesque, et approfondissant l’homme en faisant reculer, sous le souffle irrésistible d’un étonnant pouvoir d’évocation, ses mornes horizons. Il n’était pas besoin de la préface pour se rendre compte de la puissance de ce livre et de son auteur. Celui-ci prend place d’emblée parmi les plus grands – non seulement au Brésil, mais dans la littérature mondiale.”⁵⁹

(La Selection des Libraires de France, supplement littéraire mensuel du *Bulletin des Libraires L’Officiel de la Librairie*, Paris, n° 7, julho de 1961.)

“Tout cela est beau, générateur d’une poésie sauvage et puissante...”⁶⁰
(Marie-Pierre Castelnau, *Informations*, Paris, 27 de maio de 1961.)

“La traduction de M. J.-J. Villard est sûrement toute bonne, puisqu’elle a laissé à l’oeuvre toute sa fraîcheur, toute sa virile spontanéité. Dans une débauche de couleurs et de musique, voilà un Brésil bien attrayant”⁶¹
(René Lefèvre, *Le Canard Enchaîné*, Paris, 3 de março de 1961.)

“On pense irrésistiblement à Giono, mais ici le “matériau” est infiniment plus riche que celui d’une Provence reconstituée. L’auteur décrit un monde qu’il a bien connu, un monde de chair et des rêves, qui a le mérite et le défaut de nous dérouter.”⁶²
(Guy Dumour, *Franc Observateur*, 4 de maio de 1961.)

Agora, algumas opiniões sobre o *Primeiras Estórias*:

“E o próprio livro é primaveril, como tudo o que sai da cabeça mágica do Rosa: a língua se enfiava de formas e arranjos novos, alguns tão cheirando a terra que é como se brotassem do chão. O sentimento sutil que ele capta no coração da gente chamada simples lembra as flores e folhas passadas a limpo pela natureza, tão complexas em sua exatidão. Tudo é novo de novo, e tocado de um alegre mistério, sem embargo do trágico de certas situações. E, mais uma vez, não facilitem com o Rosa: ele diz sempre “outra coisa”, além do que está dizendo: sua arte não fica nas palavras, vai à captação do sentido metafísico do Universo.”
(Carlos Drummond de Andrade, *Correio da Manhã*, Rio, 19 de setembro de 1962.)

“Gostaria de destacar pelo menos o livro de Guimarães Rosa, *Primeiras Estórias*. Esse admirável escritor e tipo humano está realizando na literatura brasileira algo que se tem de considerar realmente profundo e original, uma espécie de sublimação da literatura regionalista com o emprego de personagens invulgares e sobretudo de uma linguagem constituída de achados quase todos pessoais.”

⁵⁹ “Hoje se presta homenagem a um poema épico, cósmico mesmo, ultrapassando a forma romanesca, e aprofundando o homem ao fazer recuar, sob o sopro irresistível de um surpreendente poder de evocação, seus tristes horizontes. Não havia necessidade do prefácio para se dar conta da força deste livro e de seu autor. Este toma lugar de imediato entre os maiores - não somente do Brasil, mas na literatura mundial.”

⁶⁰ “Tudo isso é belo, gerador de uma poesia selvagem e poderosa.”

⁶¹ “A tradução do senhor J.-J. Villard é seguramente boa, pois ela deixou à obra todo seu frescor, toda sua viril espontaneidade. Num esboço de cor e de música, eis um Brasil bem atraente.”

⁶² “Pensamos irresistivelmente em Giono, mas aqui o material é infinitamente mais rico que o de uma Provença reconstituída. O autor descreve um mundo que conheceu bem, um mundo de carne e de sonhos, que tem o mérito e o defeito de nos desorientar.”

(Raul Lima, no *Diário de Notícias*, Rio, 7 de outubro de 1962.)

E trechos de uma carta do grande GILBERTO AMADO⁶³, hoje recebida:

“Tenho estado empenhado na leitura minuciosa do Primeiras Estórias – documento único do poder criador do maior artista literário do Brasil do nosso tempo, criador de seres humanos, de pessoas vivas, e de uma língua transcendente de todos os cânones usuais, destinada a super-exprimir o inexprimível em todas as suas nuances. “.....” A poesia das suas realizações de vida é imensa, e é toda baseada no concreto das coisas, poesia-fato, poesia polpa, poesia de dentro, célula, núcleo, protoplasma, genética, telúrica, anímica.”

Junto, ainda, um artigo do poeta Walmir Ayala⁶⁴, também, sobre as *Primeiras Estórias*.

Sempre sinceramente grato, por tudo, digo-lhe mais da consideração, do apreço, da simpatia e estima com que sou

Seu

Muito atentamente

P.S. - Sobre o próximo número do boletim *Livros de Portugal*⁶⁵, de que me fala, agradecer-lhe-ia muito se me enviasse 2 exemplares do mesmo. E, também, não seria pedir muito desejar que pudesse enviá-lo às pessoas indicadas?:

Mr. Alfred A. Knopf
Alfred A. Knopf Inc.
501 Madison Avenue
New York 22, NY/EUA.

Sra. Alexandra Von Miquel
Verlag Kiepenheuer&Witsch
Rendorfer Strasse 5
Koln - Marienburg/Alemanha.

Sra. Else Mammen
Gyldendal Publishers
3 Klareboderne
Copenhagen/ Dinamarca.

Sra. Xenia Schereschewsky
Giangiacomo Feltrinelli Editore
Ufficio Esteri
Via Andegari, 6
Milano, Itália.

⁶³ Gilberto Amado (1887- 1969). Jurista, diplomata, escritor, membro de ABL.

⁶⁴ Walmir Ayala (1933 - 1991) escreveu também contos, romances e fez crítica de arte.

⁶⁵ Boletim do Grêmio Nacional de Editores e Livreiros.

Mr. Michel Chodkiewicz
Éditions du Seuil
27, Rue Jacob, Paris – VIè./ França.

Carta sem assinatura. Datiloscrito; cópia carbono; 5 folhas; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho no verso: “CÓPIA”. Intervenção do remetente: autógrafo a tinta azul, folha 2, margem inferior, esquerda: “*Agénce Tchecoslavaque*”. 3 furos (2 furos na folha 5).

15. JGR > ASP, 11/11/62

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1962

Meu Caro Sr. Antonio de Souza-Pinto,

Recebi o boletim *Livros de Portugal*, o que traz minha fotografia na capa e a notícia bibliográfica. Agradeço-lhe muito a tão generosa lembrança e a gentileza da remessa.

Encontrei mais alguns recortes, que aqui lhe envio, na suposição de que possam ser úteis. Lembrei-me também de informar-lhe de que na *Revista Ocidente*, daí de Lisboa, em seu nº 175 (volume XLIII), relativa a novembro de 1952, saiu publicado importante notícia-artigo, assinado por João de Castro Osório, sobre o *Sagarana*.

Junto também 2 meus retratos; são os que acho menos maus.

Espero que já lhe tenha chegado às mãos o exemplar que lhe remeti, do *Primeiras Estórias*. (Um dos vinte e um contos que o compõem, o terceiro, acaba de ser publicado, com grande destaque, em tradução francesa (“La Troisième Rive du Fleuve”), no nº 6 da revista *Planète*, de Paris.)

Ainda a respeito da próxima publicação de *Corpo de Baile*, que me dá viva alegria, estive pensando e cheguei a uma sugestão, que me apresso em trazer-lhe, para que a examinemos juntos. Quem sabe - por causa do grande tamanho do livro, e a bem de uma apresentação mais leve e mais chamativa, - não seria mais interessante fazer essa Editora o que fizeram os du Seuil; publicar-se o *Corpo de Baile* em 3 (três) livros, em lugar de um só? Penso, além do mais, que esse “aligeiramento” de doses da matéria viria a ajudar o leitor a achar menos difícil a leitura e a compreensão do texto; o Amigo sabe que, psicologicamente, isso age às vezes assim.

Se prevalecesse a solução, acredito que a divisão melhor poderia ser a seguinte:

I) - O primeiro livro, comportando as novelas “Campo Geral” e “Uma história de Amor”, que dariam um volume de bom formato, poderia receber o título de *Manuelção e Miguilim*. (Também poderia ser *Miguilim e Manuelção*.)

II) -. O segundo, constando das novelas “O Recado do Morro”, “Cara-de-Bronze”, “A Estória de Lélío e Lina”, poderia receber, por exemplo, o título de *Ante A Aventura*, ou *Alma e Aventura* ou *A Aventura nos Campos Gerais*.

III) - O terceiro, enfim, incluindo as novelas “Dão-Lalalão” e “Buriti”, também de razoável tamanho, poderia chamar-se *Buriti*. Ou *Sob a Palmeira Sagrada*. Ou, *Só a Palmeira no Sertão*. Etc. São títulos precários, apenas explicativos. Achar outros, mais aconselháveis, é o que não nos daria trabalho.

Mas, rogo-lhe que compreenda bem tratar-se apenas de uma pequena idéia, que ontem me acudiu. Concordarei com o que o Amigo, com sua experiência e perfeito conhecimento do meio ledor de Portugal, concluir pelo melhor.

Grato, sempre, com a maior simpatia e sinceros sentimentos, *seu amigo*,

Muito Atentamente

João Guimarães Rosa

Datiloscrito; cópia carbono; autógrafo a tinta azul; 2 folhas; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco. timbre em vermelho no verso: "CÓPIA". 2 furos.

16. ASP > JGR, 21/03/63

Lisboa, 21 de março de 1963

Prezado Dr. Guimarães Rosa,

Sairá pròximamente aqui em Portugal a edição de *Miguilim e Manuelzão*, que vou meter à frente de outros originais já programados, tal é o meu empenho de publicar o seu belo livro.

Sempre que lembro a sua última viagem à Europa, mais lamento a impossibilidade que teve de dar uma saltada a este cantinho onde se fala a bela língua que tão enriquecida tem sido por si. Seria um sucesso, acredite. A coorte dos seus admiradores aumenta de dia para dia e saberia rodeá-lo, com carinho e admiração, durante o tempo que por cá permanecesse. Sabe-se, também, do interesse que tem as suas conferências, e com duas palestras, satisfaria (ou ainda abriria mais o apetite?) dos seus admiradores de Lisboa e Porto. Acredite que isto não "é pedir o guloso para o desejoso", mas sim por saber como o seu nome é discutido nas tertúlias e nos outros meios culturais.

Aproveito o ensejo para lhe enviar juntamente o contrato de edição de *Miguilim e Manuelzão*, bem como o cheque de 100 dólares como adiantamento, na forma do costume. Desde já lhe fico muito grato pela devolução de uma das vias do contrato.

Na expectativa das suas notícias, peço-lhe que aceite as melhores saudações de quem muito o admira e estima *e é o seu admirador e amigo*

ASouzaPinto

Incluso:

Um contrato em duplicado e um cheque de \$100.00, nº 10.792 do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Datiloscrito original; autógrafo a tinta azul; 1 folha; 27 x 21 cm.; papel branco; **timbre**. 2 furos.

17. Contrato Miguilim e Manuelzão

Contrato de edição

Entre Livros do Brasil, Limitada, com sede em Lisboa, na rua dos Caetanos, número vinte e dois e o Exmo. Senhor Doutor João Guimarães Rosa, residente no Ministério das Relações Exteriores - Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro- Brasil.

Daqui em diante designados por, respectivamente Editor e Autor, é ajustado este contrato que fica regulado pelas cláusulas abaixo mencionadas:

1) O Autor garante licença exclusiva para editar em Portugal, para venda e circulação limitada ao continente e Ultramar Português, o seu livro:

Miguilim e Manuelzão

2) A tiragem da referida edição será de 3.000 (três mil) exemplares, mais 200 (duzentos) destinados à críticas e ofertas, não sendo estes últimos objeto de percentagem para o Autor.

3) Os “Direitos autorais” devidos ao Autor pela mencionada edição portuguesa são fixados em: 10 % sobre o preço de capa e serão liquidados no acto de lançamento da edição no mercado. O preço de capa será fixado pelo Editor.

4) O Editor pagará um adiantamento de US\$ 100,00 no ato da assinatura deste contrato que, ao ser assinado pelo Autor, comprovará a efetivação desse pagamento. Esta importância será descontada na liquidação a fazer-se com o lançamento da edição.

5) O Editor enviará gratuitamente ao Autor 20 exemplares da edição portuguesa.

6) O Autor garante ao Editor opção para a edição em Portugal de toda sua obra, editada ou a editar no Brasil.

E por assim estarem justos e contratados, assinam o presente em duas vias de igual teor e data, na presença de duas testemunhas que abaixo se subscrevem

Lisboa, 18 de março de 1963

O Editor

ASouzaPinto

O Autor

João Guimarães Rosa

Testemunhas

xxxxxxxx

Impresso; original; 1 folha, 30 x 22 cm., papel branco; datiloscrito (aqui sublinhados); autógrafos a tinta azul do Editor, Autor e Testemunha deste (ilegível); **carimbos**.

18. JGR > ASP, 26/03/63

Rio de Janeiro, 26 de março de 1963

Prezado Sr. Antonio de Souza-Pinto,

Na maior alegria, restituo-lhe, inclusa, firmada, uma das vias do contrato de edição de *Miguilim e Manuelzão*, que o Amigo me enviou, mais o cheque de 100 dólares, com sua carta, tão cordial, simpática e generosa, de 21 do corrente mês.

Principalmente, entusiasmos-me a sua nova disposição de meter o livro à frente de outros originais brasileiros já programados, tal é o seu empenho em publicá-lo brevemente. Isso me desvanece, de modo muito sincero, e levanta-me bem alto o ânimo. Por tudo, de coração, estou gratíssimo!

E, além do mais, fico ansioso de poder ver pronto *Miguilim e Manuelzão*, nessas edições tão bem feitas, sérias e cuidadas. Até hoje, aqui, todos a quem eu mostro o *Sagarana português*, não se cansam de louvar-lhe a elegante apresentação, com elogios e expressões entusiasmadas. Depois, saiba o Amigo que, de tudo o que até hoje escrevi, a estória do Miguilim é a minha pessoalmente preferida, o “Campo Geral”. E gosto de vê-lo em suas mãos competentes, à sombra de seu comprovado zêlo editorial e artístico. Gosto de saber que os meus amigos de Portugal vão dentro em breve conhecer aquele menino da mata. Obrigado. (*En passant*: creio que a melhor e mais aconselhável solução é deixarmos, no corpo do livro, cada uma das duas novelas com seu título original, apenas: “Campo Geral” e “Uma estória de amor”/ Festa de Manuelzão. Ao passo que o título *Miguilim e Manuelzão* ficaria só, e único, para o livro, tomado em conjunto. Penso que aí haveria certa originalidade: somente o título geral do livro é que estabelecendo uma ligação entre os dois personagens de duas novelas independentes. Estamos de acordo?)

Agora, tenho algumas boas notícias, para lhe comunicar:

1. - O *Grande Sertão: Veredas* nos Estados Unidos já está pronto. (*The devil to pay in the backlands*, aliás.) Tenho em mãos um exemplar, que o Alfred A. Knopf me mandou por correio aéreo. Está materialmente belo, magnífico, imponente, e a tradução me parece bem boa. Será lançado no próximo dia 15 de abril, simultaneamente em Nova York e em Toronto (pela *Random House*, do Canadá). Mas, desde há dias, estou recebendo cartas e telegramas de representantes, nos Estados Unidos, de editoras européias (inclusive Noruega, Finlândia, Suécia, Dinamarca e Holanda), solicitando opção. Tudo isso naturalmente muito me alegra; espero agora que Deus ajude e dê ao livro boa sorte.

2. - Saiu já, em fevereiro, em Milão, o *Il duello*, pela *Nuova Accademia Editrice S.p.A* (Trata-se da primeira parte do *Sagarana*, a ser publicado ali divididamente, e contém os contos “Duelo” e “A hora e a vez de Augusto Matraga”). Ainda não pude ver o livro, pois os exemplares que a Editora me enviou estão ainda em caminho. Faz parte da coleção “*I Gabiani*”. E, via de regra, as edições da *Nuova Accademia* são bem cuidadas e atrativas.

3.- A caminho, também, está uma antologia de Contos Latino-Americanos⁶⁶, preparada por Arne Lundgren, de Gothemburgo, que os traduziu para o sueco, e editada pela Norstedt & Söners Förlag, de Estocolmo. A antologia traz o conto “Duelo”, do *Sagarana*. E agora aquela editora quer opção para o *Corpo de Baile*. Respondi-lhes aconselhando também a publicação em 3 livros, como está fazendo a editora francesa ou como vai fazer agora a Livros do Brasil, Limitada

Têm saído na França outros artigos, muito elogiosos, muito bons, sobre o *Corpo de Baile*, isto é, sobre o *Les Nuits du sertão*. Em outra carta, quando o Amigo achar oportuno, enviar-lhe-ei trechos dos mesmos, com prazer.

Comoveram-me suas palavras, tão bondosas, sobre o que sentiu por não me ter sido possível dar uma chegada até aí, quando da minha última viagem. Creia, também lamentei, muito, não ter podido passar uns dias em Lisboa. Sempre gostei dos portugueses, e, das três vezes que aí estive adorei Portugal. Primeiro que tudo, a gente lusa, de alto a baixo, gente de muito coração e solidez de caráter. Depois... tudo. O ar, o céu, os fados, os mosteiros históricos, os vinhos, a comida – ah, um arroz-de-pato minhôto, as amêijoas, os ovos com chouriços, os berbigões, as lulas... a marmelada de Odivellas, os doces de ovos... e as frutas: as nêspas e uvas, os pêssegos. Comer, na primeira refeição da manhã, pão untado com o incomparável mel das abelhas do Algarve, nutridas com o pólen e o néctar das amendoeiras em flor... Mas, devo conter-me, aqui, que a gula se me desenfria. Melhor é pensar, com enriquecido espírito, com gratidão, nesses meus leitores e amigos, daí, que também me alegrarei muito de um dia poder conhecer em pessoa, e com eles falar. Fica tudo para a primeira e memorável ocasião, assim Deus pronto o permita.

Ainda uma vez, muito grato, por tudo e tanto, meu caro Souza-Pinto. Aqui fico, cordialmente,

Seu editado *e amigo*

a) *J. Guimarães Rosa*

João Guimarães Rosa

Datiloscrito; cópia carbono; autógrafo a tinta azul; 2 folhas, 25,5 x 20,5 cm., papel branco. 2 furos.

Anexo: Certificado de Registro. **Impresso**; n. 828, autógrafo a tinta azul; carimbos: “Palacio Itamarati GB”, “26 3 63”.

19. JGR > ASP, 27/04/63

Rio de Janeiro, 27 de abril de 1963

Prezado Amigo Senhor SOUZA-PINTO

⁶⁶ *Latin-Amerikanska berättare*. Stockholm, Norstedt & Soners Forlag, 1963.

Para começar, muito lhe agradeço a remessa dos 10 (dez) exemplares de *O mistério dos MMM*⁶⁷, recebidos em ordem. E felicito-o, cordialmente, pela magnífica apresentação do livro, que ficou distinto e atrativo. Como suas demais edições, tão artisticamente bem cuidado, já está este aqui a provocar justos elogios.

Ao mesmo tempo, e cumprindo o que lhe prometera, envio-lhe, junto, alguns recortes sobre o *Corpo de Baile*; espero que possam desde já ser-lhe de algum proveito, para a cobertura do nosso *Miguilim e Manuelzão*. E, a seguir, forneço-lhe alguns tópicos de outros artigos críticos, para a mesma possível finalidade:

- I -

“Guimarães Rosa é o mestre da palavra, como força expressional. Não é um sibarita do dicionário, gastando à-toa o ouro de seu tesouro. É um criador, que opulenta o idioma, com a dupla capacidade de valer-se de seus recursos e ampliá-los, à medida que vai deixando fluir da pena, sob a sugestão das serras, das figuras, dos tipos e dos bichos de suas Gerais, as narrativas bárbaras, nas quais alcança o universal, como Kipling, através do regional.

Corpo de Baile, depois da experiência do modernismo, que hostilizou a palavra como requinte de expressão estética, restabelece o poder verbal como suprema categoria literária. É esse o seu mais alto valor.”

(Josué Montello, “Corpo de Baile”,
in *Jornal do Brasil*, 14 de abril de 1956.)

- II -

“É bem destes livros que ninguém escreve sem provar uma voltagem de sensações de um grau incomensurável. Um livro que o autor tirasse do abismo de suas entranhas. Daí, a intensidade cheia de fogo, de tantas de suas páginas. Faz-se preciso, porém, primeiro um processo de adaptação do leitor. Acomodar êle não a sua atenção ou o seu espírito aos dramas esquivos que o livro retém: faz-se preciso acomodar a sensibilidade às inspiradas penetrações de sua linguagem, que ali se enriquece, nos trechos mais fortes de ritmos estranhamente novos; enriquece-se de uma obscura e inteira poesia, que acaba, se o leitor tem esse poder de acomodação, por hipnotizá-lo em muita parte. Ele já não compreende pela inteligência, compreende pelos sentidos.”

(Olivio Montenegro, “Corpo de Baile”,
in *Diário de Pernambuco*, 19 de agosto de 1956.)

- III -

“Poucas vezes tenho lido, em minha vida, páginas tão belas, de uma psicologia ao mesmo tempo tão doce, tão funda, tão pungente, quanto a história do Miguilim, o “Campo Geral” que abre o primeiro volume. Creio que ali o autor atinge o seu ponto mais alto; é um desses casos em que bastava a alguém escrever aquilo, numa existência inteira, para ter garantido um lugar definitivo - e que lugar! - na literatura da sua terra.”

(Rachel de Queiroz, “Corpo de Baile”
in *O Cruzeiro*, 30 de junho de 1956.)

- IV -

“Duas componentes novas surgem em *Corpo de Baile*, novas temáticas do Sr. Guimarães Rosa, que não havia ainda incluído as crianças, com seu mundo de conflitos

⁶⁷ Romance em colaboração com Lúcio Cardoso, Jorge Amado, Raquel de Queiroz e outros, do qual JGR escreveu o capítulo 7. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1962. Lisboa, Livros do Brasil, 1963. Coleção Livros do Brasil, vol. 57.

e ternuras, nem o sexo, com suas exasperações e seus gritos, entre os materiais de sua obra literária. E o primeiro conto acrescenta uma criança viva à população infantil brasileira, com a figura de MIGUILIM, um menino compassivo e bom, a viver num ambiente no qual a miséria negra e a ignorância lívida faziam parecer impossível o surgimento de sentimentos na escala do humano. A alma infantil, tão complexa e variada, alimenta-se de deslumbramentos e conflitos. A felicidade de cada criança é a confissão de que suas lutas têm sido superadas pelos deslumbramentos de seu coração. Esse MIGUILIM vivia em permanente conflito mas superava as aflições com seus deslumbramentos.”

(Dante Costa, “Corpo de Baile”
in *O dia*, 13 de março de 1956.)

- V -

“De *Sagarana* a *Corpo de Baile*, há uma linha de involução gramatical que representa a evolução literária do autor, em sentido artístico. O que precisamos compreender, portanto, para podermos sentir a grandeza e a beleza de *Corpo de Baile*, é que este livro não quer nos dar histórias fáceis e bem escritas, mas estórias agrestes e mal escritas, em que o polimento gramatical não neutralize o gosto natural das coisas.”

(Alvaro Rodhman “Estórias das Gerais”
in *Diário de São Paulo*, 27 de maio de 1956.)

- VI -

“Guimarães Rosa não é um escritor, é um demiurgo. A sua intenção não é contar uma história, mas criar um mundo em torno de um núcleo de inspiração, que deve surgir no seu espírito como a luz da gênese, clareando primeiro a escuridão sem forma. Em geral, o escritor cria ou anima personagens, que põe a viver num mundo criado por Deus. Guimarães Rosa não se contenta com isso. Quer mais. E como um demiurgo, toma em suas mãos a matéria do mundo de Deus e a refunde, para fazer tudo de novo, a começar da linguagem.

Tudo, portanto, é recriação, na sua obra. As criaturas humanas e os animais, os vegetais e os elementos, são todos recriados. O Autor absorve a matéria do mundo, mas, insatisfeito com a ordem natural, estabelece a sua própria ordem.”

(Herculano Pires, “Guimarães Rosa, o demiurgo”
in *Diário da Noite*, (São Paulo), 7 de abril de 1956.)

- VII -

“De *Sagarana* a *Corpo de Baile* vai grande distância. Não só no sentido da qualidade dos contos, embora os últimos revelem maior complexidade na estrutura, penetração psicológica ainda mais profunda e força sugestiva maior. A grande distância a que me refiro, é na própria linguagem que se percebe. O que tanto me agradara em *Sagarana*, agora se afirma com mais vigor e decisão. Guimarães Rosa soube, desta feita, alcançar uma homogeneidade perfeita, um engrenamento brasileiro impressionante do vocabulário com a sintaxe. Ainda não acabei de ler os dois alentados volumes de *Corpo de Baile*, mas desde já me sinto tomado por essa sensação de presença da obra prima.”

(Sérgio Milliet, “Corpo de Baile”
in *O Estado de São Paulo*, 20 de março de 1956.)

- VIII -

“Guimarães Rosa nous a apporté un monde nouveau, encore inconnu, il a déchiffré et transcrit pour nous les paroles du silence.”⁶⁸

(Roger Bastide, “Deux écrivains du Sertão”

in *Mercure de France*, Paris, março de 1960.)

- IX -

“É o que se intitula *Corpo de Baile*. Sei que vem sendo um acontecimento nas letras brasileiras. Como *Sagarana*, quando apareceu há dez anos, não é um livro qualquer: é um desafio e um experimento. Perturba. Às vezes arrepia. Não que seja uma sensação - a que ele causa - no sentido vulgar de sensacionalismo. De modo algum. Há alguma coisa de aristocrático na maneira do Sr. Guimarães Rosa ser escritor, que o impede de tornar-se sensacionalista ou resvalar em vulgaridade, mesmo quando mais arrojadamente experimental em suas aventuras de renovação de linguagem. Uma das inovações trazidas por seu livro de agora para as letras em língua portuguesa é a que consiste em redefinição do estilo por um escritor capaz de atrevimentos às vezes quase joyceanos, sem importar essa sua atitude em violência ao que há, ou parece haver, de essencial, na tradição dos melhores escritores portugueses e brasileiros. A qual é uma tradição marcada por aventuras de renovação, tocadas quase sempre pelo contacto com literatura ou cultura estranhas.

...

Por essa sua maneira de ser um jogo de contrários, em que só pela sutileza da arte o artista consegue vencer e comandar – mesmo quando finge ser vencido e comandado pelo falar da região do trópico brasileiro com que se identifica – o estilo do escritor Guimarães Rosa se impõe à melhor atenção dos que lêem literatura em língua portuguesa, sentindo nela o que é sensualidade de forma, harmonizada de modos diversos com a lógica da construção.”

(Gilberto Freyre “Um escritor experimental”

in *O Cruzeiro*, 4 de maio de 1957.)

Carta sem assinatura. Datiloscrito; cópia carbono; 3 folhas, 25,3 x 20,2 cm., papel branco; timbre: “CÓPIA”. 2 furos.

20. JGR > ASP, 07/05/63

Rio de Janeiro, 7 de maio de 1963

Prezado Amigo Senhor SOUZA-PINTO,

Sempre com prazer, torno hoje a escrever-lhe, para lhe pedir uma gentileza

Assim, quando fôr a ocasião de enviar-me os 20 exemplares do *Miguilim e Manuelzão* (parágrafo 5 do Contrato), rogar-lhe-ia o obséquio de mandar-me 14 apenas, mas expedindo cada um dos 6 exemplares restantes para:

1) Mr. Alfred A. Knopf

⁶⁸ “Guimarães Rosa nos trouxe um mundo novo, ainda desconhecido; ele decifrou e transcreveu para nós as palavras do silêncio.”

Alfred A. Knopf, Inc.
501 Madison Avenue
NEW YORK (22), NY

- 2) Mrs. Harriet de Onis
Univesity of Puerto Rico
RIO PIEDRAS
Puerto Rico/ Porto Rico
- 3) Mr. Arne Lundgren
Örngatan 25
GÖTENBORG - Ö
Sweden/Suécia
- 4) Frau Alexandra von Miquel
Verlag Kiepenheuer & Witsch
Rondorfer Strasse 5
KÖLN - MARIENBURG
Alemanha
- 5) Egregio Signore
Valerio Riva
Giangiacomo Feltrinelli Editore
Via Andegari 6
MILANO
Italia
- 6) Monsieur G. Bernau
Agence Théâtrale et Littéraire Tchecoslovaque
(DILLIA)
Vysehradská
PRAHA 2 - Nové Město
Praga/ TCHECOSLOVÁQUIA.

Grato, desde já, por essa fineza, valho-me da oportunidade para repetir-lhe
minhas cordiais lembranças, com a expressão de um apreço muito sincero

Seu
João Guimarães Rosa

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, 25,3 x 20,2 cm., papel branco; timbre: "CÓPIA". 2 furos.

21. JGR > ASP, 14/06/63

Rio de Janeiro, 14 de junho de 1963

Prezado Amigo Senhor SOUZA-PINTO,

Tenho hoje o prazer de trazer-lhe, em aditamento à minha carta de 7 de maio último, o pedido de que envie, na ocasião, um exemplar do *Miguilim e Manuelzão* também a:

Sr. Carlos Barral
Editorial SEIX BARRAL, S.A.
Provenza, 219
Apartado de Correos 5023
BARCELONA (8)
Espanha

*

Mrs. Else Mammen
Gyldendal Publishers
3 Klareboderne
COPENHAGEN
Denmark

*

Ficarão, assim, reduzidos a apenas 12 (doze) os exemplares a serem-me oportunamente remetidos, daquele nosso livro.

Com os melhores agradecimentos, com muito cordiais lembranças, subscreve-se
o

Seu

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha, 25,3 x 20,2 cm., papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.
2 furos.

22. ASP > JGR, 26/03/64

Lisboa, 26 de março de 1964

Prezado Dr. João Guimarães Rosa,

Tenho o prazer de lhe anunciar que foi hoje lançada em Portugal a edição do admirável *Miguilim e Manuelzão*⁶⁹, de que lhe remeto, por via aérea, um exemplar. Oxalá que a apresentação gráfica do volume vá ao encontro do seu gosto, e mereça, portanto, o seu agrado.

Só a contracção do mercado livreiro, provocada pela falta do poder de compra que caracteriza o mau período que estamos aqui atravessando, causou as delongas que atrasaram consideravelmente a publicação em Portugal deste seu belo livro. Espero agora que o ritmo de lançamento das suas obras restantes não sofra tão longa demora. O intervalo de saída dos volumes vai ser bastante menor.

Aproveito o ensejo para informar de que o crítico português Dr. Óscar Lopes⁷⁰ vai propor mais uma vez *Grande Sertão: Veredas* para o Prémio Internacional dos

⁶⁹ Lisboa, Livros do Brasil, 1964. Coleção Livros do Brasil, vol 61.

⁷⁰ Óscar Lopes(1917-) ensaísta e crítico literário. Pertenceu ao Partido Comunista Português. Depois da Revolução dos Cravos pode tornar-se professor da Faculdade de Letras do Porto. Escreveu em colaboração com Antonio José Saraiva *História da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Estudos Cor, 1966.

Editores⁷¹. Parece que este ano outras delegações vão apoiar igualmente a proposta. Faço os mais sinceros votos de que esse galardão literário lhe seja atribuído como é de plena justiça. Do que souber, quanto ao resultado geral, o informarei imediatamente por telegrama.

Remeto incluso um cheque para liquidação final dos direitos autorais relativos à *Miguilim e Manuelzão*. Por via marítima faço seguir 11 exemplares comprovativos da edição. Os sobrantes foram enviados em conformidade com as suas indicações, para os editores e agências autorais que indicou.

Desejo-lhe, prezado Amigo, Páscoas muito felizes, e boa saúde para poder continuar a sua obra, que é hoje a honra do Brasil e da literatura de língua portuguesa. Fico aguardando as suas notícias, e, até lá, subscrevo-me com a maior consideração e muita estima,

Atentamente
ASouzaPinto

P.S.

Cheque nº 340220 de US\$ 262,43
do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 27 x 21 cm., papel branco de seda. **timbre**.
2 furos.

23. JGR > ASP, 07/04/64

Rio de Janeiro, 7 de abril de 1964

Prezado Amigo Sr. António de Souza-Pinto,

Com sua carta cordial e simpática, de 26 de março último, estou recebendo o primeiro exemplar de *Miguilim e Manuelzão*, que teve a amável atenção de enviar-me por via aérea. Grande, sincera, é a minha alegria; e, por tudo, quero imediatamente trazer-lhe vivos agradecimentos.

Tal como timbram de ser todas as edições dessa Casa, o livro tem uma apresentação gráfica digna, moderna, acurada e bela, causando-me admiração e mesmo entusiasmo! Também outras pessoas, de bom gosto, que o viram, não lhe regateiam expressões de elogio, de louvor. Estou certo de que o cuidado que dedicou, pessoalmente, à feitura do volume, em muito há de contribuir para que o nosso *Miguilim e Manuelzão* encontre da parte dos leitores portugueses aceitação – o que me fará feliz. De coração, assim, congratulo-me com o Amigo.

⁷¹ Prix Formentor. Surgiu no hotel de mesmo nome, na ilha espanhola de Maiorca, no início dos anos sessenta, a partir de conversas poéticas e literárias, por iniciativa do editor de Barcelona Carlos Barral. Einaudi, Gallimard, Rowohlt e outros aderiram. Marcou a vanguarda em sua primeira década de existência. Para os autores premiados significava tradução e edição simultânea em dez línguas e distribuição em doze países, além da quantia em dinheiro. Em 1961 foi atribuído a Borges e Beckett.

Alegre-me, não menos, o que me informa, acêrca do ritmo de lançamento dos volumes restantes. Posso dizer-lhe que a saída de cada livro meu em Portugal me dá satisfação melhor que a publicação em quaisquer outros países.

Obrigado, também, pelo que me informa: de que o *Grande Sertão: Veredas* vai merecer a honra de ser mais uma vez proposto, pelo crítico português Dr. Óscar Lopes, para o Prêmio Internacional dos Editores. A ele, ao nobre Dr. Óscar Lopes, rogo-lhe muito transmitir minha palavra comovida.

Por intermédio do nosso amigo Consul Ayrton Diniz, remeter-lhe-ei, nos próximos dias, um exemplar do romance *Brejo Alegre*⁷², de Geraldo França de Lima que aqui vem tendo sucesso de venda e de crítica. Permito-me recomendar-lhe livro e autor, de cujo romance *Serras Azuis*, publicado anteriormente, e com 2ª. edição já no prelo, depois enviarei também um exemplar.

Com sua estimada carta, recebi igualmente o cheque (nº 340220, de US\$ 262,43, do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa) para liquidação final dos direitos autorais relativos a *Miguilim e Manuelzão*.

Retribuindo vivamente ao prezado Amigo os votos de boa saúde e felicidade, e dizendo-lhe o quanto me animam e estimulam suas expressões generosas e cordiais, com muita estima e a maior consideração sou

Seu,

João Guimarães Rosa

P.S. - Notícias daqui, são boas

A 3ª edição do *Grande Sertão: Veredas* saiu em dezembro. A 6ª edição do *Sagarana* saiu agora em março. A 2ª edição do *Primeiras Estórias* está saindo, esta semana. E o *Corpo de Baile* está com sua 3ª edição no prelo: também agora em três volumes, conforme sugeri e o José Olympio concordou.

*

No estrangeiro:

Alemanha – O *Grande Sertão: Veredas* sairá no segundo semestre deste ano, com o título *Grande Sertão*. O *Corpo de Baile* já está sendo traduzido.

França – O *Grande Sertão: Veredas* sairá no segundo semestre deste ano, com o título *Diadorim*.

O 3º terceiro volume do *Corpo de Baile* sairá logo depois; a tradução já está pronta.

O *Primeiras Estórias* já está sendo traduzido.

Itália – O *Corpo de Baile* sairá este ano, já está em máquina.

Estou assinando contrato com Feltrinelli, para o *Grande Sertão: Veredas*.

Estados Unidos – O *Sagarana* está sendo traduzido.

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, 25,3 x 20,2 cm., papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”. 2 furos.

24. JGR > ASP, 09/04/64

⁷² Publicado em 1963.

Rio de Janeiro, 9 de abril de 1964

Prezado Amigo Souza-Pinto,

Conforme anunciei, em minha carta de ontem, tenho o prazer de trazer-lhe às mãos um exemplar do livro *Brejo Alegre*, do romancista Geraldo França de Lima.

Aproveito também para lhe enviar 3 fotografias minhas, melhores.

Tenho recebido regularmente o *Boletim* dessa Editora, sempre com renovado prazer e grato sentimento.

Muito cordialmente, com toda a estima e consideração, o

Seu

João Guimarães Rosa

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha, 25,3 x 20,2 cm., papel branco; timbre em vermelho: "CÓPIA". 2 furos.

25. ASP > JGR, 22/04/64

Lisboa, 22 de abril de 1964

Prezado Amigo, Dr. João Guimarães Rosa,

Muito lhe agradeço as cartas que teve a amabilidade de me remeter, em 7 e 9 do corrente, bem como as três excelentes fotografias e o recorte que fez o obséquio de incluir e que serão de grande utilidade.

O facto de a apresentação gráfica desta edição portuguesa de *Miguilim e Manuelzão* ter ido ao encontro dos seus desejos enche-me de completo regosijo. Regosijo reforçado ainda pela circunstância de outras pessoas, como me diz, terem participado da mesma impressão. Bem-haja pelas suas palavras de amabilidade, caro Dr. Guimarães Rosa, e de generoso aplauso.

Acabo de receber *Brejo Alegre*, de Geraldo França de Lima. Entregá-lo-ei imediatamente à comissão de leitura, que o examinará com o maior interesse. Também por esta sugestão lhe estou muito grato

Recebi hoje da Seix-Barral, de Barcelona, um postal em que acusam a recepção de *Miguilim e Manuelzão*, que lhes remeti a seu pedido, como sabe. Prometem, no mesmo postal, comunicar a decisão do conselho de leitura. Parece-me que consideram o envio do livro como concessão de opção. Será isso assim? Ou dar-se-á o caso de o livro não estar livre para língua espanhola?

Vou procurar publicar na imprensa portuguesa o recorte do artigo que fez o obséquio de incluir na sua carta e que se me afigura de muito interesse para os seus leitores e admiradores de Portugal.

Agradecido por todas as suas atenções, subscrevo-me com a maior admiração e cordial estima *seu muito dedicado*

ASouzaPinto

(ANTÓNIO DE SOUZA-PINTO)

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 27 x 21 cm., papel branco; **timbre**; carimbo: “(ANTÓNIO DE SOUZA-PINTO)”. 2 furos.

26. > ASP, 22/05/64

Ilmo. Sr.
António de Souza-Pinto
Editôra “LIVROS DO BRASIL” Ltda.
Rua dos Caetanos, 22
LISBOA
Portugal

reg. 777.725

Grande Sertão: Veredas
data- nº reg.

Remetidos pelo correio em
22/5/64

Sebastião

Anotação. Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 22 x 16,5 cm., papel branco; timbre (no verso): SECRETARIA DE ESTADO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. 2 furos.

27. ASP > JGR, 03/07/64

Lisboa, 3 de julho de 1964

Caro Dr. Guimarães Rosa,

Remeto-lhe, por este correio, as 1^{as} primeiras provas da intervenção do crítico português Dr. Óscar Lopes na reunião do júri do Prémio Internacional dos Editores. Nessa intervenção, que, para o público leitor português, sairá numa revista de Lisboa, o Dr. Óscar Lopes defendeu, como o apoio do Dr. Mário Dionísio, como já é do seu conhecimento, o *Grande Sertão: Veredas* e a *Gabriela*, de Jorge Amado. O seu nome foi recebido com muita simpatia, e a delegação portuguesa tem esperança de que tão alto galardão internacional venha a ser atribuído, no próximo ano, ao seu belo romance.

Se me permite, dir-lhe-ei que, para esse efeito, seria óptimo que aparecesse a tradução francesa de tão excelente livro. Roger Caillois⁷³, que faz parte do júri, não

⁷³ Roger Caillois (1913 - 1978) poeta, ensaísta, durante os anos da Segunda Guerra morou na Argentina, onde conviveu com Victoria Ocampo e escritores ligados à Revista *Sur*, editada por ela. De volta à

conhece o *Grande Sertão: Veredas*, embora as suas obras já traduzidas em francês lhe sejam familiares. Calculo as dificuldades da tradução mas o ideal seria que a edição francesa não tardasse muito. E quem sabe se o Knopf, que julgo representado no Prémio, não poderia remeter aos membros do júri (exceptuando os portugueses, claro) a versão norte-americana de *Grande Sertão: Veredas*?

Releve-me todas estas sugestões, que são a consequência da muita admiração que tenho pela sua obra, e do natural desejo de a ver mais largamente difundida em todo o mundo. Ao mesmo tempo, peço-lhe que aceite o testemunho da muita admiração e simpatia de quem se subscreve

ASouzaPinto
a)Souza-Pinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul e a lápis; 1 folha, 27 x 21 cm.,; papel branco; **timbre**. 2 furos.

28. ASP > JGR, 08/07/64

Lisboa, 8 de julho de 1964

Prezado Dr. João Guimarães Rosa,

Com as melhores saudações, incluo o texto datilografado da entrevista concedida pelo Dr. Óscar Lopes ao programa *Paisagem Intelectual*, que, sob patrocínio da “Livros do Brasil”, Rádio Clube Português lança para o ar todas as semanas e que é escutado em todo território nacional.

Permito-me chamar a sua atenção para uma passagem da entrevista radiofônica em que é referida a questão da edição francesa de *Grande Sertão: Veredas*, problema de que já lhe falei na minha carta anterior.

Sem outro assunto de momento, peço-lhe que aceite os mais cordiais cumprimentos de quem se subscreve com a maior admiração

ASouzaPinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 27 x 21 cm.; 1 folha, papel branco; **timbre**. 2 furos.

29. texto de entrevista radiofônica

Paisagem Intelectual

Número: V

França, dirigiu na Editora Gallimard a coleção La Croix du Sud. Traduziu Borges, Neruda, Octavio Paz. Esteve algumas vezes no Brasil: temporadas em Petrópolis em 1941, novamente em 1949 e ainda no início dos anos setenta. Foi alto funcionário da UNESCO. Em 1948, Brito Broca o procurou em seu escritório na sede da organização para uma conversa sobre literatura sul-americana, republicada em: Brito Broca. *O repórter impenitente*. Coord. Alexandre Eulálio. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 116 - 119. Pertenceu à Academia Francesa.

data: 2/julho/1964

O PRÉMIO INTERNACIONAL DE LITERATURA

Indicativo

Paisagem Intelectual

Um programa patrocinado por Livros do Brasil

Música

No desejo de informar seus ouvintes sobre as manifestações culturais, que vão prendendo a atenção de um público cada vez mais numeroso, RCP apresenta uma notícia sobre o acontecimento mais importante do mundo das artes e das letras.

Música

O PRÉMIO INTERNACIONAL DE LITERATURA

Realizou-se em Salzburgo, na Áustria, a 3ª reunião do júri para atribuição do Prémio Internacional de Literatura, instituído por treze editores de diversos países. As reuniões anteriores tiveram lugar em Formentor, na ilha de Maiorca, e em Corfu, na Grécia.

Portugal esteve representado em Salzburgo por dois escritores e críticos literários de autêntico valor: Mário Dionísio e Óscar Lopes.

Interessados em chamar a atenção dos editores estrangeiros para as obras mais significativas escritas em Língua Portuguesa os representantes lusitanos propuseram a candidatura de dois escritores portugueses e dois brasileiros.

Mário Dionísio⁷⁴ propôs o *Barranco dos Cegos*, de Alves Redol⁷⁵, e *As Palavras Poupadas*, de Maria Judite de Carvalho⁷⁶. Óscar Lopes propôs em primeiro lugar o *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, e ainda, *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado - dois grandes nomes da literatura brasileira divulgados entre nós pela editorial Livros do Brasil.

Contudo, o prémio foi atribuído ao livro *Les fruits d'or*, de Natalie Sarraute⁷⁷. Mas não foi em vão que os representantes de Portugal lutaram pela validade da literatura de língua portuguesa. Muito de positivo conseguiram eles. A semente foi lançada. O principal romance de João Guimarães Rosa, admirável prosador brasileiro, de estilo vigoroso e poético, de inspiração universal, falando ininterruptamente da terra e do homem, - vai ser traduzido em francês, graças à intervenção de Óscar Lopes. E é um dos candidatos mais prováveis do próximo ano.

⁷⁴ Mário Dionísio (1916 - 1993), escritor (poesia, contos, romance, ensaio), pintor, professor, crítico de literatura e artes plásticas. Desde 2009 seus arquivos e biblioteca estão reunidos na Casa da Achada/ Centro Mário Dionísio, Rua da Achada, n.11, Mouraria, Lisboa. Escreveu autobiografia.

⁷⁵ António Alves Redol (1911 - 1962), romancista, foi ligado ao Partido Comunista Português. Seus primeiros romances eram marcados por preocupações sociais. A começar de *Barranco dos Cegos*, considerado o melhor, aquelas preocupações dão lugar a questões existenciais das personagens.

⁷⁶ Maria Judite de Carvalho (1911 - 1969), escritora, jornalista.

⁷⁷ Nathalie Sarraute (1900 - 1999), romancista, dramaturga, autora de *Tropismes*, *Enfance* (autobiografia). Seu *Les fruits d'or*, Paris, Gallimard, 1963, tem por tema as reações de um leitor à ascensão e queda do prestígio de um romance de mesmo título.

Música

Para satisfazer a natural curiosidade dos nossos ouvintes, pedimos a Óscar Lopes que viesse aos nossos microfones para esclarecer pessoalmente um assunto de tão grande interesse. O escritor acedeu ao nosso pedido.

Música

1ª Pergunta

Queria pedir-lhe que nos dissesse em duas palavras qual é a organização do Prémio Internacional de Literatura.

Resposta

Patrocinado por um conjunto de editores de diversos países (de momento são doze países, mas o número virá a aumentar, abrangendo não só europeus e americanos, mas também de outros continentes) o Prémio Internacional de Literatura foi já desta vez atribuído por cerca de cinquenta críticos de dezessete países, e discutiu setenta e duas obras, previamente seleccionadas por sete secções desses críticos (incluindo a secção luso-hispano-sul-americana a que pertença). O voto é por secção, e não individual, para evitar o predomínio dos países mais ricos, cujos editores custeiam uma equipe naturalmente mais numerosa e especializada de críticos (incluindo, por exemplo, orientistas, como acontece com a Delegação norte-americana).

2ª Pergunta

Há, portanto, uma independência absoluta de juízo crítico...

Resposta

Não há nada de absoluto sob a rosa do sol... Claro que eu não aceitaria ser membro do júri se, pessoalmente, me não sentisse livre. E, por isso senti-me em Salzburgo tão livre como quando, por exemplo, participei dos trabalhos do júri do Prémio Camilo Castelo Branco, ou como quando fiz parte do júri do Prémio Lins do Rego instituído pela editorial Livros do Brasil... Mas também acho que a independência de juízo, por exemplo, exige inteira liberdade e segurança de informação... Ora, a Delegação portuguesa verificou que a maioria dos membros do júri estava pouco informada sobre as literaturas de língua portuguesa ... Refiro-me, em especial, à literatura portuguesa... Porque o romance que eu propus de Jorge Amado era um *best-seller*, sobretudo na Alemanha e nos Estados Unidos...

3ª Pergunta

E quanto a João Guimarães Rosa?

Resposta

Ora, aí está... apesar das suas peculiaridades de estilo, que fazem com que seja tido como uma espécie de Aquilino Ribeiro⁷⁸ do Brasil, não se poder dizer que Guimarães Rosa seja um desconhecido fora do domínio linguístico português. A *Sagarana*⁷⁹, e novelas extraídas do *Corpo de Baile*, como o “Miguilim e Manuelzão”, têm já tradução francesa, e graças a estes dois livros (que aliás o público português também conhece em edições de Livros do Brasil), a candidatura que eu propus teve o apoio caloroso da Delegação francesa, pela voz de Roger Caillois. Roger Caillois apontou Guimarães Rosa como um caso único na ficção sul-americana. No entanto, o romance proposto,

⁷⁸ Aquilino Ribeiro (1885 - 1963) tem uma obra vasta entre romances, novelas, crítica literária. Na linguagem de sua ficção aliam-se o rústico e o erudito. Suas memórias estão em *Um escritor confessa-se*.

⁷⁹ Apenas o conto “A hora e a vez de Augusto Matraga” tinha sido traduzido.

Grande Sertão: Veredas, tinha apenas uma tradução inglesa recente. Mesmo assim, o resultado obtido foi compensatório: ali mesmo, em Salzburgo, deu-se o primeiro passo para a tradução francesa imediata do livro. E ele figurou entre as obras escolhidas na primeira votação, que não era decisiva, mas era eliminatória. Uma honra que partilhou com mais uma meia dúzia de livros, e que, concretamente, significa isto: tinha por si a unanimidade de uma das sete secções do Júri, além de votos dispersos e perdidos entre as outras secções. Como o livro pode ser ainda proposto em 1965, visto ainda então não se terem completado dez anos de edição original, estou convencido de que, graças a João Guimarães Rosa, a ficção de língua portuguesa poderá, então, vir a ser distinguida com esse Prémio.

4ª Pergunta

E acha que realmente o autor de *Sagarana*, *Miguelim e Manuelzão* e *Grande Sertão: Veredas* está no nível da melhor ficção mundial contemporânea?

Resposta

Tanto quanto me é dado conhecer o melhor da ficção mundial contemporânea, através das candidaturas ao Prémio, não tenho grandes dúvidas a esse respeito. As razões do que digo poderão ser desenvolvidamente conhecidas, lendo,? no último *Seara Nova*, o texto de minha comunicação em Salzburgo. Muito em resumo, limitar-me-ei a dizer o seguinte: Guimarães Rosa tira do português falado no Brasil, nomeadamente no Sertão, um partido poético comparável ao do melhor inglês de James Joyce, ao dos prosadores mais acertadamente audaciosos das línguas mais lidas. E, como ficcionista, consegue, no *Grande Sertão: Veredas*, realizar esta proeza: pôr em termos actuais e brasileiros, e de um modo que impressiona, que nos empenha pessoalmente, o tema do *Fausto* de Goethe⁸⁰, isto é, o tema do pacto com o Diabo. E não sabia que todos temos um pacto com o Diabo? – Pois leia, e verá... Além desse tema, actualiza também o grande tema de *Oréstia* de Ésquilo⁸¹, vem a ser: o tema da legitimidade da vingança, incluindo qualquer forma de castigo ou repressão... a gente acaba de ler o romance, e parece que a nossa experiência se enriqueceu extraordinariamente, parece que a nossa responsabilidade pessoal se tornou mais aguda. Fica-nos na cabeça o principal estribilho do narrador, que é um antigo cangaceiro, um antigo chefe de bando no Sertão. Diz ele constantemente e cada vez de modo mais persuasivo, ao longo de sua história: Viver é perigoso. Diabólicamente perigoso! Além disso é um romance cheio de ação, de episódios intensamente dramáticos nas lutas entre bandos de jagunços, um romance em que de vez em quando nos achamos em pleno maravilhoso, mas um maravilhoso real, autênticos momentos de céu ou então de inferno na terra, uma suma do homem, de toda as facetas do homem, nas condições do Grande Sertão brasileiro, amplo como todo um continente. Sob este aspecto, o romance é, por assim dizer, a actualização da *Divina Comédia*⁸², ou ainda da epopéia bárbara: da *Cid*, *El Campeador*⁸³ ou da *Chanson de Roland*⁸⁴. E isto sem deixar de assimilar as mais modernas técnicas de narração, sem deixar de ser um romance de hoje: por exemplo, no *flashback*, isto é, na maneira de saltar para trás e para a frente, no tempo, a fim de obter os melhores efeitos de ritmo narrativo e de alternância entre os seu temas, este romance não fica nada a dever ao chamado *nouveau roman* francês ou alemão. Devo, no entanto, advertir os que neste momento me ouvem e porventura venham a se interessar por Guimarães Rosa: as primeiras páginas do livro

⁸⁰ Johann Wolgan von Goethe (1749 - 1832)

⁸¹ Ésquilo (525 a.C - 456 a.C.)

⁸² *Divina Comédia*

⁸³ *Cid, el Campeador*

⁸⁴ *Chanson de Roland*

podem descorçoar quem não esteja acostumado ao estilo do autor, às suas ousadias estilísticas, aliás muito oralmente brasileiras, e especialmente sertanejas. Eu aconselharia que, seguindo a ordem de elaboração da sua obra, já agora notabilíssima, lessem primeiro o *Sagarana*, e *Miguilim e Manuelzão*, ou ainda a última novela de *Corpo de Baile*, chamada “Buriti”, que tanto entusiasmou a crítica francesa. Aliás tem sido esta a ordem, em geral, das suas edições fora do Brasil, como creio já ter sugerido ainda há pouco.

5ª Pergunta

Sabemos que vai brevemente ao Brasil fazer uma série de conferências. Qual é o tema e o objetivo da sua viagem?

Resposta

Faço parte de um grupo de conferencistas que vai realizar em seis universidades brasileiras um curso sobre o romance português contemporâneo. A mim compete-me abordar as tendências realistas actuais. O curso é financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Escuso de dizer-lhe que me sinto muito feliz com esta oportunidade. Esforçar-me-ei tanto, no Brasil, por despertar um maior interesse pela ficção realista portuguesa, como em Salzburgo me esforcei por que se prestasse a atenção merecida ao autor de *Sagarana*, *Miguilim e Manuelzão* e *Grande Sertão: Veredas*.

Muito obrigada, Óscar Lopes. Julgo que os nossos ouvintes estão completamente esclarecidos.

Música

Ouvimos *Paisagem Intelectual* – um programa patrocinado por LIVROS DO BRASIL

Música

Texto de programa radiofónico, datado, com perguntas em páginas separadas das de respostas (aqui reunidas em sequência).

perguntas: datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, 30,5 x 21 cm., papel branco.

Intervenção do remetente: autógrafo a lápis vermelho, canto superior direito da folha 1: “*Enviada a G. R.*”, seguido de rubrica ilegível. 2 furos.

respostas: datiloscrito; cópia carbono; 3 folhas, 29,5 x 21 cm., papel branco.

Intervenção do destinatário:

a tinta vermelha, folha 1, sublinhado: de “Roger Caillois ... sul-americana.”;

a tinta vermelha, folha 2, sublinhado: de “A gente... aguda.” e “em que de vez em quando... facetas do homem,”;

a tinta vermelha, margem inferior esquerda da folha 2 e margem superior esquerda da folha 3, destacado com traço vertical: de “deixar de assimilar... os que neste...”. 2 furos.

30. JGR > ASP, 09/07/64

Rio de Janeiro, 9 de julho de 1964

Caro Sr. Souza-Pinto,

Recebi a carta, de 3 do corrente, com que me remete as primeiras provas da intervenção⁸⁵ do Dr. Óscar Lopes na reunião do júri do Prêmio Internacional dos Editores. Comove-me, e nem sei como bem agradecer seu cordial interesse e esse tão afetuoso empenho!

Quanto às suas lúcidas sugestões, já estou cuidando de as pôr em prática. Levarei a idéia -- de remeter o livro aos membros do Júri -- ao Knopf, para a versão americana do *Grande Sertão: Veredas*, à Albin Michel para a edição francesa, e à Kiepenheuer & Witsch para a edição alemã. Felizmente, a edição francesa (sob o título de *Diadorim*) e a alemã (com o título de *Grande Sertão*) já estão no prelo, em fase adiantada, devendo ambas sair a público no outono, isto é, em setembo ou outubro.

A respeito do PRÊMIO, permita-me aqui, confidencialmente, transcrever cópia de uma carta, dirigida por Roger Caillois a um amigo meu, brasileiro, que ora serve em Paris, na UNESCO, e que teve a bondade de dela enviar-me cópia:

*M. Machado*⁸⁶

Guimarães Rosa a eu un succès remarqué au Prix International des Éditeurs les 29 avril - 3 mai derniers. Il a été présenté par trois delegations sur sept.

Les Éditions Gallimard, par qui la France est représentée au jury, tiendraient beaucoup à avoir une option sur les ouvrages libres et futurs de cet auteur. A mon avis, il devrait normalement avoir le Prix dans une de toutes prochaines années.

Peuvez-vous lui expliquer la portée de l'enjeu pour son oeuvre et pour la littérature brésilienne. Sans compter son montant (10.000,00 US\$), ce prix constitue la récompense internationale la plus importante après le Prix Nobel et la seule dont les deliberations soyent publiques (et même télévisées).

*Merci d'avance et amicalement complice avec lui et vous,*⁸⁷

a) Roger Caillois

Alegrei-me, e muitíssimo, ao ler a Intervenção do dr. Óscar Lopes, verdadeiro estudo, amplo, poderoso, profundo, e, principalmente, nobre, generoso. Merecer uma apreciação como essa, sinceramente o digo, já é ter um rico prêmio. Ao Dr. Óscar Lopes, assim como ao Dr. Mário Dionísio, rogo-lhe o obséquio de repetir meu comovido agradecimento. Emocionando-me, também, e talvez mais que tudo, ver como é Portugal, por tão eloqüentes e autorizadas vozes, que está persistentemente lutando, a

⁸⁵ Não foram localizadas no Arquivo.

⁸⁶ Lourival Gomes Machado (1917 - 1967). Crítico de arte, ensaísta. Foi um dos fundadores da Revista *Clima* e participou da criação do Suplemento Literário de O.E.S.P. Foi diretor do Departamento de Assuntos Culturais da UNESCO. Uma carta de JGR (07/07/64) a Mário Calábria, que quando cônsul em Munique colaborou com o tradutor alemão do escritor, vai com três anexos: 1. reprodução de Carta de ASP > JGR (03/07/64); 2. reprodução da mesma carta de Roger Caillois a Lourival Gomes Machado; 3. um escrito para Meyer-Clason. Ver Bussolotti, 1997, p. 398 - 402

⁸⁷ Guimarães Rosa teve um sucesso notável no Prêmio Intenacional dos Editores nos dias 29 de abril a 3 de maio últimos. Ele foi apresentado por três das sete delegações./A editora Gallimard, que representa a França no júri, estaria muito inclinada a ter uma opção sobre as obras livres e futuras deste autor. Na minha opinião ele deveria normalmente receber o Prêmio num próximo ano. Poderia explicar-lhe o alcance disto para sua obra e para a literatura brasileira. Sem falar no montante (10.000,00 US\$), este prêmio constitui a recompensa mais importante depois do Prêmio Nobel e a única cujas deliberações são públicas (e até televisionadas)./Grato antecipadamente e amigavelmente cúmplice com ele e com você, / a) Roger Caillois. (tradução minha).

fim de obter o galardão internacional para um autor brasileiro, para a literatura do Brasil. Deus lhe pague.

E que notícias me dá do nosso *Miguilim e Manuelzão*? Está correspondendo bem ao carinho que o Amigo dedicou a sua publicação?

Aqui, também, o *Corpo de Baile* está em vésperas de sair (a 3ª edição). Em 3 livros, autônomos, dissociado. Os 3 sairão este ano, com curtos intervalos. O 1º já está em segundas provas, e o 2º em primeiras provas; e já em composição o 3º.

O 1º é igual ao nosso *Miguilim e Manuelzão*, apenas o título, para maior variar, foi alterado. *Manuelzão e Miguilim*, se bem que a ordem das duas novelas (“Campo Geral” e “Uma estória de Amor”) seja a mesma do volume.

O 2º terá o título: *No Urubuquaquá, no Pinhém*, e contém três contos (“O Recado do Morro”, “Cara-de-Bronze” e a “Estória de Lélío e Lina”. (Nessa mesma ordem.)

O 3º, com o título de *Noites do Sertão*, conterà duas novelas: “Dão Lalalão” e “Buriti”.

Tão pronto fiquem prontos, remeter-lhe-ei, um por um.

Sempre, e mais uma vez, minha palavra é de agradecimento, forte, de gratidão. Com a melhor estima, com a amizade

do

Seu

Guimarães Rosa

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, 25,3 x 20,2 cm., papel branco; timbre em vermelho no verso: “CÓPIA”; transcrição da carta de Caillois com recuo à direita. 2 furos; rasgos nas folhas 1 e 2, canto inferior direito.

31. ASP > JGR, 24/07/64

Lisboa, 24 de julho de 1964

Prezado Dr. João Guimarães Rosa,

Muito lhe agradeço a sua carta de 9 do corrente, à qual não respondi há mais tempo devido ao facto de só agora haver recebido a relação dos editores e membros do Júri do Prémio Internacional de Literatura. Tomo também a liberdade de lhe transcrever uma parte da carta do Dr. Óscar Lopes que, para o efeito, tem bastante interesse: “*Devo informar que o quadro de membros de cada secção nacional (ou plurinacional) do Júri se tem alterado de ano para ano, em regra ligeiramente. Em cada secção há normalmente um especialista para cada língua ou família de línguas, pelo que a solução mais cómoda seria endereçar os volumes ao Secretário Geral do Júri, Jaime Salinas, Editorial Seix Barral, Provenza 219, Barcelona (8), Apartado de Correos 5023, ou então a cada editor mencionado na lista. É, no entanto de notar que qualquer membro é, em geral, um crítico com apreciável audiência, e que entre os que se interessam por literatura brasileira se contam Roger Caillois, Hans Mayer, Gianfranco*

Contini, Angelo Rippellino, José Castellet, Fernando Morán e Mario Vargas Llosa. Estes últimos, incluindo mesmo Llosa, que é peruviano, têm dificuldade em ler Guimarães Rosa no original: se a tradução francesa for boa, valia a pena enviar-lhe.”

Quero também comunicar ao meu estimado Amigo que o Dr. Óscar Lopes deverá partir em 31 de Julho para o Brasil, fazendo conferências no Rio, Belo Horizonte, São Paulo, Porto Alegre, Brasília, Fortaleza, Bahia e Recife.

Além disto, também o informo de que acaba de me chegar um pedido de opção, de três semanas, sobre *Miguilim e Manuelzão*, da parte da casa alemã F. A. Herbig-Verlagbuchhandlung (Walter Kahnert) – 1, Berlin 33 – Grunenwald – Hohenzollerndamm 132.

Enviei hoje mesmo um exemplar de leitura, mas especifiquei que não estava certo de que os direitos para língua alemã se encontrassem livres. Acrescentei, por isso, que ia dirigir-me ao meu ilustre Amigo e pedir-lhe que entrasse em contacto direto com a editorial de Berlim sobre o assunto. Faço votos por que este pedido de opção possa ser o início de mais uma edição de *Miguilim e Manuelzão*.

Agradeço-lhe a prova de confiança que revela a transcrição da carta de Caillois. Evidentemente, a Du Seuil é-lhe decerto simpática, mas a Gallimard é, como sabe, uma editora de maior dimensão e cujos lançamentos não são realizados com menos cuidado. Receio que o meu caro Amigo não tenha neste momento qualquer título disponível para ceder à Gallimard. Mas sempre haverá um livro futuro e talvez até, quem sabe?, um novo romance, já que o *Grande Sertão* vai sair na Albin Michel.

Miguilim e Manuelzão começa a atingir uma penetração que *Sagarana* não atingira. A Imprensa portuguesa está a publicar os artigos que o meu caro Amigo fez o obséquio de remeter oportunamente.

E, nesse sentido, vou fazer-lhe novo pedido. O Rádio Clube Português, pela estação de Miramar, dando cobertura a Portugal inteiro, transmite um programa literário, patrocinado por esta casa e com um óptimo nível de auditores. Poderia o meu prezado Amigo gravar aí uma entrevista, à velocidade de 7,5 – se possível – sobre *Sagarana* e *Miguilim e Manuelzão*, e as suas demais obras, para ser transmitido por esse programa? Estamos fazendo o mesmo com Herberto Sales⁸⁸, cujo *Além dos Marimbus* vai sair. Sales conseguiu fazer vir pela mala diplomática a fita gravada. Espero, portanto, que os seus já numerosos admiradores portugueses possam ter dentro em breve o prazer de o ouvir, além do prazer que já têm de o ler.

Fico aguardando as suas estimadas notícias e, entretanto, peço-lhe que aceite as mais cordiais saudações de quem muito o admira e se subscreve

Muito Atentamente

ASouzaPinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 2 folhas, 27 x 21cm., papel branco; **timbre**. 2 furos.

Anexo: relação dos membros do Júri do Prêmio Internacional de Literatura, edição de Salzburgo, 1964 datiloscrito; original; 2 folhas, 27 x 21cm.; papel branco; **timbre**. 2 furos.

32. ASP > JGR, 12/10/64

⁸⁸ Herberto Sales (1917 - 1999, romancista, contista, jornalista. Membro da ABL. No Brasil *Além dos Marimbus* foi publicado em 1961.

Lisboa, 12 de outubro de 1964

Prezado Dr. Guimarães Rosa,

Com os melhores cumprimentos, venho enviar-lhe um recorte de um artigo de Alfredo Margarido⁸⁹, “João Guimarães Rosa e o sentido da Modernidade Brasileira”, agora surgido no *Jornal de Notícias*⁹⁰ do Porto e que certamente gostará de ler.

Sem outro assunto de momento, aceite as saudações muito cordiais de quem muito o admira e estima, e se subscreve

Muito atentamente

ASouzaPinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 27 x 21cm., papel branco; **timbre**. 2 furos.

33. ASP > JGR, 23/02/65

Lisboa, 23 de fevereiro de 1965

Prezado Dr. Guimarães Rosa,

Soube recentemente, por intermédio do Sr. Dr. Boulitreau Fragoso, Embaixador do Brasil em Lisboa, que talvez desse um pulo a Portugal, aproveitando a sua estadia em Roma para vir respirar um pouco do nosso ar e gozar o sol magnífico que tem havido.

Por infelicidade, não lhe foi possível deslocar-se aqui. E digo infelicidade pois seria, para mim, um prazer verdadeiro poder conhecê-lo pessoalmente e tê-lo aqui comigo na pequena casa lusitana, -- pequena mas sempre aberta aos amigos.

Da próxima vez não deixe, porém, de vir. E, se puder, venha ainda este ano. Se aqui chegar em fins de Maio, começos de Junho, a sua visita coincidirá com a inauguração de uma livraria que vou abrir na rua mais central do Porto. Será, mais que uma livraria, um centro de convívio luso-brasileiro na velha capital do Norte. Bem gostaria que fosse um dos primeiros, senão o primeiro dos escritores brasileiros a baptizar esta tertúlia onde o Brasil terá, mais uma vez, lugar de eleição.

Entretanto, comunico-lhe que *A Aventura nos Campos Gerais* se encontra no prelo. Será lançado por todo o mês que vem. E, ao mesmo tempo que lhe dou a boa nova peço-lhe um favor. Para realizar a promoção dos lançamentos de autores brasileiros, aqui em Portugal, temos feito entrevistas radiofónicas que são difundidas em todo o país, através de um programa que “Livros do Brasil” patrocina no Radio Clube Português, e se denomina *Paisagem Intelectual*. São entrevistas curtas, com duração de mais ou menos 15 minutos gravados à velocidade de 7,5 minutos em fita magnética. Já

⁸⁹ Poeta, organizou pequena coletânea, *Doze jovens poetas portugueses*. Pertenceu ao grupo que fazia oposição a Salazar.

⁹⁰ *Jornal de Notícias*, fundado em 1888, circula até hoje e é o segundo maior do país.

tivemos uma de Agrippino Grieco⁹¹, outra de Herberto Sales. Érico Veríssimo também está a preparar uma dessas entrevistas. E, no sector de autores europeus, vamos abrir a série com a personalidade prestigiosa de Vasco Pratolini.

Creia que seria um gosto muito grato para os seus leitores e admiradores portugueses o poderem ouvi-lo de viva voz. Certamente não lhe será difícil gravar aí no Brasil uma “conversa” para um quarto de hora, à qual acrescentaríamos aqui as perguntas apropriadas, se não houver um entrevistador entre os jornalistas seus amigos. Se conhece o Alves Pinheiro, do *Globo*, esse poderia ser, entre muitos, o jornalista indicado.

Fico aguardando o favor das suas boas notícias. E, até lá, envio-lhe os mais cordiais cumprimentos de quem se subscreve, com a maior admiração e

Muito Atentamente

ASouzaPinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 2 folhas, folha 1: **timbre**, folha 2: numerada no canto superior direito: “2”; 27 x 21 cm., papel branco. 2 furos.

34. ASP > JGR, 06/04/65

Lisboa, 6 de abril de 1965

Prezado Amigo, Dr. João Guimarães Rosa,

Por um lamentável lapso, decorrente do facto de ter se ausentado o empregado que se encarrega do sector “contratos”, foi lançada a edição de *A Aventura nos Campos Gerais*⁹² sem ter sido previamente estabelecido o contrato, como é de uso.

Pedindo-lhe que me releve o sucedido, apresso-me a enviar-lhe o contrato para assinatura, nas condições normais, e um cheque de \$413,17 dólares para regularização da totalidade dos direitos da edição.

Espero que tenha recebido o exemplar de *A Aventura nos Campos Gerais* que lhe foi remetido por via aérea logo que o volume foi lançado em Portugal. Oxalá que a apresentação gráfica do seu belo livro não tenha desmerecido do texto e seja de acordo com o seu gosto.

Reiterando o meu pedido de desculpa do aborrecido e inédito lapso ocorrido com o contrato, peço-lhe que aceite as melhores saudações de quem muito o admira e estima e se subscreve

Muito Atentamente

ASouzaPinto

⁹¹ Agrippino Grieco (1888 - 1973), crítico literário, autor de *Evolução da prosa brasileira*, Rio de Janeiro, Ariel, 1933; *Evolução da poesia brasileira*, Machado de Assis, Rio de Janeiro, José Olympio, 1947 e 1959, respectivamente. Escreveu memórias.

⁹² Lisboa, Livros do Brasil, 1965. Coleção Livros do Brasil, vol. 64. (Corresponde ao *No Urubuquaquá, no Pinhém*, segundo volume da terceira edição de *Corpo de Baile*, Rio de Janeiro, José Olympio 1965.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 27 x 21cm., papel branco; **timbre**. 2 furos.

35. Contrato A aventura nos Campos Gerais

Contrato de edição

Entre Livros do Brasil, Limitada, com sede em Lisboa, na rua dos Caetanos, número vinte e dois e o Exmo. Sr. Doutor. João Guimarães Rosa, residente no Ministério das Relações Exteriores -- Palacio do Itamaraty, Rio de Janeiro -- Brasil,

Daqui em diante designados por, respectivamente Editor e Autor, é ajustado este contrato que fica regulado pelas cláusulas abaixo mencionadas:

1) O Autor garante licença exclusiva para editar em Portugal, para venda e circulação limitada ao continente e Ultramar Português, o seu livro:

A Aventura nos Campos Gerais

2) A tiragem da referida edição será de 3.000 (três mil) exemplares, mais 200 (duzentos) destinados à críticas e ofertas, não sendo este último objeto de percentagem para o Autor.

3) Os direitos autorais devidos ao Autor pela mencionada edição portuguesa são fixados em: 10 % sobre o preço da capa, e serão liquidados no ato de lançamento da edição no mercado; o preço de capa será fixado pelo Editor.

4) O Editor pagará a totalidade dos direitos autorais devidos, no acto da assinatura deste contrato que, ao ser assinado pelo Autor, comprovará a efetivação desse pagamento.

5) O Editor enviará gratuitamente ao Autor 20 exemplares da edição portuguesa.

6) O Autor garante para o Editor opção para a edição em Portugal de toda sua obra, editada ou a editar no Brasil.

E por assim estarem justos e contratados, assinam o presente em duas vias de igual teor e data, na presença das duas testemunhas que abaixo se subscrevem.

Lisboa, 20 de março de 1965

O Editor

O Autor

ASouza Pinto

João Guimarães Rosa

Testemunhas

Leonor Lima de Freitas de Souza Victorino

Maria Augusta de Camargo Rocha

Impresso; original; datiloscrito (aqui sublinhados); datiloscrito, acima de “um adiantamento de”, coberto por xxx...: “a totalidade dos direitos autorais devidos,”; datiloscrito, sobre “Esta importância será descontada na liquidação a fazer-se com o lançamento da edição”: xxx...; autógrafo a tinta azul: do Editor, Autor e Testemunhas; 1 folha, 30 x 22 cm., papel branco, **carimbos**.

Anexo: Aviso de Lançamento. **Impresso** contábil da casa, datado: 6/4/65; preenchimento datiloscrito: “Dr. João Guimarães Rosa”; “RIO DE JANEIRO”, “Pela primeira tiragem da obra de sua autoria “A AVENTURA NOS CAMPOS GERAIS”; 1 exemplar 40\$00

36. ASP > JGR, 1/05/65

Lisboa, 1 de maio de 1965

Prezado Embaixador Guimarães Rosa:

Disse-me há pouco o Ministro Donatello Grieco⁹³, no decorrer de uma conversa, que o meu prezado Amigo terá notado, na edição portuguesa de *A Aventura nos Campos Gerais*, um certo número de gralhas que o desgostaram. Muito lamento igualmente o sucedido, e ficar-lhe ia muito grato se fizesse o favor de as assinalar, a fim de para o assunto chamar a atenção do revisor, profissional competente mas, evidentemente, sujeito a claudicar como qualquer outro.

Espero que, entretanto, tenha recebido a carta de 6 de Abril passado, na qual remeti o cheque de \$413,17, relativo aos direitos autorais, bem como o contrato, que, desta feita, e por ausência accidental do funcionário encarregado desse departamento, não foi enviado na ocasião devida, o que, novamente, lhe peço me releve.

Esperando ter brevemente o prazer das suas notícias, peço-lhe que aceite os mais cordiais cumprimentos de quem muito o admira e estima e se subscreve

Muito Atentamente

ASouzaPinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 27 x 21 cm., papel branco; **timbre**. 2 furos.

37. JGR > ASP, 12/05/65

Rio de Janeiro, 12 de maio de 1965

Prezado Sr. Souza-Pinto,

Perdoe-me, e muito, somente agora poder responder, de uma vez, às suas boas, cordiais e importantes comunicações – de 23 de fevereiro, 6 de abril, e 1 de maio, últimos. Mas, foi que estou saindo de séria doença infecciosa, aguda, que me prostrou durante quase um mês, com febre alta, obrigado a tomar antibióticos. Parece que tive uma gripe, fortíssima, da que aqui estão chamando de “a russa”, complicada porém com

⁹³ Donatello Grieco, diplomata.

uma erisipela no rosto e na cabeça, que, na verdade, assustou-me. Aliás, desde fevereiro, quando regressei da Itália, eu passava mal de saúde, o que me impediu de ir até Lisboa, atendendo ao convite que me fez e transmitiu o meu grande amigo Embaixador Boulitreau Fragoso, e como seria tão do meu agrado. Já estava a prejudicar-me, insidioso, o foco da infecção, que depois veio a declarar-se aqui. Compreenda assim, rogo-lhe, o tolhimento completo em que me vi, e, não menos, a angustiosa pausa que sofria, por não poder antes responder-lhe. Mas é o que agora faço, com vivo prazer .

Recebi, com verdadeira alegria, o exemplar de *A Aventura nos Campos Gerais*, gentilmente enviado por via aérea. Como os volumes anteriores, este me agradou plenamente, achei-o belíssimo, feito com o esmero e gosto que caracterizam as publicações da Editora. Também ele tem tido elogios calorosos, das pessoas a quem o tenho mostrado. Sinto-me envaidecido e estimulado, por ter já 3 livros lançados aí, e pelos quais sou-lhe grato. Congratulemo-nos, pois, sincera e festivamente. E muito, muito obrigado, por tudo.

Recebi, igualmente, o cheque de \$ 413,17 dólares, para regularização da totalidade dos direitos da edição. Gratíssimo.

E ainda o contrato, do qual vai restituída, aqui, uma das vias, depois de assinada devidamente.

A respeito do que lhe disse o Ministro Donatello Grieco, sobre as “gralhas”, quero retificar que a observação se referia ao volume anterior, o *Miguilim e Manuelzão*, no qual, de fato, aquelas se faziam notadas, de certo modo. De fato, o texto de *Miguilim e Manuelzão* é bem mais arrevesado e difícil que o do *Sagarana*, de dar assim dor de cabeça a qualquer revisor. Logo que dispuser de algum tempo, procederei a uma releitura do livro, anotando as falhas de revisão, que lhe enviarei. Mas, creia, de qualquer modo o volume me trouxe grande satisfação, e está realmente belo e cuidado na sua apresentação gráfica.

Quanto a *A Aventura nos Campos Gerais*, ainda não me foi possível a leitura, por motivo da doença. Apenas, passando os olhos, aqui e ali, deparei com um engano, cuja correção, em eventual nova edição, me parece importante, e que, por isso, aqui assinalo:

à página 185, linha 13,

onde se lê: “*Quer sono, não tem sono*”

corrigir para: “*Quer sono, não tem sonho*”.

Depois, logo que o possa, farei também uma leitura do livro, inteiro, marcando quaisquer pontos. Mas, desde já, alegra-me poder dizer-lhe que a minha impressão, inicial, é de estar *A Aventura nos Campos Gerais* muito mais livre de gralhas que o *Miguilim e Manuelzão*. E isto é motivo para estarmos ainda mais satisfeitos.

Creia, também lamentei muito não ter podido dar um pulo a Portugal em fevereiro; e as palavras amigas de sua carta aumentam o meu pesar. Depois disso, porém, tive de recusar também um convite para ir até Paris, como pensara antes ir, e, na ocasião, então, passar pelo menos uma semana em Lisboa. Mas a doença atrapalhou tudo. Enfim, há de haver outros ensejos, se Deus quiser, para que eu possa realizar essa visita, que meu espírito pede e o coração deseja.

Daqui a dias, com melhor vagar, remeter-lhe-ei outros artigos, sobre o *Corpo de Baile*. Por enquanto, ainda me sinto um pouco combalido, para o trabalho de reuni-los; e o período de impedimento fez acumular uma porção de obrigações e trabalhos, em retardo, a que tenho agora de atender.

Tenho recebido regularmente o magnífico *LBL*⁹⁴, o Boletim Bibliográfico, em que me vejo sempre mencionado, alegrando-me a feliz transcrição de artigos críticos sobre meus livros. Nunca é demais agradecer-lhe também por esta atenção.

E, esperando continuar, sempre mais e mais cordialmente, a nossa agradável conversa, peço-lhe aceitar as melhores lembranças e os sinceros cumprimentos do seu, muito amigo e grato,

P.S. – Veja, o meu reconhecimento não cessa: estou recebendo, agorinha mesmo, com seu atencioso cartão, o recorte de *O Diário de Lisboa*⁹⁵, com o excelente artigo sobre a *Aventura nos Campos Gerais!*...

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, 25,3 x 20,2 cm., papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”. 2 furos.

38. ASP > JGR, 27/05/65

Lisboa, 27 de maio de 1965

Prezado Sr. Embaixador Guimarães Rosa,

Estou-lhe muito grato pela sua carta, tão amável e amiga, de 12 do corrente, agora recebida. Jamais pensei que a sua falta de notícias se devesse a outros motivos que não fosse um impedimento imperioso. Imaginei, porém, que se tratasse de ausência do Brasil, por motivo de serviço ou razões de caráter literário. Ignorava totalmente que a sua saúde não andasse bem. Lamento-o sinceramente, e faço os melhores votos para que o seu restabelecimento seja pronto e completo, e que em breve possa vir retemperar-se neste clima ameno. Conheço recantos do País que são verdadeiros santos milagrosos para qualquer enfermidade. Assim que puder não deixe de me dar o gosto de o conhecer pessoalmente e de poder tê-lo entre nós, apresentando-o aos seus admiradores portugueses que, pouco a pouco, vão aumentando.

Mais uma vez lamento as gralhas que macularam o *Miguilim e Manuelzão*, e *A Aventura nos Campos Gerais*. Desde já lhe agradeço o favor de remeter, quando puder, um exemplar corrigido da edição portuguesa de ambos os livros, a fim de emendarmos o texto em edição futura.

Renovo os melhores votos de boas melhoras, e entretanto, peço-lhe que aceite o cordial abraço *do seu muito grato*

P.S.

Sob capa separada envio
hoje para o correio os
últimos recortes recebidos.

ASouzaPinto

⁹⁴ Boletim publicado pela Livros do Brasil LDA.

⁹⁵ *O Diário de Lisboa*, fundado em 1920, teve entre os colaboradores de Fernando Pessoa a José Saramago; José Cardoso Pires chegou a ser diretor. Sua sede era no Bairro Alto. Foi extinto em 1990.

39. ASP > JGR, 16/02/66

Lisboa, 16 de fevereiro de 1966

Exmo. Sr. Embaixador João Guimarães Rosa,
da minha maior consideração:

Não sei se já estará ao par do assunto que me leva a regressar à sua presença, o que, aliás, faço sempre com grande prazer. Tenho trocado impressões com vários amigos, pareceu-me que seria boa solução pedir ao Alexandre Eulálio⁹⁶, aquando de sua recente passagem por Lisboa, que sobre o problema lhe escrevesse de Roma. Mas, conexamente com essa carta⁹⁷ que o nosso amigo Alexandre Eulálio lhe terá escrito, e em ligação com a carta do Dr. Óscar Lopes, que juntamente remeto, pareceu-me de bom conselho falar-lhe também do caso, embora a título particular e confidencial.

Suponho que sabe que o Dr. Óscar Lopes, um dos melhores críticos literários portugueses, tem defendido devotamente o *Grande Sertão: Veredas* no júri do “Prémio Internacional de Literatura”, de que faz parte. No ano passado foi-lhe recusada autorização para sair do País a fim de comparecer na reunião do júri, embora, como verá pela carta junta, ele se tivesse comprometido a regressar a Portugal e a abster-se de quaisquer críticas à actual situação política portuguesa. Apesar desse compromisso, que, em princípio, lhe fora exigido como condição para ele obter o necessário visto de saída no passaporte, verificou-se finalmente a recusa de autorização para se ausentar, pelo que o Dr. Óscar Lopes não pode comparecer na reunião do júri. O relatório em que pugnava pelo *Grande Sertão* foi lido por um colega espanhol, mas no debate, não houve aquela defesa viva e calorosa que seria necessária para fazer pender a balança no sentido desejado.

Receamos que este ano o Dr. Óscar Lopes volte a ser impedido de sair do País, para comparecer, desta vez, em Rhode Island. Estou persuadido, plenamente persuadido, de que, a ser-lhe concedida autorização de saída, ele respeitaria o compromisso de se abster de críticas ao actual regime português e a quaisquer de seus actos. Estou igualmente convicto de que o Dr. Óscar Lopes regressaria a Portugal, onde tem a sua família, a sua casa, os seus interesses profissionais, visto que, e por maior surpresa que o facto possa causar-lhe, o Dr. Óscar Lopes é professor do ensino secundário oficial, em exercício, num dos principais liceus do País.

O assunto é, bem sei, melindroso. Mas o fato de o Dr. Óscar Lopes continuar a exercer sua profissão sem quaisquer dificuldades, leva-me a pensar que todos estes obstáculos decorrem de um mal-entendido e não de um temor real de que a comparência do Dr. Óscar Lopes nas reuniões do “Prémio Internacional de Literatura” possa a vir a prejudicar a política do regime.

⁹⁶ Alexandre Eulálio (1932 - 1988), erudito, autodidata, escreveu numerosos ensaios, artigos, resenhas, prefácios, nas áreas da crítica literária, história, música, pintura; colaborou em roteiros de cinema, fez curadoria de exposições. Publicou *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*, São paulo, Imprensa oficial, 1978.

⁹⁷ O fundo JGR guarda um bilhete de Alexandre Eulálio endereçado ao escritor, de 17/04/64. Não há evidência que a carta tenha sido recebida.

Pensando na importância que a atribuição do “Prêmio Internacional de Literatura” teria certamente para a justa expansão e o acrescido prestígio da sua obra, cuido que seria bastante vantajoso que o Dr. Óscar Lopes pudesse defender *Grande Sertão* em Rhode Island. E, dadas as relações que o ilustre Amigo tem na vida diplomática brasileira, cuidei, e cuidou também o Dr. Óscar Lopes, que talvez lhe fosse possível realizar uma diligência que aplanasse decisivamente as dificuldades. A atribuição do Prémio redundaria, ao cabo de contas, em benefício da comunidade cultural Luso-Brasileira, da área linguística em que se inscrevem os nossos dois Países.

Releve-me, caro Dr. João Guimarães Rosa, o incômodo que lhe estamos por certo causando. Mas a causa é-nos suficientemente grata para que não hesitemos em apresentar-lhe este apelo. Estou certo de que não deixará de o atender, na medida do possível, e ficando a aguardar as suas boas notícias, peço-lhe que aceite as saudações muito cordiais de quem muito o admira e se subscreve

Muito Atentamente

ASouzaPinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 2 folhas; 27 x 21 cm.; papel branco; **timbre**. 2 furos.

40. Oscar Lopes > JGR, 14/02/66

Rua dos Belos Ares, 185, Porto
14 de fevereiro de 1966

Exmo. Senhor João Guimarães Rosa:

Como provavelmente sabe, a reunião para decidir do Prix Internacional de Littérature realiza-se este ano, de 27 de abril a 4 de maio, em Rhode Island, U.S.A.

No ano passado, não pude comparecer em St. Raphael; a minha intervenção que, em nome da secção ibero-americana do Júri, propunha a candidatura de *Grande Sertão: Veredas* aos escrutínios finais, foi lida por um colega espanhol. Este ano de 1966 é o último em que, regularmente, se pode manter a candidatura do livro. Redigirei, como das outras vezes, um relatório, que decerto será lido também por outrem. Isso produz um pequeno efeito espectacular, mas que as agências nem sequer noticiam, porque a editorial portuguesa receia naturalmente represálias. O que, afinal, importa, no meio de tudo isso, é que não estarei presente ao debate decisivo. Ora, verdade verdadeira, a maioria dos membros do Júri não conhece a maioria dos livros, e orienta-se pelo que ouve dizer de um modo mais ou menos vivo. Em St. Raphael, não estava presente ninguém com conhecimento bastante de *Grande Sertão: Veredas* para replicar a um juízo leviano de Mary McCarthy⁹⁸, inspirado confessadamente, pela simples leitura de uma quarenta páginas da obra.

Eu sei que uma eventual atribuição do Prémio em nada aumenta ou diminui o seu valor. O que mais custa é perder-se uma oportunidade rara para que, através de *Grande Sertão: Veredas*, se atente nas literaturas de nosso domínio linguístico. Por isso me afoito a escrever-lhe, com duas perguntas enfiadas, que se seguem. Pergunto se está

⁹⁸ Mary McCarthy (1912 – 1989), escritora americana .

ao par disto: o editor italiano, Einaudi⁹⁹, levará a Rhode Island o crítico (suponho ter sido Luciana Stegagno Picchio)¹⁰⁰ que enviou também um relatório escrito a St. Raphael? E eis a segunda pergunta: poderá sugerir-me uma intercessão diplomática, por exemplo, que me facilite a ida a Rhode Island?

Para defender a candidatura do livro fui já, em 1965, (e em vão) até o limite das minhas possibilidades morais: entreguei na Polícia Internacional e de Defesa do Estado o compromisso escrito de regressar a Portugal, e de não manifestar o que penso e sinto acerca de certas coisas. Continuarei a fazer todo o possível por que outros partilhem o extraordinário enriquecimento espiritual que a sua obra me trouxe.

Respeitosamente,

Óscar Lopes

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 29,7 x 21 cm., papel branco.

Intervenção do destinatário: a lápis de cor, roxo, margem esquerda, linha vertical assinala o trecho: “*de Mary... obra*”, no fim do parágrafo. 2 furos.

41. ASP > JGR, 03/03/66

Lisboa, 3 de março de 1966

Exmº. Sr. Embaixador João Guimarães Rosa,
da minha maior consideração:

Em aditamento à minha carta de 16 de fevereiro passado, venho informá-lo, com os melhores cumprimentos, de que, segundo acaba de me comunicar o Dr. Óscar Lopes, a reunião do Júri do “Prix International de Littérature” em Rhode Island foi adiada, já não se efectuando de 27 de abril a 4 de maio próximos.

Além disso, a periodicidade do “Prémio” parece que vai ser alterada, deixando provavelmente de ser anual para se tornar bienal, e, nesta última hipótese, é duvidoso que possa continuar a apresentar-se a candidatura de *Grande Sertão: Veredas*, cuja data da 1ª edição é, salvo erro, 1956. Pelo atual regulamento é 1966 o último ano em que poderá ser proposto.

Afigura-se-me por consequência, que são de suspender quaisquer diligências que porventura estejam em curso.

Aproveito a oportunidade para o informar de que o Dr. Óscar Lopes vai realizar brevemente no Grupo de Estudos Brasileiros do Porto uma conferência sobre a sua obra. Se for publicada em volume terei muito prazer em a enviar.

Queira aceitar as mais cordiais saudações de quem muito o admira e estima e se subscreve

Muito Atentamente

⁹⁹ Giulio Einaudi (1912) fundou a editora do mesmo nome ao vinte e um anos, com um grupo de amigos.

¹⁰⁰ Luciana Stegagno Picchio (1920 – 2008), filóloga e crítica literária especializada em literaturas de língua portuguesa.

ASouzaPinto

(António de Souza-Pinto)

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul, 1 folha, 27 x 21 cm., papel branco; **timbre**. 2 furos.

42. ASP > JGR, 28/04/66

Lisboa, 28 de abril de 1966

Prezado Senhor Embaixador João Guimarães Rosa,

Faço sinceros votos por que sua saúde não esteja novamente a apoquentá-lo, e que seu restabelecimento dos incómodos do ano passado tenha sido total. Receio que assim não aconteça, tanto mais que não tenho tido a alegria de receber notícias suas, mau grado as minhas cartas de 16 de fevereiro e 3 de março do ano corrente.

Venho enviar-lhe o recorte de uma notícia publicada em *O Comércio do Porto*¹⁰¹ (23. 4. 66), relativa à conferência pronunciada pelo Dr. Óscar Lopes acerca de alguns aspectos da sua obra. Espera-se que o texto da conferência venha a ser brevemente publicado na íntegra, e então me apressarei a remetê-lo para os seus arquivos.

Ficar-lhe-ia muito grato se me enviasse mais recortes de artigos de jornais e revistas aparecidos aí no Brasil, acerca de alguns aspectos da sua obra. Seriam muito úteis para publicação no *Boletim Bibliográfico LBL* e nos jornais portugueses.

Fico aguardando as suas boas notícias, e, fazendo votos de excelente saúde, subscrevo-me com a maior admiração e

Muito Atentamente

ASouzaPinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 27 x 21 cm., **timbre**; **carimbos**. 2 furos.

43. JGR > Oscar Lopes, 15/05/66

Rio de Janeiro, 15 de maio de 1966

Muito prezado Senhor
Dr. Óscar Lopes:

¹⁰¹ *O Comércio do Porto* foi fundado em 1854, como um órgão da agricultura, comércio e indústria. Circulou até 2005.

Rogo-lhe, primeiro, perdoar-me o retardo com que respondo à sua carta de 14 de fevereiro. Foi que, logo seguir, em data de 3 de março, o nosso amigo Souza-Pinto tornou a escrever-me, no sentido de suspendermos as diligências acerca do Júri e do Prêmio, e, com isso, retombei na inércia epistolar, no caso um pouquinho desculpável. Com pouca saúde, e literalmente esmagado pela massa de responsabilidades e trabalhos no Ministério – agravados, nos últimos meses, pelo desentendimento (sobre a fronteira) com o Paraguai¹⁰² – minha vida tem sido um constante adiar e uma crescente angústia por causa dos deveres adiados, mesmo os mais gratos.

Tanto, aliás, tinha a dizer-lhe e expressar-lhe, de espírito e coração, que nada fácil me ficava fazer isso em carta. Por mais que a gente dê, em altos casos assim, tudo fica chôcho e pequeno, o que as palavras apagam, no formal, no convencional. Só posso lembrar-me, e comovido, do que tem tentado e feito, espontânea, incansável, admiravelmente, pelo meu livro, pela minha obra, pelo prestígio das “literaturas de nosso domínio linguístico”. Digo-lhe, minha gratidão é profunda; e minha admiração, maior, pelos elevados motivos porque o fez; minha profunda estima.

Agora, porém, estou recebendo daí, em recorte, o seu estudo publicado em *O Comércio do Porto* (10. V. 66) e que suponho seja a mesma Conferência, pronunciada em abril, no Grupo de Estudos Brasileiros, a respeito da qual o nosso amigo Souza-Pinto oportunamente me enviara um retalho. Li-o, reli-o, espantado, tocado, tomado da mais viva admiração, por ele inteiro, e em cada linha e letra. Estou a crer que, até hoje, nada mais lúcido e completo se escreveu sobre meus livros, nada tão importante. Outra vez agradeço! -- e nem imagina quanto.

Por isso mesmo, gostaria imenso de poder, daqui por diante, incluí-lo, à guisa de “Introdução”, nas edições do *Sagarana* feitas aqui no Brasil. Venho pedir, para tanto, seu consentimento, que me encheria de alegria. Se o tiver, estou certo de que o meu Editor, José Olympio, também se alegrará com a idéia. Além de tudo o mais, seu formidável trabalho é uma verdadeira “propedêutica”, um guia e roteiro de iniciação, para a leitura dos livros.

Neste caso, e desde já com os mais vivos agradecimentos, pedir-lhe-ia também dizer-me que título escolhe para o ensaio, para sob ele figurar definitivamente. Estou entusiasmado e feliz, com tão boa idéia que tive.

Tudo o mais, com sinceros votos por seu bem-estar e permanente presença a bem do espírito, da cultura, de Portugal e do Brasil, são os muito cordiais, sinceros agradecimentos, e lembranças
do

Carta sem assinatura. Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas; 25,3 x 22,2 cm., papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”. 2 furos.

44. JGR > ASP, 17/05/66

Rio de Janeiro, 17 de maio de 1966

Muito prezado Dr. Souza-Pinto
e bom Amigo,

¹⁰² Sobre a atuação de JGR no assunto Sete-Quedas ver carta dele a seu tradutor italiano (21/10/66). Bizzarri, p. 180.

Estou respondendo às suas estimadas cartas de 16 de fevereiro, 3 de março e 28 de abril. Como penitenciar-me de tanto retardo? Mas, posso jurar-lhe, minha vida tem sido, nos últimos meses, algo excentricamente terrível, em matéria de responsabilidades, quantidades de trabalho, sobressaltos e tarefas extenuantes -- tudo isto, pior ainda, agravado pelas deficiências da saúde. A literatura está parada, a correspondência, mesmo a mais grata, tudo. Mesmo hoje, faço um esforço, para escrever-lhe esta, tão devida. Perdôe-me, pois.

Tenho de agradecer-lhe, sempre, e muito. Não sei se as palavras muito me ajudariam nisto. Só consigo dizer-lhe que tudo o que tem feito, e suas cartas, tão cordiais, deixam-me fundamente comovido. Deus lhe pague.

Apesar de tudo, já reví um exemplar do *Miguilim e Manuelzão* (pelas gralhas), que pronto lhe remeterei; assim como terei o prazer de enviar-lhe novos recortes de jornais e revistas, que, para isso, já estou selecionando e separando.

Especialmente, quero agradecer-lhe o envio do recorte (*O Comércio do Porto*, 23. IV. 66) com a notícia referente à Conferência do Dr. Óscar Lopes. Ontem, remetido por um amigo brasileiro de passagem por Portugal, Dr. Plínio Doyle¹⁰³, recebi outro recorte, do mesmo jornal (10. V. 66) com o texto, na íntegra. Entusiasmou-me tanto, que tive, imediatamente, a idéia de, daqui por diante, fazê-lo figurar em todas as edições brasileiras do *Sagarana*, como “Introdução”. A este respeito, e solicitando-lhe a necessária autorização, estou escrevendo hoje diretamente ao Dr. Óscar Lopes. Ficaria indizivelmente feliz, se ele concordasse. E mesmo já tendo o texto, gostaria ainda de ter outro exemplar dele.

Creia, sou-lhe muito, muito grato.

Desejando-lhe tudo de bom, sinceramente,

Carta sem assinatura. Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha, 25,3 x 20,2 cm., papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”. 2 furos.

45. ASP > JGR, 15/06/66

Lisboa, 15 de junho de 1966

Exmo. Sr.
Embaixador João Guimarães Rosa
Palácio do Itamaraty
RIO DE JANEIRO (Brasil)

Meu caro Senhor Embaixador,

Com os melhores cumprimentos tenho o prazer de lhe enviar juntamente, na forma habitual, o contrato de *Noites do Sertão*, bem como um cheque de US\$ 100,00 como adiantamento sobre os direitos da edição portuguesa.

¹⁰³ Plínio Doyle (1906 - 2000), bibliófilo, foi advogado da editora José Olympio. Durante trinta e quatro anos reuniu seus amigos escritores nos “sabadoyles”, ao qual JGR compareceu uma vez. Foi diretor da Biblioteca Nacional. Ver autobiografia *Uma vida*, Casa de Rui Barbosa, 1999.

Igualmente remeto sob capa separada, pelo avião de hoje, as provas de granel de *Noites do Sertão*, correspondendo ao desejo que suponho ter manifestado por intermédio do nosso amigo comum Donatello Grieco, de proceder pessoalmente à revisão das provas das edições portuguesas dos seus livros. Muito grato lhe ficaria se pudesse fazer o favor de devolver o mais cedo possível estas provas revistas, pois a obra encontra-se nas máquinas e eu gostaria de a lançar em Portugal ainda antes do verão.

Renovando os seus agradecimentos antecipados, apresenta-lhe as mais cordiais saudações o amigo e admirador

ASouzaPinto
(António Augusto de Souza-Pinto)

anexo: cheque nº 371.496 de US\$. 100,00 do Banco Espírito Santo.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 1 folha; 27 x 21 cm.; papel branco, de seda; **timbre**.
Intervenção do destinatário: a tinta azul, sublinhado: “como adiantamento sobre”. 2 furos.

Contrato de edição

Entre Livros do Brasil, Limitada, com sede em Lisboa, na rua dos Caetanos, número vinte e dois e o Senhor Embaixador João Guimarães Rosa,

Daqui em diante designados por, respectivamente Editor e Autor, é ajustado este contrato que fica regulado pelas cláusulas abaixo mencionadas:

1) O Autor garante ao Editor licença exclusiva para editar em Portugal, para venda e circulação limitada ao continente e Ultramar Português, o seu livro:

Noites do Sertão

2) A tiragem da referida edição será de 3.000 exemplares, mais 200 (duzentos) destinados à crítica e ofertas, não sendo estes últimos objecto de percentagem a liquidar ao Autor.

3) Os “Direitos Autorais” devidos ao Autor pela mencionada edição portuguesa são fixados em: 10 % sobre o preço da capa, e serão liquidados no ato de lançamento da edição no mercado. O preço de capa será fixado pelo Editor.

4) O Editor pagará um adiantamento de US\$ 100,00 no ato da assinatura deste contrato que, ao ser assinado pelo Autor, comprovará a efetivação desse pagamento. Esta importância será descontada na liquidação a fazer-se com o lançamento da edição.

5) O Editor enviará gratuitamente ao Autor 20 exemplares da edição portuguesa.

6) O Autor garante para o Editor opção para a edição em Portugal de toda sua obra, editada ou a editar no Brasil.

E por assim estarem justos e contratados, assinam o presente em duas vias de igual teor e data, na presença de duas testemunhas que abaixo se subscrevem

Lisboa, 15 de Junho de 1966

O Editor

O Autor

João Guimarães Rosa

ASouzaPinto

Testemunhas:

Rogério xxxxxx

*William Agel de Mello*¹⁰⁴

¹⁰⁴ Willian Agel de Mello. Ao entrar na carreira diplomática, foi lotado no Serviço de Demarcação de Fronteiras, chefiado por JGR desde 1962. Publicou *João Guimarães Rosa. Cartas a William Agel de*

Impresso; original; datiloscrito (aqui sublinhados); autógrafos a tinta azul do Editor, Autor e da testemunha William Agel de Mello, autógrafo em parte ilegível a tinta preta; 1 folha; 30 x 22 cm.; **carimbos.**

47. ASP > JGR, 24/06/66

Lisboa, 24 de junho de 1966

Exmº Senhor Embaixador Guimarães Rosa,
e meu prezado Amigo,

Muito lhe agradeço a sua carta datada de 17 de Maio e hoje recebida, a qual se terá cruzado com a que tive o gosto de lhe remeter, enviando o contrato para a edição portuguesa de *Noites do Sertão* e o cheque relativo ao respectivo adiantamento, bem como as provas da edição lusíada do mesmo livro.

O envio das provas deve-se ao desejo que manifestou, de as rever pessoalmente, por intermédio de Donatello Grieco; receio contudo, que o seu estado de saúde lhe não consinta a revisão tipográfica do livro com a brevidade desejável, visto que a obra se encontra nas máquinas. Se assim fôr, fico-lhe muito grato se me fizer o obséquio de proceder à devolução das provas, cuja revisão será objeto dos maiores cuidados, como foi a de *Sagarana*. Por nada quereria que estivesse a forçar a sua saúde num trabalho que, provavelmente, lhe é penoso. Bem basta já a revisão que fez de *Miguilim e Manuelzão*, cujo exemplar corrigido fico aguardando e que de todo coração lhe agradeço vivamente.

Lamento que o nosso Amigo Plinio Doyle me tenha privado da glória de ter sido eu a colocar em suas mãos o recorte do estudo de Óscar Lopes sobre *Sagarana*. E contudo eu remeti-lho por via aérea. Oxalá se não tenha extraviado.

Vejo com a maior satisfação que este trabalho do distinto crítico lusíada lhe agradou vivamente. Faço hoje mesmo seguir para o Dr. Oscar Lopes a carta que lhe dirige, e estou certo de que ele terá o maior prazer em anuir à sua solicitação e que a sentirá como uma grande honra.

Breve lhe remeterei mais exemplares desse estudo, conforme deseja, e desde já lhe agradeço os recortes que o meu caro Embaixador Guimarães Rosa vai enviar.

Entretanto, e renovando os melhores votos de pronto restabelecimento, *abraça-o com amizade o seu admirador*

ASouzaPinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 1 folha, 27 x 21 cm., **timbre**, 2 furos.

48. ASP > JGR, 29/06/66

Mello. Cotia, Ateliê, 2003. Traduziu a Obra Completa de Federico García Lorca, editada pela Martins Fontes.

Lisboa, 29 de Junho de 1966

Exmº Senhor Embaixador Guimarães Rosa,
e meu prezado Amigo,

Com os melhores cumprimentos e votos de boas melhoras, venho remeter-lhe uma carta que o Dr. Óscar Lopes me confiou com o encargo de a fazer chegar às suas mãos, bem como os recórtres que teve a gentileza de solicitar.

Espero que, entretanto, haja recebido a carta, o contrato e o cheque que tive o prazer de lhe endereçar, assim como as provas de *Noites do Sertão*.

Fico aguardando as suas boas notícias e renovando os meus desejos de feliz saúde, peço-lhe que aceite as mais cordiais saudações de quem muito o admira e estima
e é o seu

ASouzaPinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 1 folha; 27 x 21 cm.; **timbre**. 2 furos.

49. Óscar Lopes > JGR, 23/06/1966

Exmo. Senhor
Escritor João Guimarães Rosa:

Li muito alvoroçado a carta que me enviou através do nosso comum amigo, Sr. Souza-Pinto, a quem ficarei também devendo a transmissão desta resposta. Espero que tenha lido o artigo d' *O Comércio do Porto* já no texto mondado de várias gralhas infelizes. Trata-se, não da conferência anteriormente proferida, pois ela não tinha texto escrito, mas de um resumo baseado em esquemas que então me serviram de apoio. Conto sobre tais esquemas redigir um ensaio, logo que possa.

Assim, e a propósito da suma honra que me dá ao propor-se juntar o artigo a futuras reedições da *Sagarana*, atrevo-me a um alvitre: se a próxima edição sair breve, o artigo ficará tal qual; se a re-impressão estiver prevista para depois de Agosto p.f., eu gostaria de retocar o texto, gostaria de acrescentar o equivalente a uma página datilografada. É que, por exemplo, quanto à concepção de vida imanente ao *epos* da sua obra e quanto aos poderes mitificantes do seu estilo guardo umas idéias impacientes nos meus apontamentos e que queria mobilizar desde já.

Seria escusado dizer-lhe que a leitura de qualquer dos seus livros me perturbou como raras vezes tem acontecido. Sinto a necessidade de me manter em *corps-à-corps* com eles.

Antes da sua tão honrosa carta recebi da Pontifícia Universidade de Porto Alegre o pedido para transcrição do artigo na sua respectiva revista.

Pelo que respeita ao Prix International de Littérature, estou às escuras. Nem mesmo sei se se tornou bienal, como me foi notificado. O que sei é que *Grande Sertão: Veredas* o honraria mais do que vice-versa.

Volto a agradecer-lhe, uma vez e muitas vezes, as suas tão animadoras palavras.

Seu mais óbvio e reconhecido admirador

Oscar Lopes

P. S.: Como título da recensão, serve qualquer coisa de simples. Por exemplo:

Uma leitura Portuguesa de Guimarães Rosa. Ou, se o editor quiser mais ênfase e explicitação: Mas a Epopéia ainda vive

O. L.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 2 folhas, numerada a segunda no canto superior direito: “2”; 21 x 13,5 cm., timbre no canto superior esquerdo: “ÓSCAR LOPES/ R. Belos Ares, 185 – Tel 61946/ PORTO”.

Intervenção do destinatário: carimbo, preenchimento autógrafo com a data de recebimento:

Recebido em 28/jun/1966

Respondido em __/__/__

50. JGR > ASP, 30/06/66

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1966

Meu caro Amigo,
Senhor Souza-Pinto,

De fato, as cartas de cruzaram; e, quando a sua, muito prezada, aqui chegou, eu estava em Nova York, aonde fui para tomar parte do XXXIV Congresso Internacional do P.E.N.¹⁰⁵ como convidado especial. Eu não poderia deixar de ir, da maneira como tudo se me apresentou. Estou chegando de lá, agora.

Com o maior prazer, restituo-lhe em anexo, devidamente firmado, o contrato de *Noites do Sertão*. E acuso recebido o cheque de US\$ 100,00 - como adiantamento – sobre os direitos de edição portuguesa do livro.

Pelo bondoso intermédio do nosso amigo Dr. Odylo Costa, filho¹⁰⁶, restituo-lhe aqui também as provas, como me pediu em sua carta (a segunda, de 24 de junho) agora igualmente recebida. O que houve, foi um equívoco, ou malentendido, do amigo comum Donatello Grieco. Eu dissera apenas ter havido “gralhas” no *Miguilim e Manuelzão*; mas não manifestei desejo de rever as provas pessoalmente, o que seria uma falta de confiança na minha excelente Editora. Aliás, sempre ouço dizer que os autores não são bons revisores de seus próprios textos... Enfim, de qualquer maneira, já com as provas aqui em mãos, teria o maior prazer em ajudar na revisão, como uma fase da mesma. Mas, realmente, isso tomaria algum tempo; não só porque, por causa da saúde e

¹⁰⁵ O P.E.N. Club Internacional (sede em Londres), fundado em 1913, tem diferentes seções locais; seu objetivo é reunir escritores de todos os países comprometidos com a paz e a liberdade e defender a livre circulação de homens e idéias. Concede Prêmio Literário, organiza congressos e intercâmbios culturais internacionais.

¹⁰⁶ Odylo Costa, filho (1914-1979), crítico literário, cronista, novelista, poeta. Maranhense, fez carreira de jornalista no Rio de Janeiro: atuou no *Jornal do Brasil*, nas revistas *O Cruzeiro* e *Senhor*, no rádio. Em 1965, viajou a Portugal, como adido cultural à Embaixada do Brasil. Lá publicou um livro de poemas. Uma de suas novelas foi traduzida para o alemão por Meyer-Clason.

dos trabalhos, a tarefa teria de ser cumprida devagarinho, mas também porque, com a minha viagem aos Estados Unidos, encontro cá muita coisa atrasada, à minha espera. Assim, para evitar maior atraso da edição, estando já a obra nas máquinas. Sei que o amigo dedicará a ela os maiores cuidados, e que o resultado nos alegrará. Por tudo, obrigado.

Logo que ponha aqui as coisas em alguma ordem, enviar-lhe-ei o exemplar revisto de *Miguilim e Manuelzão*, assim como os recortes que lhe prometi. Espero ainda fazê-lo no decorrer de julho.

Muito agradeço ao Amigo o encaminhamento da minha carta ao Dr. Óscar Lopes. Todos que aqui leram o trabalho dele se entusiasmarão com sua grandeza de crítico culto e arguto, sensível. O José Olympio se entusiasmou com a idéia de incorporá-lo às edições futuras do *Sagarana*, à guisa de Introdução. Creio que não poderia haver melhor.

AGORA, peço-lhe, ainda, um obséquio. O de mandar-me uma simples NOTA, de 6 a 12, ou 20 linhas, sobre a pessoa e personalidade literária do Dr. Óscar Lopes -- a qual deverá figurar, sob o trabalho dele, para melhor esclarecimento dos leitores brasileiros. Uma espécie de rápido resumo bio-bibliográfico. Gratíssimo.

E sou eu quem renovo e redobro agradecimentos, com muitos votos e o

Datiloscrito, cópia carbono, 1 folha, 25,3 x 20,2 cm.; papel branco, timbre em vermelho: "CÓPIA". 2 furos.

51. JGR > ASP, 27/07/66

Rio de Janeiro, 27 de julho de 1966

Muito prezado Amigo
Senhor SOUZA-PINTO,

Junto, como lhe prometi, estou enviando o exemplar de *Manuelzão e Miguilim* (perdão, alterei a ordem dos dois nomes) com as correções; pode ser que outras pequenas falhas me tenham escapado. Quanto aos recortes, espero remetê-los dentro dos próximos dias.

Mas, principalmente, muito lhe agradeço os recortes, tão gentilmente mandados, com a carta do Dr. Óscar Lopes. A este -- e pedindo-lhe desculpar-me não escrever diretamente, mas é que estou no momento esmagado por muitas tarefas, e não devo retardar o assunto -- peço transmitir, por bondoso favor, um recado, com minhas cordiais lembranças:

I.- Como a próxima edição do *Sagarana* vai ser preparada só depois do mês de agosto, seria interessante ele acrescentar ao artigo a página de que me falou, em sua estimada carta; ficamos aqui, entusiasmados, sempre mais, à espera, e renovando-lhe sinceros agradecimentos.

II.- Para título, o "MAS A EPOPÉIA AINDA VIVE" agradou muito, ao próprio José Olympio e ao Daniel, irmão dele. Alguém, na Editora, alvitrou, porém, também "NOVOS MUNDOS" --, expressão desentranhada do artigo, em sua primeira coluna. Concordaria, caso este prevalecesse aqui?

Agora, meu caro Amigo, acolha tôda a grata estima, os vivos votos e o melhor
abraço

do
seu

a) *Guimarães Rosa*

Datiloscrito; cópia carbono; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 25,3 x 20,2 cm., papel branco; timbre em vermelho: "CÓPIA". 2 furos.

52. Livros do Brasil > JGR, 05/09/ 66

Lisboa, 5 de setembro de 1966

Exmº Sr.
Embaixador Guimarães Rosa
Palácio do Itamaraty
Rio de Janeiro/Brasil

Prezado Sr. Embaixador Guimarães Rosa:

Na ausência do nosso director, Sr. Souza-Pinto, que se encontra de férias fora de Lisboa, devemos informar que, logo que recebemos a sua carta nos dirigimos ao Dr. Óscar Lopes, solicitando-lhe o completamento do estudo a inserir na próxima reedição brasileira do *Sagarana*, consultando-o sobre a sugestão feita no sentido da modificação do respectivo título.

Acabamos de ter conhecimento de que o dr. Óscar Lopes está preparando a versão final desse mesmo estudo, pelo que nos apressamos a trazer esse facto ao conhecimento de V. Exª.

Esperando termos em breve a oportunidade de regressar à sua presença, subscrevemo-nos com a maior consideração e,

Muito atentamente
LIVROS DO BRASIL, LDA.

xxxxxxxxxxxxx

Datiloscrito; original; autógrafo (ilegível) a tinta azul; 1 folha; 27 x 21 cm.; **timbre**, carimbo, acima do autógrafo: "LIVROS DO BRASIL LDA." 2 furos.

53. JGR > Odilo Costa, filho, 27/10/66

Rio, 27 de outubro de 1966

Querido ODYLO,

Estou recebendo, com pulo de alegria, o pacote que você odylicamente me mandou -- com os dois fresquinhos exemplares primeiros do *Noites do Sertão*¹⁰⁷, digo, quentinhos como cheirosos pães do forno: Odylo, gratamente exulto. Acolha estes meus sentimento e pensamento.

Achei o livro, fisicamente, uma beleza, com muita classe: e aliás, desde o primeiro, têm sido sempre assim os meus apresentados pela “LIVROS DO BRASIL”. Fazem tudo com viva elegância e gosto. Todos aqui o admiram.

Depois, com mais folga, escreverei ao nosso amigo Souza-Pinto, depois de reler “lambidamente” o belo nosso volume. Desde já, porém, muito pediria a Você levar de viva voz a ele o meu sincero abraço de congratulações e agradecimentos. Obrigado, Odylo.

Ao mesmo tempo, Você boamente entregaria ao Souza-Pinto estrs [sic] trechos, que aqui vão, de críticas, resenções ou notícias publicadas na França, sobre o *Noites do Sertão* (*Les Nuits du Sertão*). Penso que a editora poderá utilmente aproveitá-las, no necessário plano de publicidade.

Mais o

Datiloscrito, cópia carbono; 1 folha, 25,3 x 20,2 cm., papel branco, timbre em vermelho: “CÓPIA”. 2 furos.

54. ASP > JGR, 18/11/66

Lisboa, 18 de novembro de 1966

Exmº. Senhor Embaixador João Guimarães Rosa,
e meu ilustre Amigo:

Já tive o prazer de lhe enviar, ao cuidado da Embaixada do seu País em Lisboa, os primeiros exemplares de *Noites do Sertão*. O nosso bom Odylo Costa, filho também já me disse do agrado com que recebeu a edição lusitana deste seu belo livro. Sinto-me, naturalmente, feliz, pedindo-lhe que creia que as suas obras têm sempre da minha parte um carinho muito especial. Infelizmente os revisores pregam-nos às vezes a sua partida, mas tenho esperança de que, neste caso, o texto esteja fiel ao original.

Incluo um cheque de US\$ 312,82 para liquidação total dos direitos autorais. Releve-me a demora com que é remetido. Acontece, porém, que o serviço tem-se atrasado na Secção de Contabilidade, devido à circunstância de termos incorporado à Casa-Mãe toda uma organização livreira com estabelecimentos dispersos pelo País. A necessidade de remodelar os moldes em que até agora tem funcionado essa organização livreira e o afluxo de tarefas que assoberbam a Contabilidade central determinou o atraso verificado e que, estou certo, saberá desculpar.

Faço votos por que a sua saúde esteja inteiramente recomposta, e por que novas obras vão surgindo para delícia dos seus admiradores. Pela minha parte não as esquecerei nas programações da Coleção “Livros do Brasil” logo que surja uma primeira oportunidade na nossa linha editorial.

¹⁰⁷ Lisboa, Livros do Brasil, 1966. Coleção Livros do Brasil, vol. 66.

Fico aguardando o prazer das suas notícias, e, entretanto, peço-lhe que aceite as cordiais saudações do *admirador e amigo*

ASouzaPinto

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 1 folha; 27 x 21 cm.; papel branco de seda, **timbre**. 2 furos.

Anexo: Aviso de Lançamento. **Impresso** contábil com timbre da casa: “LIVROS DO BRASIL. EDITORES/ IMPRESSORES/ LIVREIROS. LISBOA, PORTUGAL”; datado: 18/11/66; preenchimento datiloscrito: “JOÃO GUIMARÃES ROSA”; “Rio de Janeiro”; “Nossa edição da obra de sua autoria: NOITES DO SERTÃO”. Abaixo, em colunas, os valores demonstrativos da liquidação da edição. valor do exemplar 40\$00

55. JGR > ASP, 27/01/67

Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1967

Meu caro Senhor Souza-Pinto,

Depois do involuntário hiato em nossa boa correspondência, tiro hoje para mim o prazer de retomá-la – reportando-me à carta, de 18 de novembro do ano passado, do prezado Amigo.

E começo por confirmar o recebimento dos dois cheques (respectivamente de US\$ 100,00 e US\$ 312,82 perfazendo o total de Esc. 12.000\$000) pelos direitos autorais de *Noites do Sertão*. Recebi, outrossim, os exemplares que me tocavam. Por tudo, muito quero agradecer-lhe. O livro saiu belo e, como as dos anteriores, a edição, cuidada com visível e especial carinho, deu-me viva satisfação. Obrigado

Até hoje não tive mais notícias do Dr. Óscar Lopes, a quem pedi enviar-me o acréscimo a seu estudo, que deverá abrir a próxima edição brasileira do *Sagarana*¹⁰⁸. Não seria demasiado incômodo cobrar-lhe esse complemento – e transmitindo-lhe também minhas cordiais lembranças? Ao mesmo tempo, consultamos sobre se lhe agradaria, para aquela Introdução, o título “Novos Mundos” – expressão desentranhada do texto e que entusiasmou a Editora José Olympio. Desde já muito lhe agradeço esta gentileza.

Mais uma vez, alegra-me poder expressar-lhe, com os invariáveis votos, a grata e sincera estima

do

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha, 22,8 x 20 cm., papel de seda rosa. 2 furos, marcas de “romeu e julieta”, oxidado.

56. ASP > JGR, cinco cartões

quatro **cartões de boas festas**

¹⁰⁸ A oitava edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1967, tem prefácio de Óscar Lopes.

Impressos diferentes, da Livros de Brasil; assinaturas autógrafas de Souza-Pinto; um deles datado: “1962”.

um cartão de visita

Impresso, preto sobre fundo branco:

“Antonio de Souza-Pinto

Director da Editorial Livros do Brasil

R. dos Caetanos, 22 Tel. 362621 -- 323170 Lisboa”;

autógrafo a tinta azul, acima de “Antonio de Souza-Pinto”: “*Com um cordial abraço do*”; rasura a tinta azul sobre: “Director”. Marca de cola no verso.

2.3. Com o tradutor francês Jean-Jacques Villard

2.3.1. Apresentação

Este lote de cartas -- tal como intitulado no Arquivo do IEB/USP -- é uma divisão da sub-série Correspondência com Tradutores, série Correspondência, do Fundo João Guimarães Rosa.

Cada um de seus quarenta e sete documentos¹⁰⁹ corresponde a uma carta de uma ou mais páginas, e sete deles contém anexos diversos: traduções de contos, historietas, trechos de críticas publicadas, sugestões de tradução de passagens de livro, rascunho de partes de carta enviadas pelo escritor.

A indexação das peças da correspondência por mim adotada difere da catalogação original no Fundo, em razão do deslocamento para cá de uma delas: a carta 16¹¹⁰, do autor ao editor, está onde ganha sentido. Daí o total de quarenta e oito documentos aqui apresentados. Os anexos mereceriam um estudo à parte, ou até vários pequenos estudos, tradutórios, genéticos, de recepção crítica; contudo deles só mencionei o teor, e mantive a descrição analítica.

Dada a origem do fundo atual, isto é, o arquivo pré-existente pertencente ao próprio escritor, vinte cartas recebidas por Rosa são originais, algumas em papel timbrado; vinte e seis enviadas por ele são cópias feitas a carbono; existe ainda um original de carta enviada pelo tradutor Villard a uma terceira pessoa, que chegou as mãos do escritor. Esse quase bilhete e mais a carta que dá início à correspondência são manuscritos, as demais são datilografadas.

O diálogo epistolar está inscrito já no tipo de arquivamento adotado na fase de formação do fundo privado¹¹¹. Foi o único praticado entre o escritor e o tradutor francês; embora Villard tenha manifestado várias vezes o desejo de conhecer a pessoa do autor que traduzia, o encontro entre os dois nunca aconteceu. Por outro lado, o

¹⁰⁹ Caixa 09, CT 1 a CT 47.

¹¹⁰ Caixa 01, CE 15 b.

¹¹¹ Ao que se sabe, os trabalhos técnicos sobre o fundo posteriores à sua compra pela instituição pública preservaram as linhas gerais da organização inicial, possivelmente a melhor. Os critérios de arquivamento poderiam ter sido outros: temático, remetidas /recebidas... Experimentei, por exemplo o rearranjo puramente cronológico das três sub-séries, mas não foi de grande proveito para a compreensão do conjunto.

tradutor menciona já na primeira carta conhecidos comuns e, nas posteriores, encontros que teve com pessoas do círculo de relações de Rosa, por indicação deste. Além desses contatos em comum no meio diplomático, havia, é claro, aquele ponto de intersecção de relações que se dava no meio editorial, e tem papel importante nessa correspondência.

Ela configura um espaço amplo onde se cruzam redes diplomáticas, editoriais, profissionais e pessoais. Veja-se por exemplo trecho de carta de Rosa a seu amigo e colega Guilherme de Figueiredo: *...se acaso, só se Você conhecer o Roger Caillois. e com ele acontecer de encontrar-se: então, insinue a ele, suave, discreta, diplomaticamente, que há muita probabilidade de vir eu a dar à Gallimard um próximo meu livro...*

Em contraste com a amplitude do espaço da escrita, a geografia da troca é bem limitada: Paris -- Rio de Janeiro. Duas viagens do tradutor foram motivo e justificativa para interrupção ou atraso da correspondência.

O ritmo é determinado pelos meios técnicos, até certo ponto; a julgar pelas datas e dados das missivas, usada a via aérea, o intervalo entre remessa e chegada era de uma a três semanas. Como no lote anterior (no qual se vê a via marítima reservada à remessa de exemplares), a mala diplomática, a carta para *a* dentro da carta para *b* e o “em mãos” também foram empregados. A temporalidade da troca, que se estende de julho de 1961 a abril de 1967, mostra uma intensificação cuja curva teve o ponto alto em 1964, ano que precedeu o da publicação de *Diadorim* pela Albin Michel. Vem a repercussão, boa. Segue-se um quase silêncio, com apenas um movimento, em fins de 1966, de Villard; é sinal de uma breve retomada, no ano seguinte.

Foi na época da publicação de *Diadorim* que na troca de cartas entre autor e tradutor inseriu-se uma outra, ancilar, destinada a facilitar ou completar a própria troca principal: as cartas enviadas por Rosa a seus amigos diplomatas Mauro Marques de Azevedo e Guilherme Figueiredo e a dois destinatários cujas cartas para Rosa são desconhecidas, chamados Franck [Teixeira de Mesquita] e Antonio [Mendes Viana].

Foi nessa época também que o relativo equilíbrio das missivas se alterou, as cartas de Rosa superando em número as de Villard.

O estudo desta correspondência com tradutor num trabalho que se propõe a enfocar a passagem de criação literária -- ou melhor, da obra literária -- ao livro impresso e editado, na língua em que foi escrito ou em outro idioma, fora do país de origem, justifica-se. Não bastasse ser a tradução ato fundamental na sequência deles que constitui o câmbio cultural, as cartas tratam de questões de edição, já que por meio delas

o tradutor passa a atuar também como uma espécie de representante do escritor junto aos editores; sua leitura supre de certo modo uma lacuna na sub-série Correspondência com Editores, no que se refere aos contatos de João Guimarães Rosa com as editoras francesas du Seuil e Albin Michel. Lacuna bem intrigante, a ser investigada.

Embora os documentos tenham interesse grande relativo ao processo tradutório propriamente, não parece ser ele o único móvel da troca de cartas, nem mesmo o principal.

Desde o início, Villard procura se qualificar como tradutor apto e apropriado, parece se bastar, e recorre ao autor somente para casos de nomes próprios de personagens, da recriação da dedicatória do *Grande Sertão: Veredas* a Aracy, das quadras e cantigas, e pouco mais. Nessa maior autonomia a correspondência se diferencia daquelas mantidas com Meyer-Clason (1958 a 1967), Harriet de Onís (1958 a 1966) e Edoardo Bizzarri (1959 a 1967).

O autor, em contrapartida, responde copiosamente, desdobra-se em sugestões e pedidos, como se verá no caso do pássaro manuelzinho-da-crôa, envia subsídios e referências. Para versão radiofônica lembra algumas quadras, compõe outras, no idioma do tradutor inclusive. Mantém a conversa nas esferas artística e profissional da vida pública; silencia sobre a vida cotidiana, a privacidade.

Enquanto isso, o tradutor deixa que ela apareça, na forma de notícias sobre viagens de férias, nascimento de netos; conta casos da memória, faz autobiografia, envia sua fotografia. Fatos da vida política são entrevistados, e pouco, por alusões discretas, que fazem supor maior circulação de informações fora do espaço escrito.

Desde o início cada um escreve na sua língua, dos dois lados as incursões no idioma do interlocutor são mínimas, exceto, da parte de Rosa, em questões tradutórias. Estabelecido o intercâmbio, tratam-se de amigo, caro amigo, grande amigo. No corpo da carta o tradutor sempre se dirige ao escritor na segunda pessoa do plural (*vous*). Este responde usando a terceira pessoa do singular; *fico pasmo de lembrar que o Amigo nada me consultou*, ... diz Rosa a certa altura. Assim, ele evita o emprego de *senhor*, ou *você* (que, com inicial maiúscula, reserva aos amigos brasileiros).

As cartas de Villard, traduzidas para este trabalho, são apresentadas em sequência após a transcrição da correspondência; desse modo não interferem na dualidade de idiomas que marca o diálogo, cujo horizonte é a busca de um sentido compartilhado. Delas, nem tudo foi traduzido. Incluiu-se o que foi contado pelo tradutor em linguagem por ele dita regional, apesar dos riscos. Excluiu-se sua recriação de

palavras, cantigas e nomes próprios de personagens presentes na obra do escritor. Tais supressões são indicadas por reticências entre parênteses (...).

Nas cartas enviadas por Rosa, as palavras e expressões usadas em francês na conversa epistolar com o tradutor dispensam notas. Suas propostas tradutórias de partes das obras não receberam notas. Por desconhecimento meu, não receberam notas as palavras e expressões em outras línguas, -- alemão, inglês, latim -- usadas pelo escritor ou pelo tradutor,

As notas destinam-se a esclarecer fatos, identificar pessoas e fornecer referências de trabalhos aludidos no corpo das cartas; e resultam da tentativa de reconstituir o tempo e o lugar (numa palavra, o ambiente) em que se deu a conversa epistolar. Espera-se que revelem afinidades intelectuais, tendências, aproximação a movimentos.

Acréscimos feitos a mão nas cartas recebidas por Rosa são apontados na descrição material, ao fim de cada carta, sob a rubrica “intervenção”. As marcas tipográficas, como itemização, partes sublinhadas, caixa alta, foram mantidas; títulos de livros, revistas, artigos/capítulos foram transcritos conforme as normas atuais: em itálico para os dois primeiros, entre aspas para os últimos. Números romanos e arábicos foram transcritos como tal. Em palavras ou expressões sublinhadas e ao mesmo tempo entre aspas, as aspas foram suprimidas. Outras intervenções que poderiam afastar o leitor da forma dos documentos de origem são assinaladas por colchetes, []. Deram-se em lapsos evidentes; rasuras (poucas); abreviaturas.

Entre a transcrição paleográfica ou diplomática e aquela modernizante e de boa técnica, o meio do caminho. Nem a ilusão da reconstituição perfeita da primeira, nem a renúncia completa da singularidade (que a descrição analítica mais rigorosa tenta recapturar) da segunda.

Entre o sono leve do documento/carta no arquivo e o início de sua multiplicação posterior, seu texto precisa ser fixado, ato que antecede e prepara o da edição crítica¹¹², mas igualmente delicado. Felizmente a materialidade preservada dessas peças únicas não impede melhor fixação futura. Procurou-se atingir a fidelidade à escrita original de um lado, e de outro considerar os hábitos atuais, do tempo presente da leitura.

¹¹² Antonio Candido. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo, Humanitas, 2005. p. 55.

2.3.2. Índice

1. Villard>JGR, 07/07/61
2. JGR>Villard, 17/10/62
3. Villard>JGR, 29/10/62
4. JGR>Villard, 21/11/62
5. Villard>JGR, 28/11/62
6. Villard>JGR, 25/12/62
7. JGR>Villard, 28/12/62
8. Villard>JGR, 15/01/63
9. Villard>JGR, 14/03/63
10. JGR>Villard, 24/04/63
11. Villard>JGR, 01/05/63
12. JGR>Villard, 09/05/63
13. Villard>JGR, 24/06/63
14. JGR>Villard, 17/08/63
15. Villard>JGR, 05/10/63
16. JGR > Chodkiewicz, s/d
17. JGR>Villard, 14/10/63
18. JGR>Villard, 16/10/63
19. Villard>JGR, 12/11/63
20. JGR>Villard, 21/11/63
21. JGR>Villard, 22/11/63
22. JGR>Villard, 15/01/64
23. JGR>Villard, 15/03/64
24. JGR>Mauro Mendes de Azeredo, 15/03/64
25. Villard>JGR, 20/03/64
26. JGR>Mauro Mendes de Azeredo, 07/04/64
27. JGR>Villard, 07/04/64

28. Mauro Mendes de Azeredo>JGR, 14/04/64
29. Villard>JGR, 09/05/64
30. Mauro Mendes de Azeredo>JGR, 11/05/64
31. JGR>Villard, 15/05/64
32. JGR>Franck, 19/10/64
33. JGR>Villard, 19/10/64
34. Villard> Madame, 07/12/64
35. Villard>JGR, 07/12/64
36. Guilherme Figueiredo>JGR, 16/12/64
37. JGR>Guilherme, 23/12/64
38. JGR>Villard, 23/12/64

39. JGR>Antonio, 15/02/65
40. JGR>Guilherme Figueiredo, 15/02/65
41. JGR>Villard, 15/02/65
42. JGR>Guilherme Figueiredo, 27/03/65
43. JGR>Villard, 27/03/65
44. Villard>JGR, 16/04/1965

45. Villard>JGR, 26/11/1966

46. JGR>Villard, 23/02/67
47. Villard>JGR, 25/03/67
48. Villard>JGR, 25/04/67

2.3.3. Cartas

1. Villard > JGR, 07/07/61

7 juillet 1961

Cher Maître

Veillez m'excuser de vous écrire en français, mais mon portugais serait par trop boiteux.

J'ai éprouvé un plaisir immense en traduisant les trois premières nouvelles extraites de Corpo de Baile publiés sous le titre Buriti¹¹³. Je me suis efforcé [d'y conserver] de conserver dans cette traduction tout l'esprit de l'oeuvre tout en m'efforçant d'en suivre de très près la forme. Mon viel ami Paulo Bittencourt et l'ambassadeur Carneiro¹¹⁴, que j'ai le plaisir de connaître, m'affirment que j'y suis parvenu, c'est également l'opinion de João [sic] Cardoso Pires¹¹⁵, de Lisbonne, qui a bien voulu m'adresser une lettre flatteuse; je serais toutefois très heureux de connaître votre avis sur ce point.

A demi brésilien par ma mère, Paulina Klingelheffer, née à Tijuca, j'ai vécu à Paris, chez mes grands parents, dans une atmosphère purement brésilienne, qui m'a permis d'apprendre la langue et de connaître les usages.

Je dois vous avouer que j'ai éprouvé de sérieuses difficultés au cours de mon travail, bien plus grands que lorsque je traduisis O Tempo e o Vento, de Veríssimo¹¹⁶. Je disposais heureusement d'un dictionnaire Portugais Français ayant appartenu à mon arrière-grand-mère, l'édition 1845 du dictionnaire de Roquette¹¹⁷; il me fut d'une grande aide car j'y ai retrouvé des expressions et des mots déjà qualifiés de desuets.

Présentement je poursuis la traduction de votre belle oeuvre. J'ai déjà terminé "Campo Geral" ainsi que "A Estória de Lélío e Lina" et m'attaque à "Buriti", que je compte intituler "Buriti Bom" pour éviter toute confusion avec le titre general. "Cara-de-Bronze" me semble difficile à bien rendre en français, je m'y efforcerai pourtant.

Je sens d'autre part que les éditions Albin Michel¹¹⁸ envisagent la publication de Grande Sertão: Veredas. Elles auraient l'intention de m'en confier la traduction en

¹¹³ *Buriti* contém "Dão-Dalalão", "Le message du Morne", "La fête à Manuelzão". Paris, Éditions du Seuil, 1961. 256 p. Ver, para demais obras em outra língua estrangeira: Plínio Doyle, *Bibliografia de e sobre João Guimarães Rosa*. Separata de: *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968. E também: Lenira M. Covizzi e Iná R. Verlangieri, "Pequena bibliografia de João Guimarães Rosa", *Rev. Inst. Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 41, 1996.

¹¹⁴ Paulo Estevão Berredo Carneiro (1901 - 1982). Participou da I Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas e foi embaixador do Brasil junto a UNESCO.

¹¹⁵ José Cardoso Pires esteve em Paris nessa época. Ver dele *E agora, José?*, Lisboa, Moraes, 1977.

¹¹⁶ Érico Veríssimo (1905-1975). *O Tempo e o vento: o continente*. Porto Alegre: Globo, 1953. Em tradução de J.-J. Villard, *Le temps et le vent*. Paris: R. Juillard, 1955.

¹¹⁷ José Ignácio Roquette, (1801 - 1870) é autor do *Nouveau dictionnaire portugais-français*. Paris: Aillaud, [1845], e do *Diccionario de synonymos poeticos e ephithetos da lingua portugueza*. Lisboa: Aillaud e Bertrand, s/d.

¹¹⁸ Fundada por Albin Michel em 1901, a editora empreendeu depois da primeira guerra a publicação de jovens autores. Em 1924 adquiriu o catálogo de outra firma, passando a editar obras completas de Hugo, Balzac, Maupassant... Adquiriu a coleção *L'Évolution de l'humanité*, criou a coleção *Maîtres de la*

collaboration avec un professeur de portugais, M. Armand Goubert. Je vous avouerais que je préférerais de beaucoup être seul pour un travail de ce genre car il faut être imbibé de l'esprit de l'auteur, entrer dans la peau du personnage, être tour à tour Soropita, Pé-Boi ou Manuelzão, vivre dans son corps, voir avec ses yeux, penser avec sa tête, pour mieux connaître ses réactions et savoir comment il doit s'exprimer.

Je tiens à vous dire encore quel plaisir j'ai éprouvé en contribuant à faire mieux connaître votre belle oeuvre, dans la faible mesure de mes moyens, et combien je serais heureux, si jamais vous passiez à Paris, de vous rencontrer pour vous faire part, oralement, de toute mon admiration.

Veuillez bien agréer, cher Maître, l'expression de mes sentiments les plus distingués.

Jean Jacques Villard

Autógrafo, a tinta preta; original; 1 folha; 27 x 21cm.; frente e verso; papel branco; timbre, no canto superior direito (adiante timbre: Villard):

“J.-J. Villard

47, Boulevard de la Saussaye

Neuilly s/ Seine

Maillot 11-29”.

Intervenção do destinatário: a tinta vermelha, frente, canto superior direito: “T”; canto inferior direito: “(verso) >”.

2 furos.

2. JGR > Villard, 17/10/62

Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1962

Ilmo. Sr.

J. J. Villard

47, Boulevard de la Saussaye

NEUILLY S/ SEINE

(Seine)

França

Meu grande Tradutor e caro Amigo,

De volta de Berlim, aonde fui convidado a tomar parte no “Primeiro Colóquio dos Escritores Latino-Americanos e Alemães” tive, na Feira do Livro¹¹⁹, em Francforte, uma muito feliz surpresa: a notícia de haver saído, em Paris, o nosso *Les Nuits du Sertão*¹²⁰. Mr. Flamand¹²¹, do Seuil¹²², gentilmente obteve logo para mim um exemplar,

littérature étrangère. O fundador foi sucedido por seu genro, por sua vez sucedido pelo filho, Francis Esménard.

¹¹⁹ Feira mundial, a *Frankfurter Buchmesse*, anual, é promovida pela associação do comércio do livro alemão desde 1949.

¹²⁰ Traz a novela “Buriti”. Paris, Seuil, 1962. Trad. J.-J. Villard. 187 p.

¹²¹ Paul Flamand (1909 - 1998), editor, foi diretor geral e presidente das Éditions du Seuil.

¹²² Fundada em 1935 por Henri Sjöberg, a casa tomou impulso após a Segunda Guerra, quando lançou coleções importantes, como Le Champ freudien. Acompanhou as aventuras intelectuais do século xx no

de modo que pude fazer a viagem de regresso ao Brasil todo entregue à leitura do mesmo – daquelas páginas, resultantes do nosso trabalho: do meu e do seu. Foi-me uma alegria.

E, outra vez, era ao meu amigo J.-J. Villard que ia, principalmente, a minha admiração, sincera, com a minha entusiasmada gratidão. Porque achei a tradução tão boa, cuidada, competente, conseguida, fiel e viva, saborosa – a melhor possível. Nem pensava, antes, fosse algum dia ler uma transposição, assim tão plenamente válida, da minha novela para o francês. Tamanhas eram as dificuldades, mas todas vencidas com maestria. Aliás, não foi, isso, uma real surpresa; porque, já no volume anterior, no nosso *Buriti*, acontecera o mesmo. Agora, porém, a cada página que eu voltava, aumentavam a minha satisfação e o meu reconhecimento. E pedia a Deus que o recompensasse, sinceramente, de todo o coração.

Meu desejo, grande, era poder passar por Paris, e, mais que tudo, a fim de visitá-lo aí, para lhe dizer tudo isso, de viva voz. Infelizmente, não pude, tinha de retornar logo ao Brasil, por vários motivos, inclusive por causa das eleições. Fica para outra ocasião. Até lá, fico a lhe desejar tudo de bom, e disposição e saúde, para que possa continuar a fazer coisas assim. Sei que é importante, às vezes decisivo, a gente ter a sorte de encontrar um tradutor excepcional, capaz de traduzir “com alma” nossos livros. Sei que tive uma extraordinária sorte. Sei, também, que os demais livros, inclusive *Grande Sertão: Veredas*, não poderiam estar em melhores mãos. Conversei com a Sra. Pasquier¹²³, que me disse haver lhe confiado também aquele, o que aplaudi vivamente. Não sei como dizer-lhe de minha alegria.

Pelo correio marítimo, tive o prazer de enviar-lhe, em meados de setembro, um exemplar de meu último livro, *Primeiras Estórias*¹²⁴; feito de vinte e um contos, curtos. Já o recebeu? Às vezes, fico com receio, porque a correspondência, aqui, costuma extraviar-se, com frequência, coisa que não acontece aí na Europa.

Da mesma maneira que aconteceu com o *Buriti*, todas as pessoas a quem mostro o *Nuits du Sertão* admiram e elogiam também, com sinceras exclamações, a tradução magnífica. O professor Paulo Rónai¹²⁵, um dos que tem capacidade e coragem para isso, pretende escrever um estudo a respeito da tradução dos dois volumes; mas, como anda sobrecarregado de trabalho, isto levará ainda algum tempo. Logo que o faça, enviar-lhe-ei o recorte de jornal.

Ainda agora, não pude deixar de reler algumas páginas. Sempre gosto delas, mais. Dá-me a tentação de, para o futuro, já ir escrevendo com o pensamento na tradução, que o Amigo delas irá tão eficazmente fazer. E antes que me esqueça: gostei

campo da literatura e das ciências humanas. Autores: Roland Barthes, Jacques Lacan, Gabriel Garcia Marques. Revistas: *Écrire, Tel Quel*.

¹²³ (Albin Michel).

¹²⁴ Rio de Janeiro, José Olympio, 1962. 180 p.

¹²⁵ Paulo Rónai (1907-1992), intelectual húngaro, filho de um livreiro; editor, tradutor (do latim, grego, francês...), filólogo, ensaísta, crítico literário, veio para o Brasil em 1941, naturalizou-se brasileiro em 1945. Dirigiu a tradução de *A Comédia humana*, Rio de Janeiro, Globo, 1945 - 1955; escreveu *A tradução vivida*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981; fez a seleção, tradução, introdução e notas da *Antologia do Conto Húngaro*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957, prefaciada por JGR. Organizou a *Seleção, de João Guimarães Rosa*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1973. No Brasil e no exterior deu cursos, fez conferências e publicou artigos sobre JGR, sua obra e suas traduções, como “Traduções do *Grande Sertão*”, *O.E.S.P.*, 30/10/65 e 06/11/65. Prefaciou todos os seus livros e fez a edição póstuma de *Estas Estórias* e *Ave, Palavra*. O Arquivo IEB, Fundo JGR, série Correspondência, sub-série Correspondência Pessoal, guarda uma carta manuscrita de Rónai ao amigo (11/09/67), na qual o humanista comenta o recém saído *Tutaméia*. Ver SPYRY.

também da NOTE DU TRADUCTEUR, muito. Achei-a necessária, perfeita, sóbria, oportuna.

Por tudo, meu caro J.-J. Villard, o meu forte, renovado, grande agradecimento. E, para a sinceridade e intensidade dele, faltam-me as palavras. Traduza-o, assim mesmo, em seu coração.

Com o

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho no verso das folhas 1 e 2: "CÓPIA".

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, folhas 1 e 2, canto superior direito, respectivamente "9 - 1" e "9 - 2".

4 furos.

3. Villard > JGR, 29/10/62

29 octobre 1962

Monsieur João Guimarães Rosa
Ministère des Relations Extérieures
Palacio do Itamaraty
Rio de Janeiro
Brésil

Cher Maître et grand ami,

Votre lettre du 17 m'a procuré une grande joie et un grand chagrin, la joie des félicitations qu'elle m'apporte, le chagrin que vous n'ayez pu passer à Paris.

Ces félicitations m'ont été particulièrement sensibles, venant d'un homme tel que vous et elles payent amplement tous mes efforts, efforts qui me sont par ailleurs agréables, car ils ont pour objets des livres que j'aime, que je vois, que je sens.

S'il m'est possible d'interpréter vos oeuvres admirables de façon satisfaisante, c'est justement parce que votre force d'évocation me fais voir les paysages, vivre vos personnages, m'incorporer à eux. Quand j'ai terminé une telle traduction je me sens désorienté, amputé en quelque sorte d'une partie de moi-même, de la meilleure peut-être, et je prends un certain temps pour retrouver mon équilibre. Il m'arrive parfois de ne pas comprendre intégralement une phrase à la lecture, mais comme je vis l'action je parviens à en trouver le sens. Peut-être nos esprits sont-ils pour ainsi dire en communion et que c'est cela qui me permet de vous bien comprendre et d'aimer ce que vous aimez. Mon grand regret est de si peu connaître le Brésil, n'ayant fait qu'une brève escale à Rio en 1921, mais maintenant j'ai l'impression d'avoir vécu des années sur les rives du S. Francisco, de l'Abaeté, dans la région de l'Urucuia, que j'ai suivi des boiades, bu le vin du buriti, et je ne puis vous exprimer ma reconnaissance pour m'avoir procuré ce sentiment.

Je suis très heureux aussi de savoir que vous écrivez désormais en pensant à la traduction que je ferai de votre nouvelle oeuvre, mais il faudrait encore être certain que l'éditeur français me confie la traduction et que, à cette fin, vous me fassiez le grand bonheur de me désigner comme votre traducteur attitré, ce serait pour moi un titre de gloire.

Je travaille actuellement à *Grande Sertão: Veredas*. Pour ce livre je mets tout le récit à la 3^e troisième personne, comme dans le texte, cela convient à la classe et au type du héros. Afin de me mettre “dans le bain”, j’ai lu *Os Sertões*¹²⁶ de E[uclides]. da Cunha. Toutefois ce livre compte un nombre de pages imposant, trop important pour ne pas nuire à son succès. Avez-vous autorisé certaines coupures pour l’édition américaine? Pour ma part, je comptais simplement me livrer à quelques amputations partielles, quelques lignes de place en place, mais j’aimerais bien connaître votre avis sur ce point.

J’ai récemment reçu *Primeiras Estórias*. Je vous remercie vivement pour la trop aimable dédicace et pour la délicieuse lecture que vous m’avez procurée. Ce ne sont pas seulement vingt-et-un contes, ces sont aussi vingt-et-un poèmes et je suis très sensibles à votre poésie. Je connaissais déjà “A Terceira Margem do Rio”, on m’avait demandé d’en faire la traduction pour une revue, je l’avais faite, et j’en étais assez satisfait, je croyais ou plutôt j’étais certain d’avoir trouvé le ton exact, mais il n’a pas plu, certaines expressions rustiques ont été considérés comme des fautes de français, on m’a reproché de ne pas traduire mais d’interpréter, d’adapter même, et c’est la traduction d’un autre qui a été publiée. Je ne l’ai même lue. Enfin...

En terminant cette lettre, je tiens à vous redire combien vos félicitations m’ont été au coeur et à vous remercier encore une fois de m’avoir procuré la joie de traduire de telles oeuvres.

En attendant avec impatience le jour où je pourrai vous donner un cordial “abraço”, je me permets de vous envoyer, cher Maître, l’expression de ma grande admiration et de ma très sincère amitié.

J.J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 1 folha; 27 x 21 cm.; frente e verso; papel branco; timbre: Villard.

Intervenção do destinatário: a tinta vermelha, frente, canto superior direito: “1-1”; canto inferior direito: “(verso) >”.

2 furos.

4. JGR > Villard, 21/11/62

Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1962

Meu caro J.J. Villard,

Recebi sua carta de 29 de outubro, que me deu real satisfação. O que me diz, que sente ao traduzir meus escritos, confirma o que eu já sabia e que suas traduções

¹²⁶ Rio, Laemmert, 1902. Euclides da Cunha (1866-1909) publicou *Os Sertões* cinco anos depois dos despachos enviados ao O.E.S.P, que lhe serviram de base e formam o *Diário de Uma Expedição*. A biblioteca que pertenceu a JGR tem um exemplar anotado.

admiravelmente revelam, o que, desde que li, comovido e entusiasmado, o *Buriti*, eu havia pensado. Só quem vibrasse igual, por uma espécie de parentesco de sensibilidade e espírito, é que seria capaz de transpor para o francês, assim, tudo aquilo, de verter, com pura antiguidade de som e côr, com tôda a vida de movimento, a gesta do Boi Bonito, contada a Manuelzão pelo Velho Camilo, em “Uma Estória de Amor”, por grande exemplo. E esta é – repetirei sempre – felicidade única, extrema sorte para um autor que se quer ver transportado bem para outro idioma. Daí, minha alegria e gratidão. E também escrevi a M. Michel Chodkiewicz¹²⁷, do Seuil, neste sentido. Assim, estou certo de que continuarão a incumbi-lo de traduzir meus livros.

A respeito do *Grande Sertão: Veredas*, estou de acordo em que se façam as *coupures* parciais que o Amigo julgar necessárias ou vantajosas, eliminando, aqui e ali, algumas linhas. Não vi a tradução americana, nem sei se fizeram também assim. Acho, porém, que a poda de algumas coisas, das não-funcionais, valorizará a edição francesa, tornando o livro mais enxuto.

Para isso, confio plenamente na sua aguda sensibilidade e no seu seguro critério, já comprovados e vencedores. Assim, também, decerto não poderíamos cortar: passagens em que se define, menciona ou caracteriza o “sertão”, ou a ele se alude; idem, com relação ao demônio; idem quanto aos demais *leit-motiv* do livro. Também devem permanecer as exclamativas, cujas repetições relembram sempre o estado de espírito exaltado e atormentado do Narrador, que narra sempre a quente, em ritmo crispado, nervoso, preocupado com seu tremendo problema, de ordem metafísica. A frase: “Viver é muito perigoso...” tem de ser repetida quantas vezes conste do texto. O caráter épico, religioso, existencial e confessional do livro, tem de ser cuidadosamente preservado. Nisto, temos de estar atentos. Mas, repito, tenho justificada confiança no meu Tradutor. (A narração tem de ser como no texto original, o herói falando para interlocutor invisível, todo o tempo, naturalmente.)

Pelo meu colega e amigo Embaixador Roberto de Arruda Botelho¹²⁸, enviei-lhe, com alguns recortes de jornais, o trabalho *Trilhas do Grande Sertão* de Cavalcanti Proença¹²⁹. Recebeu-o? Creio que sua leitura poderá ajudar, um pouco.

Será que o Amigo conservou cópia de sua tradução do conto “A Terceira Margem do Rio”? Se sim, poderia enviar-me o texto, ainda que a título de empréstimo? Eu o restituiria logo. Mas, se não o possui mais, não tem importância, não se moleste com isso.

Para qualquer coisa, estarei sempre pronto, aqui.

Com o mais cordial apreço e profunda estima, com o

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbonô; 1 folha; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco.

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, canto superior direito: “3”.

4 furos.

¹²⁷ Michel Chodkiewicz (1929-...) foi diretor e presidente das Éditions du Seuil; diretor de estudos na École de Hautes Études en Sciences Sociales; especialista em islamismo. Um rascunho autógrafo, sem menção a destinatário, aparentemente rascunho a ele endereçado, foi localizado no Fundo JGR (será transcrito adiante).

¹²⁸ Antonio Roberto de Arruda Botelho. Diplomata, autor de *Le Brésil et ses relations extérieures*. Louvain, Les Mazarines, 1935.

¹²⁹ Manuel Cavalcanti Proença. *Trilhas do Grande sertão*. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do MEC. 1958.

5. Villard > JGR, 28/11/62

J. J. VILLARD
47, Boulevard de la Saussaye
Neuilly sur Seine

28 novembre 1962

Monsieur João Guimarães Rosa
Div. Fr. Ministério das Relações Exteriores
Palacio Itamaraty
Rio de Janeiro – Brésil

Cher ami,

Je tiens d'abord à vous remercier pour votre si aimable lettre du 21 novembre et aussi pour les précieux documents que vous m'avez fait porter par Roberto de Arruda Botelho, un ami de cinquante ans!, qui les a remis le jour même de son arrivée. Ils me seront extrêmement précieux pour mon travail. En ce qui concerne les coupures éventuelles, je procéderai exactement selon vos instructions.

Ainsi que vous me le demandez, je vous envoie ma traduction de "A Terceira Margem do Rio". Je tiens tout d'abord à vous donner quelques précisions sur le façon dont j'ai procédé dans ce cas: je me suis tout d'abord appliqué à suivre le texte au plus près. J'ai conservé le mot "rio", car j'ignorais s'il s'agissait d'une rivière ou d'un fleuve et l'un comme l'autre de ces termes européens ne répondraient pas à l'idée d'immensité indiquée par le récit. Pour ce qui est du personnage, je me suis inspiré de souvenirs de jeunesse, j'ai pris les expressions et les tournures de phrase du père Guitton, un vieux bonhomme qui coupait le bois dans la propriété de campagne de mon père et qui était une âme simple mais fort intelligente. Il nous racontait toutes sortes d'histoires, à mon frère et à moi, et nous l'écoutions avec un recueillement amusé. Il n'avait jamais pris le train. Bien que nous habitions alors à 75 kilomètres de Paris, il n'y avait été qu'une fois, en 1871, pour conduire des chevaux, et son seul souvenir était que la montait dur pour arriver à l'Arc du Triomphe de l'Étoile. Les paysans de notre petit village normand avait aussi des expressions très imagées, je me permettrai de vous citer une: Une vieille fille de cinquante ans allait se marier et notre jardinier m'a dit: "Elle ne voulait mourir curieuse."- Vous remarquerez que dans l'expression "ne... pas" je supprime presque toujours le "ne", que très souvent au lieu de "nous" j'emploie "on", c'est une façon de parler très courant dans les milieux populaires qui ne diront pas: "Nous ne sommes pas" mais "On est pas". Quand je traduis, j'établis la fiche de chaque personnage, établissant sa classe et son instruction, afin de lui donner les expressions correspondent à son état. De même, je ne mettrai pas le même genre de paroles dans la bouche d'un homme ivre ou en colère que dans celle d'un personnage dans l'état normal. Vous me reparez dans votre lettre de la geste du Boi Bonito. Je vous avouerai que je me sens franchement amusé en la traduisant. J'ai compris tout de suite que c'était une sorte d'épopée parodique... alors j'ai relu des vieux récits de chevalerie et m'en suis inspiré pour le ton. Puis j'ai remarqué certaines assonances... alors je les ai généralisées, j'ai placé de rimes chaque fois que cela m'a été possible, et cela m'a fourni un rythme. Des gens ont dû me prendre parfois pour un fou car, hanté parfois par une phrase dont je ne parvenais

pas à me sortir, je pianotais sur mes genoux et murmurais dans le métro. Traduzir é muito perigoso... ou plutôt muito laborioso!

Je ne vous importunerai pas plus longtemps avec mon verbiage et me permettrai de terminer cette lettre en vous adressant l'expression de ma toujours profonde admiration et des mes sentiments très amicaux.

Avec ma meilleur accolade!

J.J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafos a tinta preta; 1 folha; 26,8 x 20,8 cm.; papel branco.

Intervenção do destinatário:

a tinta azul, canto superior esquerdo: rubrica ilegível;

a tinta vermelha, canto superior direito: "4".

2 furos.

Anexo: tradução LA TROISIÈME RIVE DU RIO .

Datiloscrito; original; 7 folhas, numeradas no centro da margem superior a partir da segunda; 26,8 x 20,8 cm.; papel branco.

2 furos.

6. Villard > JGR, 25/12/62

25 décembre 1962

Monsieur João Guimarães Rosa
Div. Fr. Ministério das Relações Exteriores
Palacio Itamaraty
RIO de JANEIRO – Brésil

Cher ami,

Je ne veux pas laisser passer cette fin d'année sans vous envoyer mes meilleurs voeux pour l'année qui vient et tous mes remerciements pour le grandes joies que vous m'avez procurées quand j'ai traduit vos merveilleuses oeuvres.

J'ai passé par quelques émotions ces jours derniers, car *Les Nuits du Sertão* avaient été parmi les livres retenus pour le prix des traducteurs¹³⁰ et je n'ai été finalement battu qu'au troisième tour de votes avec 3 voix contre six. J'aurais été vraiment heureux d'obtenir ce prix, et pour moi, et pour vous.

Quel dommage que vous n'ayez pu passer à Paris et ayez été rappelé d'urgence au Brésil pour les élections. Votre présence aurait été et est encore bien nécessaire car lorsque les critiques ont rencontré un auteur cela réveille leur intérêt pour ces oeuvres que bien souvent ils n'ont pas eu le temps de lire, recevant une moyenne de dix à quinze livres par semaine. Quand ils ont vu l'auteur (et le Seuil se ferait une joie de le présenter à eux), ils recherchent les oeuvres parmi les piles de livres en attente et les lisent avec un intérêt accru puis écrivent un article dans de bien meilleures dispositions que quand il s'agit d'un inconnu d'eux... Et moi, j'aurais enfin la grande joie de vous rencontrer quoique j'aie l'impression de vous connaître depuis des temps infinis. Je ne puis

¹³⁰ Prix des Traducteurs.

malheureusement pas penser aller vous voir au Brésil, bien que mon plus cher rêve serait d'y aller pour montrer à ma femme ce merveilleux pays, qui est un peu le mien, et de revoir mon frère que j'ai vu pour la dernière fois en 1945, car mon budget m'interdit un tel voyage.

Je me débats en ce moment avec *Gran* [sic] *Sertão: Veredas*, et les précieux documents qui vous m'avez envoyés si aimablement me sont d'une grande utilité, mais je dois avouer que la difficulté est encore plus grande que pour *Corpo de Baile*. Cette fois-ci quand je travaille je ne m'identifie plus au héros, Riobaldo, mais à celui qui l'écoute et je l'entends réellement parler, comprenant l'esprit et le sens de paroles, même si parfois je ne le comprends pas textuellement.

Veuillez donc accepter encore mes vœux pour 1963 qui, j'espère, m'apportera le grand plaisir de vous rencontrer enfin.

Com o *melhor abraço*

do seu

J. J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 1 folha; 27 x 21 cm.; papel branco; timbre: Villard.

Intervenção do destinatário: a tinta vermelha, canto superior direito: "5".

2 furos.

7. JGR > Villard, 28/12/62

Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1962

Caro Amigo J. J. VILLARD,

Com sua deliciosa carta (que maravilha, a frase do jardineiro normando, a respeito da vieille fille de 50 anos que ia se casar) de 28 de novembro, recebi a tradução do "A Terceira Margem do Rio", e por tudo lhe estou grato.

Gostei da tradução, que nada sacrifica do original e dele conserva o tom de sério e ingênuo e angustioso relato. Vou relê-la, porém, com cuidado.

O que preferiria, porém, tanto no título quanto no texto, era que pusesse fleuve, em vez de rio. Não só porque, no caso, o valor do símbolo (fleuve) deve ser universal, mas também porque, para mim, a palavra f.l.e.u.v.e. é, em si, uma das mais belas e sugestivas da língua francesa. (Uma vez, dei-me ao brinqueado de selecionar as palavras francesas que me agradavam mais, e alinhei-as em longa lista, da qual deixo aqui o começo: fleuve, emblée, éclat, lac, cerise, cerisaie, ruisseau, hibou, hanneton, cloporte, forclore, forclos, meurtre, lune, jupe, épervier, églantine, cerf, ravage, duc, bleue, chevreuil, étang, marais, huître, huis, pluie, miel, etc., etc.

E, a respeito disto mesmo, estava agora pensando na solução que terá de dar, analogamente, ao traduzir o *Grande Sertão: Veredas*, romance tão fluvial e de tantos rios. Se me permite, darei minha opinião, que é apenas de coração, pois *non sutor ultra crepidam*. No caso do Rio de São Francisco, penso que, sem nenhuma dúvida, o melhor seria traduzi-lo sempre por "fleuve". Vejo, no meu *Petit Larousse*¹³¹, que "fleuve" é: "un grand cours d'eau qui aboutit à la mer". Agora, e no caso do Urucuia -- que é

¹³¹ Pierre Larousse (1817-1875). *Petit Larousse Illustré: nouveau dictionnaire encyclopédique*. Paris: Librairie Larousse, 1917.

quase a própria alma do livro? Traduzir-se-ia bem por “*rivière*” (que também é uma bela palavra)? A meu ver, o melhor seria usar-se sempre, ou quase sempre, “*la grande rivière* Urucuia”. Que acha? E a mesma coisa para o Carinhanha. Mas, e o Rio das Velhas? Talvez no caso, poder-se-ia forçar a nota, desrespeitando um pouco o *P[etit]. Larousse*, e usando para ele também “*fleuve*”. (Agora, acode-me melhor: para o São Francisco, “*le grand fleuve*”.) Por outro lado, talvez não haja inconveniente em, de par com o emprego, básico, de “*fleuve*”, “*grand fleuve*” e “*rivière*” e “*grande rivière*”, usar-se, aqui e ali, “*saupoudrément*”, de vez em quando, como se semeia canela no doce, também o “rio” -- como uma nota regionalizante, de bom efeito estilístico. Que acha?

Estive também pensando mais no que já tínhamos falado, a respeito de se fazerem pequenos cortes, aqui e ali, no texto. E penso que é mesmo necessário fazerem-se essas podas. Principalmente onde há partes “neutras”, ou acúmulo de enumerações de plantas, etc., etc. Mas, tudo se resolverá bem, com sua sensibilidade e criterioso afincio.

Mas veja: à medida que escrevo, evolui o pensamento. Mesmo para o Urucuia, não seria possível, e melhor, misturar-se o emprêgo: ora de “*fleuve*”, ora de “*grande rivière*”, ora de “*rivière*”, ora de “r i o”? Sei que o francês é uma língua disciplinada em rígida ordem. Mas, tratando-se de um monólogo de homem inculto e ardente espírito barroco, penso que isso seria permitido. No texto, tudo que Riobaldo diz oscila permanentemente, ao sabor dos vai-vens de seu estado de espírito, nada guarda fixidez rigorosa. Assim, por exemplo, a pedra preciosa que ele trouxe de Arassuaí às vezes é dita ser um “topázio”, às vezes “turmalina”, às vezes “ametista. E em muitas outras coisas aparece essa diversidade ambígua. Isso justificaria a solução de adotarmos aquele ecletismo indiferenciado. Concorda comigo?

Se sim, teríamos:

- 1) SÃO FRANCISCO: fleuve, grand fleuve, rio.
- 2). URUCUIA: fleuve, grand rivière, rivière, rio.
- 3) RIO DAS VELHAS: fleuve, grand rivière, rivière.
- 4) CARINHANHA: rivière, grand rivière.
- 5) RIO VERDE: rivière.

Junto, estou-lhe enviando um número da revista *Diálogo*¹³², de São Paulo, que me foi dedicada em 1957. Creio que sua leitura poderá trazer-lhe alguns elementos úteis. Meu respeito e gratidão pela maneira devotada e seriamente afetiva com que está realizando a tradução de meus livros é que me traz o desejo de contribuir também um pouquinho, trazendo-lhe material subsidiário.

Escrevo no findar do ano. Escrevo fazendo, de coração, vivos votos por que 1963 lhe traga perfeita felicidade e muitas alegrias!

Com o melhor

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbonô; 2 folhas; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, canto superior direito das folhas 1 e 2, respectivamente: “6-1” e “6-2”.

4 furos.

8. Villard > JGR, 15/01/63

¹³² *Diálogo*. São Paulo, Sociedade Cultural Nova Crítica, (8), nov. 1957.

J. J. Villard
47, Bd. de la Saussaye
Neuilly sur Seine
France

15 janvier 1963

Monsieur J. Guimarães Rosa
Palacio Itamaraty
Rio de Janeiro - Brésil

Cher grand ami,

Je veux tout d'abord vous remercier pour votre si aimable lettre, pour les précieux documents qui vous m'avez envoyés une fois de plus et surtout pour avoir chargé Azeredo da Silveira¹³³ de me les remettre car j'ai été enchanté de faire la connaissance d'un homme aussi aimable, courtois et cultivé.

Je vais me hâter d'entrer dans le vif du sujet. Je commencerai par la question "Rio". J'avais tout d'abord pensé à utiliser les mots "fleuve" et "rivière", mais j'y ai renoncé car il avait là une question de dimension. Beaucoup de ces "rivières" brésiliennes feraient en Europe des "fleuves" majestueux, tandis que la plupart des nos rivières mesurent 300 km. au maximum depuis leurs sources et leur largeur n'est pas toujours importante. La Marne est déjà plus grande avec ses 525 km., mais qu'est-elle auprès d'une de vos "rivières"? Dire "grande rivière"? "grand fleuve"? J'y ai pensé, mais c'est trop long pour un narrateur un peu rustique. Bref, si je préfère m'en tenir au mot "rio", c'est qu'il n'offre aucun point de comparaison pour le lecteur français et laisse travailler son imagination: si toutefois vous n'y voyez aucun inconvénient.

J'aime aussi la plupart des mots que vous citez, mais beaucoup ne pourraient être mis dans la bouche de Riobaldo, quoiqu'il aime utiliser des beaux mots. J'aime ma langue et y fais chaque jour des découvertes. Je vous avouerai que ce sont surtout mes études de grec qui me servent dans la construction de mes phrases. Le français est une langue latine, mais de culture grecque... à mon avis du moins.

Il y a aussi la question des surnoms et de sobriquets. Vous me suggérez "Le Dru- Le Drôle". Le mot sonne bien, mais je crains qu'il ne puisse être placé, car il se rapporte à deux caractéristiques alors qu'en général ces surnoms s'appliquent généralement à un défaut physique, à une tare ou à une manie mais pour ainsi dire jamais à deux. Je vous citerai les surnoms des hommes qui étaient avec moi en 1915: Loin-du-Ciel et Trois Pommes (deux hommes petits), Bitu (que se vantait toujours des ses avantages masculins), Saint-José (il était très pieux et s'appellait Joseph), La-Volige (un menuisier), Quat'z'yeux (il avait des lunettes), Vise-au-Trou (nom générique des infirmiers réputés manier la seringue à lavement), La Bazouge (nom de son village), Cra-Cra (particulièrement sale), Piège (il avait une barbe qu'on prétendait être un piège à poux), Pâteux (son état normal, car il se soûlait fréquemment), Biniou (un trompette), Jaune d'Oeuf (à cause de ses cheveux ...). Comme vous voyez, chacun ne s'applique qu'à une caractéristique, dans des cas spéciaux l'homme avait deux surnoms. La-Volige et Jaune-d'Oeuf s'appliquaient au même homme mais étaient utilisés séparément, jamais amalgamés. J'allais oublier Jambes-de-Laine (il tombait souvent), Patte-Croche

¹³³ Antonio Francisco Azeredo da Silveira (1917 - 1990), foi Ministro das Relações Exteriores durante o governo Ernesto Geisel.

(qui avait tendance à chaparder) et Ripaton (qui avait les plus grands pieds de la batterie).

Veuillez excuser ce verbiage, j'aime à remuer de vieux souvenirs et je pense que ceux-ci pourront vous amuser.

Tout bien pesé, je tâcherai de traduire de façon pittoresque les noms des jagunços en m'efforçant de demeurer dans la couleur locale et mettrai plus de variété dans les "rios", autant qu'il est permissible.

Et je termine enfin en vous adressant mes plus amicaux et reconnaissants souvenirs.

J.J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 1 folha; 26,8 x 20,8 cm.; papel branco.
Intervenção do destinatário: a tinta vermelha, canto superior direito: "7".
2 furos.

9. Villard > JGR, 14/03/63

J. J. VILLARD
47, Bd. de la Saussaye
Neuilly sur Seine
France

4 mars 1963

Monsieur J. Guimarães Rosa
Palacio Itamaraty
Rio de Janeiro – Brésil

Cher grand ami,

Excusez-moi d'avoir tant tardé pour vous remercier l'envoi de *Sagarana*¹³⁴ que, d'une part, j'ai été enchanté de lire et qui, d'autre part, m'est très utile par son glossaire; la cause et l'excuse de mon retard est la grippe dont j'ai été victime avec ou après tout ma famille, venant à la suite des grands froids qui nous avons longuement subis. J'espère que ma lettre du 15 janvier vous est bien parvenue car j'ai éprouvé de grandes craintes en voyant la poste mettre un "très beau timbre" sur l'enveloppe, un timbre susceptible d'exciter la convoitise d'un postier collectionneur, comme il en existe malheureusement de votre côté. Si elle ne vous est pas parvenue, je vous serais reconnaissant de m'en aviser, je vous en ferais une copie.

Le but de ma lettre de ce jour est de vous soumettre divers surnoms que je compte utiliser dans ma traduction actuelle:

Beiju: Bijou.- Queque: Quoiquoi.- Marimondo: le Frelon.- Acauã: l'Epervier.- Mão de Lixa: Main Rude.- Freitas Macho: Freitas le Mâle.- Preto Mangaba: Mangaba Le Noir.- João Vaqueiro: João le Vacher.- Coscorão: Cicatrice.- Jacaré: Căiman.- Marruaz: Tête de Fer ou Caboche.- Mozambicão: Mozambique.- Dimas Doido: Dimas le Fou.- Pacamã das Presas: Pacama le Dentu.- Rasga em Baixo: Fend dans l'bas ou l'Eventreur.- José Micuim: J. le Tique.- Ze Onça: Zé Tigre.- Zé Paqueira: Zé les Pacas.-

¹³⁴ A edição que traz glossário é a portuguesa, da Livros do Brasil, 1961.

Pedro Pintado: P. Tavelé.- João Bugre: João l'Indien.- Jalapa: Julep.- Zé Beçudo: Zé Lippu.- Duzentos: Deux-Cents.- Pau na cobra: Pan su' l'serpent.- Trigueiro: Va vite.- Nhô Faisca: Nhô l'Étincelle.- Cajueiro: Acajou. - Gavião: le Faucon.- Jõe Bexiguento: Jõe le Drôle.- Urutu Branco: Crotale Blanc.- Je serais heureux si vous me faisiez connaître votre avis sur ce point.

Pour ce qui est du titre, la traduction du titre original ne rendrait pas: "Les Combes du Grand Sertão". J'ai actuellement deux idées: "Sertão de Dieu, Sertão du Diable" et "Diadorim". En écrivant il m'en vient une autre: "Le Diable dans le tourbillon", toutefois je crois que "Diadorim" frapperait plus l'imagination du lecteur, à condition naturellement que l'éditeur soit d'accord, et vous aussi en premier lieu.

Je me permettrais de vous demander un léger service: Mon *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*¹³⁵ commence à se désagréger après un long usage, c'est d'ailleurs la 9^e édition, de 1957, et je crois qu'il existe une nouvelle à laquelle vous avez collaboré. Vous serait-il possible de m'en faire parvenir un exemplaire par l'intermédiaire d'Azeredo da Silveira, car je ne puis le trouver ici; je le réglerais à Azeredo d.[a] S.[ilveira] qui est vraiment un homme charmant dont j'ai été enchanté de faire la connaissance.

Veuillez m'excuser d'abuser ainsi de votre amabilité et croire, cher ami, à l'expression de mes sentiments de très cordiale admiration.

J. J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 1 folha; 26,8 x 20,8 cm.; papel branco.

Intervenção do remetente: autógrafo a tinta preta, til sobre "a" de Guimarães, de Acauã, de Mozambicão, "o" de Jõe; circunflexo sobre "o" de Nhô.

Intervenção do destinatário:

a tinta vermelha, canto superior direito: "10";

a tinta azul, margem esquerda, segundo parágrafo, terceira linha, assinalado: "x";

a lápis preto, sublinhado: Beiju: Bijou.- Queque: Quoiquoi.- Marimbondo: le Frelon.- Mão de Lixa.- Freitas Macho: Freitas le Mâle.- Preto Mangaba: Mangaba Le Noir.- João Vaqueiro: João le Vacher.- Coscorão: Cicatrice.- Jacaré: Căiman.- Marruaz: Tête de Fer ou Caboche.- Mozambicão: Mozambique.- Dimas Doido: Dimas le Fou.- Pacamá das Presas: Pacama le Dentu.- Rasga em Baixo: Fend dans l'bas ou l'Eventreur.- José Micuim: J. le Tique.- Ze Onça: Zé Tigre.- Zé Paqueira: Zé les Pacas.- Pedro Pintado: P. Tavelé.- João Bugre: João l'Indien.- Jalapa: Julep.- Zé Beçudo: Zé Lippu.- Duzentos: Deux-Cents.- Pau na cobra: Pan su' l'serpent.- Trigueiro: Va vite.- Nhô Faisca: Nhô l'Étincelle.- Cajueiro: Acajou.- Jõe Bexiguento: Jõe le Drôle.- Urutu Branco: Crotale Blanc.

2 furos.

10. JGR > Villard, 24/04/63

Rio de Janeiro, 24 de abril de 1963

Meu caro amigo J. J. Villard,

¹³⁵ Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira. *Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957. Em nota final do Prefácio à décima edição, nova reimpressão 1972, p. XVII, A. B. H. Ferreira agradece a "valiosa contribuição prestada ... pelos meus amigos Paulo Rónai, João Guimarães Rosa, ..."

Sou eu que estou em grande demora no responder às suas duas excelentes cartas, de 15. I e 14. II [sic]¹³⁶, e por isto peço-lhe desculpar-me. Foi que também eu, com a pressão sanguínea alta, não passei bem o verão -- o nosso, austral, pois, enquanto aí o frio era forte, aqui o terrível calor nos mortificava e oprimia. Tive de sair do Rio, por duas vezes. E, por isso mesmo, lutei com sobrecarga de trabalhos atrasados. Hoje, porém, venho vê-lo, com prazer e muito cordialmente.

Gostei, muitíssimo, de receber a sua foto. Ela o mostra bem como eu o imaginava: fisionomia clara e aberta, que denota harmoniosa inteligência, altura de espírito, firmeza lhana e integridade de caráter. Não sei como lhe agradecer, de coração, essa especial, tão simpática demonstração de confiança e estima.

Agradou-me também, imensamente, que tivesse feito bom conhecimento com o meu querido compadre e grande amigo Azeredo da Siveira. Ele, também, merece realmente toda a admiração e apreço. E eu sabia que os dois haviam de se apreciar e de se dar muito bem.

Agora, falemos dos apelidos, interessantíssimos, que me apresenta em sua última carta. Em geral, gostei de todos, vejo como o amigo cuida carinhosamente de cada detalhe da tradução. Assim, acho perfeitamente ótimos: Le Frelon (Marimbondo), Quoiquoi (Queque), Freitas le Mâle (Freitas Macho), Mangaba-le-Noir (Preto Mangaba), João-le-Vacher (João Vaqueiro), Mozambique (Moçambicão), Caiman (Jacaré), Dimas-le-Fou (Dimas Doido), Pacamã le Dentu (Pacamã de Presas), Zé Tigre (Zé Onça), Zé-les-Pacas (Zé Paquera), P. Tavelé (Pedro Pintado), J.-le-Tique (José Micuim), Zé Lippu (Zé Beijudo), Julep (Jalapa), Va-Vite (Trigueiro), Nhô-l'Étincelle (Nhô Faisca), Acajou (Cajueiro), Jõe-le-Drôle (Jõe Bexiguento), CROTALE BLANC (URUTU BRANCO).

Para o "Rasga-em-Baixo, prefiro "Fend-dans-l'Bas; acho melhor que l'Eventreur, Deux-Cents (Duzentos) também acho bom. E também Pan-su' l-Serpent (Pau-na-Cobra).

Menos bom me parecem Bijou (para o Beijú), Cicatrice (para o Coscorão). Para o primeiro, permito-me sugerir-lhe talvez Bec-au-Bout ou Bihoreau. Para o segundo, Pue-l'Cresson ou Cloporte. Também me parece um pouco fraco, em relação aos outros, o Main Rude, para o Mão-de-Lixa; não ficaria melhor Âpre-Main? João-l'Indien é bom. Já para o Marruaz eu acho menos bons Tête-de-Fer ou Caboche; que tal Tête-de-Taureau? Para o Gavião-Cujo, acho melhor esta forma: Epervier-le-Quel. E Acauã seria Grand Hibou, ou le Hueur. Enfim, são simples sugestões. Porque o amigo está mais apto a escolher e a julgar, de acordo com a sensibilidade geral dos leitores franceses. Em geral, prefiro nomes mais vibrantes, enérgicos, violentos, mais de acordo com o tom e o ritmo do livro, com sua dinâmica tensa.

Na tradução americana, preferiram os nomes todos como estão no original, sem adaptá-los nem traduzi-los. Acho, porém, que o melhor sistema é traduzir alguns, e deixar os outros. Foi o que o amigo fez, em *Buriti* e em *Les Nuits de Sertão*, tão eficazmente. Deixar em português, isto é, como está no original, os nomes que possam, por seu aspecto bizarro ou conotações indiretas, parecer interessantes. E traduzir os que fiquem melhor em francês, pelos mesmos motivos. Acho que assim ficará bom.

Vou mandar-lhe, com prazer, um exemplar da mais nova edição do *Pequeno Dicionário*. Mas tenho de esperar um portador de confiança, pois as malas diplomáticas marítimas demoram demasiado.

¹³⁶ Deve ser um engano, a carta é de 14 de março.

No dia 15 deste mês, o *Grande Sertão: Veredas*, sob o título de *The devil to pay in the Backlands*¹³⁷, foi lançado simultaneamente, em Nova York, pela A. Knopf Inc.¹³⁸, e em Toronto, pela Random House of Canada¹³⁹. Tenho já recebido ecos extremamente favoráveis, a respeito, e vários pedidos de opção, por parte de editoras de Suécia, Noruega, Holanda, Finlândia, Dinamarca, Espanha, e de todas as grandes editoras italianas. Telegrafaram-me dando parabéns por uma nota saída no *New York Times* de anteontem, dia 22 de abril¹⁴⁰; mas ainda não pude ler. O livro ficou, fisicamente, uma beleza, meu amigo Alfred Knopf pôs em sua apresentação todo o capricho. Ficou deslumbrante. Grande, opulento, maciço. Lá na Albin Michel devem já tê-lo recebido. Aliás, na “orelha” do livro são mencionadas as editoras Albin Michel e du Seuil, como *all leading houses*. A tradução está boa, mas creio e espero que a sua possa superá-la em qualidade. O livro perdeu muito da força e do pitoresco do estilo, naturalmente, se bem que ficando com uma fluência muito gostosa. Não cortaram nada, a não ser coisinhas minimíssimas, apenas um pouquinho encurtadas, aqui ou ali. Se o amigo lê inglês, poderá pedir a Albin Michel, digo, a Madame Pasquier, que o empreste. Há alguns enganos de tradução, que o amigo descobrirá logo. Mas, em geral, tirado o acima dito, a tradução está boa. Resta ver se o sucesso na América do Norte se positiva, Deus ajudando!

Candidatei-me à Academia Brasileira¹⁴¹, na vaga do meu querido Amigo e chefe, João Neves da Fontoura¹⁴². Minha candidatura está encontrando a melhor repercussão; nenhum outro candidato sério se apresentará, de modo que espero poder ser eleito quase por unanimidade. Mas as eleições serão somente daqui a 4 meses.

(Acauã: será que o nome soa ou parece interessante, nesse caso valendo mais a pena não o traduzir, mas deixá-lo assim mesmo?)

Bem, meu amigo. Por hoje, paro. Espero que esteja agora bem de saúde, com os seus. E a tradução, vai adiantada?

Grato, muito cordialmente, o

do

Seu

¹³⁷ João Guimarães Rosa. *The devil to pay in the backlands*. New York. Trad. de James L. Taylor e Harriet de Onís. Prefácio de Jorge Amado, Alfred A. Knopf/ Toronto, Random House, 1963. 498 p.

¹³⁸ Knopf.

¹³⁹ Random House.

¹⁴⁰ A informação completa está na carta de G.R a Villard datada de 9 de maio de 1963. A dissertação de Verlangieri traz nas páginas 301 e 302 fac-símile das duas resenhas publicadas em Nova York.

¹⁴¹ Nessa segunda candidatura (a primeira foi em 1957) JGR foi eleito por unanimidade a 8 de agosto.

¹⁴² João Neves da Fontoura (1887 -1963). Membro de ABL. Por duas vezes foi Ministro das Relações Exteriores e como tal chefiou as delegações brasileiras à Conferência de Paz (Paris, 1946), à IX Conferência Interamericana (Bogotá, 1948), à VII Conferência Geral da ONU (Nova York 1952). Como chefe de gabinete do Ministro Neves da Fontoura, JGR esteve com ele nas Conferências de Paris e Bogotá. Escreveu *Memórias*.

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, número "2" no canto superior direito da segunda; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre no verso: "CÓPIA".

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, folhas 1 e 2, canto superior direito, respectivamente: "8 - 1" e "8 - 2".

2 furos.

11. Villard > JGR, 01/05/63

J. J. VILLARD

1er mai 1963

Très cher et grand ami,

Je viens de recevoir votre si aimable lettre du 24 avril et m'empresse d'y répondre. Quelle dommage que je n'aie pu vous envoyer un peu du notre froid en échange d'un peu de votre chaleur!

J'arrive en ce moment à la fin de la traduction préalable de *Grande Sertão*, une cinquantaine de pages encore et entame la frappe définitive. Je compte remettre le manuscrit à Albin Michel en juin. Je vous avouerai que j'ai éprouvé avec cette oeuvre des difficultés bien plus grandes qu'avec les autres et il est fort possible que j'ai commis des erreurs. J'ai bien souvent pesté contre vous!

Passons maintenant à la question des sobriquets. J'ai ai modifié certains et ajouté d'autres: Pacama-les-Crocs sonne mieux que Pacama-le-Dentu; Marcelino-Tête-Blanche, pour Marcelino Pampa; Acauã sonne bien en brésilien mais ne rend rien en français, cela donnerait A-c-a-u-a, car nous ne connaissons pas le tilde, je propose donc "le Chouan"; pour Beiju: Tapioca; Marruaz: Front-de-Boeuf (surnom porté par je ne sais plus quel noble chevalier du Moyen Age); Mão de Lixa: Main-de-Fer ou la Poigne; Coscorão: Cloporte ou Bouzaque (péjoratif de Bouseux, paysan en argot); Gavião Cujo: Pique-Poussin (traduction de Pega-Pinto); je laisserai Pau na Cobra, la traduction que je proposais était trop longue, à moins de mettre Tue-Serpent ou Serpentaire. J'ai traduit catrumano par cul-terreux, expression argotique pour paysan arriéré. (Chouan est la contraction de Chat-Huant, je pourrais employer ce dernier terme si vous le préférez). J'aimerais bien que vous puissiez m'envoyer bientôt votre accord.

Les seules coupures que j'ai faites concernent des énumérations de plantes ou des répétitions qui n'auraient aucun sel en français. Je me suis bien gardé de toucher à tout ce qui a trait au Sertão, à "Vivre c'est bien dangereux" et au Diable, au Diantre, au Déchu, au Renégat, au Maudit, au malin, à Satan ou quelque nom qu'on lui donne.

Maintenant, je finirai par vous raconter une histoire brésilienne que m'avait narrée mon frère, je reprendrai ses termes: *J'avais été chargé de défricher une ancienne plantation des jésuites à Macacu, au nord de la baie de Rio, abandonnée depuis un siècle. C'était devenu une véritable jungle. J'avais sous mes ordres des types extraordinaires, métis de blancs, d'indiens, de nègres, à demi sauvage et doués d'un sens d'orientation extraordinaires que seule égalait leur indolence. Ils regardaient avec une méfiance un peu méprisant "l'Européen" qui venait les commander, ignorant que j'avais mené une vie quelque peu aventureuse au Maroc. J'ai tenu à imposer mon autorité ou, du moins, un certain respect. Tu connais mon habileté aux armes; j'ai fait*

placer à bonne distance sept bouteilles de bière, vides naturellement, j'ai sorti négligemment mon pistolet et les ai cassées en sept balles, puis, à huit mètres, j'ai lancé mon couteau de chasse dans une feuille de papier à lettre. J'ai aussitôt senti que ces hommes me respectaient plus. Un jour j'ai eu le malheur de dire à un capataz qu'il était paresseux; c'était parfaitement exact mais il s'en est vexé. Le lendemain, je me rendais au chantier avec quelques hommes en suivant un sentier; j'ai vu soudain ceux qui me précédaient sur le sentier s'arrêter pour me laisser passage. J'ai avancé et vu au bord du chemin une sorte d'autel avec bougies noires, des plumes ensanglantées, une tas de saloperies. C'est un sort qu'on veut me jeter, ai-je aussitôt pensé. Que faire? Pris d'une inspiration subite, j'ai avancé jusqu'à l'autel et me suis mis à déclamer avec des grands gestes les premiers vers de l'Enéide que je me rappelais encore "Arma virumque cano Trojae qui primus ab oris, etc."... Puis je me suis tourné vers le public impressionné et j'ai proclamé: " Ceci est de la magie de descendant d'esclaves! Moi, je reviens d'Afrique où j'ai connu de vrais sorciers qui furent mes amis! Sa magie va se retourner contre lui!". Par une coïncidence extraordinaire, le jour même le dessus de porte du capataz est tombé, cassant la jambe de la femme qui rapportait le linge lavé. A partir de ce jour j'ai nom seulement été respecté, mais craint et veneré comme un grand feiticeiro. Je n'ai pas eu de collaborateur plus actif et dévoué que ce capataz. Quand je suis parti en 1939 pour la guerre, je lui ai donné mon couteau de chasses en souvenir.

Je ne sais si les vers de Virgile ont une valeur souveraine en de tels cas, mais je vous indique la recette à tout hasard.

Le Seuil vient de m'aviser qu'il allait me confier la traduction d'une autre de vos oeuvres, une serie de nouvelles. Je suppose qu'il s'agit de *Primeiras Estórias* et je m'en réjouis grandement.

Veillez m'excuser la frappe imparfaite, mais j'ai des ennuis avec le "t" de ma machine.

Je souhaite un succès mérité pour votre candidature à l'Académie et vous envoie, mon très cher ami, l'expression de ma très grand amitié.

J.J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 2 folhas; 26,8 x 20,8 cm.; papel branco.

Intervenção do destinatário:

a tinta vermelha, folhas 1 e 2, canto superior direito, respectivamente: "11", "11-1" e "11", "11-2";

a lapis verde, folha 1, sublinhado: Pacama-les-Crocs, Marcelino-Tête-Blanche, la Poigne, Cloporte, Tue-Serpent, Chat-Huant;

a lápis preto, folha 1, margem esquerda, altura do terceiro parágrafo, anotação: "*le Tacheté*".

2 furos.

12. JGR > Villard, 09/05/63

Rio de Janeiro, 9 de maio de 1963

Meu querido Amigo,

Sempre simpática, como sempre, e com tão boas notícias, chegou-me ontem sua carta do 1º. Deliciei-me com o caso acontecido com seu irmão em Macacu, no qual ele se fez o super feiticeiro herói respeitado. Adorei. Acho, mesmo, que vou ficar mais

ativo e rápido na nossa correspondência, para ver que ganho mais dessas magníficas partes de suas cartas. Quem sabe, um dia, explorando-as, vou escrever um “Mémoires d’un capiau Français”, ou “Caipiras de la Normandie et campanhards du Brésil”, ou “Petites Histoires de mon grand Traducteur” ...? Obrigado, por esses agradáveis momentos. É raro, hoje em dia, encontrar quem escreva cartas tão ricas de seiva e de um espírito tão alegremente harmonioso, ao mesmo tempo que tão inteligente. E, agora, pouco a pouco, vou vendo como eu e os meus livros tivemos tanta sorte de encontrá-lo. Sua cultura e sua experiência colorida da vida explicam como lhe é possível traduzir assim. E, por tudo, fico encantado de saber que Le Seuil vai-lhe confiar agora as *Primeiras Estórias*. Com isso, sinto-me feliz. Lembro-me do que aconteceu, conta-se, com Gabrielle Dannunzio. Suas traduções, na França fizeram seu nome brilhar, tiveram sucesso imenso. O tradutor sentia e amava seus livros, decerto traduzia-os com empatia, com alma. Mas, por isso mesmo que as traduções eram muito louvadas, Dannunzio parece que se enciumou, e resolveu mudar de tradutor. Daí por diante, e se bem que tudo saísse certo e correto, tudo mudou. Seus livros deixaram de agradar, não tocavam mais os leitores, alguma coisa tinha-se evaporado! Eu acredito que há “casamentos felizes” também de autores e tradutores. E acho que o nosso é um deles. E fico feliz quando leio críticas daí ou da Bélgica, que o elogiam. E grato, sempre.

**

Agora, sobre os nomes:

Pacamã-les-Crocs, acho ótimo. (Marcelino-Tête-Blanche não gosto, acho muito óbvio) preferiria MARCELINO LE TACHETÉ. Prefiro também, para o “Acauã”, le Chat-Huant (não gosto de le Chouan, que fica muito victorhuguesco, muito Vendée); mas, quem sabe, o que me parece melhor seria: ACAOUÃ – perfeitamente plausível? Assim também, e embora não ache de todo mau Front-de-Boeuf, sugiro que se use le Marrouaz, para o Marruaz, parece-me sugestivo. Beiju, Tapioca serve; mas (e perdô-me, mas quando lido com nomes, começo a apaixonar-me ou a desmedir-me em gula, como menino diante de doces...) aqui me acodem também: Bimbelot, ou Brait-Broncheur ou Biscorneur; ou o seu Bouzaque (quem sabe, Bouzaquin? Gosto quando há um radical conservado, mas com modificação, como no caso acima, do meu Bimbelot, que não existe, mas pairará entre Bibelot e bimbelotier e bimbeloterie...) proposto para o Coscorão. Porque, para o Coscorão, mesmo, gosto muito mais de Cloporte (linda palavra).

“Pau-na-Cobra”, tanto fica bom deixar, como bom é, parece-me, Tue-Serpents (não é melhor, talvez, no plural, assim?). Para o Mão-de-Lixa, acho bom La-Poigne (não gosto de Main-de-Fer); também podia se L’Enclumeur, L’Enclouu (não é lindo?) ou Main-de-Main. Deixo, porém, a escolha final a seu pleno critério, pois o Amigo está aí, sentindo ou pressentindo o sentir dos leitores franceses. E minha confiança no meu Tradutor é, já disse, sem sombras. Só para um caso é que gostaria de opinar forte. É para o “Gavião-Cujo”. Para ele, eu lhe pediria consevar, de qualquer modo, o nome de L’Epervier-le-Quel. Sei que é fora dos usos comuns, na “arte de apelidar”. Mas, no caso, trata-se de uma esquisitice mesmo em português, ou brasileiro; e, além, do mais, seria a exata tradução. Além disso, o nosso livro é, em tudo e por tudo, um livro estranho, tendo licença a disparates desses. Obrigado.

Quanto a cul-terreux para os “catrumanos”, não acho mau. Apenas, fico numa dívida. Não sei qual a “tônica”, as “conotações” dessa expressão, aí. Pareceu-me carregar no burlesco, no cômico. Ora, no caso dos “catrumanos”, a carga deve ser de estranheza, de primitividade, de “homens-das-cavernas”, de trágico e misterioso. Assim,

talvez se pudesse empregar, para eles, “les hideux”. Que acha? Usando-se sempre entre aspas: os “hideux”, des “hideux”, ces “hideux”. Pense nisso.

Meu Compadre AZEREDO DA SILVEIRA escreveu-me, a seu respeito, ficou admirando-o e simpatizou muitíssimo com o Amigo, o que muito me alegra. Gosto de sabê-los em tão boas relações.

Ia-me esquecendo do título. Achei bom DIADORIM. Ou o SERTÃO DE DIEU, SERTÃO DU DIABLE. Mas pensei também alguns outros, que aqui vão:

DIADORIM
DU
DÉMON DE DIEU.

Ou:

LA TRAVERSÉE.
LA GRANDE TRAVERSÉE.
DIADORIM DES FLEUVES.
DEVANT LES GRANDS FLEUVES.
LES FLEUVES DU DÉMON DE DIEU.
DIADORIM DE L'URUCUIA.
DU DÉMON, DE DIEU, DES FLEUVES.
DU DROIT DU DÉMON DE DIEU.
DÉSORMAIS DIADORIM.
LES HORS-LA-FOI.
LA CROISÉE DES CHEMINS.

(De “Les Combes du Grand Sertão” também não gosto, é fraco. E “Le diable dans le carrefour” não serve, porque, tal como na edição norte-americana, o SUBTÍTULO deve ser, acho eu, conservado, e ele já é: Le Diable dans la rue, au milieu du tourbillon...).

Alegro-me de poder dizer-lhe que as notícias dos Estado Unidos são ótimas. O livro, lá, está fazendo barulho. Já recebi quatro “reviews”, todas muito elogiosas. Por isto mesmo, vou-lhe pedir que procure Madame Pasquier, na Albin Michel, e lhe dê indicação delas, porque poderão procurar os jornais e usar, oportunamente, frases das críticas, para propaganda, quando o nosso for lançado aqui. O título do livro, pela Knopf, é “THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS”. Os jornais que trazem as críticas são:

- I) Artigo de ORVILLE PRESCOTT, no *The New York Times* de 17 de abril (na “International Edition” do *The New York Times*, vendida aí, é de 22 de abril);
- II) *Washington Post*, de 14 de abril.
- III) *The Sunday Star*, de Washington, de 14 de abril.

IV) *The New York Times Book Review*, de 21 de abril.

Sabe quando o Seuil vai publicar o volume com as outras histórias do *Corpo de Baile*? Gostaria de saber se vão, e quando.

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 3 folhas; 25,3 x 20,2 cm.; timbre no verso: "CÓPIA".

Intervenção do destinatário: a tinta vermelha, canto superior direito, folhas 1, 2 e 3 respectivamente: "12", "12-1"; "12", "12-2" e "12", "12-3".

4 furos.

13. Villard > JGR, 24/06/63

J. J. VILLARD

24 juin 1963

Mon très cher ami,

Voici bien longtemps que je vous dois une lettre et le dictionnaire dedicacé que m'a remis Azeredo da Silveira est venu aviver mes remords. Az[eredo]. et moi avons longuement bavardé au consulat en buvant un cafézinho et naturellement, nous avons beaucoup parlé de vous. Je suis désolé que cet homme charmant quitte Paris avant que j'aie pu faire plus ample connaissance avec lui, mais je suis heureux de le voir désigné pour un poste de cette importance.

Passons maintenant à Tatarana & Cie. Finalement je ne traduirai par Pampa ni Pau-na-Cobra. J'écris Acaouan, bien que Chouan soit la déformation paysanne de chat-huant. Pour Fancho-Bode: Bougre-Bouc, qui sonne bien, en maintenant le sens. Carro-de-Boi: Démêloir (surnom donné à un bègue qui bafouillait tant qu'il fallait démêler ses paroles comme des cheveux. Ventarol: Toupie (on dit: ronfler comme une toupie). Catrumanos: les affreux. Pour Beiju, j'ai maintenu Tapioca. Mão-de-Lixa: La Poigne.

J'ai une mauvaise à vous annoncer: je comptais finir en juin, mais, comme on dit, j'ai "craqué" et je me suis trouvé hors d'état de terminer à la cadence que j'avais prévue. Je dois vous avouer que jamais une traduction n'a été si éprouvante pour moi. Certains jours je ne parvenais à traduire que quatre ou cinq pages. Dix pages dans une journée était un maximum, rarement atteint. Et ce n'était qu'un premier jet. Quand il s'est agi de taper le tout à la machine en mettant au point, je comptais parvenir à vingt ou vingt cinq pages par jour. Je les ai faites au début. Puis j'ai la rançon de près de cinq mois durant lesquels j'ai travaillé presque tous les jours jusqu'à minuit et, dès la dixième page, parfois avant, mon esprit et ma vue commençaient de se brouiller, je faisais de fautes de frappe, sautais des lignes, etc. J'avais et j'ai besoin de repos. Je vais partir en vacances pendant un mois en Autruche, à Igls, où j'ai retenue une chambre à l'Alpenhoh Kittler, du 16 juillet au 6 août. Je quitte Paris le 8/7 pour y revenir le 14/8. Au moment de mon départ le livre sera au ¾ achevé.

Je suis heureux que ma petite histoire de super-feiticeiro sur mon frère vous ait amusé. Je suis certain que si jamais vous passez du côté de São Carlos (Estado de São Paulo) à la Fazenda Santo Antonio, mon frère pourra vous raconter bien d'autres. Il est marié avec Antonieta Botelho et gère la fazenda depuis la mort de son beau-frère.

Quand je vous parle de lui, j'ai de profondes saudades, car je ne l'ai pas revu depuis 1945, lorsqu'il a été démobilisé et est reparti pour le Brésil. C'est mon seul frère.

Maintenant après ce long verbiage, je vais vous raconter quelques brèves anedoctes pour vous récompenser de votre patience. Mais je vais me livrer à une petite vengeance, je vais vous écrire la première en transcrivant les phrases telles qu'un Normand les a prononcées:

Mon père avait, avant la guerre de 1914, une laiterie en Normandie, dans les environs du Havre et de Rouen. J'avais seize ans, j'étais en vacances, mon père m'a envoyé faire la paye du lait (on payait une fois par mois nos fournisseurs). J'étais assis sur le siège du grand chariot, à côté du vieux laitier qui suçait sa pipe. Nous arrivons chez une vieille bigote. En approchant, mon bonhomme a tiré sa pipe de sa bouche et m'a déclaré solennellement: "*C'te vieille-là est eune vieuille gâ'ce. Su' l'âge, ça s' met d'église, vu que les cierges est plus long qu' les bougies.*" Et je ne devais pas rire en l'entendant, ça lui aurait déplu; je devais me borner à hocher silencieusement la tête. Car les Normands sont très renfermés et peu expansifs, n'aiment jamais dire oui ou non, de crainte de s'engager. On raconte toujours l'histoire du vieux paysan rencontré dans la rue un dimanche matin, son livre de messe à la main, et à qui l'on demande: "*Alors, Pé Natole; on va à l'église?*" et qui a répondu: "*Euh, ... On va du côté...*"

Les autres histoires sont des souvenirs de la première guerre.

"En août 1916, à Verdun, j'étais monté à la position de batterie avec une corvée d'une dizaine d'hommes pour faire de terrassements. J'avais alors le somptueux grade de "cabo". Un des mes hommes était un viel artilleur colonial, abruti par l'alcool et vingt-cinq ans de service. La batterie était dans un creux à 800 m. des premières lignes. À une cinquantaine de mètres en avant, des cadavres d'Allemands, tombés là trois mois plus tôt au cours d'une attaque, finissaient de se dessécher. Je vois mon bonhomme, la moustache encore humide du dernier coup de vin, se diriger vers cet amas, se pencher, fouiller, puis revenir en rapportant quelque chose qu'il cachait un peu. C'était un bras. Il m'a expliqué: "*C' tui là, l'avait guère l'habitude de travailler. L'a les ongles trop bien faits. J'vas le garder comme souvenir.*" Nous avons été obligés de reprendre ce bras et de l'enterrer pendant qu'il avait le dos tourné.

Octobre 1917, au Chemin des Dames. Les Allemands se sont repliés. Mais en s'en allant, ils ont piégé tous les abris, avec des grenades, des obus explosifs et à gaz. Un de ces abris saute, tuant tous les soldats d'une section d'infanterie qui s'y étaient installés. Seul le lieutenant qui la commandait en a rechappé, ayant été appelé au poste du chef du bataillon. En apprenant ce désastre, il a été pris d'un accès de folie et a disparu. On le cherche partout et le découvre finalement. Il avait placé une toile à la porte de cet abri infesté de gaz et mangeait seul, à une table, éclairé par une bougie. "*Que fais-tu là?*", lui demande un autre officier. "*Tu vois, je dîne. Je t'invite. J'ai mis une toile parce que la porte est face aux Boches. Il ne faut pas qu'ils voient la lumière.*" "*Mais tu es marteau de dîner comme ça seul?*" "*Seul? Tiens... -- et il montre un pied sortant des décombres -- c'est mon ordonnance. Il refuse mon invitation.*" Il a fallu l'entraîner de force hors de l'abri. Il était brûlé à fond, crachant ses poumons. Il a failli mourir. Mais on a pu quand même le sauver à l'hôpital et sa folie a disparu."

Je suis un peu comme Riobaldo, ma mémoire est bonne et mes souvenirs me reviennent. Je VOIS les scènes de jadis. C'est ce qui me permet de voir les scènes que vous décrivez. J'ai une imagination visuelle et j'ai l'impression que vous êtes non seulement poète mais aussi peintre pour décrire comme vous le faites.

Dans votre lettre vous me citez des mots français qui vous plaisent et que vous voudriez me voir adopter comme surnoms. Mais beaucoup de ces mots ne sont pas courants, surtout dans le peuple. Cloporte par exemple. L'insecte est généralement

appelé par les paysans Cochon de St. Antoine. Par contre des étudiants appellerons un concierge Cloporte par jeu de mot, car il clôt la porte.

En regardant la carte routière où les noms de hameaux sont portés, j'ai trouvé de noms qui vous plairaient certainement: Écoute s'il pleut; La Grange au Doyen; Ville Froide; Fôret de la Potence; La Vente de l'Avocat; La Belle Idée; Le Plancher des Belles Filles; Les Crocs Larrons; Les Quatre Vents; Heurte-Bise; Outremont; Le Val des Dames; etc.

Je termine cette longue épître, en vous remerciant encore pour le dictionnaire dont j'espère faire bon usage et en vous envoyant mes très amicaux souvenirs

Saudades

J. J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 2 folhas, a segunda numerada na margem superior direita: "2"; 26,8 x 21 cm.; papel amarelado.

Intervenção do destinatário:

a lápis preto, canto superior esquerdo: rubrica ilegível;

a tinta vermelha, canto superior direito, folhas 1 e 2, respectivamente: "13-1" e "13-2."

2 furos.

14. JGR > Villard, 17/08/63

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1963

Meu caro Amigo,

Alegrei-me com sua última carta, de 24 de junho, boa e divertidíssima. Adorei as anedotas. E só não escrevi, logo depois, porque preferi aguardar seu regresso das merecidas férias austríaco-alpinas, já repousado e renovado em forças para continuar a luta contra o sertão áspero do Riobaldo. Agora, porém, já aqui estou, com saudade e com os melhores votos.

De qualquer maneira, o avanço realizado na tradução foi razoável e bom, dado que, como reconheço, o livro é crespado, fechado, duro, pelo que posso imaginar as dificuldades heróicas para vertê-lo. O importante – e disto estou plenamente certo – é que o resultado será magnífico, e que vamos ter uma tradução francesa bela e digna, como as anteriores, se não mais. Obrigado, meu bom Amigo.

Quanto aos nomes, estou e estarei de perfeito acordo. E fico feliz, de ver como nossas sensibilidades se entendem, numa harmonia e acerto de gostos que são como verdadeiro reencontro de espíritos. Assim, foi também com viva satisfação poética que li os expressivos nomes de *hameaux*, que me manda, extraídos da *carte routière*. Que beleza!

E, na mesma ordem de idéias, há um ponto do livro, para o qual gostaria muito de chamar sua atenção.

É a respeito do pássaro – muitíssimo gracioso, muito lindo – o “manuelzinho-da-crôa”.¹⁴³

Já na página 141 (da PRIMEIRA EDIÇÃO; página 135 da SEGUNDA EDIÇÃO, fala-se nas “crôas de areia”. Crôa, ou corôa, são os bancos de areia (banc de sable?), isto é, rasas ilhas, só de areia, comuns nos nossos rios. E há, também, o que se chama crôa-com-ilha, (banc-de-sable-avec-île?). isto é, metade corôa ou crôa, metade ilha, como, aliás, no texto, mesmo, se explica.

Mais tarde, o manuelzinho-da-crôa é mencionado, pelo menos, nos seguintes lugares: PRIMEIRA EDIÇÃO - pag. 143 (duas vezes), pag. 307, pag. 575; SEGUNDA EDIÇÃO - pag. 137 (duas vezes), pag. 294, pag. 553.

Trata-se de um pequenino pernalta elegante. O célebre viajante e explorador inglês Richard F. Burton¹⁴⁴, que desceu o Rio das Velhas e o São Francisco, em um ajoujo de canoas, a êle assim se refere:

“Small Charadriidae hopped gleesomely about the sands, together with manuelzinho-da-croa – little Emannuel-of-the-sandbar – a Scolopax with red-stokinged stilts, much resembling our sandpiper.” (E, agora, verificando num dicionário inglês-francês, vejo que o sandpiper se traduz como: maubèche, ou chevalier, ou charlot de plage, ou bécasseau.

Não só por motivos de simpatia minha pessoal, para com esse gentil pássaro, mas também porque o manuelzinho-da crôa, no livro, representa um dos “motivos”, tomado como símbolo, a minha idéia era registrarmos seu nome como: le petit manuel-du-banc-du-sable, ou petit-emannuel-du-banc-de-sable, ou mesmo le-petit-chevalier-du-banc-de-sable, petit-charlot-du-banc-de-sable (mas, nestes dois últimos casos, pondo-se uma nota de pé-de-página, ou no Glossário, com o nome em português e sua tradução literal). Naturalmente, acrescentar-se-ia, na mesma frase, a tradução corrente, expletiva: le petit charlot de plage aux échasses rouges, etc., conforme a passagem e o caso. Que acha de tudo isso?

Mas, desde já, digo que estarei de acordo com qualquer solução que o Amigo prefira, e que ache mais ajustada ao gosto do leitor francês. Queria, apenas chamar-lhe a inteligente atenção para aquele passarozinho, que amo. Merci.

E aqui termino, com saudade, com o sempre grato sentir e o melhor *abraço* do

Seu

a) *Guimarães Rosa*

Datiloscrito; cópia carbono; autógrafo a tinta azul; 2 folhas, segunda numerada: “2”; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho nas folhas 1 e 2, respectivamente na frente e no verso: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, folhas 1 e 2, canto superior direito, respectivamente: “14-1” e “14”.

4 furos.

Anexo:

“no livro, representa um dos “motivos”, tomado como símbolo, a minha idéia era registrarmos seu nome como:

¹⁴³ O assunto “manuelzinho-da-crôa” também é tratado nas correspondências com os tradutores para o inglês e o alemão.

¹⁴⁴ Richard Francis Burton (1821 - 1890).

le petit-manuel-du-banc-de-sables, acrescentado-se, na mesma frase, le chevalier aux petits pieds rouges, le petit charlot de plage aux échasses, le chevalier aux petits-pieds-rouges, etc, conforme a passagem e o caso. Que acha disso? Mas, desde já, digo que estarei de acordo com qualquer solução que o Amigo prefira, e que ache mais ajustada ao gosto do leitor francês. Queria, apenas, chamar-lhe a inteligente atenção para aquele passarozinho, que amo. Merci,

*

E aqui termino, com saudade, com o sempre grato sentir e o melhor”

Rascunho sem assinatura; sem data.

Autógrafo, primeiro parágrafo a lápis preto, com rasuras, segundo parágrafo a tinta azul; original; 1 folha; 32,2 x 22,2 cm.; papel branco, timbre (verso):

“Secretaria de Estado das Relações Exteriores

Memorandum para o Sr.

Em..... de..... 19.....”.

2 furos.

15. Villard > JGR, 05/10/63

J. J. Villard

47, Bd. de la Saussaye

Neuilly sur Seine

5 octobre 1963

Monsieur João Guimarães Rosa

Palacio Itamaraty

Rio de Janeiro – Brésil

Cher grand ami,

Voici longtemps que je vous dois une lettre et les remords me poursuivent.

Vous avez dû recevoir la traduction que Chodkiewicz m’avait demandé de faire de “Fatalidade”. C’est une traduction que j’ai faite assez vite car le temps pressait. J’ai commencé par lire et relire une dizaine de fois la nouvelle pour bien m’imbiber de son esprit, car je crois que c’est l’esprit qui compte en premier lieu, puis je l’ai traduit, puis laissée de coté, puis relue et corrigée, puis relue encore une fois en comparant avec le texte original, puis corrigée encore. J’ai dû commettre quelques erreurs, car il est parfois difficile de savoir si un verbe est à la première ou à la troisième personne du plus-que parfait ou du subjonctif. Je vous prie de m’en excuser. Dans de tels cas je me laisse guider par l’esprit de la nouvelle, tel que je l’interprète.

Je remets en ce moment au net *Grande Sertão: Veredas*. Je ne puis toutefois procéder avec cette merveilleuse oeuvre comme avec une brève nouvelle. C’est un travail pénible mais passionnant. Je compte avoir fini de le mettre au net dans quinze ou vingt jours, après je n’aurai plus qu’à relire encore. Pour Manuelzinho-da-Croa, j’ai adopté Chevalier-des Sables, la traduction littérale aurait été Chevalier-des-Bancs, ou

des Laisses, mais ces deux mots prêtaient à confusion (banc pour s'asseoir et laisse pour tenir un chien). Et puis des Sables est plus poétique.

Il y a une expression qui me gêne un peu, p. 393, quand Sêo Habão dit: “ – Dou notícia... Dou notícia.” A-t-elle un sens particulier? Différent de la traduction littérale?

Pour le reste, ça va assez bien, mais je découvre toujours de nouvelles erreurs que j'ai commises, et il en restera encore!

Maintenant, je vais vous raconter deux petites histoires; l'une vraie, de mon petit village, l'autre inventée, mais qui pourrait être vraie.

“Dans mon village, en bas de la côte, à main droite de la mare, habitait un petit bonhomme, mal fichu, surnommé Roussi, vu la couleur de ses cheveux. Il avait épousé une grande femme, rude, une sorte de virago, à qui il avait fait quand même plusieurs enfants. La femme portait la culottes du ménage et le pauvre Roussi devait filer doux. L'hiver cette année-là était très rude, il avait neigé dru, maintenant il gelait ferme. Roussi avait pris froid, il toussait jour et nuit, empêchant sa femme de dormir. Une toux sèche et creuse. Le docteur passait dans sa voiture. La femme s'est resignée à l'appeler, vu qu'un docteur, ça coûte. Le pauvre Roussi était vraiment mal en point. Le docteur a diagnostiqué une pleurésie et a rédigé une ordonnance, puis il est reparti dans sa voiture. La plus proche pharmacie était à une bonne lieue de là. Roussi tremblait de fièvre sur sa couche quand sa femme l'a interpellé: “ – *Penses-tu, feignant, qu'on va se déranger pour té? Tes médecines, t'iras les quérir.* ” Et le pauvre Roussi, emmitouflé comme il avait pu, a grimpé la côte. Il a suivi la route sur le plateau, battu par la bise, trébuchant contre les orniers de neige gelée, avançant sur une terre blanche, sur un ciel noir piqueté d'étoiles. Arrivé à la grand-route, il a redescendu sur le hameau de Prud'hommes, où il ne reste plus que le lavoir, une maison et les ruines de deux autres. Plus loin, il a pris sur la droite, la route qui monte vers Tourny, le plus haut village du plateau. Il est allé à la pharmacie, a acheté les médicaments. On a voulu le retenir. Il a refusé, car “la femme serait pas contente”. Et il est reparti. Péniblement. Il a fait une nouvelle lieue dans la nuit, le froid et la neige... Arrivé... trainé il s'est presque jusqu'à sa maison. Transi. Claquant les dents de froid et de fièvre. Il s'est laissé tomber sur la pailasse. Le lendemain matin, il était mort. La femme est allée à la pharmacie pour rendre les médecines et se les faire rembourser.”

L'autre, est une vieille histoire inventée, mais plus gaie, quoique macabre. Le médecin fait sa tournée en cariole. Accoudé à la barrière, une femme lui fait signe. “*Comment ça va chez vous, la mère?*”. “*Oh, y a le patron qui va point fort. Si ça serait un effect de votre obligeance de le regarder, M'sieu l' docteur?*”. Le médecin attache sa jument à la barrière, entre, examine le bonhomme, et diagnostique une constipation forcenée. Il ordonne un fort purgatif et s'en va. Le lendemain en passant il demande à la bonne femme: “*Eh bien, est-il allé à la selle?*”. La femme prend un air ahuri et répond: “*Ah, dame non, M'sieu le docteur.*”. “*Bon, doublez la dose.*”. Le lendemain, il aperçoit la femme sur le marché, où elle était venu vendre ses oeufs. Il l'interpelle: “*Alors, cette fois, il a été à la selle?*”. La femme reprend son air ahuri: “*Ah, dame non, M'sieu le docteur.*”. Le docteur réfléchit un minute et dit: “*Bon, doublez encore la dose.*”. Tout de même cet état hermetique l'inquiète et le jour suivant il se rend à la ferme. Il est accueilli par la femme éplorée. “*Ah, docteur, un grand malheur! Le pauvre homme a passé ce matin! Et puis faisait trois jours qu'il chait tripes et boyaux!*”. “*Mais, malheureuse! vous me disiez toujours qu'il allait pas à la selle!*”. “*Dame non, M'sieu, il allait pas à la selle, il allait su' l' fumier...*”.

Sur cette note plus humoristique je termine ma lettre. Je tiens toutefois à vous dire combien je pense à vous dans ces temps des troubles qui semblent sévir dans ce beau pays qui est le vôtre et un peu le mien.

J'espère qu'une lettre de vous m'apportera bientôt des nouvelles plus rassurantes.

Je vous donne en pensée l'accolade et vous prie de croire, cher et grand ami, à l'expression de mes sentiments les meilleurs.

J. J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 1 folha, frente e verso; 27 x 21 cm.; papel branco.

Intervenção do destinatário:

a tinta azul, frente, canto superior esquerdo: rubrica ilegível;

a tinta vermelha, frente, margem superior direita: "15"; margem inferior direita: "(verso) >".

2 furos.

Anexo: tradução "Fatalité".

Datiloscrito; original; 5 folhas numeradas, 27 x 21 cm.; papel branco.

Intervenção do remetente: a tinta preta, algumas correções, nas páginas 3, 4 e 5.

Intervenção do destinatário:

a tinta azul, página 1, canto superior direito: "J. J. Villard";

a lápis preto, a lápis de cor verde, ou ambos simultaneamente, correções ou soluções alternativas para a tradução, esparsas nas cinco páginas.

2 furos.

16. > Chodkiewicz, s/d¹⁴⁵

Cher Monsieur et Ami,

Bien reçu votre lettre du 25 septembre, qui m'est parvenue hier, ainsi que les deux traductions de Fatalité: celle de Mr. J.J. Villard et celle de Mr. Pierre Furter. Je vous suis reconnaissant [très] que vous ayez voulu connaître mon opinion sur le sujet.

Très franchement, le texte de Mr. J.J. Villard m'a plu et m'a satisfait entièrement. Je partage, donc, votre opinion et celle de la Maison. À mon avis, la traduction est honnête, fidèle, solide et organique, et, de plus, sympathique et de fraîche naturalité. Ce qui prouve, une fois du plus, que "notre traducteur" mérite de garder notre confiance.

D'ailleurs, je dois vous dire, j'ai déjà pu faire une pareille constatation. Vous vous rappelez que la revue PLANÈTE[S] a traduit et publié un des mes contes, La troisième rive du fleuve. Or Mr. J.J. Villard en avait lui aussi fait la traduction et, à ma demande, me l'a envoyée. Comparés les deux textes, c'est celui de Mr. J.J. Villard qui, de bien loin, a eu ma préférence.

Quant à la traduction de Mr. Pierre Furter - je dois vous dire - je la connaissais déjà, ayant même eu occasion de suggérer quelques petites modifications. Après ça, Mr. Haroldo de Campos -- un des poètes d'avantgarde, "concretiste", par ailleurs, intellectuel honnête et de réelle valeur, a contribué aussi avec quelques conseils, que je vois MR Furter avoir accepté.

Je suis très reconnaissant envers lui, à cause de cet effort et de son charmant intérêt.

¹⁴⁵ Apógrafo meu. Versão conjectural a partir de autógrafo de JGR, carta inacabada que ficou no rascunho.

Rascunho sem assinatura, sem data (anterior a 14/10/63).
Datiloscrito; original; autógrafo: supressões a lápis vermelho; acréscimos e correções a tinta azul; novas correções, supressões e acréscimos e a lápis preto; 2 folhas; 32,5 x 22 cm., papel amarelo; timbre: mre. 2 furos.

17. JGR > Villard, 14/10/63

Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1963

Meu caro Amigo J. J. Villard

Fiquei muito contente de receber, hoje, agorinha mesmo, sua boa, excelente carta. Fazia tempo que me faltavam suas notícias, embora o soubesse, como de fato estava, debruçado sobre o *Grande Sertão: Veredas*, com sofrimento presente e glória futura. E, a respeito dele, do adiantado da tradução, o que me conta muito me anima. Obrigado. Gostei da solução chevalier-des-sables (em minúscula), para o *passarinho*. (Não poderia ser *petit-chevalier-des-sables*?) Poética, perfeita. Quanto à expressão do Seô Habão (p. 393) – “Dou notícia... Dou notícia... – o sentido é o da tradução literal, isto é, porém, como quem responde um pouco vaga e evasivamente. Como quem não está certo de conhecer, ou que não conheceu o outro (o Padrinho Selorico) pessoalmente, mas, sim, só por ouvir dizer, por ter ouvido falar nêle.

Gostei imensamente, e muito lhe agradeço, das duas “estórias” que me conta. Principalmente a do pobre Roussi, e de sua megera de mulher. Está contada magnificamente. E é terrível. Agora é que vejo como os contos de Maupassant¹⁴⁶ eram reais e plausíveis, quando mostra a dureza do coração de certos camponeses. Impressionou-me, muito.

Recebi pelo Chodkiewicz, sua tradução do “Fatalidade”. Agradou-me, como sempre, e já escrevi ao Chodkiewicz¹⁴⁷ manifestando meu aplauso e renovando, sempre maior o meu apoio ao nosso tradutor e meu amigo J.J. Villard. Estou certo de que fará uma primorosa versão francesa de *Primeiras Estórias*¹⁴⁸.

Vi que já notou a dificuldade dele. É que, sendo pequeno, de estórias tão curtas, exige uma tradução muito meticulosamente afinada, capaz de transmitir também um interesse em cada frase, em cada linha, quase que em cada palavra. Só aparente e enganosamente é que ele se finge de simples, de livrinho singelo. Muito mais que uma coleção de estórias rústicas, o *Primeiras Estórias* é, ou pretende ser, um manual de metafísica, e uma série de poemas modernos. Quase cada palavra, nele, assume pluralidade de direções e sentidos, tem uma dinâmica espiritual, filosófica, disfarçada. Tem de ser tomado de um ângulo poético, anti-racionalista e anti-realista. Há pouco, com poucos dias de diferença, um crítico, aqui, aludiu ao que há nele, como sendo um “transrealismo”¹⁴⁹, e outro crítico dava à coisa a denominação, aparentada, de “realismo cósmico”¹⁵⁰. É um livro contra a lógica comum, e tudo nele parte disso. Só se apoia na lógica para transcendê-la, para destruí-la. A esse respeito, seria interessante ler os *rapports* que os leitores da editora forneceram às Éditions du Seuil; em carta, o

¹⁴⁶ Guy de Maupassant (1850-1893).

¹⁴⁷ Carta 16.

¹⁴⁸ A tradução, publicada bem mais tarde, foi outra, de Inès Oseki-Dépré: *Premières histoires*. Paris, A. Metaillé, 1982. 210 p.

¹⁴⁹ Tristão de Ataíde. “O Transrealismo de G.R.” *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 30 ago. 1963.

¹⁵⁰ Realismo cósmico.

Chodkiewicz me transmitiu algumas das apreciações deles¹⁵¹, que mostram que aí eles sentiram o livrinho assim. Fico contente.

Agora, a este respeito, e apenas porque o Amigo me diz ter feito a tradução à pressa, e a título de conversa cordial, ponho aqui uns comentários, anotações desprezensíveis, mas que talvez possam ajudar. Se algumas delas forem tolas, mostrando minha ignorância do francês, não se ria delas, por favor. Veja só a cordial e amiga boa vontade.

1. Para a frase inicial, quem sabe ficaria bem: *Ce fut le cas qu'un petit bonhomme*, etc. ?

2. Em vez de *alla trouver*: *vint trouver* ? (1ª linha).

3. Em vez de *pour lui demander* etc. (2ª linha): *pour une affaire de vie ou de mort* - ? Depois de ... *mort*, (2ª linha), pôr ponto final. E começar a frase seguinte: *Mon ami étant un homme...* etc.?

4. Deve ser (linha 7): *Ce qui nous voyons est seulement un miracle*; Ou: *n'est qu'un miracle*.

5. Linha 8: Deve ser: *Mon ami étant fataliste*.

6. L. 11: *ne l'égalait* (em vez de *ne l'ait égalé*).

7. L. 13: *especuler* (em vez de *philosopher*).

8. L. 15: *La vie nous offre peu de possibilités*.

9. L. 15: Não sei se o *assiette* dá bem a idéia. (Fatalista, por ser deixada cair e quebrar-se a qualquer momento...).

10. L. 18: Deve ser: *trente ans, et devait donc eu avoir beaucoup plus, donc*.

11. Ls. 21/22: Deve ser: ... *est fait de choses qui s'enchainent, et encore des conditions générales de personne, lieu et temps... et le karma...*

12. L. 23: *Le fait est que Mon Ami était très réellement existant; il ne se présentait seulement comme image, etc.*

13. PÁGINA 2, linha 2. Fosse melhor traduzir o *Centeralf*. (É uma posição, no *team de foot-ball*. *Centredemi*?)

14. L. 17. *citait Epître de Saint Paul* (em vez de *l'Epître*)?

15. L. 13. Traduzir: *du Père du Prêtre* - ?

16. L. 13. *Il vivait si bien avec sa femme qu'il tirait plaisir de chaque jour et au travail ne rechignait pas*.

17. L. 17. Em vez de *doux yeux, ardent yeux* - ?

18. L. 22. Cabo-Verde.

19. L. 27. A palavra *querelle* (já usada acima, muito perto, l. 15) talvez ficasse melhor substituída por outra.

20. L. 28. Em vez de: *vaut toujours, Mieux vaudrait toujours*?

21. PÁGINA 3, linha 2. Em vez de *subir*, melhor *causer quelque malheur*.

22. L. 16. Não é bem *acheté*. É *trouver* (arranjar)

23. L. 26. Em vez de *malice*, deve ser *méchanceté*.

24. L. 28. Deve ser: *encore plus assombri*.

25. PÁGINA 4, linha 7. Deve ser: *moi, en particulier, je suis pauvre* (ou *comme particulier*, ou *en privé* - ?). Há uma nuance de *humour*.

26. L. 8. Deve ser *un silence moyen* (conservando o tom ambíguo).

27. L. 25. Suprimir o *Tu veux*, deixando só / *Un café...* ou *un* etc.

28. L. 28. O “causavelmente” precisa ser conservado, de algum modo, nele reside uma nuance importante.

¹⁵¹ Essa carta ao editor da *Seuil* e esses pareceres, cujo envio a autor é excepcional, são mencionados por JGR em “Uma não-entrevista a Pedro Bloch”, que parece ser a transcrição de uma conversa. *Manchete*. Rio de Janeiro, n. 580, 15 jun. 1963.

29. PÁGINA 5, L. 13: *ses propres yeux infra-humains*.
30. L. 22. *Mais, la nécessité a des mains de bronze...*
(Porque era assim simbolizada, pelos gregos, a Necessidade).

Desculpe-me, tudo isso foi um pretexto para conversar mais um pouco com o Amigo. Sua tradução, repito, sincera, francamente, deliciou-me. Principalmente pelo tom simpático, orgânico, fresco, de coisa viva e orvalhada, seu jeito lembra-me as andouilles de Vire e o cidre mousseaux -- duas das coisas de que mais gostei, em França. Um escritor ou jornalista suíço, Pierre Furter¹⁵², traduziu, por sua própria conta, algumas das estórias. Mas gostei muito, muito mais, da sua tradução, da J.-J. villardiana! Quero que seja sempre o meu tradutor para o francês, e foi isso mesmo que afirmei a Chodkiewicz. Obrigado, meu Amigo.

Com o melhor , cordial, grato, constante,

o

P.S. Gostaria que procurasse saber, nas Éditions du Seuil, se eles

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, numerada a segunda: “2”; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho, canto superior direito: “CÓPIA”; incompleta.

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, páginas 1 e 2, canto superior direito: “16”.

Nota: itálico nosso na transcrição das palavras e expressões da tradução “Fatalité”.

4 furos.

18. JGR > Villard, 16/10/63

Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1963.

Meu caro Amigo,

Saiu-me tão à pressa minha carta de anteontem, feita sob o calor [d]e uma porção de coisas e assuntos “externos” a estorvar, que acabou ficando imperfeita e incompleta.

Esqueci-me, por exemplo, de contar que, das Éditions du Seuil, escreveram-me também a respeito de uma possível adaptação radiofônica de “Le Message du Morne”, por M. Robert Deprat¹⁵³, com sua eventual ajuda. Respondi que estava de acordo que se dirigissem para isso ao “nosso excelente tradutor”, mas que, caso estivesse sobrecarregado de trabalho, seria preferível poupá-lo, já que para a tradução dos livros seu concurso é “indispensável”! Fiz bem?

Porque, na verdade, cada vez me convenço mais de que J.-J. Villard é o meu tradutor para o francês, o colaborador e companheiro que tive a felicidade de encontrar.

¹⁵² Pierre Furter é autor de *La vie morale de l'adolescent*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1965, *Educação e vida*. Petrópolis, Vozes, 1966. E de alguns documentos publicados pela UNESCO na década seguinte.

¹⁵³ Nenhum indício de adaptação radiofônica de “Recado do Morro” foi encontrado.

Verifiquei isto, mais uma vez, agora, com a tradução do “Fatalidade”. Foi a mesma coisa com “A Terceira Margem do Rio”¹⁵⁴: quando achei a sua tradução muitíssimo melhor que aquela outra, que publicaram na revista *Planète*.

Por isto mesmo, é que gostaria de saber se as *Éditions du Seuil* não vão publicar também outras duas novelas (“Campo Geral” e “A estória de Lélío e Lina”) que o Amigo já traduziu. Poderia, se não lhe for custoso, indagar lá isso para mim? Desde já, muito lhe agradeço o favor.

Lembro-me, também, de já termos conversado a respeito da possibilidade de traduzir igualmente a que ficou faltando, o “Cara-de-Bronze”?

Aliás, vou escrever ao Sr. Chodkiewicz, perguntando se o Seuil se interessa pelo *Sagarana*. Se eles não se interessarem, proporei o livro à *Albin Michel*, pois eles gostariam de editar também outro livro meu, depois do *Grande Sertão: Veredas*. Que acha, de tudo isto?

Sobre um ponto, de minha última carta, eu mesmo já estou felizmente reconhecendo a tolice do que sugeri, de *petit-chevalier-des-sables*. Seria absurdo. O certo e belo, mesmo, é só *chevalier-des-sables*, como o Amigo tão magnificamente resolveu o caso do *manuelzinho-da-crôa*. Veja como é perigoso a gente se meter a dar palpites... Riobaldo é que tem razão.

Reli a pequena estória do “*pauvre Roussi*”: como está bem contada! E como é possível que o Amigo, que narra tão admiravelmente, dando concentrado em tão poucas linhas um conto soberbo e impressionante, não tenha já escrito romances ou livros de contos?

Sou capaz de apostar que os tem, já prontos, na gaveta.

Obrigado, sempre,

E acolha o

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbonô; 1 folha; 25,3 x 20, 3 cm.; papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente:

a tinta vermelha, canto superior direito: “17”;

a tinta azul, primeira linha, rasura sobre o “d”.

4 furos.

19. Villard > JGR, 12/11/63

J. J. VILLARD

47, Bd. de la Saussaye

Neuilly sur Seine

12 novembre 1963

Cher et grand ami,

¹⁵⁴ A outra tradução de “A Terceira margem do Rio” mencionada nesta carta é a tradução de M. J. Frias e Maurice Pons (“La Troisième Rive du Fleuve”), publicada na Revista *Planète*, Paris, Setembro de 1962, n. 6, que se encontra à disposição para consulta na pasta T2 da série Traduções e na biblioteca do IEB (Obs. nota do arquivo IEB)

Excusez-moi d'avoir tant tardé à répondre à vos deux lettres, mais j'ai été surchargé de travail et j'aime à vous écrire à tête reposée. Je répondrais d'abord à vos diverses questions:

J'ai vu Chodkiewicz et lui ai parlé de *Sagarana* et de deux nouvelles restantes de *Corpo de Baile*. Je crois qu'il vous écrira à ce sujet, mais il m'a prié de vous dire qu'il était intéressé par *Sagarana*¹⁵⁵. Pour ce qui est des nouvelles, elles seront publiées ultérieurement. Ch.[hodkiewicz] attend d'abord la publication de *Grande Sertão: Veredas*, chez Albin Michel, après seront publiées *Primeiras Estórias*, puis les deux nouvelles, puis, éventuellement, *Sagarana*, car il ne faut pas que plusieurs traductions du même auteur sortent à la fois.

Pour la question "Fatalidade", j'avais exécuté cette traduction très rapidement, à la demande du Seuil, et je ne m'étonne pas du nombre de fautes que vous avez relevées. J'avais déjà corrigé certaines en relisant mon texte depuis. Je vais les passer rapidement en revue.

1. D'accord. 2. J'ai écrit alla trouver, pour éviter une suite désagréable de V: "nouveau venu dans la ville yint trouver". 3. D'accord, bien que le gérondif soit rarement, sinon jamais, employé comme seul verbe d'une phrase. 4. D'accord, je l'avais déjà corrigé de mon côté. 5. (voir 3.). 6. j'avais déjà remplacé par ne l'égalat. 7. impossible d'employer espéculer. J'avais d'abord écrit "speculer", mais beaucoup des lecteurs n'en connaissent que les sens financier, alors je me suis rabattu sur "philosopher", qui est son synonyme exact. 8. J'avais voulu insister sur le peu de possibilités. 9. Je vous avouerai que louça m'a donné bien de la tablature: faïence ne pouvait aller, pot, cruche, non plus. Je m'étais rabattu sur "assiete" qui se casse aussi très facilement en tombant et est généralement en faïence. 10. D'accord. 11. déjà corrigé en relisant. 12. réel et existant ne pourrait aller, il faut que je trouve autre chose (p. ex. était dans la réalité de la vie?). 13. J'avais vainement cherché la signification du mot. Je mettrai demicentre. 14. L'article est nécessaire avant l'Epitre. 15. Le "Père-au-Curê" (en France un homme du peuple dit rarement "prêtre", il dit presque toujours "curé". 16. d'accord, j'ai confondu la le et la 3è. personne de l'imparfait et avais cru que "que" se rapportait à la femme. 17. j'ai corrigé: "lui lançait des regards incendiaires". 18. D'accord. 19. Je maintiendrai "querelle" mais écrirai à la ligne 15 "un chercheur de noises". 20. dans le cas vaut est préférable à vaudrait. 21. Je remplacerai subir par être cause d'un malheur injuste. 22. d'accord. 23. malice est "le penchant à mal faire", je crois que ce terme devrait convenir. 24. encore assombri implique le sens plus assombri. 25. Je suggère: "Tant qu'à moi, je suis personnellement pauvre...". 26. Un silence moitié-moitié? un silence mitigé? Un silence mi-figue mi-raisin? 27. "Alors, un café?... un petit tafia?" 28. Très difficile à rendre: "quand il était en cause"? 29. ses yeux propres et infra-humains? 30. "mais la Necessité à des mains d'airain".

Passons à d'autres questions: "chevalier-des-sables" ("petit" ferai trop long).

Je vais vous parler très confidentiellement de P.[ierre] Furter: après avoir fait une très mauvaise critique de *Buriti*, il avait écrit au Seuil pour se proposer comme traducteur, ce geste avait été assez peu apprécié. Chodkiewicz m'a montré sa traduction, c'est un mot à mot qui ne cherche pas à retrouver l'esprit du texte, je suppose et espère qu'il s'agit d'un premier jet qui doit être remis cent fois sur le métier, poli et repoli, comme voulait Boileau¹⁵⁶. Vous, quand vous créez des mots, vous suivez quand même un processus existant dans le peuple pour la formation de mot issu de la déformation d'autres, et vos mots sont créés dans un certain esprit, et c'est cet esprit qu'il faut respecter avant tout. Certaines expressions ne peuvent non plus être traduites

¹⁵⁵ *Sagarana* seria publicado pela Albin Michel, Paris, 1997. Trad. Jacques Thiériot.

¹⁵⁶ Nicolas Boileau Despréaux (1636-1711).

littéralement, mais doivent l'être par de idiotismes de l'autre langue. Par exemple quand il pleut beaucoup et très fort nous disons: il pleut des cordes, ou des hallebardes, ou à sceaux, ou comme vache qui pisse. Pour vous traduire, il faut d'abord s'attacher à l'esprit, puis tâcher de trouver la forme s'adaptant à l'esprit, mais jamais ne s'attacher qu'à la seule forme.

Maintenant je dois vous demander conseil. J'ai commencé à examiner l'adaptation radiophonique du "Message du Morne", avec R. Deprat. Comme on ne voit pas mais entend seulement certaines modifications sont nécessaires. Permettez-vous que je fasse chanter Pedro Orósio tandis qu'il marche en avant des autres avant de rencontrer Gorgulho? Que pourrais-je lui faire chanter? Sur quel rythme? Peut-être devrai-je aussi terminer le chant de Laudelim? Sur quel rythme doit il chanter? J'aimerais donner ces indications à Deprat, qui ferait la musique d'après mon livret. Quel est le rythme des chants et danses populaires, du lundu, par exemple? Vous me rendriez un très grand service s'il vous était possible de me fournir ou faire fournir ces indications.

Je voulais vous raconter une nouvelle histoire de mon village, mais mon temps est mesuré aujourd'hui. Je me contenterai de vous raconter la mienne pour que vous me connaissiez encore mieux.

Né à Paris, le 22. 2. 1897 de père français et mère brésilienne, née à Tijuca. Apprend l'allemand et l'anglais dès l'enfance. J'entends toujours parler le brésilien chez ma grand-mère Klingelheffer, née de Gomensoro, et vis chez elle au milieu de coutumes et d'usages brésiliens. J'étudie le latin, le grec et la philosophie au Lycée Carnot puis au Lycée Henri IV. La guerre de 1914. Je m'engage à dix sept ans et demi, le 7. 9. 1914, pars pour le front le 7. 2. 1915, comme "cabo" d'artillerie montée. Champagne, Argonne, Verdun. Années de grands misères. La boue, les poux, la manque du sommeil, le froid, la dysenterie. Envoyé à l'École d'Artillerie en 3. 1917. Aspirant le 14. 7. Revenu au front le 24. 12. Bataille de France, un peu partout. Termine la guerre comme sous-lieutenant. Deux citations. École de Hautes Études Commerciales. Pendant un mois aiguilleur dans le chemin de fer pendant une grève. Diplôme des HEC en 1921. Elève-commissaire sur un cargo-mixte (voyage en Amérique du Sud). Stage comme ouvrier dans une filature et un tissage de coton (1922). Représentation commerciale. Mariage en 1927, femme d'origine hollandaise. Apprend ainsi le hollandais. Trois enfants (1928, 1929, 1933), un garçon, deux filles. 1939, la guerre. Capitaine-chef de la section du chiffre du II Groupe d'Armées. Démobilisé le 7. 9. 1940. Reviens à Paris. Occupation. Libération. Passe au Service d'information Américain. Puis cinq ans au gouvernement militaire en Allemagne, dont un an dans une service tripartite à Francfort. Puis retour définitif en France en 1951. Maintenant, je suis en retraite. Mes trois enfants sont mariés, j'ai huit petits-enfants. Ma grande occupation est de traduire. Cela avait commencé comme un hobby en 1956, c'est presque devenu une profession aujourd'hui. En huit ans j'ai traduit vingt trois livres, sans compter diverses brochures, de l'anglais, de l'allemand, du hollandais, du portugais, j'ai lu et fait la critique de centaines de romans de ces langues, plus certains en espagnol. Ça me passionne, mais jamais je n'ai éprouvé une joie si grande qu'à traduire vos oeuvres qui me permettent de vivre sous un autre climat, dans un pays que me prends à aimer comme si c'était le mien... et au fond il l'est un peu.

Je termine par une cordiale accolade ce long bavardage en exprimant le désir de vous connaître enfin un jour.

J.-J. Villard

P.S. La question “adaptation radiophonique” est extrêmement urgente!

Datiloscrito; original; autógrafos a tinta preta; 2 folhas, numerada a segunda: “2”; 27 x 21 cm.; papel branco.

Intervenção do destinatário:

a tinta vermelha, canto superior direito da folhas 1 e 2 respectivamente: “18-1” e “18-2”;

a lápis de cor verde, sublinhado: parágrafo de “Maintenant” ... “indications.”; “l’allemand”, “l’anglais”, “hollandaise”; e novamente: “anglais”, “l’allemand”, “du hollandais”, “du portugais”.

2 furos.

Nota: o item 16 aparece após o item 20 (aqui itens colocado na ordem crescente).

20. JGR > Villard, 21/11/63

Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1963

Caro Amigo J. J. Villard,

Muito grato por sua carta de 12, tão cordial, explicativa e lúcida.

Agradeço, principalmente, a calorosa nota de simpatia e amizade, que foi mandar-me sua biografia – a história de sua vida. Comoveu-me e entusiasmou-me. Que vida plena, esforçada, provada, realizada, em todos os sentidos! Posso dizer, agora, que, também sob este aspecto, tão importante, orgulho-me do meu tradutor francês. E – o que para mim vale muito – vejo que, em tudo, nas suas traduções, nas suas cartas, sente-se uma maneira profunda e autêntica de ser, uma rica qualidade humana. Alegro-me. Obrigado.

Depois, escreverei com mais vagar, sobre os outros pontos.

Agora, em vista da urgência, e para encurtar retardo, limito-me a tratar do assunto da adaptação radiofônica do “Message du Morne”.

I - Aprovo plenamente as modificações sugeridas e todas mais que julgar necessárias. O Amigo está em perfeitas condições para julgar delas, conhecendo bem a estória (o “Le Message du Morne” já é “nosso”...), o público ouvinte francês, etc., pelo que fica por mim devidamente autorizado a reacertar o texto, recompondo-o para a versão radiofônica.

II - Para o Pedro Orósio cantar, no começo, sugiro qualquer coisa em tom leve, despreocupado e alegre – que faça contraste nítido e marcante com a Canção, final, do Laudelim: que, esta, será estranho-trágica, forte, de fim tempestuoso. Ritmo suave. Cantiga que, por exemplo, aproveite ou glose o que a estória diz do Pedro Orósio, seu modo são, ingênuo, bom, e quase infantil, de ser. Ele é o “Bom Gigante”... Talvez, de preferência, quadras, trovas. Há, no folclore do interior, infinidade de quadras deste tipo:

Lá em cima daquela serra
tem um pé de jatobá
mocinha que vejo, eu amo,
se amo, quero beijar.

Lá em cima daquela serra
quem faz casa nunca mora
viver é sempre gostoso,
cada dia, cada hora.

Lá em cima daquela serra
vejo o sol e vejo a lua;
a minha amada é mais bela:
vestida, parece nua.

Lá em cima daquela serra
vi um rastro de mulher.
Ela tem os pés pequenos,
coração de mal-me-quer.

Lá em cima daquela serra
nasce flor de madrugada:
os passarinhos acordam,
procurando a minha Amada...

Todas estas, que não tem naturalmente valor, a não ser o de esclarecimento, são da minha lavra, estou “compondo-as” agora mesmo, aqui, enquanto lhe escrevo. Prefiro o tema da “serra”, por corresponder ao cenário, à temática e ao personagem da novela (Pedro = pedra; Orósio = de *oros*, em grego, montanha; Chambergo: chã + berg (monte, alemão). Na novela “Cara-de-Bronze”, no *Corpo de Baile*, há muitos outros exemplos. (Ou no “La fête à Manuelzão”). Ou, uma das epígrafes do *Sagarana*, aquela quadra, legítima folclórica:

“La em cima daquela serra,
passa boi, passa boiada:
passa gente ruim e boa,
passa minha namorada...”

III - Dada a urgência, e para não perdermos tempo, encontro uma ajuda e solução providencial. Procurar o nosso comum amigo, Embaixador Paulo Carneiro, na Delegação do Brasil à UNESCO (9, Place de Fontenoy). Peça, em meu nome, a Paulo Carneiro, que o ponha em bom contacto com duas pessoas, que felizmente, estão aí, e que lhe poderão ser da maior utilidade:

DR. LUIS HEITOR Corrêa de Araújo – que é o maior musicólogo brasileiro;
Mme. ATTALÁ MAUNY¹⁵⁷ – artista brasileira, pianista.

Estou certo de que uma e outro terão prazer em fornecer-lhe (e a R. Deprat) sugestões válidas, sobre letras folclóricas e tipos de canções, danças, cantigas, modinhas, etc., legitimamente brasileiras, inclusive demonstrando-as, ao piano, se útil e necessário.

¹⁵⁷ Attalá Mauny pertenceu ao quadro do Ministério das Relações Exteriores.

IV - Também pode terminar ou completar o canto do Laudelim. Acho mesmo que esta solução é indispensável, na versão para o rádio.

Assim, penso que tudo sairá bem; que Deus nos ajude.

Até outra, pois, até breve!

Com o melhor

do

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas; folha 2 numerada no canto superior direito: “2”; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, páginas 1 e 2, canto superior direito, respectivamente: “19 - 1” e “19”.

4 furos.

21. JGR > Villard, 22/11/63

Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1963

Meu Caro Amigo,

Continuo a resposta à sua, de 12. E, antes de mais, corro a retificar um *lapsus machinae* ou (*dactilographicus*?), “ato falho”, que se perpretou [sic] nem sei como, na minha última, de 21, ontem: o nome do nosso grande musicólogo e personalidade de vasto e abalizado saber, aí na UNESCO, é LUIS CORRÊA DE AZEVEDO¹⁵⁸ – e não de “Araújo”, como saiu naquela, agora pela cópia vejo, em boba escamoteação. (Agora, sei porque. Foi porque, no momento em que eu escrevia a carta, telefonou-me, interrompendo-me, um Oficial do Exército, com esse nome de Araújo...). Perdoem-me.

Vamos, agora, ainda às anotações sobre o nosso “Fatalité”.

1. Acho importante o *vint* (e melhor *vint voir*, ou *vint quérir*, ou *vint chercher*), em vez de *alla*. Porque o narrador da estória se coloca, em todo o decurso da mesma, ao lado do Amigo, do ponto-de-vista de quem está mais perto. Por ex.:

Ce fut le cas qu'un petit bonhomme tout juste et récent apparu (ou paru) dans la ville, vint voir mon Ami, etc.

(Ou: *Au derniers jours apparu* - ?)

7. Mais o *philosopher* me parece demasiado óbvio. Talvez, então, *raisonner*.

9. *Comme un pot de faïence* - ?

12. ... *Mon ami existait comme bonne personne*, etc. - ?

¹⁵⁸ Luis Heitor Corrêa de Azevedo (1905 - 1992). Etnomusicólogo, nascido no Rio de Janeiro e radicado em Paris desde 1951, foi diretor da seção de música da UNESCO. Autor de *150 anos de Música Brasileira (1800 - 1950)*.

17. Prefiro mantermos *yeux*, que me parece mais forte que *regards: la regardait avec des chauds yeux* - ?

26. Acho ótimo o: *en silence moitié-moitié !*

28. Penso que o *d'ordinaire* podia eliminar-se, facilitando, aliás, a versão. Por exemplo: *Mon ami, si universellement serviable, toujours prêt et maître à collaborer, le laissait donc ainsi aller sans gouvernail ni capitaine ni mât?*

29. Ótimo.

Ótimo, o *ses yeux propres et infra-humains*.

30. Ótimo!

Para a canção inicial do Pedro Orósio, também me divirto agora sugerindo qualquer coisa assim:

*Je vais voir mon amour
dans ses monts et alentour...
Je vais seul, je vais bien.
Moi, je sais ce qui me convient*

Je te veux...

Bobagem?

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco, timbre em vermelho: "CÓPIA".

Intervenção do remetente:

a tinta vermelha, canto superior direito: "20";

a lápis preto: rasura, segundo parágrafo, segunda linha, sobre "melhor".

4 furos.

Nota: itálico nosso.

22. JGR > Villard, 15/01/64

Caro Amigo

Rio, 15 de janeiro de 1964

Suponho-o sobrecarregado, mergulhado no trabalho longo e minucioso, que nos dará depois tão belas traduções. Aí já deve estar bem frio. E eu, aqui, também cheio de trabalhos, com a saúde me desatendendo, e debaixo de calor. Por isso, e como sempre, o período de entrada do verão me fatiga e atrapalha. Andei fora, e, por cúmulo, nem pude escrever aos Amigos, para formular os meus votos de Boas-Festas, de Natal e Ano Novo. Mas, em coração, formulei-os: e sua pessoa esteve muito presente em minha melhor lembrança, com gratidão e com afeto. Agora, aqui, renovo-os. Que tenha um magnífico 1964!

Anteontem, tive ótima notícia, da Alemanha. A de que a tradução alemã do *Grande Sertão: Veredas* ficou pronta. (Tradutor é o Sr. Curt Meyer-Clason, de Munich.) Também ficou pronta, agora, a tradução do *Corpo de Baile* para o italiano (Sr.

Edoardo Bizzarri). E, nos Estados Unidos, avança a tradução para o inglês do *Sagarana*. Acho que o *Grande Sertão: Veredas* poderá sair este ano, na Alemanha e *Corpo de Baile* na Itália.

Mas, andei relendo *Buriti* e *Nuits du Sertão*, e, sinceramente, minha grata admiração pela sua performance de Tradutor ainda mais cresceu! Pasmemo-me de ver como resolveu tão excelentemente tantas dificuldades e problemas, e tudo isso sozinho, sem precisar de fazer-me a menor consulta. Sempre com sutil certeza de tom, sempre seguro e rico. Houve, mesmo, uma passagem, em que o Amigo corrigiu erro meu (no original, eu tinha trocado Miguel por Irvin) – o que me serviu para ver o engano e corrigir também, o texto português, para a próxima edição daqui! Mas, reli, também, sua carta, magnífica, de 12 de novembro último. E me repito: só um Tradutor, assim, com seus títulos, competência, cultura e “vivências”, poderia ter feito o que fez. Além do fato, importantíssimo, de conhecer o grego, o latim, o inglês, o alemão, o holandês, o espanhol, o português e o francês. O que me diz, no fecho da carta, de sua maior alegria em traduzir meus livros, deixa-me comovido. Que mais posso dizer?

A respeito da tradução, sua, do *Grande Sertão: Veredas*, tenho viva curiosidade de saber em que ponto está. Que título preferiu, afinal? Já me alegra a perspectiva de poder um dia lê-la, publicada pela Albin Michel. Que notícias poderá me dar?

Ainda acêrca da publicação do livro pela Albin Michel, vou pedir-lhe, muito empenhadamente, sua particular vigilância, a respeito da dedicatória que consta do livro, “A minha mulher, Aracy, etc., etc.”. Queria ter plena certeza de que eles não vão se esquecer de incluir no volume essa dedicatória, sim? Obrigado, muito.

A respeito do *Sagarana* e das novelas do *Corpo de Baile*, isto é, as que não foram ainda aí publicadas, acabo de escrever ao Chodkiewicz, da Seuil. Sugeri a ele que, no próximo volume – que completará a publicação do *Corpo de Baile* em francês, incluíssemos também a novela “Cara-de-Bronze”. Em cartas mais antigas, o Amigo e eu já tratamos deste assunto. Agora, porém, voltei a pensar nisso, porque a tradução italiana do *Corpo de Baile* inclui o “Cara-de-Bronze”. Também na Alemanha, o livro será publicado por completo. Assim, pensei que talvez valesse a pena tentarmos a solução. No volume, o “Cara-de-Bronze” poderia figurar, entre as duas outras novelas, como uma espécie de *intermezzo* simbólico. Poderíamos simplificá-lo um pouco, despojando-o das rebarbativas notas de pé-de página, readaptando-o, mesmo, se for o caso. Acha que valeria a pena? Dessa maneira, jamais se diria que na França o livro deixou de sair inteiro. Mas, para mim, sua opinião, franca e amiga, é muito importante.

Quando lhe escrevi indicando pessoas amigas e capazes, na UNESCO, aptos a ajudá-lo no tocante a cantigas e músicas para a adaptação radiofônica de “Le Message du Morne”, não sei se incluí o nome de uma, muito competente e muito querida – a Sra. Lavínia Augusta Machado Secretária de Embaixada, com posto na Delegação do Brasil

junto à UNESCO, e pois, trabalhando com Paulo Carneiro. É gentilíssima, um encanto de moça. Estou certo de que gostará de conhecê-la.

Bem, Amigo, já lhe tomei muito de seu tempo, tão valioso. Queria, hoje, apenas, renovar-lhe os votos, melhores, com o leal e cordial abraço

do

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, numerada a segunda: “2”; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco, timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, folhas 1 e 2, canto superior direito, respectivamente: “21 -1” e “21”, “21-2”.

4 furos.

23. JGR > Villard, 15/03/64

Rio de Janeiro, 15 de março de 1964

Meu caro Amigo,

Não sei se recebeu minha última carta, de 15 de janeiro. Também fico pensando que pode, neste intervalo, ter me escrito, e sua carta se extraviado; coisa que infelizmente nosso correio perpetra a cada momento. Assim, hoje, volto a escrever-lhe, com o prazer de sempre. E, garantindo-me melhor, envio a carta pelo cordial intermédio de meu colega e amigo MAURO MENDES DE AZEREDO¹⁵⁹, Secretário de Embaixada do Brasil aí, removido há pouco. Ao mesmo tempo, é a oportunidade de fazer com que ambos se conheçam e se aproximem, o que vale a pena e me alegrará bem.

Sei que há de estar, como sempre, cheio de trabalho, isto é, talvez, preparando uma de suas admiráveis traduções. Era o que lhe dizia, naquela carta. Que estive relendo o *Buriti* e *Les Nuits du Sertão*, e, digo-o com profunda sinceridade, minha grata admiração pelas suas façanhas de Tradutor, se possível ainda mais aumentou. Cada vez mais espanto-me de ver como o Amigo resolveu de modo perfeito, magnífico, tamanhas dificuldades e tantos problemas. Tanto mais, que os resolveu sozinho, ajudado somente por sua competência, intuição, exatidão, saber e sensibilidade. Sempre com sutileza certa, com tom rico, com exatidão, colorido, vida. Gostei de ver, também, como, numa passagem do *Les Nuits du Sertão*, concertou um erro meu, do original, em que o nome de “Miguel” estava trocado por “Irvino”. Formidável! Já vou corrigir o engano meu, para a próxima edição de *Corpo de Baile*! E contava-lhe, também, ter lido outra vez sua excelente carta amiga, de data de 12 de novembro. Pensei, então: só mesmo um Tradutor assim, com sua grande cultura e riqueza de experiências de vida, tão bem e harmoniosamente combinadas, poderia ser capaz de fazer o que realizou. Tantas línguas

¹⁵⁹ Mauro Mendes de Azeredo (1937). Diplomata, entre 1964 e 1966 foi Segundo Secretário da Embaixada do Brasil em Paris. Publicou um romance, *O sorriso da mulher ausente*, Rio de Janeiro, Artenova, 1978. Nomeado embaixador na Grécia em 2005.

que conhece, e filosofia, e história, tudo; e tantas “vivências”, tantas vicissitudes sofridas e vencidas, na paz e na guerra! Sei que a minha sorte, a dos meus livros, foi ter encontrado um Amigo assim, que os compreendesse e amasse. Tudo o que me disse, em sua carta, deixou-me verdadeiramente comovido. Minha gratidão é imensa.

Penso que já terá terminado a tradução do *Grande Sertão: Veredas*. Que título preferiu dar-lhe, afinal? Estive pensando, e, sinceramente, agora vejo que tinha toda razão: DIADORIM me parece o melhor título. *Diadorim* – o mais sonoro, simpático e sugestivo, de todos aqueles que examinamos. Ficarei contente.

Uma coisa que lhe peço, com o maior empenho, é recomendar que a Editora inclua no livro a dedicatória (“A Aracy, etc....”), o que é importante. Muito lhe agradeceria sua vigilância a este respeito.

Junto, vão, para o caso de interessarem à Albin Michel, os trechos mais interessantes das críticas e *reviewings* saídas nos Estados Unidos sobre a edição lá do *Grande Sertão: Veredas* (THE DEVIL TO PAY IN THE BACKLANDS).

Além das pessoas que lhe indiquei, há, na Delegação do Brasil à UNESCO, uma minha colega e amiga, muito querida, a Sra. LAVÍNIA AUGUSTA MACHADO, poeta, cantora, dona da música brasileira. É um encanto de sensibilidade, inteligência, gentileza. Gostará de vê-la.

Mas, por hoje, já o ocupei muito, meu caro e bom Amigo. Só mais o

com todos os gratos votos

do

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbonô; 1 folha, 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, canto superior direito: “22”.

4 furos.

24. JGR > Mauro Mendes de Azeredo, 15/03/64

Rio, 15 de março de 1964

Meu caro Mauro,

Sei que Você terá chegado bem, animado e alegre. Sei, também, que estará atarefado e sem descanso, como acontece à gente, em toda parte, mas aí em Paris, principalmente, no premido período de se arrancar, adaptar e instalar-se. E já venho sobrecarregar Você, em atropelo, com uma incumbência! Perdoa-me. Hesitei, mesmo. O que me decidiu, enfim, foi a lembrança de sua simpática e generosa presença, na despedida, aqui nas Fronteiras, e de seu oferecimento, tão prestimoso. Obrigado.

O caso é que tenho urgência em fazer chegar a sobrecarta com carta, anexas, ao meu amigo e tradutor, M. J.-J. Villard, de quem já lhe falara. E não ousei postar a carta normalmente, como sempre faço, porque o correio tem, incrivelmente, extraviado cartas minhas para a Europa, este ano. Assim, uma, importante, para Munique, não chegou lá. E estou mesmo acreditando que também não chegou uma que escrevi a J.-J. Villard, com data de 15 de janeiro último. Daí, recorrer agora à sua solicitude amiga, bem mais depressa do que pensava fazer.

Acho que o melhor será você dar um telefonema ao Villard, que passará na Embaixada para apanhar a carta. O telefone dele é Maillot 11-19. Se Você tiver tempo para conversar com ele, penso que não desgostará disso. (O Silveira¹⁶⁰, quando Cônsul-Geral aí, recebeu-o, conversou com ele e ficou satisfeíssimo). É um homem muito culto, interessante. De qualquer modo, meu caro Mauro, Você não Imagina como lhe estou gratíssimo. E como aqui estarei também sempre pronto a atendê-lo no que possa, com alegria.

Vivos votos, mais o

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho: "CÓPIA".

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, canto superior direito: "23".

2 furos.

25. Villard > JGR 20/03/64

J. J. VILLARD
47, Bd de la Saussaye
Neuilly s/ Seine

20 mars 1964

Monsieur J. Guimarães Rosa
SDF¹⁶¹ Ministério das Relações Exteriores
Palacio Itamaraty
Rio de Janeiro – Brésil

Cher grand ami,

Je vous dois des lettres depuis longtemps, la dernière depuis deux mois, et je suis bourrelé de remords. Mes seules excuses sont le travail que j'ai eu, les fêtes de famille, quelques petits ennuis de santé dues à l'hiver et à l'âge, etc. Le 22 février j'ai fêté mes soixante-sept ans, mes trente-sept ans de mariage, les huit ans d'une de mes petites-filles et les six ans de sa soeur, beaucoup des choses à la fois. *Grande Sertão: Veredas* paraîtra dans le seconde semestre de cette année. Je crois que le titre définitivement choisi est *Diadorim*, sans rien d'autre, un titre incisif et qui devrait porter. Je viens de finir un livre anglais et un livre allemand. Je vais me reposer un peu pour Pâques et entamer *Primeiras Estórias*. J'ai aussi commencé de traduire "Cara-de-Bronze". Les deux dernières nouvelles de *Corpo de Baile* paraîtront après la publication de *Diadorim*. Il serait mauvais pour les deux livres d'un même auteur s'il paraissaient en même temps. Les éditeurs agissent normalement ainsi, même pour des auteurs *best-sellers*, c'est le fruit de l'expérience. Je ne sais si l'adaptation radiophonique pourra se réaliser, car il y a certaines restrictions financières à la radio qui en empêcheraient la réalisation. J'y travaille quand même. J'ai traduit ou composé quelques couplets:

¹⁶⁰. No Fundo JGR existe uma carta de Azeredo da Silveira para o escritor (23/04/63), que menciona o contato com o tradutor francês.

¹⁶¹ Serviço de Demarcação de Fronteiras.

Montagne, sur ton haut sommet
passe le boef et le bouvier
passent gens bons, gens mauvais
et passe enfin ma bien aimée

Montagne, sur ton haut sommet
nait la fleur du petit jour
Les ouseaux se sont éveillés
et ils cherchent mon amour

Montagne, sur ton haut sommet
D'une femme j'ai vu la trace;
de tous petits pieds elle avait
mais son visage était menace.

Montagne, sur ton haut sommet
je vois le soleil et l'étoile
Plus belle encore est mon aimée:
vêtue elle parait sans voile

Montagne, sur ton haut sommet
un grand jatahi a poussée
Fillette que je vois me plait.
Si me plait, je veux la baiser

O Montagne, ton haut sommet
Devant moi s'enfuit toujours.
Il s'éloigne plus je vais,
Comm'la fille de mes amours.

Et pour le chant du Roi

O grand roi plein de bonté, écoute
l'humble requête que présentons:
pour vous soulager sur la route,
permettez que vos armes portions
"Grand merci, point ne veux que coûte
nouvel effort à mes compagnons

Parvenus dans un bois très sombre,
sur le roi ils sont tous rués,
certains de l'accabler sous leus nombre
et pouvoir ainsi le massacrer.
Mais le Roi les a vu malgré l'ombre,
à un roc il s'est adossé

"Ha, maudits, félons, lâches traîtres,
c'est donc ainsi que m'attaquez!
Un chien jamais ne mordit son maître,
main qui l'a nourri et caressé.

Maintenant je dois reconnaître
qu'il vaut mieux que mes chevaliers!

Je désirerais aussi vous demander quelque chose: La revue *Babel*¹⁶², revue internationale des traducteurs, désirerait que j'écrive un article sur les difficultés que j'ai eues à surmonter dans mes traductions, plus particulièrement en ce qui concerne vos oeuvres. M'autoriseriez-vous éventuellement à utiliser en partie des données extraites du chapitre "Aspectos Formais", de *Trilhas do Grande Sertão*, de M. Cavalcanti Proença?

J'ai eu un entretien avec Dr. Luis Heitor Corrêa de Araújo[sic], quel homme charmant, et sa femme l'est tout autant. Ils étaient tous deux amis de pauvre viel Paulo Bittencourt, mort l'an dernier. J'ai eu également un appel téléphonique de M. Azeredo, que se mettait à ma disposition pour vous transmettre tout ce que je pourrais vous envoyer difficilement par la poste. Je vous remercie de lui avoir demandé de se mettre en rapport avec moi.

Maintenant, je vais vous raconter rapidement quelques histoires de mon village, un village déjà mentionné peu après l'an mille, un village normand, à cinq kilomètres de la frontière de France.

Un jour, mon père, qui était maire de ce village de 200 habitants à peine, reçut la visite d'un viel ami, un politicien qui désirait se faire élire député et cherchait une circonscription. Tous deux se promenaient dans le village, saluant et serrant la main aux gens, échangeant quelques propos. Ils croisent enfin un paysan, bien crasseux. Mon père lui parle, sans tirer les mains de ses poches; l'aspirant candidat se précipite et serre chaleureusement la main du bonhomme. Un peu plus loin, il dit à mon père: "*Mon vieux, tu ne réussiras jamais dans la politique: tu ne sais pas serrer la main à tout le monde.*" Alors mon père a répondu: "*Oui, mais, moi, je sais qu'il a la galle.*" Sur ce le candidat s'est empressé de rentrer chez nous pour se laver les mains.

Un jour, j'ai rencontré la père Matthieu qui s'éloignait de chez lui, poursuivi par les imprécations de sa femme. Il m'a déclaré, en hochant philosophiquement la tête: "*Pour sûr que ce soir je coucherai à l'aubergue du cul tourné.*"

Il y avait dans mon village un petit bonhomme qui, comme tous les petits bonhommes, avait épousé une sorte de virago, forte, mamellue, autoritaire, devant qui il filait doux. Le ménage prit, pour l'aider aux champs, un ouvrier agricole belge, un solide gaillard que ne tarda pas à prendre dans le lit conjugal la place du mari qui coucha désormais dans le fournil. Le matin, tandis que les deux autres étaient encore couchés dans la salle, le bonhomme venait préparer son café dans l'âtre, sans se soucier de rien. Au grand étonnement de mon père, le bonhomme est venu le trouver un jour pour demander qu'il soit fait un constat d'adultère. En tant que maire, donc aussi commissaire de police du village, mon père a convoqué les gendarmes du chef lieu de canton voisin, afin de procéder au constat. Au lever du soleil, mon père escorté de deux gendarmes frappe à la porte: "*Ouvrez, au nom de la Loi!*" Remue-ménage dans la maison, puis la femme ouvre, dépoitraillée, vêtue d'un jupon et d'une camisole. Le Belge, un gaillard de 1m,80, était recroquevillé dans un lit d'enfant qui se dressait dans un coin et mesurait 1m,50 au plus, tandis que, tel Némésis, le bonhomme surgissait de son fournil en beuglant: "*C'est point vrai! L'était dans le lit, avec elle!*". Un gendarme s'est approché du lit crasseux, a palpé le drap et a dit: "*Il y a deux places chaudes. Si Monsieur le Maire veut tâter.*" "*Merci, gendarme, je m'en remets à vous*", a répondu mon père, peu soucieux de mettre la main dans cette immondice. Le constat a été dressé

¹⁶² *Babel: Revue Internationale des Traducteurs*. Publicação trimestral, em francês, da Federação Internacional des Traducteurs. Fundada em 1955, com sede em Amsterdam, existe até hoje.

et la femme a filé doux depuis. Mais mon père a voulu connaître le fin mot de l'histoire, et l'a su enfin. *“Bien, M'sieu Villard, le Belge y couchait avec la Louise, dans un sens, ça me soulageait un brin. Mais v'la-t-y pas qu'aut' jour j'ai préparé mon café dans le bol. Puis je suis sorti lâcher de l'eau. Quand j'suis rentré, le Belge avait vidé mon bol. Qu'y m'fasse cocu, j'disais 'core trop rien. Mais il a bu mon cafiot, et, ça, j'ai pa pu l'encaisser.”*

J'arrive au bout de ma page, et aussi de ma lettre. Je la termine en vous adressant l'expression de mes sentiments les plus amicaux et un cordial abraço!

J. J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 2 folhas, numerada a segunda: “2”; 27 x 21 cm.; papel branco.

Intervenção do destinatário: a tinta vermelha, folhas 1 e 2 respectivamente, canto superior direito: “24-1” e “24-2”.

2 furos.

26. JGR > Mauro Mendes de Azeredo, 07/04/64

Rio, 7 de abril de 1964

Meu caro Mauro,

Outra vez, venho a Você, à sua simpática solicitude e préstimo amigo. Tenho de incomodá-lo, de ora em quando, Você me perdõe. Mas creio que um telefonema seu ao meu amigo J.-J. Villard (MAILLOT 11-29) resolverá tudo bem. Desde já, meu caro Mauro, grato, gratíssimo.

Sempre seu, aqui, de verdade.

Com o

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente; a tinta vermelha, canto superior direito: “25”.

4 furos.

27. JGR > Villard, 07/04/64

Rio de Janeiro, 7 de abril de 1964

Meu bom Amigo,

Nossas cartas se cruzaram. A sua, de 20 de março, e a minha, de 15 de março. Mas, como vê, acertaram-se por sua vez nossos pensamentos, muito harmoniosamente. Achei tudo ótimo.

DIADORIM, só, como título, agora me parecia mesmo a solução melhor. Gostei muito dos *couplets* para adaptação radiofônica. Parabéns. E adorei, a valer, as deliciosas

pequenas estórias que me narra, dessa Normandia sertaneja e sólida. Ri, e rio sempre, quando delas me lembro, e as vezes as releio, para poder rir mais! Obrigado, por tudo.

Mas a notícia que mais me alegrou, talvez, foi saber que já está traduzindo o “Cara-de-Bronze”. Assim, o *Corpo de Baile* sairá completo, aí em França, como vai sair na Itália e na Alemanha. A solução que achei melhor é a de sair o “Cara-de-Bronze” no volume que terá (Seuil) as duas últimas novelas do *Corpo de Baile*. Como o Seuil anunciou que se tratava de “seis” romances, o “Cara-de-Bronze” poderia levar, acima do título, a indicação de *Intermezzo* (ou coisa equivalente): entre o “Campo Geral” e “A Estória de Lelio e Lina”. Não acha que ficará bem?

Importante, porém, é o que lhe pedi: de velar no sentido de que conste do *Diadorim* a dedicatória à minha mulher. Obrigado.

Quanto ao artigo para a revista *Babel*, fiquei entusiasmado com a idéia. O assunto me seduz, ansioso aguardo poder lê-lo. Com prazer, naturalmente, estou transmitindo-lhe a autorização para reproduzir ou transcrever nêle trechos do capítulo “Aspectos Formais”, ou quaisquer outros, do *Trilhas do Grande Sertão*, de M. Cavalcanti Proença. Ao mesmo tempo, aqui lhe remeto alguns artigos, outros, que poderão ser-lhe de interesse para o trabalho. Para catalisar idéias, ou mesmo para citações, caso ache que valha a pena.

Bem, por hoje não digo mais.

Só o grato aprêço e o

do

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbonô; 1 folha; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho “CÓPIA”

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, canto superior direito: “26”.

2 furos.

28. Mauro Mendes de Azeredo > JGR, 14/04/64

Mauro Mendes de Azeredo

Paris, 14 de abril de 1964

Prezado Embaixador,

Tive muito prazer em receber sua generosa carta de quinze de março passado. O atraso na resposta é indesculpável; como único atenuante, me arriscaria a apresentar, Paris.

Se tardei em dar-lhe notícias, procurei desde logo entrar em contato com M. Villard. No entretanto, chegou a Páscoa, com as suas pequenas férias. Por isso, o telefone MAI-11-29 sòmente respondeu uma boa semana depois de ter a carta em mãos.

M. Villard encantou-me pelo ar modesto e pelas inúmeras anedotas com que anima a conversa. Disse-me, a propósito, que sua última carta teria cruzado com a de quinze de janeiro, a que o senhor refere, acreditando mesmo extraviada.

Sempre a sua disposição, e agradecendo o gentil oferecimento, queira aceitar os cumprimentos de

xxxxxxx

Datiloscrito (inclusive nome do remetente acima do timbre); original; autógrafo a tinta azul (ilegível); 27 x 21 cm.; papel branco; timbre em preto, canto superior esquerdo:

“AMBASSADE DU BRÉSIL

45, AVENUE MONTAIGNE

PARIS VIIIe.”

Intervenção do destinatário: a tinta vermelha, canto superior direito: “27”.

2 furos.

29. Villard > JGR, 09/05/64

J. J. VILLARD

47, Boulevard de la Saussaye

Neuilly sur Seine

9 mai 1964

Très cher et grand ami,

Pour la première fois j’userai de la complaisance de Mr. Mauro Azeredo pour vous transmettre une lettre urgente et à laquelle je vous demanderais de bien vouloir répondre le plus tôt possible.

Il s’agit de la dédicace qui doit figurer en tête de *Diadorim*. J’ai tenté plusieurs traductions et voici ce qui me plairait le mieux:

A Aracy, mon épouse,

Ara, à qui ce livre

Revient de droit.

Je vous avouerais que Ara me chiffonne un peu, car c’est ainsi que l’on traduit en français “arara”. Je préférerais de beaucoup que vous donniez les éléments d’une dédicace qui vous plaise ou, encore mieux, que vous la rédigiez vous-même afin que je la transmette à Albin Michel. Peut-être suffirait-il de supprimer purement et simplement Ara, mais je ne doute pas que vous trouverez quelque chose qui convienne encore mieux.

Veuillez m’excuser de ne pas en écrire plus aujourd’hui, car je tiens à ce que cette lettre parte vite. J’ajouterai seulement que j’ai beaucoup pensé à vous pendant cette période de trouble et que j’espère que vous n’aurez souci grave.

Cordial “abraço”

J. J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 27 x 21 cm.; papel branco.

Intervenção do destinatário: a tinta vermelha, canto superior direito: “28”.

2 furos.

30. Mauro Mendes de Azeredo > JGR, 11/05/64

Paris, 11 de maio

Prezado Embaixador,

em anexo, carta de M. J.J. Villard.

Muito agradeço as amáveis palavras de suas cartas, que sempre leio com grande prazer.

Esperando poder em breve de novo servi-lo, aproveito o ensejo para apresentá-lhe os meus respeitosos cumprimentos.

xxxxxxx

Carta assinada; datada.

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul (ilegível); 1 folha, 27 x 21 cm.; papel branco; timbre em preto, canto superior esquerdo:

“AMBASSADE DU BRÉSIL

45, AVENUE MONTAIGNE

PARIS VIIIe.”

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, canto superior direito: “29”.

2 furos.

31. JGR > Villard, 15/05/64

Rio de Janeiro, 15 de maio de 1964

Meu caro Amigo,

Estou recebendo, por gentil intermédio do colega Mauro Azeredo, sua atenta carta de 9 do corrente. Obrigado. E a ela respondo imediatamente, dada a urgência do assunto.

A meu ver, para a dedicatória do DIADORIM, a melhor tradução deve ser a mais simples. E podemos cortar o “Ara”, cuja inclusão, realmente, ficaria em francês rebarbativa, e cuja omissão não faz nenhuma falta. Assim, o que eu gostaria, caso ache bem, seria esta forma:

*A Aracy, ma femme,
à qui ce livre appartient.*

(Tanto mais, porque, de fato, trata-se menos de uma dedicatória, que de uma “fixação de posse”: porque o dinheiro dos direitos autorais, aqui e no estrangeiro, do *Grande Sertão: Veredas*, fica sendo todo dela...).

Mais de uma vez, por tudo, gratíssimo, meu caro Villard. Também não me alongo, hoje, para não retardar a remessa desta.

Mas vivos e festivos, sinceros, são os votos e o invariável, muito cordial

do

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente: a tinta vermelha: “30”.

4 furos.

32. JGR > Franck, 19/10/64

Rio, 19 de outubro de 1964

Meu caro Franck,¹⁶³,

Sua carta me alegrou, e Você fez bem em me escrever. O “lembrete” vale, em ocasiões como esta. Hei de ter bem presente o nome de AGENOR SOARES DOS SANTOS¹⁶⁴, no momento exato. E – como Você muito bem diz – para “um ato de justiça”. Sei o que vale o Agenor, meu conterrâneo e amigo, a quem admiro. Ele merece, realmente, em todos os planos, não há muitos da qualidade dêle. Por êle, também, hei de falar, em qualquer oportunidade, no desejo de que possa ter sua inclusão no QUADRO por unanimidade, oxalá. Peço a Você dizer desde já isto a êle, com um abraço e lembranças minhas. Sua carta, agora, será aliás mais um elemento a testemunhar eloquentemente em seu favor. Obrigado.

E, agora, vou pedir a Você um obséquo; para o qual, aliás, já tencionava escrever-lhe, mesmo antes de receber sua carta. É que estou regressando da Alemanha (não pude passar por Paris, conforme desejava), aonde fui, entre outros motivos, para apreciar o lançamento de meu livro *Grande Sertão*¹⁶⁵. Foi um sucesso, principalmente porque a tradução é magnífica. E, conversando com o Tradutor, Sr. Curt-Meyer-Clason, êle me contou que Você foi quem primeiro lhe falara no meu romance, com grandes elogios, por isso foi que ele me escreveu, em 1958, a respeito do livro. Veja como Você nos deu sorte!

Assim, e como tinha de mandar um recado ao meu tradutor francês, M. J.-J. Villard, achei que seria de bom agouro associar Você na história. Trata-se da carta em anexo. Tenho de enviá-la com urgência e segurança, e como o correio, ultimamente, me tem pregado peças, pediria que Você a fizesse chegar ao destinatário. À escolha, Você pode: ou botá-la no correio, aí: ou telefonar ao homem, para que passe no Consulado-Geral, e a apanhe. Se você quiser, e tiver

¹⁶³ Franck Henri Teixeira de Mesquita (1912-1992), cônsul brasileiro em Munique de 1955 a 1961.

¹⁶⁴ O Fundo JGR possui um bilhete (19/01/59) de Agenor Soares Santos, então Secretário da Embaixada do Brasil em Paris, a JGR. De passagem pelo Brasil, foi ver o escritor no Itamaraty, mas não o encontrou; o bilhete anuncia nova visita.

¹⁶⁵ Koln, Kiepenheuer&Witsch, 1964. 556 p.

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco, timbre em vermelho; aparentemente incompleta.

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, canto superior direito: “31”.

4 furos.

33. JGR > Villard, 19/10/64

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1964

Meu grande Tradutor e querido Amigo,

Faz tempo que a gente não se escreve, e sinceramente já estava com saudade da nossa correspondência, afetuosa e útil.

Estou regressando da Alemanha, onde estive duas semanas, convidado para outra Reunião de Escritores¹⁶⁶, em Berlim, e também por meu editor (Kiepenheuer & Witsch), em Colônia, a fim de festejarmos o lançamento do *Grande Sertão*, que saiu em setembro. O livro, em alemão, ficou excelente, e logo obtendo sucesso, forte, retumbante. Tivemos sorte, na venda e na crítica. E, agora, em novembro, sairá na Itália o *Corpo de Baile*, pela Feltrinelli¹⁶⁷.

Pelo que estou informado, as Éditions ALBIN MICHEL deverão lançar o DIADORIM no próximo mês de fevereiro. Certo de que ficará lindo, já penso no vivo prazer que será para mim lê-lo na tradução de J.-J. Villard, o mestre das páginas ricas e seivasas! Junto, para o caso de interessarem à publicidade da editora francesa, envio algumas frases das primeiras críticas já publicadas na Alemanha. Ao mesmo tempo, porém, queria perguntar-lhe se ainda haveria ou possibilidade de uma coisa. Trata-se daquele sinal – o lemniscate (), signo do “Infinito” – que, na edição original, brasileira, figura no final do livro, à guisa de “Fim”. Será possível ainda providenciar-se a inclusão do mesmo? A edição alemã o conservou, com embelezamento e riqueza de significação, óbvios. Se puder, muito agradecerei sua bondosa gestão, a respeito. Se não, não faz mal. Obrigado.

E o que tem feito, nos últimos meses? Enfrentou já o “Cara-de-Bronze”? Já começou a traduzir o *Primeiras Estórias*? Minha alegria é grande, ao pensar que o Amigo há de ser o magnífico tradutor de todos os meus livros aí. Nem imagina.

Por tudo, e com os melhores votos por seu bem-estar e perfeita saúde e alegria, receba, reafirmada, a minha gratidão.

Mais o melhor, maior

do

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; autógrafo a tinta azul, entre parênteses: desenho do lemniscate; 1 folha; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, canto superior direito: “32”.

4 furos.

¹⁶⁶ A Reunião de Escritores alemães e latino-americanos realizou-se em setembro.

¹⁶⁷ *Corpo di Ballo*. Milano, Feltrinelli, 1964. Trad. Edoardo Bizzarri. 784 p.

anexo:

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha, 25,4 x 20,4 cm.; papel branco.

título: Algumas das primeiras apreciações da crítica alemã sobre o livro *GRANDE SERTÃO (Grande Sertão: Veredas)*, de João Guimarães Rosa, publicado, no mês de setembro último, pelo Verlag Kiepenheuer & Witsch, de Colônia:

transcrição de dois excertos de publicações em alemão, datados ambos de 17 de novembro de 1964;

Intervenção do remetente:

a tinta vermelha, canto superior direito: “33”.

autógrafo a lápis preto: (+ 3 frases de François Boudy in “Neue Zürcher Zeitung”).

2 furos.

34. Villard > Madame, 07/12/64

J J Villard

47 Bd de la Saussaye

Neuilly s/Seine

7. XII. 64

Chère Madame,

A [la Saint Jérôme],¹⁶⁸ vous avez bien voulu me dire que vous pourriez transmettre par la valise les lettres que j’aurais à adresser à Guimarães Rosa. Je viens user de votre amabilité en vous envoyant ce pli un peu lourd.

Je joins à cette lettre tous mes meilleurs vœux de Noël et mes souhaits de bonne année

J. J. Villard

P.S. Excusez-moi, je vous prie, d’avoir clos l’enveloppe

J. J. V

Bilhete assinado; datado.

Autógrafo, a tinta preta; 1 folha; 21 x 13,4 cm.; papel branco.

Intervenção do destinatário:

a lápis preto, canto superior esquerdo: rubrica ilegível ;

a tinta vermelha, canto superior direito: “34” (rasurado a lápis preto);

a lápis vermelho, canto superior direito: “33”.

2 furos.

35. Villard > JGR, 07/12/64

J. J. VILLARD

47, Boulevard de la Saussaye

Neuilly sur Seine

¹⁶⁸ Quase ilegível. Provavelmente uma data, um dia santo.

7 décembre 1964

Cher grand ami,

Je suis honteux d'être resté si longtemps sans vous donner mes nouvelles et votre lettre est venue raviver mes remords. Il y a eu les vacances, il y a eu des tas d'autres choses, mais je vous les raconterai plus loin. Je commencerai par parler d'abord de vos livres, le bavardage viendra ensuite.

1/ DIADORIM

Est en ce moment passé au service fabrication d'Albin Michel, je suis allé les voir l'autre jour pour mettre diverses questions au point. Le livre paraîtra au cours du premier semestre de 1965. Cela m'amuserait de voir comment les traducteurs américain et allemand ont traité la question. Pourriez-vous m'indiquer les noms des éditeurs afin que je puisse m'en procurer des exemplaires et, si possible, les noms des traducteurs pour que je puisse me mettre en liaison avec eux?

2/ CARA-DE-BRONZE

Faut-il absolument présenter cette nouvelle comme un scénario de cinéma avec des annotations telles que "gros plan", "fondu", etc.? Je crains qu'ici le lecteur n'apprécie pas cette présentation qui estompe en partie toute la poésie de l'oeuvre et nuit un peu à l'action.

3/ PRIMEIRAS ESTÓRIAS

La traduction avance lentement. Ce qui présente une certaine difficulté, je dirai même une difficulté certaine, est le changement de "ton" qu'il faut adopter pour chaque histoire, passant du langage enfantin à la poésie puis à l'anecdote rustique et brutale.

Voilà je crois toutes les questions réglées, passons à la suite.

Ma femme et moi sommes partis en vacances à la mi-juin, voyageant dans une petite auto conduite par ma femme. Nous avons visité la Bretagne, que nous connaissons assez mal, et ce fut un enchantement. Je suis certain que vous aimeriez voir cette région où l'on découvre dans de petits villages des "enclos paroissiaux" avec des églises et des calvaires de toute beauté, des portes triomphales et des ossuaires, le tout taillé dans le granit au XVI^e siècle par des ouvriers animés par la foi, de vieux châteaux, des vieilles maisons (je joins à ma lettre deux cartes-postales qui vous donneront une idée, ainsi qu'un dépliant sur la forêt de Brocéliande, aujourd'hui forêt de Paimpont, où l'enchanteur Merlin fut captif de Viviane). Puis nous sommes revenus à Neuilly et j'ai repris le collier, mais il faut du temps pour se réacclimater au travail. Après, il y a eu la naissance de mon neuvième petit-enfant, une fille prénommée Sophie, née en Alsace, j'espère qu'elle possèdera toute la sagesse que présuppose son prénom. Je ne vous dissimulerai pas que la traduction des vos oeuvres est un travail épuisant et que parfois, pour me désintoxiquer et repartir avec des idées plus claires, je dois changer de langue et c'est ainsi que j'ai traduit un livre américain, un livre allemand et j'ai presque achevé la traduction d'un roman argentin de Marco Denevi¹⁶⁹. Le plus curieux est que je connais mal l'espagnol, mais je "sens" ce qu'écrit cet auteur, alors tout est facile. C'est comme quand je vous traduis, je "sens" aussi le personnage, je m'incorpore à lui, mais cela ne se fait pas immédiatement et c'est la mise en train qui est plus difficile, je dois recommencer au moins dix fois les vingt premières pages, mais c'est aussi la raison pour laquelle la traduction des brèves nouvelles est beaucoup plus ardue, il faut perpétuellement se remettre "dans le bain", changer perpétuellement d'atmosphère.

¹⁶⁹ Marco Denevi (1922-1988), romancista, dramaturgo, jornalista, nasceu em Buenos Aires.

Je termine en vous envoyant mes meilleurs voeux pour un joyeux Noël et une bonne année, souhaitant que 1965 m'apporte enfin le grand plaisir de vous rencontrer.

Cordial “abraço” de votre

J. J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta preta; 1 folha; 27 x 21cm.; papel branco.

Intervenção do destinatário:

a tinta vermelha: “35” (rasurado a lápis preto);

a lápis preto: “34”.

2 furos.

36. Guilherme Figueiredo > JGR, 16/12/64

Ambassade du Brésil
45, Avenue Montaigne
Paris VIIIe

Paris, 16 de dezembro, 1964

Meu caro Mestre e Vimarirróseo Amigo:

Acabo de vir de Albin Michel, onde sua obra-prima é anunciada para março, data ainda a ser fixada. Haverá aqui para você festejos do Embaixador, meus, dos amigos, dos inimigos. Diga se vem, quando vem, como vem. Diga se o Mendes Viana¹⁷⁰ deve escrever diretamente ao Ministro de Estado. Diga, enfim, o que quiser. E tome votos de Felicidades de Natal e Ano Nov[o], que são também de Alba. E do seu humilde amigo, admirador, discípulo, fã *saudosíssimo*

*Guilherme*¹⁷¹

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 27 x 21 cm., papel branco; timbre.

Intervenção do destinatário:

a tinta vermelha: “36”(rasurado a lápis preto);

a lápis preto: “35”

2 furos.

37. JGR > Guilherme, 23/12/64

Rio, 23 de dezembro de 1964

(Pós-datado, para altos fins natalinos, mas no ão do coração.)

¹⁷⁰ Antonio Mendes Viana (1808 - 1976), diplomata, serviu em Paris entre 1964 e 1966.

¹⁷¹ Guilherme Figueiredo.

GUILHERME, querido, oportuno e constante e grande:

Você em Paris, comigo, é “fogo”! – sempre vem com boas notícias e coisas. Assim, a cartinha, com cheiro de Papai-Noël. Alegria. A Você e Alba – com homenagens e lembranças – todos também nossos votos de Natal e Ano-Novo, felicidades e risos, tudo melhor, próspero:

Agora, gostaria de pôr Você junto com o meu grande Tradutor, J.J. Villard. Vale a pena, Você vai ver. Do encontro de Vocês, muito espero, para ambos; e para mim. Telefone a ele: Maillot 11-19. Ele procurará Você, para receber de suas generosas e talentosas mãos a carta em anexo. Obrigado. Muito. (O endereço do Villard é: 47, Boulevard de la Saussaye, NEUILLY-sur-Seine.)

Mas, há outro favor, maiúsculo. Tome coragem, queira-me bem, e retorne às Éditions Albin Michel. Insista com a Mme. Pasquier. Para ver se eles lançam o DIADORIM antes de março. Em fevereiro - como antes tinham previsto - , fim de fevereiro que seja, segunda quinzena de fevereiro, o diabo¹⁷². Isto é importantíssimo. Confio em Você, Amigo de forte presença e Autor da minha rondinellesca, Karyok’ina, anfitriônica, esópéica, ultrafluminense, excelencial, e etcetéica predileção. Mercíssimo. (Note que omiti o “De platibus” ...)

Grato, tanto, outrotanto, pelo número da *Die Kiepe*¹⁷³. De fato, na douda Alemanha do Dr. Topsisius, a coisa está fervendo e refervendo. Chegam montes de artigos, frenéticos, delirantes, aquele povo ledor está tomando porres de *Grande Sertão*. Que bom.

Mas, Você, por lamentável esquecimento, não me contou o que é que o pessoal de dentro da Albin Michel acha do livro, eles que já conhecem a tradução, com ela em mãos. Estão animados? Diga-me isto, em três linhas de bilhete, que ando, apesar de tudo, em fase de insegurança interna, por causa do calor.

Na Itália, pela Feltrinelli, acaba de sair o *Corpo di Ballo*, num volume ferozmente belo, com minha foto sertaneja e equestre, na “*copertina*”. Tradução fabulosamente boa. Melhor que o original, bastante: filtrado, gostoso, borgonhoso (mas não fale nisso na Albin Michel, o *Corpo de Baile* pertence à minha outra facção aí, às Éditions du Seuil...).

Por se acaso, só se Você conhecer o Roger Caillois, e com êle acontecer de encontrar-se: então, insinue a êle, suave, discreta, diplomaticamente, que há muita probabilidade de vir eu a dar à Gallimard um próximo meu livro; fale-lhe na minha admiração pessoal por êle, Roger Caillois, e no meu velho aprêço pela Gallimard, monumento universal de edições. Mas, como disse, isto só se o detino e o acaso botarem Vocês perto, e só se Você se lembrar, despreocupadamente, disto. Tudo te agradeço, mano.

E, agora, a respeito de minha não-ida ou ida. Ah, Gui, Guilherme! Eu estou muito desorganadíssimo, esbandalhado e farofoso, sem ânimo. Vocês são uns amores, uns amigos, uns magos. Grande é o Antonio, o Mendes Viana, fabuloso sempre, meu muito, Embaixador possante, o nosso mais inteligente e mais vivo ou vidoso. E eu, aqui, frouxo, flácido, não abúlico mas besta, *plein-de-doigts*, todo raposo-e-uvas. Gostar de ir, sim. Mas, não acho jeito. Só pelo fato de ser publicado o livro, não se justifica. O Itamaraty não poderia me ajudar (eu, sozinho, ainda menos!) – pois não saem traduzidos e publicados livros de outros patrícios, que não comparecem *in loco*, só por não serem da Casa? Ficava feio. Depois, quando do Nobel¹⁷⁴, vão dizer que foi a Casa de Rio-

¹⁷² O lançamento da tradução francesa de GS:V favoreceria o romance de JGR proposto pelo editor Souza-Pinto para o Prêmio Internacional do Editores.

¹⁷³ *Die Kiepe*, junho, 1965.

¹⁷⁴ JGR só seria indicado para o Prêmio Nobel três anos depois, em 1967.

Branco quem teceu e custeou longamente o caso e fato. Não tenho jeito. Só se houvesse algum convite, uma “culturalada” qualquer, ou “quaid’orsayzada”¹⁷⁵ qualquer, por pífia mínima ou quase simbólica que fosse, que se arranjasse, que me justificasse, que desse base à minha ida, moral e legal. (Mas não estou cantando Vocês, nisto, creia. Meu *mood*, no momento, é mesmo de desleixo de viagem, de semi-inércia búdica ou taoísta. Não tenho impulso. *Kismet. Maktub*. Giro em re-re-renúncias. Estou túbio, mineiro, capiau, tremente metafísico, imobilista, só-subjetivo...)

Mas querendo bem a Você, a Vocês, gratamente enorme. Oh, oh afeto!

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, a segunda numerada no canto superior direito: “2”; 25,3 x 20,2 cm.; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente: a tinta vermelha, nas folhas 1 e 2 respectivamente: “39-1” (rasurado a lapis preto), “36” e “39”- 36.

38. JGR > Villard, 23/12/64

Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1964

Meu caro Amigo,

Gostei imenso de receber sua boa carta, que restabeleceu nosso grato e útil diálogo, e que agradeço, muito, muito. Obrigado, não menos, pelos cartões bretões e pelo dépliant com as vistas belas, calvários, florestas, lagos, castelos, ruínas de mosteiros, evocações do Graal e dos Cavaleiros da Mesa-Redonda. Deram-me lauta inveja. Umas férias assim, agem até no fundo da gente. Parabéns, também, pela 9ª netinha: que todas as gentis Fadas rodeiem o berço da pequena Sophie! A vida tem horas bonitas, e cheias de compensações.

Tornando agora aos livros:

1)- *Diadorim*. Não fiquei sabendo se ainda há tempo de colocar-se no fim da última página (onde aparecia em outros livros às vezes a palavra “Fim”) aquele sinal: ¹⁷⁶ [...]. Será? É importante. Os críticos alemães tem-se referido ao mesmo, com interesse significativo. Daqui por diante, gostaria que todas as edições do *Grande Sertão: Veredas* o trouxessem.

2)- *Diadorim*. Soube, agora, que a Albin Michel só vai lançá-lo em março. É uma lástima, por vários motivos, este novo adiamento. Tinham antes informado que seria em fevereiro. Se pudessem lançá-lo pelo menos na 2ª quinzena de fevereiro, seria para nós realmente importante. Talvez, mesmo, fosse possível eu ir até aí.

¹⁷⁵ Para JGR seria desejável um convite do governo francês, fosse do Ministério da Cultura ou do Ministério das Relações Exteriores (Quai d’Orsay).

¹⁷⁶ Aqui o escritor desenhou o lemniscato, com caneta azul.

3)- EDIÇÕES do *Grande Sertão: Veredas*. Nos Estados Unidos, a editora é a Alfred A. Knopf Inc. (501, Madison Avenue, New York 22, N.Y.). Título: *The devil to pay in the backlands*. A tradução é razoavelmente boa. A tradutora foi Mrs. Harriet de Onís (Betances 106, HATO REY, Puerto Rico), que, aliás, está terminando, este mês, para aquela mesma editora, a tradução do meu livro *Sagarana*¹⁷⁷. É pessoa muito simpática e acessível.

Na Alemanha, o Verlag Kiepenheuer & Witsch (Rondorfer Strasse 5, KOELN-MARIENBURG). Título do livro: *Grande Sertão*. A tradução é magnífica! Tradutor: Herr Curt Meyer-Clason (c/. Brazilianisches Konsulat, Widenmayerstrasse 47, MUENCHEN). Também homem sensível e culto, excelente pessoa.

NOTA: Estou certo de que ambos os editores remeteram exemplares do livro às Éditions Albin Michel, os volumes devem estar lá. Mas, se não, é só pedirem, que elas terão prazer em remeter.

4)- “Cara-de-Bronze”. A respeito daquelas páginas com “scénario” de cinema, etc., conviria passar os olhos na tradução italiana (verdadeiramente estupenda, formidável), que acaba de sair. Pela Giangiacomo Feltrinelli Editore, de Milan. Título: *Corpo di Ballo*¹⁷⁸ – pois eles preferiram editar o livro inteiro, num belo volume compacto. (Rogo-lhe perguntar, nas Éditions du Seuil, pois, certamente, Feltrinelli ter-lhes-á remetido um exemplar. Se não, também é só pedir, que eles mandam.) Também a tradução alemã já está pronta, e é igualmente de primeira ordem, notável; como o livro deve entrar logo no prelo, para sair já no outono de 1965, o Seuil pode pedir à Kiepenheuer & Witsch que lhe envie provas (die Fahnen); assim foi que a Kiepenheuer & Witsch pediu e recebeu, da Feltrinelli, as provas tipográficas do *Corpo di Ballo*, no fim deste ano. (Endereço: Via Andegari, 6/ Milan.)

A rigor, não sei se a conservação daquela parte “pseudo-cinematográfica” prejudicaria de fato a estória para o público leitor francês. Trata-se, isto sim, de uma noveleta sui generis, com o acento colocado não na ação, mas na recherche, na “busca”. na BUSCA DA POESIA. Não é estória para se simplificar, mas para se complicar. Seu acento, ao contrário das outras, deve ser super-intelectualizante. Daí, o manejo, intencional, “em tentativa”, de vários modos ou “ângulos de ataque”: o expositivo, o discursivo, o teatral, o cinematográfico, etc. Veja que o italiano e o alemão fizeram questão de conservar aquilo; e eu não [gostaria] sei se cairia bem de uma versão francesa plebeizada e appauvrie, por mutilação, de certo modo poderiam acusar-nos disso.

Mas, de qualquer maneira, deixo a solução final ao seu critério, que merece minha plena confiança. Sua opinião é sempre séria e arguta.

Apenas, no caso de se suprimirem as rubricas cinematográficas, teríamos de manter, de qualquer modo, a disposição tipográfica do original: os espaços, a colocação dos parágrafos, em blocos assimétrico na página, etc. Não acha? Se não fizermos assim, é que a coisa se desmancharia toda, dando um resultado incompreensível e caótico, parecendo um quebra-cabeças. Também aqui, sua opinião é lei.

5)- “Cara-de-Bronze”. Também, por causa da peculiaridade dessa novela, penso que deva trazer, acima do título, e um pouco à esquerda, a indicação “Intermède” (ou “Intermezzo”, ou “Interlude”). Assim:

¹⁷⁷ *Sagarana*. New York, Knopf, 1966. Trad. Harriet de Onís. 306 p.

¹⁷⁸ *Corpo di Ballo*. Milano, Feltrinelli, 1964. Trad. Edoardo Bizzarri. 784 p.

Interlude:

“VISAGE-DE-BRONZE”

(Aqui, as epígrafes, etc.)

(A edição alemã terá, dessa maneira: *Zwischenspiel*.)

6)- *Primeiras Estórias*. Compreendo bem a dificuldade, suple[me]ntar, decorrente da mudança de “ton” e de “climat”, ao sair de uma estória, para entrar em outra. Também o Tradutor alemão, Sr. Curt Meyer-Clason, que já verteu algumas delas (a “Sorôco, Sua Mãe, Sua Filha” já saiu até publicada em três jornais alemães), encontrou, a princípio, essa dificuldade. É que ele, normalmente, para traduzir, empregava seu método costumeiro: deixava-se primeiro embeber do “espírito” da novela, deixando-se guiar por esse espírito, interpretando. MAS... com as *Primeiras Estórias*, logo verificou que esse processo não bastava, não dava certo. E viu que: tinha de traduzi-las, quase palavra por palavra – COMO SE TRATASSE DE... TRADUZIR POESIA... De fato. Acho que ele tem toda razão. As *Primeiras Estórias*, como o Amigo já viu, são [muito] **mais** densas, numa [forte] **especial** condensação de linguagem; além disso, cheias de [sutilezas] **soluções**, baseadas na própria forma e num certo vago-ambíguo mas ao mesmo tempo estrito, das expressões. (Além disso, poderá o Amigo sentir que, não obstante a mudança de *ton*, o que predomina em todas é uma espécie de “manha” expressiva. E foi assim que Meyer-Clason preferiu: 1) ler, assinalando a lápis as ousadias formais e novidades; 2). fazer uma primeira tradução quase *mot à mot*, como base; 3) sobre essa, fazer o trabalho definitivo. Achou que assim não se cansava tanto, aliviando um pouco o árduo da empreitada. Além do mais, porque quase todas as expressões empregadas no *Primeiras Estórias* não são tiradas da linguagem comum, mas sim criadas por mim, de *toutes pièces* – de modo que, também para o leitor brasileiro elas soam novas, estranhas, completamente inéditas. Por isso mesmo, e se tratando de estórias muito curtas, essas *tournures* não poderiam ser omitidas (nem vertidas para fórmulas usuais do outro idioma) sem prejuízo, tudo podendo resultar em mole, frouxo, incolor, sem valer a pena. Mas, se digo ou conto isto, nem acho que seja necessário. J.-J. Villard é meu TRADUTOR abalizado, perfeito, comprovadíssimo. Toda a minha confiança está com o Amigo. Tenho tido sorte, com meus Tradutores. Mas posso dizer: nenhuma das Traduções, até agora, superou as suas realizações em *Buriti* e *Les Nuits du Sertão*! Tudo o que aqui digo é definitivo e sincero.

Pedir-lhe ia, porém, começar pelo “Cara-de-Bronze”. Já tendo saído o *Corpo de Baile*, inteiro, num só volume, na Itália, e devendo sair também assim, na Alemanha, no ano que vem, penso que o Seuil deveria dar prioridade à terceira parte do livro (“Campo Geral”, o *Interlude* “Cara-de-Bronze” e “A Estória de Lélío e Lina”). Quando estiver com Mr. Chodkiewicz, rogo-lhe fazer ver também isto. Creio, mesmo, que, para o futuro, eles poderiam pensar em fazer uma edição do *Corpo de Baile* completo, num só volume, como os alemães e os italianos. Que tal?

Para o *Primeiras Estórias*, estive pensando, agora, numa outra maneira de facilitar o seu trabalho. Seria, em vez de ir traduzindo as estórias pela ordem em que estão no volume, começar por dividi-las em grupos, das que tenham o mesmo “tom” ou aparentado, e atacar primeiro um grupo, e, depois, sucessivamente, os outros. Facilmente o Amigo obteria essa prévia classificação. Por exemplo: 1º grupo:

“Famigerado”, “Os Irmãos Dagobé”, “Fatalidade”, “O cavalo que bebia cerveja”; 2º grupo: “A Menina de Lá”, “Partida do Audaz Navegante”, “As margens da alegria”, “Os Cimos”, “Sorôco, Sua Mãe, Sua Filha”; 3º grupo: “Nenhum, Nenhuma”, “Nada e a Nossa Condição”, “A Terceira Margem do Rio”, “A Benfazeja”, “O Espelho”; 4º grupo: “Sequência”, “Substância”; 5º grupo: “Pirlimpsiquice”, “Darandina”; 6º grupo: “Luas-de-Mel” e “Tarantão, Meu Patrão”; e “Um Moço Muito Branco”, esqueci-me, entraria no 4º grupo (mas com linguagem especial, calma e arcaica, pelo menos arcaizante). Além disso, traduzindo os grupos nessa ordem: 1º, 6º, 5º, 3º, 2º, 4º, verá que a transição se faz mais amena, sem tanta dificuldade na “readaptação”. Experimente, por favor.

E desculpe-me. Relendo a carta, até aqui, ela nada me agradou. Me parece vaidosa, dogmática, pedante. É que estou escrevendo muito depressa, por causa do acúmulo de coisas de fim-de-ano, não quero atrasá-la mais. Temo parecer que estou “ensinando padre-nosso ao Vigário”... Mas, em tudo, veja só meu grande desejo de que o Amigo retome a tradução dos meus livros, eu mesmo fico ansioso por poder lê-los através do seu belo, impecável dizer francês. Já sinto falta de um novo texto j.-j. villardiano. Há a nossa amizade. E fico com ciúme desses outros autores e livros, que passou a traduzir à frente dos nossos. Tudo é confiança, admiração, gratidão, afeto!

Mas, já me alonguei, demais. Estou confiando esta à bondade do meu grande amigo e magnífico escritor Dr. Guilherme Figueiredo, nosso Adido-Cultural aí na Embaixada. Ficaria feliz de saber que os dois se encontraram, se estimaram e se entenderam, em simpatia e em literatura.

E, de coração, desejo-lhe, e a todos os seus, muito Boas-Festas – um Natal Alegre, um Ano-Novo próspero, pujante, feliz!

Com o grato e cordial

do

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbonô; 4 folhas, numeradas no canto superior direito a partir da segunda; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente:

a. palavra coberta a lápis preto: “gostaria”. “e eu não [gostaria] sei se cairia bem”;

b. acréscimo a caneta azul: “de certo ... disso.”; “Sua opinião ... arguta.”; “Também ... lei.”;

c. palavras cobertas a lápis preto, seguidas de correções a tinta azul: “são [muito] mais densas”; “numa [forte] especial condensação”; “cheias de [sutilezas] soluções.”.

Intervenção do remetente a tinta vermelha, canto superior direito de cada página: “37”.

2 furos.

anexo: Algumas notas (*Diadorim*),

datiloscrito, cópia carbonô, 2 folhas, numerada a segunda: “2”; 32,5 x 22 cm.; papel rosa, timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente:

a tinta vermelha, páginas 1 e 2, canto superior direito: “38” (rasurado a lapis preto);

a lapis preto, canto superior direito: “37”.

6 furos; rasgos e manchas na borda inferior.

com treze anotações de enganos ou imperfeições na tradução francesa, contendo:

número da anotação;

número da página em que aparece a palavra, frase ou trecho;

sugestão de tradução para o francês;

tradução em inglês, tradução em alemão, e original em português;

ou assinalando erro tipográfico; ou enfatizando erros de compreensão e nuances de sentido.

39. JGR > Antonio, 15/02/65

Rio, 15 de fevereiro de 1965

Meu caro Antonio¹⁷⁹,

Não nenhum. Nenhuma dúvida. Seu bv. n. 795 foi coisa de festa para êste nosso escalavrado coração. Leio-o e o releio. Fico grande. Mas não alcanço Você.

Tudo me empurrou e tonteou demais, neste dezembro/janeiro/fevereiro, em que, cada dia, pensava em Você, debatendo-me com os fatos ou com a ausência dêles, sem atinar escrever; acho que inaugurei formas novas de semi-sonambulismo.

Mas os nossos Guilherme Figueiredo e Antônio Cândido¹⁸⁰ terão dado ou darão a Você explicação mais miúda, “descrição”, como se diz. Só por prudência, agora não me alongo. Você escreve cartas tão fortemente belas, que temo sempre a comparação

Mas – este:

Do

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente:

a tinta vermelha, canto superior direito: “46” (rasurado a lapis preto);

a lápis preto: “38”.

2 furos.

40. JGR > Guilherme Figueiredo, 15/02/65

Rio, 15. II. 65

Querido Guilherme,

Não vi o XANGÔ, in “Os dez mandamentos”, do qual vou gostar. Mas recebi as PEÇAS GREGAS¹⁸¹ e o das COMIDAS¹⁸² – notáveis ambos. Tos agradeço, lauta e helênicamente.

E, para não vir de mãos abanando, pespego-te outra, a em anexo, jotajotavillardina. Você o avistou e conversou? Valeu a pena? Um Adido Cultural é coisa forte, poderosa. Eu gosto de Você, G.. *I like you, Figueiredo. Je vous aime, Guillaume.*

¹⁷⁹ Antonio Mendes Viana.

¹⁸⁰ Em carta a Mário Calábria (29/10/63) JGR se refere a Antonio Candido como “nosso maior crítico literário de todos os tempos”. Ver Bussolotti, p. 392. O Fundo JGR guarda uma carta do crítico ao escritor.

¹⁸¹ Guilherme Figueiredo. *Quatro Peças de Assunto Grego*

¹⁸² Guilherme Figueiredo. *Comidas, Meu Santo*

Sim, estive em Gênova. *Vi coactus*. O Departamento Cultural e a Embaixada (e, de longe, outras entidades, físicas e jurídicas) quase me depuseram, fisicamente, no avião da Alitalia. Lá, quase sucumbi, ao vento frio ligure, à *confusione*, à desordem e kafkices do COLUMBIANUM¹⁸³, à frouxidão intrínseca de mim mesmo. Mas, no total geral, foi bom, foi próspero. Tive oportuno contacto com minha editora, Feltrinelli, com críticos simpáticos e leitores de boa-vontade, com o protetor espírito de Dante. Reajuntaram, depois, minhas peças, e o Lousada reexpediu-me para este Rio.

Lá, andei bastante com o Roger Caillois¹⁸⁴. De modo que, acêrca dêle, nada mais é necessário. (V. minha carta anterior.)

Lá, conversei afetuosamente, com o nosso admirável Antonio Candido. (Se puder, dê-lhe um telefonema. Ele tem coisa para dizer a Você, e será, no momento e sempre, um dos meus mais queridos e autorizados porta-vozes.)

Diga também, ao nosso grande Mendes Vianna e Embaixador, que muito dêle, e agora máximo, é o meu grato vibrante afeto.

Você, Guilherme, faz falta – aqui e aí.

Auguri.

Mais o

do

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 1 folha; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente:

a tinta vermelha, canto superior direito: “41” (rasurado a lápis preto);

a lapis preto, canto superior direito: “39”.

2 furos.

41. JGR > Villard, 15/02/65

Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1965

Meu caro Amigo J.J. Villard

Aqui está o “Sorôco, sua mãe, sua filha”, do *Primeiras Estórias*, na tradução do Meyer-Clason. Acho-a muito boa, vistosa e exata. Na Alemanha, gostaram. O Meyer-

¹⁸³ Instituto voltado à integração da Europa com países da América Latina, África e Ásia que promoveu o *Colóquio Terzo Mondo e Comunità Mondiale* realizado em Gênova, 21 a 30 de janeiro de 1965, ao qual estiveram presentes também Antonio Candido, Ernesto Sábato, Roger Caillois. A descrição da passagem de JGR pelo Colóquio é dada pelo próprio em carta ao tradutor italiano (Bizzarri, p. 169); e por Emir Rodrigues Monegal, no “Em busca de Guimarães Rosa”, in Coutinho, Eduardo de Faria, *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983, p. 47-61. O Colóquio foi também a ocasião do diálogo de JGR com Günter Lorenz, transcrito no mesmo volume.

¹⁸⁴ Em carta a Victoria Ocampo (19/02/1965), Roger Caillois se refere à estadia em Gênova, à fundação ali de uma sociedade de escritores latino-americanos e a alguns desses escritores. Dizendo acreditar no grande valor da literatura do continente avalia: *Il n’y a pas de romancier au monde de la classe de J. M. Arguedas, Vargas Llosa, Carpentier, sans compter Cortázar ou Fuentes. Et, il va de soi, au Brésil, Guimaraes Rosa. Correspondance Roger Caillois Victoria Ocampo*. Paris, Stock, 1997. p. 386.

Clason já terminou a versão do *Corpo de Baile* - que, como *Ballettkorps*, deverá sair no outono, - e vai atacar o *Primeiras Estórias*, para o Verlag Kieperheuer & Witsch.

Pelo nosso amigo argentino Sabato¹⁸⁵ (*Sobre Heroes y Tumbas*), espero tenha recebido o n° 16 da revista *I Verri*¹⁸⁶, que traz um trecho do “Cara-de-Bronze”, com comentário de Valerio Riva¹⁸⁷. O trecho que escolheram para reproduzir foi justamente o que dá aquela passagem de C e n á r i o cinematográfico: “...dove Guimarães Rosa adotta un’elusiva stesura da sceneggiatura cinematografica che gli serve a sovrapporre il piano delle ipotesi descrittive e quello del dislocamento di situazione” - registra o comentarista. Aliás, na opinião, digo, nas opiniões diversas sobre o *Corpo di Ballo* (que está obtendo, graças a Deus, excelente êxito na Península), aquela parte tem recebido compreensivos aplausos, ou, pelo menos, simpáticas referências. Por esta razão, e, como pude já dizer-lhe, em minha última carta, porque a edição alemã trará também a novela em sua forma intacta e integral, meu pensamento é o de que deveríamos observar o mesmo na edição francesa - i. é.: conservando o “cenário” de cinema, com todas as suas rubricas. Não acha?

Estou ansioso por novas notícias suas, daquelas que alegram e entusiasмам! Saber que retomou as nossas traduções, o “Cara-de-Bronze” e o *Primeiras Estórias*. Ver que regressou ao sertão, aos Gerais das veredas... Só então, eu ficaria realmente contente. E, ainda mais, recebendo novas estórias, das suas, notáveis, dos capiaus de Bretanha e Normandia - que um dia hei de publicar, sob o título *Estórias do Meu Tradutor*.

Embora outras boas notícias não tenham faltado. Este mês, por exemplo, assinei mais dois contratos, para o *Grande Sertão: Veredas*. Com o Albert Bonnier’s Förlag, de Stockholm, para a edição sueca; e com a Editora Zora, de Zagreb, para a iugoslava, i. é. em sérbio-croata.

Mas, a melhor esperança, é pelo *Diadorim* nosso, da Albin Michel.

E o maior é o , reconhecido, afetuoso, amigo,

do

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, numerada a segunda: “2”; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco, timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente:

a tinta vermelha, canto superior direito: “42” (rasurado a lapis preto);

a lápis preto, canto superior direito: “40”.

2 furos.

42. JGR > Guilherme de Figueiredo, 27/03/65

¹⁸⁵ Ernesto Sabato (1911 - 2011). Escritor argentino, doutor em física. Abandonou a ciência pela literatura no início dos anos quarenta, quando ligou-se ao grupo da Revista *Sur*. Seu romance *Sobre Heroes y Tumbas* é de 1961. Um de seus ensaios dessa década é *El escritor y sus fantasmas*. Memória: *Antes del fin* (1998). Nos últimos anos, sem poder ler ou escrever, dedicou-se à pintura. Foi indicado para o Prêmio Nobel de 2010.

¹⁸⁶ *I Verri*, 1964, p. 88-90.

¹⁸⁷ Valerio Riva (1929 - 2004). Editor, crítico literário, jornalista. Esteve na Editora Feltrinelli desde a fundação, até 1968.

Querido Guilherme,

Esta é rápida (“uma rápida”). Estou impossível. Estou assustado e exultante. Vocês foram uns amores, como proverbialmente, amigos notórios. Por via aérea, recebi meu primeiro exemplar do *Diadorim*¹⁸⁸. Li-o, rapaz, desabalado. Gostei, muito. Traduzido é melhor, a gente gosta. Você gostou, gostaram? Eh, por favor, diga. Conte coisas. Eu queria que a vida de Paris parasse, para todo o mundo ler, apreciar, só falar no livro, *pendant* pelo menos seis semanas. A gente fica até com medo.

E ocupo-o, chateio-o – você é o pai dos chatos¹⁸⁹, respectivo tratadista – com ainda e sempre estas duas sobrecartas, encaminháveis. Rogo e remercio. Acho que o Villard saiu-se magnificamente, e a Albin Michel idem. Acho que não mereço; mas Você é Guilherme, o Grande.

Tudo que aparecer por aí, sobre – artigos, notas, anúncios, notícias, etc. – vai juntando num envelope grande, depois mande. Estou aqui feito passopreto em ninho de tico-tico. Mande. Manda brasa, eh Guilherme, grego viril, teatrologão, poeta, romancista, contista, músico, crítico, meu Amigo.

Só agradeço!

E abraço

Seu

O

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; autógrafo a tinta azul; 1 folha; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente:

a tinta vermelha, canto superior direito: “44” (rasurado a lapis preto);

a lapis preto: “41”.

2 furos.

43. JGR > Villard, 27/03/65

Rio de Janeiro, 27 de março de 1965

Querido Amigo J.J. Villard,

Venho com alegria, com sincero entusiasmo e funda gratidão. Recebi da Albin Michel, por via aérea, o *Diadorim*. Distinto, belo, correto, com classe em sua forma física e externa. Li-o, sem parar. Estou sempre relendo, trechos. Meu encantamento foi ainda maior do que quando fizera o mesmo com *Buriti* e com o *Les Nuits du Sertão*. Comovi-me. A tradução saiu esplêndida, soberba. Tudo ficou, no texto, mais humanamente espesso, o Sertão nada perdeu, ao contrário, e eu mesmo estou podendo nele achar muita coisa, que nele pusera sem o saber. Não sei como dizer-lhe, ao vivo,

¹⁸⁸ *Diadorim*. Paris, Albin Michel, 1965. Trad. Jean-Jacques Villard. 442 p.

¹⁸⁹ Guilherme Figueiredo é autor do *Tratado Geral dos Chatos*, Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1962.

minha satisfação, continuada. Como foi possível esse prodígio de traduzir, essa valentia e resistência? – gratamente me pergunto. E fico pasmo de lembrar que o Amigo nada me consultou, lutou sozinho, e desbravou, destrinçou, deslindou, penetrou profundo, chegando às mais extremas raízes da compreensão. Só um trabalho com real amor pode chegar a resultado assim. Meu Amigo -: obrigado!

Depois, em mais calma releitura, anotarei as muitíssimas passagens, lindas, que me deram exclamações. Tantas vezes em que o meu formidável Tradutor encontrou surpreendentes, esplêndidas soluções; e outras vezes em que, contra frases foscas do original, pode por frêmito e beleza, compensadoras. Outras, melhorando o trivial, caprichou, *en faisant du pur* “Guimarães Rosa” *et mieux que ça*. Alegria. Gratidão. Repito: sei o que meus livros e eu lhe estamos devendo, por tudo, na França, no mundo.

Da leitura, só encontrei pouquíssimas observações a fazer, só as que aqui, em anexo¹⁹⁰, lhe trago, para as possíveis alterações, no caso de o *Diadorim* vir a ter uma segunda edição. Não repare a maneira, lancei-as no papel muito desajeitadamente e à pressa, ando com menos saúde e de fato sobrecarregado de trabalho e coisas. Em todos os casos, marquei apenas, rapidamente, as indicações que lhe pudessem ser úteis.

Achei também interessante ajuntar às vezes as mesmas frases das traduções e edições alemã e norte-americana. Mas naturalmente, não pense que as acho melhores ou mais bem conseguidas. Muito pelo contrário. Sua tradução, sinceramente, é muito melhor que a norte-americana, e de maneira alguma menos excelente que a alemã. Se fosse estender a todas as páginas do livro o confronto, estou certo que *Diadorim* levaria muito frequentemente ampla e minuciosa vantagem sobre os outros. Sem dúvida. Sem lisonja minha aqui.

Assim, sempre e ainda vez, gratíssimo!

À página 108, linhas 20/21, não seria possível e interessante incluir-se o nome traduzido: le petit-manuel-du-banc-de-sable - ? na tradução alemã: “war unbedingt der rotbeinige Strandläufer, genannt Der-Kleine-Manuel-der-Sandbank. Pensei para no [sic] *Diadorim*, “*était encore le manuelzinho-da-crôa, petit-manuel-du-banc-de-sable, aux jambettes (jambes) rouges, le chevalier-des-sables*.

Acho que, no caso, o excesso não prejudica, e dá uma nota viva pitoresca. Que pensa?

Também, para o caso de nova edição, rogo-lhe pedir à Albin Michel que, na indicação:

Édition brésilienne

Grande Sertão: Veredas, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956, 1958.

acrescentem:

1963, 1965.

¹⁹⁰ É possível que JGR tenha tido acesso às provas e que as observações já estivessem prontas. Ver carta 38, JGR > Villard, 23/12/64.

Porque o livro, aqui, já está na 4ª edição. (Isto é, a 4ª, de 1965, acha-se no prelo, em adiantado trabalho de impressão.)

Muito obrigado.

Também gostei muito da “cinta” que a Editora pôs no livro – com o sinal do Infinito, o 8 deitado ou lemniscato, que é o hieróglifo do *Grande Sertão: Veredas*.

Com os mais efusivos votos, o
do

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbono; 2 folhas, numerada a segunda: “2”; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco e de seda azulado, folhas 1 e 2 respectivamente; timbre em vermelho somente na folha 1: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente:

a tinta vermelha, canto superior direito: “43-1” (rasurado a lápis preto);

a lápis preto: “42”.

4 furos (folha 1), 2 furos (folha 2).

44. Villard > JGR, 16/04/1965

J.-J. VILLARD

47 Bd. de la Saussaye

Neuilly sur Seine

16 avril 1965

Cher maître et grand ami,

Une fois de plus c’est plein de remords que je vous écris. Depuis longtemps je voulais le faire mais j’ai toujours remis au lendemain. “*Morgen, Morgen, nur nicht Heute sagen alle faule Leute*”, mais j’ai des excuses autres que la paresse. D’abord il y a eu la grippe, et après j’ai dû rattrapper le retard que j’avais pris dans mon travail, enfin y a eu la sortie de *Diadorim* qui approchait et je n’ai voulu écrire qu’après. Plus j’écris, plus je me rends compte que ce sont de mauvaises raisons et que je cherche à rendre excusable ce qui ne l’est pas, donc, passons à autre chose.

Ainsi que vous l’aviez demandé, j’ai obtenu d’Albin Michel que l’on mett[r]e en cul-de-lampe à la fin du livre le signe de l’infini.

Je suis désolé des erreurs de traduction que j’ai comises, l’une d’elles: surucucu est une faute d’inattention. J’avais bien mis surucucu dans mon brouillon manuscrit, mais je l’avais si mal écrit qu’en retappant j’ai [e]cru lire sucuruju et j’ai écrit eunecte. L’erreur 5, page 221, est due à l’interversion de deux lettres par le typographe. La 6, p. 250, n’est pas à mon avis une erreur, *aussi* est employé comme conjonction de coordination qui indique une conclusion ou une explication (p. ex Il est méchant, aussi chacun le fuit). 11. p. 383: jeter un sale oeil = jeter mauvais regard. Jettatura serait: jeter

le mauvais oeil. Pour les autres erreurs, veuillez m'excuser, je me suis lassé obnubiler par des idées préconçues.

Je suis très sensible aux compliments que vous m'adressez. En effet, le travail n'a pas été facile. J'ai dû me colleter réellement avec le texte, un peu comme la lutte de Jacob avec l'ange, toutes proportions gardées, et je n'ai pas toujours eu le dessus dans cette lutte; quand la traduction a été terminée, j'étais littéralement épuisé.

Diadorim fait déjà beaucoup de bruit dans la critique et dans les milieux littéraires, le livre suscite un grand intérêt avant même d'être réellement dans le public, certains articles élogieux ont[d] déjà paru, dans le *Monde*¹⁹¹ en particulier. J'ai assisté l'autre jour à la présentation du film tourné au Brésil¹⁹² avec comme thème le livre. J'estime qu'il ne peut que nuire à l'oeuvre, tant il la déforme. *Diadorim* n'a plus de mystère dès le début, Zé Bebelo a perdu tout caractère, Riobaldo est un vague héros de *Western*, Joca Ramiro a été depouillé de toute grandeur et Hermogenes n'est plus la brute presque surhumaine. A Sucruíu règne la malária et non la petite vérole. Dans le massacre des chevaux, on ne voit que la mort de quelques charmes misérables, dont on peut compter les côtes et qui ont peine à se traîner, au lieu des belles bêtes affolées tournant en rond, crinières au vent. L'Urucuia n'est plus qu'un cheval. En voyant le film, j'ai l'impression d'une trahison. Seuls les paysages sont beaux, car le cinéaste n'a pu les trafiquer. Il y a certes de belles photos, mais le film est inexistant à côté de *O Cangaceiro*¹⁹³.

Je vous envoie, pour vous amuser, un petit récit que j'ai écrit pour notre bulletin des anciens combattants de 14-18, récit strictement exact dont les détails étaient restés gravés dans ma mémoire. Je dois vous donner ici un petit glossaire:

RAC = Régiment d'Artillerie de Campagne. Lancequiner = pleuvoir, vient de lance = eau en argot. Brêler = attacher solidement avec des cordes. Volige = planche mince en bois blanc. Garnir = mettre les harnais aux chevaux de trait. Flotter = Pleuvoir. Barbaque = viande. Cabot = cabo en portugais. Juteaux = adjudant. Goutte ou gnôle = eau de vie. Avoir la dalle en pente = aimer boire. Totos = poux de corps. Bitu = qui a un grand membre viril, patois campagnard. Bourrins, gayes = chevaux. Singe = viande de boeuf en conserve. Charre = exagération. Pinter = boire beaucoup. Cuistot = cuisinier militaire.

Je vous envoie mes plus amicaux souvenirs et un cordial abraço.

J.J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha; 27 x 21 cm.; papel branco.

Intervenção do destinatário:

a tinta vermelha, canto superior direito: "45-1";

a lápis preto, canto superior direito; "43";

a lápis preto, margem esquerda, altura do terceiro parágrafo, anotação: "jettatura";

a lápis preto, sublinhado: de "J'estime... déforme."; de "mais... "O Cangaceiro"."

2 furos.

Anexo: texto assinado; sem data; título:

¹⁹¹ *Le Monde*.

¹⁹² *Grande Sertão*. O filme, de Geraldo dos Santos Pereira, entrou em cartaz nos cinemas do Rio em junho de 1965.

¹⁹³ *O Cangaceiro*, filme de Lima Barreto é de 1953 e recebeu o prêmio de melhor filme de aventura no Festival de Cannes.

“Octobre 1916. Verdun. Ravitaillement en munitions de la 1ère batterie du 26è. R.A.C.”

Datiloscrito; cópia carbono; 4 folhas, numeradas a partir da segunda; 27 x 21 cm.; papel branco.

Intervenção do remetente: a tinta azul (algumas correções e acréscimos).

Intervenção do destinatário:

a tinta vermelha, canto superior direito, nas folhas 1, 2, 3 e 4 respectivamente: “45-2”; “45-3”; “45-4”;

“45-5” (rasurado a lápis preto);

a lápis preto, canto superior direito, nas folhas 1, 2, 3 e 4: “43”

2 furos.

45. Villard > JGR, 26/11/1966

J.J. Villard

26 XI 66

Monsieur João Guimarães Rosa

Palácio Itamaraty – SDF Ministério das Relações Ext.

Rio de Janeiro Brésil

Cher maître et grande ami

Voici bien longtemps que je ne vous ai écrit et encore plus longtemps que je n’ai eu de vos nouvelles. Avez-vous jamais reçu ma lettre du 16. 4. 65 dans laquelle je vous envoyais un petit récit d’une expérience personnelle il y a cinquante ans à Verdun? Si par hasard elle ne vous était pas parvenue je vous en enverrais un double.

Un an e demi s’est écoulé depuis notre dernier échange de correspondance. Depuis j’ai eu la naissance de deux petites-filles dont l’une est morte à huit mois. J’ai traduit deux romans argentins, une vie de Mussolini par un auteur anglais et je viens d’achever la traduction de *A Barca dos Homens* de Autran Dourado¹⁹⁴. Plus diverses petites traductions du hollandais.

Je reprends en ce moment la traduction de “Cara-de-Bronce” [sic] avant de m’attaquer à *Primeiras Estórias*

Ce qui m’amène à vous écrire aujourd’hui est une question de poésie. Dans “Cara-de-Bronze” le chanteur invisible chante des quatrains et je désirerais vous soumettre certaines traductions que j’en ai faites afin que vous me fassiez connaître votre opinion:

“Buriti, beau palmier mien,
Un voyageur est arrivé...
Point ne trouve un ciel serein...
Le voyageur est arrivé.”

“Buriti des verts plateaux,
Veut te revoir qui te vit,
Plongeant le pied au bord de l’eau,
de ces Geraes ô Buriti.”

“Buriti regarde en bas
et voit le troupeaus qu’on mène.

¹⁹⁴ Autran Dourado (1926). Jornalista, foi assessor de imprensa de Juscelino Kubitschek. Tem uma extensa obra de ficção: contos, novelas, romances tendentes à introspecção, como *Confissões de Narciso*, 1997.

passé le bouvier Zé Dias
mon nom avec ma peine.”

“Buriti, ô mon palmier,
Quand à Pompeu j’allais
ton secret tu m’as conté:
Tu veux le ciel et le marais.”

“Buriti, beau palmier mien
Tu es à tous les voyageurs.
Ton maître est le ciel serein
Maître de moi et de mon cœur.”

“Buriti, ô mon palmier,
Mère verte du maquis,
Mon pauvre bétail vais lâcher
dans ces joyeux pâtis...”

“Buriti, beau palmier mien
toutes les eaux va regarder.
Par tant de vaux ai fait chemin
Heureux de te rencontrer.”

“Buriti, troupeau verdoyant,
dans la combe au bord de l’eau.
ne bouge pas te dit le vent
et le sol dit: Monte plus haut.”

Et voici quelques autres poésies:

“Bouvier ne me demande pas
Si c’est ici que j’aime bien
jadis ma mère me disait déjà
Qui aime bien possède son destin

“La fille dit au bouvier
de recompter son troupeau
La fille a dit au bouvier:
Recompte bien tes bestiaux

E – ô – héééêêê

“Troupeau qui vient de loin
Olerê-olerâ, ôlera...
Héê, ohé – ô ééê... ê
L’echo répond... êê-ouôôô.

“La fille le bouvier a vu,
dit adieu de sa belle main

Le Romarin au bord du ru
a dit adieu de ses doigts fins.

“La fille a dit au bouvier:
Troupeau où vas-tu paître?
Du romarin de tous ces prés
mon père est le seul maître.

“Le bouvier répondit aussitôt,
sur son cœur posant la main:
Romarin des hauts plateaux
sur ton cœur pose la main...

Pensez-vous que cela puisse aller?

Traduire des poésies est toujours très ardu quand il faut conserver le style, l'esprit, le rythme, le sens et la rime. M'autoriseriez-vous éventuellement à prendre certaines libertés avec les mots tout en maintenant le rythme et l'esprit quand la traduction pure des mots me semblera insoluble?

J'ai reçu le mois dernier une lettre de Curt Meyer-Clason en demandant certains renseignements pour une notice que vous lui aviez demandé de rédiger. Je n'ai pu guère lui fournir de renseignements utiles, car en dehors de “feminaille” et de “vivelaloiser” je n'ai guère eu à composer de mots. Il me disait avoir eu certaines difficultés pour traduire “furibondancia” et finalement adopté “Ueberwut”. Quand je trouverai ce mot, il est fort probable que j'aurai certaines difficultés moi aussi, car si j'employais furibondance ce mot semblerait venir de “furibonder”, verbe inventé par Mme. de Sévigné¹⁹⁵ et venant de furibond, de même que vagabonder vient de vagabond, mais dont le sens était: “manifeste violemment sa colère”. Enfin, je verrai quelle solution adopter quand j'y serai parvenu.

J'aimerais bien vous rencontrer un jour et espère vivement que ce plaisir sera encore accordé, car les années s'accumulent sur mon dos: en février prochain je célébrerai le double anniversaire de mes 70 ans et de mes 40 années de mariage! Il n'y a donc plus de temps à perdre.

J'espère que cette lettre vous parviendra bien. Je me permets d'y joindre avec un peu d'avance mes meilleurs vœux de Noël et de Nouvel An.

Veuillez croire à mes sentiments de très amicale admiration

J.J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 2 folhas, numerada a segunda; 27 x 21 cm.; papel branco.

Intervenção do destinatário:

a tinta azul, canto superior esquerdo: rubrica ilegível;

a lapis vermelho, canto superior direito, folhas 1 e 2 respectivamente: “46-1” e “46-2”(rasurado a lapis preto);

a lapis preto, folha 1 e 2 : “44”;

2 furos.

¹⁹⁵ Marie de Rabutin-Chantal, Madame de Sévigné (1626 - 1696), considerada o maior autor de cartas da língua francesa, cartas de valor histórico e literário que marcaram a escrita epistolar pelo tom espontâneo, despojado, natural.

Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1967

Meu caro J.J. Villard

Recebo com sincera alegria sua carta de 26. XI. 66, pois também eu estava sentindo falta de nossa boa correspondência amiga. De fato, foi minha a culpa da interrupção: sim, recebi a sua, de 16. IV. 65, com a pequena estória em Verdun, que achei ótima. Logo em seguida, porém, começou aqui para mim um longo e duro período de preocupações e trabalhos – por causa da discussão com o Paraguai, sobre a demarcação da fronteira – e que me deixou, por mais de ano, terrivelmente atropelado, escravo, absorvido. Daí o silêncio, de que me penitencio.

Mas bem grande é minha satisfação ao saber que o Amigo retomou agora a tradução do “Cara-de-Bronze”. Direi, mesmo, que às vezes me entristecia e desanimava um pouco ver que tudo aí estava interrompido e parado, chegava a pensar que o meu Tradutor me tivesse abandonado por outros autores, ou que as Éditions de Seuil não se interessavam mais pelos meus livros. Graças a Deus, por sua estimada carta, vejo que essa cisma era infundada. (Também do Seuil, aliás, recentemente me escreveram, reafirmando o interesse deles e entusiasmo.) E muito quero agradecer-lhe, por sua vez, a firme reentrada.

As quadras e outras peças que me envia, acho-as todas excelentemente traduzidas, fiéis à letra do original e conservando tom e gosto, Perfeitamente me satisfazem, não podiam ser melhores. Vejo que está em magnífica forma! De qualquer maneira, sempre que achar necessário ou preferível, fica o Amigo autorizado a “eventualmente tomar certas liberdades com as palavras, etc.” Guardo – comprovada e sempre aumentada – toda a confiança no meu grande Tradutor e Amigo

As traduções em alemão e em espanhol (para a Editorial Seix Barral¹⁹⁶, de Barcelona) já estão prontas; a norte-americana está sendo feita.

Aqui, acaba de sair a 3ª edição do livro, enriquecida de um estudo introdutório, muito bom, esclarecedor, do crítico Paulo Rónai¹⁹⁷. Vou enviar-lhe logo um exemplar.

As Éditions du Seuil devem ter recebido exemplares das edições italiana (*Corpo di Ballo*, pela Feltrinelli) e alemã (*Corps de Ballet*, pela Kiepenheuer & Witsch) do *Corpo de Baile*. Talvez lhe interesse – se bem que disso não necessite – cotejar as duas traduções do conto “Cara-de-Bronze”?

(E, por falar, os outros dois que faltavam, “Campo Geral” e “A estória de Lélío e Lina”, já estão traduzidos? Tanto tempo já se passou, que nem me lembro bem.)

No momento, está saindo na Espanha o *Gran Sertón: Veredas*, pela Editorial Seix Barral, de Barcelona. Já me mandaram o primeiro exemplar, por via aérea. No anúncio, na “orelha” do livro, vejo que atribuem a mim opinião restritiva às outras traduções já existentes do romance – a norte-americana, a alemã e a francesa.

E isso é infundado e inexato. Jamais emiti essa opinião. Ao contrário, considero todas elas muito boas, louvo-as sinceramente e continuo a depositar entusiástica confiança em meus Tradutores, conforme sempre em qualquer ocasião venho afirmando. No caso do Amigo, então, posso dizer que tanto o *Buriti* e *Les Nuits du*

¹⁹⁶ Seix Barral publicou *Gran Sertón: Veredas* nesse mesmo ano. Plínio Doyle, op. cit. p. 216.

¹⁹⁷ O livro em terceira edição, com a introdução de Paulo Rónai, “Os vastos espaços”, (uma análise crítica de toda obra de JGR, 25 páginas) deve ser *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio. 1967. Plínio Doyle, op. cit. p. 203.

Sertão quanto o *Diadorim*, imensamente me alegraram e encantaram, ultrapassando mesmo as minhas expectativas. Nem creio que pudessem ser melhor traduzidos, por nenhuma outra qualquer pessoa.

O Amigo, com sua lúcida experiência da vida, sabe, porém, como são essas coisas de afã publicitário e questiúnculas de rivalidades sem propósito: a gente nunca está livre dessas coceiras. A elas não devemos dar atenção nem importância. E, pode estar certo, em toda e qualquer ocasião que se me ofereça, aproveitarei para enfaticamente louvar, aplaudir e agradecer o meu Tradutor J.J. Villard – nele reafirmando, de público, minha irrestrita confiança.

Também eu tenho o maior desejo de o encontrar pessoalmente, aqui ou aí, então teremos muito que lembrar e conversar. Vamos pensar nisso, desde já.

Sua carta, vejo agora pela data, levou muito tempo para me chegar às mãos. Mas ainda posso retribuir, de coração, os bons votos, para 1967 e sempre.

Com o

Carta sem assinatura.

Datiloscrito; cópia carbonô; 3 folhas, numeradas partir da segunda; 25,3 x 20,2 cm.; papel branco; timbre em vermelho: “CÓPIA”.

Intervenção do remetente:

a tinta vermelha, canto superior direito, folhas 1, 2 e 3 respectivamente: “47-1”, “47-2” e 47-3” (rasurado a lápis preto);

a lapis preto, folhas 1, 2 e 3, canto superior direito: “45”.

2 furos.

47. Villard > JGR, 25/03/67

J.J. Villard
47, Bd. de la Saussaye
(92) Neuilly sur Seine

25 MARS 1967

Cher grand ami lointain,

Votre lettre du 23 fevrier m’a fait un immense plaisir. Comme je vous plains d’avoir dû consacrer votre précieux temps à des démarcations de frontière! enfin, comme on dit dans l’armée, ou du moins comme on le disait de mon temps: “Service... Service!”. Bref, passons aux questions sérieuses. J’ai fini “Cara-de-Bronze” et ai remis la traduction au Seuil. Les deux nouvelles non encore publiées de *Corpo de Baile* avaient été traduites en même temps que les premières et paraîtront avec “Cara-de-Bronze”. J’ai parlé à Claude Durand, qui a succédé à Chodkiewicz au Seuil, de la question *Sagarana*¹⁹⁸, laissant entendre que si le Seuil ne s’y interessait pas Albin Michel serait trop heureux de le prendre. Il m’a répondu qu’il allait vous écrire sur le champ mais j’ignore s’il l’a fait. Je suis en ce moment jusqu’au cou dans *Primeiras Estórias* et, si je suis interessé, il y a des moments où je m’arracherais les cheveux, si je ne me retenais pas par prudence esthétique. Oui, il y a des moments où je vous maudirais et je m’aperçois soudain que vous avez pris un mot dans son sens étymologique, ou employé une racine grecque, etc. C’est éreintant mais la découverte procure des satisfactions immenses. En principe *Primeiras Estórias* devrait être

¹⁹⁸ *Sagarana* foi publicado mais tarde: Paris, Albin Michel, 1997. trad. Jacques Thieriot.

terminée depuis longtemps, mais le Seuil m'avait demandé d'entreprendre à sa place la traduction de *Sobre Heroes Y Tumbas*, de Sabato, qui vient de paraître sous le titre *Alexandra*¹⁹⁹. Comme j'avais d'autres engagements pour la suite: *Mussolini*²⁰⁰, de sir Ivone Kirkpatrick, pour les Éditions Trévis, *Rosaura a las Dieces*²⁰¹, de Marco Denevi, pour Albin Michel, et *A Barca do Homens*²⁰², de Autran Dourado, pour Stock, qui vient de paraître, *Primeiras Estórias* s'est trouvé automatiquement reporté à la suite. J'ai déjà traduit les six premières nouvelles, du moins en premier jet. Pour "Famigerado", j'ai conservé le mot original car (un équivalent) il n'existe pas d'équivalent français permettant de suivre le ton de ce conte, un mot fabriqué n'aurait pas de sens et une périphrase serait trop lourde, même indigeste. Pour la traduction je m'efforce, suivant mon principe, à reproduire l'esprit, le ton, le rythme, enfin la lettre. Pour revenir à "Carade-Bronze", j'ai supprimé, comme vous m'y avez autorisé, la longue énumération de plantes, etc. J'ai réintroduit dans le texte certains dialogues de bouviers qui étaient portés en notes, j'espère que vous n'y verrez pas d'inconvénient majeur. Pour ce qui est des quatrains, j'ai modifié certaines interprétations que je vous avais soumises, m'étant rendu compte qu'elles ne correspondaient pas exactement à l'esprit des originaux: j'espère que vous en serez satisfait. Pour ce qui est de moi, je ne suis pas entièrement satisfait de ma traduction, je ne le suis d'ailleurs jamais, car, même si je relisais vingt fois mon texte, je trouverais toujours des corrections à apporter.

J'avais eu de vos nouvelles par ma collègue et amie Mme. Tavares-Bastos qui avait eu la grande chance de vous voir quand elle avait fait un stage à Rio. C'est d'ailleurs à elle que je confie ma correspondance. Je me suis dernièrement fait du souci pour la santé de mon frère cadet Pierre Villard, qui a quatre ans de moins que moi et que je n'ai pas revu depuis 1945. Il a eu une infection pulmonaire, après avoir dû abandonner l'exploitation d'une fazenda à São Carlos, qu'il gérait pour le compte de sa femme et de ses belles-soeurs Botelho. Lui, un homme extrêmement actif, se voit réduit à l'inaction. Il cherche à s'occuper intellectuellement puisque'il ne peut maintenant le faire physiquement. Il est un conteur né, habite au Brésil depuis plus de 30 ans, parle naturellement couramment le portugais et le français, sait aussi l'anglais et l'allemand. Il habite pour le moment à Ubatuba, Litoral Norte, Estado de S[ão]. Paulo et on peut le joindre c/o Banco Novo Mundo. Si vous connaissiez par hasard quelqu'un qui puisse utiliser ses capacités je vous en serais extrêmement reconnaissant. Toutefois, comme il est quelque peu ours, peut-être ne voudra-t-il pas sortir de sa tanière. Il ne m'a rien demandé, mais je sens qu'il a besoin d'une occupation et d'un dérivatif qui l'arrache à ses pensées, car on pense beaucoup, et même trop, quand on est oisif par force.

Je termine ici cette longue épître pour me lancer dans "Pirlimpsiquice"...

Recevez un forte abraço d'un ami de six ans

Saudades
J.J. Villard

Datiloscrito; original, autógrafo a tinta azul; 1 folha; frente e verso; 27 x 21 cm.; papel rosa.
Sem furos.

¹⁹⁹ *Sobre Heroes y Tumbas* apareceu com o título *Alejandra*, Paris, Seuil, 1967; mais tarde foi reeditado com o título *Héros et Tombes*.

²⁰⁰ *Mussolini, portrait d'un démagogue*. Trad. de J.-J. Villard. Paris, Trévis, 1967.

²⁰¹ *Rosaura a las diez*, na tradução de J.-J. Villard *Rosaura vient à dix heures*, Paris, Albin Michel, 1968.

²⁰² *La barque des hommes*. Trad. de J.-J. Villard, Paris, Stock, 1967.

J.J. VILLARD

25 avril 1967

Cher Maître et grand ami,

J'ai fait l'autre jour la connaissance de Mme. Beata Vettori²⁰³, une femme charmante avec qui j'ai eu le plus grand plaisir de converser. Elle m'a remis de votre part un exemplaire de la troisième édition de *Primeiras Estórias* avec une dédicace qui m'est allée droit au coeur, je vous remercie vivement. La traduction de ce livre suit son train, je crois enfin avoir trouvé le ton pour certaines de ces nouvelles, mais il faudra que je laisse "décanter" le tout pour reprendre la mise au point après les vacances que je vais prendre du 26 mai à fin juin. Vous traduire est un affaire de longue haleine et il faut laisser passer du temps pour se "désintoxiquer" et tout revoir avec des yeux nouveaux. Je suis parvenu à la moitié du livre et je dois avouer que je vous ai bien souvent traité mentalement de toutes sortes de noms peu courtois! Enfin, après de nombreuses recherches méthodiques, dont la pratique de la cryptographie m'avait donné l'habitude, je me disais soudain: "Tiens, c'est un mot grec!" ou encore: C'est un mot de l'alchimie arabe!" et j'éprouvais l'immense satisfaction de celui qui a résolu un problème ardu. Désirez-vous que l'introduction de Paulo Ronai figure en tête de l'édition française? Je vous demanderais dans ce cas d'écrire à ce sujet au Seuil. Mais je pense qu'il serait pratiquement impossible d'en traduire utilement la majeure partie, surtout les § 8, 10, 11, 12, 13, e 14. Quel sens peut-on donner à "Pirlimpsiquice"? Je crois que je ne vous ai pas écrit que j'avais eu la visite de Meyer-Clason, à qui j'ai donné un exemplaire dédicacé de *Diadorim*. J'ai été très heureux de faire sa connaissance. Il m'a envoyé un exemplaire de sa traduction de *Grande Sertão*. Il a vraiment fait un travail extraordinaire, d'autant plus difficile que la langue allemande est si éloignée du brésilien. Avant de vous écrire cette lettre, j'ai téléphoné à Claude Durand, au Seuil; il m'a dit qu'il venait de vous écrire à propos de *Sagarana*; vous avez dû recevoir maintenant sa lettre.

Dans ma dernière lettre je vous avais parlé de mon frère Pierre Villard qui habite actuellement à Ubatuba. Sa santé est meilleur et son moral semble aller mieux. Il va entreprendre d'écrire des contes, issus des souvenirs de sa vie quelque peu aventureuse. Me permettez vous de s'adresser à vous pour vous demander conseil? Je ne sais d'ailleurs s'il le fera, étant foncièrement timide ou plutôt étant atteint d'un certain complexe d'infériorité.

Je vous envoie mes meilleurs souvenirs et un cordial abraço

J.J. Villard

Datiloscrito; original; autógrafo a tinta azul; 1 folha, 27 x 21 cm.; papel branco.
Sem furos.

anexo: envelope com bordas em vermelho e azul e timbre: PAR AVION (sem carimbo de correio).
frente:
"Monsieur João Guimarães Rosa"

²⁰³ O Fundo possui uma carta de Beata Vettori para o escritor (Bruxelas, 28/03/47), em que a amiga o cumprimenta pelo "primeiro filho", *Sagarana*, e comenta o livro de contos.

Ministério das Relações Exteriores
Palacio Itamarati
Rio de Janeiro
Brésil”;

verso:

“J. J. Villard, 47 BD de la Saussaye (92) Neuilly s/ Seine”.

Intervenção: a lápis roxo, frente, à esquerda do endereçamento: “Paris /26”.

2.3.4. Cartas traduzidas

1. Caro Mestre/ Queira desculpar-me por escrever-lhe em francês, mas meu português seria muito desajeitado./ Tive um prazer imenso traduzindo as três primeiras novelas extraídas de *Corpo de Baile*, publicadas sob o título de *Buriti*. Esforcei-me para conservar nessa tradução todo o espírito da obra e seguir de perto a forma. Meu velho amigo Paulo Bittencourt e o embaixador Carneiro, que tenho o prazer de conhecer, disseram-me que consegui, e é também a opinião de João Cardoso Pires, de Lisboa, que escreveu-me uma carta elogiosa; em todo caso, eu ficaria muito feliz de saber sua opinião sobre isso./ Meio brasileiro por minha mãe, Paulina Klingelhefer, nascida na Tijuca, vivi em Paris, na casa de meus avós, numa atmosfera puramente brasileira, que permitiu-me aprender a língua e conhecer os costumes./ Devo assegurar-lhe que tive sérias dificuldades durante meu trabalho, bem maiores do que quando traduzi *O Tempo e o Vento*, de Veríssimo. Disponha felizmente de um dicionário Português Francês que pertenceu a minha bisavó, a edição de 1845 do dicionário de Roquette; foi de grande ajuda, pois ali encontrei expressões e palavras já consideradas em desuso./ Atualmente continuo a tradução de sua bela obra. Já terminei “Campo Geral” e “A estória de Lélío e Lina” e dedico-me a “Buriti”, que pretendo intitular “Buriti Bom”, para evitar qualquer confusão com o título geral. “Cara-de-Bronze” me parece difícil de transpor em francês, mas me esforcei./ Sinto, por outro lado, que a editora Albin Michel pretende publicar *GS:V*./ Teria a intenção de confiar-me a tradução, em colaboração com um professor de português, Armand Goubert. Eu afirmo que preferiria fazer sozinho um trabalho desse tipo, pois é preciso estar embebido do espírito do autor, entrar na pele da personagem, ser sucessivamente Soropita, Pé-Boi ou Manuelzão, viver no corpo dela, ver com seus olhos, pensar com sua cabeça, para conhecer suas reações e saber como ela deve se exprimir./ Preciso dizer-lhe ainda do prazer que tive ao contribuir, na medida de meus recursos, para tornar mais conhecida sua bela obra, e quanto eu ficaria feliz, se você passasse em Paris, de encontrá-lo para falar de toda minha admiração./ Queira receber, caro Mestre, a expressão de meus melhores sentimentos.

3. Caro Mestre e grande amigo./ Sua carta de 17 deu-me uma grande alegria e um grande pesar, a alegria das felicitações que ela me traz, o pesar que não tenha podido passar por Paris./ Essas felicitações foram-me particularmente sensíveis, vindas de um homem como você, e compensam amplamente todos os meus esforços, esforços que são, aliás, agradáveis, pois têm por objeto livros que amo, vejo, sinto./ Se posso interpretar suas obras de modo satisfatório, é justamente porque sua força de evocação faz-me ver as paisagens, viver suas personagens, incorporar-me a elas. Quando termino uma tradução assim sinto-me desorientado, amputado de algum modo de uma parte de mim mesmo, talvez da melhor, e levo um certo tempo para reencontrar meu equilíbrio. Acontece às vezes de não compreender totalmente uma frase na leitura, mas como vivo a ação, consigo encontrar seu sentido. Talvez nossos espíritos estejam em comunhão e isso me permita compreendê-lo bem e amar o que você ama. Minha grande lástima é conhecer tão pouco o Brasil, tendo feito só uma pequena escala no Rio em 1921, mas agora tenho a impressão de ter vivido anos nas margens do São Francisco, do Abaeté, na região do Urucuia, ter seguido boiadas, bebido vinho de buriti, e mal posso exprimir-lhe minha gratidão por ter me proporcionado esse sentimento./ Estou muito feliz também em saber que você escreve doravante pensando na tradução que farei de sua nova obra, mas seria necessário ainda ter certeza que o editor francês me confie a tradução e que, para isso, você me desse a grande alegria de designar-me como seu tradutor titular, o que seria para mim muito honroso./ Eu trabalho atualmente em *Grande Sertão:Veredas*. Para esse livro coloco toda a narrativa na terceira pessoa, como no texto convém à classe e ao tipo do herói. Afim de “embeber-me”, li “*Os Sertões*” de Euclides da Cunha. No entanto o livro tem um número de páginas considerável, importante demais para não prejudicar seu sucesso. Você autorizou alguns cortes para a edição americana? Por mim, pensava simplesmente em me dedicar a alguns cortes parciais, algumas linhas aqui e ali, mas gostaria muito de saber sua opinião sobre isso./ Recebi recentemente *Primeiras Estórias*. Agradeço-lhe vivamente pela dedicatória tão amável e pela deliciosa leitura que me proporcionou. Não são apenas 21 contos, são também 21 poemas e sou muito sensível à sua poesia. Já conhecia “A Terceira Margem do Rio”, haviam me pedido para fazer tradução dele para uma revista, eu tinha feito, e estava bastante satisfeito, acreditava, ou melhor, estava certo de ter encontrado o tom exato, mas não agradou, certas expressões rústicas foram consideradas erros de francês, acusaram-me de não traduzir e sim interpretar, adaptar, e é a tradução de outro que foi publicada. Eu nem a li. Enfim.../ Terminando esta carta, tenho de dizer-lhe o quanto suas felicitações me tocaram e agradecer-lhe mais uma vez por ter me dado a alegria de traduzir essas obras./ Esperando com impaciência o dia em que poderei dar-lhe um

cordial abraço, permito-me enviar-lhe, caro Mestre, a expressão de minha grande admiração e da minha muito sincera amizade.

5. Caro amigo/ Quero primeiro agradecer por sua tão amável carta de 21 de novembro e também pelos preciosos documentos que enviou por Roberto de Arruda Botelho, um amigo de 50 anos! que os remeteu no dia mesmo de sua chegada. Eles serão extremamente preciosos para meu trabalho. Quanto aos eventuais cortes, procederei exatamente conforme suas instruções./ Como você pediu, envio-lhe a tradução de “A Terceira Margem do Rio”. Desejo antes de tudo dar-lhe alguns esclarecimentos sobre o modo como procedi neste caso: dediquei-me primeiramente a seguir o texto de perto. Conservei a palavra “rio”, pois eu ignorava se tratava-se de um riacho ou de um rio e tanto um como o outro termo europeu não correspondiam à idéia de imensidão indicada pela narrativa. Quanto à personagem, inspirei-me em lembranças de juventude, empreguei expressões e torneios de frase de Pai Guittou, um velho homem que cortava madeira na propriedade rural de meu pai, e que era uma alma simples mas muito inteligente. Ele nos contava todo tipo de histórias, a meu irmão e a mim, e nós o escutávamos com um silêncio divertido. Ele nunca havia tomado um trem. Ainda que morássemos então a 75 quilômetros de Paris, ele só esteve lá uma vez, em 1871, para levar cavalos, e sua única lembrança era que subia penosamente para chegar ao Arco do Triunfo da Estrela. Os camponeses de nossa pequena aldeia normanda também tinham expressões muito figuradas, permito-me citar uma: Uma mulher de 50 anos ia se casar e nosso jardineiro me disse: “Ela não quer morrer curiosa!”. Você notará que na expressão “*ne... pas*” eu suprimo quase sempre o “*ne*”, que freqüentemente no lugar de “*nous*” eu uso “*on*”, é um jeito de falar muito comum nos meios populares, que não dirão: “*Nous ne sommes pas*”, mas “*On est pas*”. Quando traduzo, faço a ficha de cada personagem, estabelecendo sua classe e sua instrução, para dar-lhe as expressões que correspondem a sua situação. Assim, não porei o mesmo tipo de palavras na boca de um homem bêbado ou encolerizado que na boca de uma personagem em estado normal. Você me falou novamente em sua carta da gesta do Boi Bonito. Asseguro que me sinto francamente divertido ao traduzi-la. Compreendi logo que era uma espécie de epopéia paródica... então reli as velhas narrativas de cavalaria e inspirei-me nelas para o tom. Depois notei certas assonâncias... aí eu as generalizei, coloquei rimas sempre que pude, e isso me deu um ritmo. Devem ter me tomado por louco, pois, obcecado por uma frase da qual não conseguia sair, tamborilava sobre meus joelhos e murmurava no metrô. Traduzir é muito perigoso... ou melhor muito laborioso!/ Não o importunarei mais muito tempo com minha conversa e me permitirei terminar esta carta enviando-lhe a expressão de minha sempre profunda admiração e de meus sentimentos muito amigáveis./ Com o melhor abraço!

6. Caro amigo/ Não quero deixar passar este fim de ano sem enviar-lhe meus melhores votos para o ano que vem e todos os meus agradecimentos pelas grandes alegrias que me deu quando traduzi suas maravilhosas obras./ Passei por algumas emoções nestes últimos dias, pois *Les Nuits du Sertão* estava entre os livros indicados para o prêmio dos tradutores e só fui eliminado no terceiro turno de votação, com três contra seis. Teria ficado muito feliz de obter este prêmio, por mim e por você./ Pena que não tenha podido passar por Paris e que tenha sido chamado com urgência ao Brasil para as eleições. Sua presença teria sido e é ainda muito necessária, pois quando os críticos encontram um autor isto desperta seu interesse pelas obras que freqüentemente eles não tiveram tempo de ler, recebendo uma média de dez a quinze livros por semana. Quando eles vêem um autor (e Seuil ficaria contente de apresentá-lo a eles), procuram as obras entre as pilhas de livros em espera e os lêem com maior interesse e depois escrevem um artigo com disposição bem melhor do que quando se trata de um desconhecido... E eu teria enfim a grande alegria de encontrá-lo, ainda que tenha a impressão de conhecê-lo há muito tempo. Não posso infelizmente pensar em ir vê-lo no Brasil, embora meu sonho mais caro seria ir, para mostrar à minha mulher esse maravilhoso país, que é um pouco o meu, e rever meu irmão, que encontrei pela última vez em 1941, mas meu orçamento proíbe tal viagem./ Debato-me agora com GS:V, e os preciosos documentos que me enviou tão amavelmente são para mim de grande utilidade, mas devo assegurar que a dificuldade é ainda maior que com *Corpo de Baile*. Desta vez, quando trabalho, não me identifico mais com o herói, Riobaldo, mas com aquele que o escuta, e ouço-o realmente falar, compreendendo o espírito e o sentido das palavras, mesmo se às vezes não compreendo textualmente./ Queira pois aceitar meus votos para 1963 que, espero, me trará o grande prazer de finalmente encontrá-lo./ Com o melhor abraço

8. Caro grande amigo/ Quero antes de tudo agradecer-lhe por sua carta tão amável, pelos preciosos documentos que me enviou mais uma vez e sobretudo por ter encarregado Azeredo da Silveira de entregá-los a mim, pois fiquei encantado em conhecer um homem tão amável, gentil e cultivado. Eu vou rapidamente entrar no centro do assunto. Começarei pela questão “Rio”. Tinha pensado primeiro em utilizar as palavras *fleuve* e *rivière*, mas desisti pois havia uma questão de dimensão. Muitos desses riachos brasileiros equivaleriam na Europa a rios majestosos, porquanto a maioria de nossos rios mede

300 km no máximo desde suas nascentes, e sua largura nem sempre é grande. O Marne já é maior, com seus 525 km, mas o que é ele diante de um dos riachos de vocês? Dizer *grande rivière*? *grand fleuve*? Pensei nisso, mas é muito longo para um narrador um pouco rústico. Resumindo, se prefiro ficar com a palavra *rio*, é porque ela não fornece nenhuma medida de comparação para o leitor francês e deixa trabalhar sua imaginação: desde que você não veja nisso nenhum inconveniente./ Eu também gosto da maior parte das palavras que você cita, mas muitas não poderiam ser postas na boca de Riobaldo, ainda que ele ame utilizar palavras bonitas. Amo minha língua e nela faço descobertas a cada dia. Eu afirmaria que são sobretudo meus estudos de grego que me servem na construção das frases. O francês é uma língua latina, mas de cultura grega... ao menos na minha opinião./ Há também a questão das alcunhas e apelidos. Você me sugere “*Le Dru-Le Drôle*”. A palavra soa bem, mas temo que não possa ser colocada, pois ela se reporta a duas características enquanto em geral as alcunhas aplicam-se a um defeito físico, a uma tara ou a uma mania, mas nunca a duas. Eu lhe citarei alcunhas de homens que estavam comigo em 1915: *Loin-du-ciel* e *Trois Pommes* (dois homens pequenos), *Bitu* (que se gabava sempre de seus atributos masculinos), *Saint-José* (ele era muito piedoso e chamava-se Joseph), *La Volige* (um marceneiro), *Quat’z’yeux* (tinha óculos), *Vise-au-Trou* (nome genérico dos enfermeiros conhecidos por usar a seringa de lavagem), *La Bazouge* (nome de sua aldeia), *Cra-Cra* (particularmente sujo), *Piège* (tinha uma barba considerada armadilha para piolhos), *Pâteux* (seu estado normal, pois bebia freqüentemente), *Binniou* (um trompete), *Jaune d’Oeuf* (por causa dos cabelos...). Como você vê, cada um se aplica apenas a uma característica, em casos especiais o homem tinha duas alcunhas. *La Volige* e *Jaune d’ Oeuf* aplicavam-se ao mesmo homem mas eram usados separadamente, nunca juntos. Eu ia esquecer *Jambes-de-Laine* (ele caía freqüentemente), *Pattes-Croche* (que tinha tendência a furtar) e *Ripatton* (que tinha os maiores pés da bateria). Queira desculpar esta falação, eu gosto de remoer velhas recordações e penso que estas poderão divertí-lo./ Tudo bem pesado, tratarei de traduzir de modo pitoresco os nomes dos jagunços, esforçando-me em ficar na cor local e porei mais variedade nos “rios”, tanto quanto possível. E termino enfim enviando-lhe minhas mais amigáveis e gratas lembranças.

9. Caro grande amigo/ Desculpe-me por ter demorado tanto para agradecer-lhe o envio de *Sagarana*, que, de um lado, fiquei encantado em ler e, de outro, me é muito útil por seu glossário; a causa e a desculpa pelo meu atraso é a gripe de que fui vítima, com ou depois de toda minha família, em seguida a grandes frios que sofremos por muito tempo. Espero que minha carta de 15 de janeiro tenha chegado bem, pois tive grandes temores, vendo o correio colocar “um selo muito bonito” sobre o envelope, um selo capaz de despertar a cobiça de um funcionário colecionador, como infelizmente existe por aí. Se ela não chegou, eu ficaria grato por avisar-me, eu lhe farei uma cópia./ O objetivo de minha carta de hoje é de submeter à sua apreciação diversas alcunhas que pretendo utilizar na minha tradução atual:/ [...]. Eu ficaria feliz se você me desse sua opinião sobre esse ponto./ Quanto ao título, a tradução do título original não renderia: “Les Combes du Grand Sertão”. Tenho atualmente duas idéias: “Sertão de Dieu, Sertão du Diable” e “Diadorim”. Ao escrever me veio outra: “Le diable dans le tourbillon”, todavia creio que “Diadorim” mexeria mais com a imaginação do leitor, desde que, naturalmente o editor esteja de acordo e você também, em primeiro lugar./ Eu me permitiria pedir-lhe um pequeno favor: Meu *Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa* começa a se desmanchar depois de muito uso, aliás é a nona edição, de 1957, e acho que existe uma nova, na qual você colaborou. Seria possível enviar-me um exemplar, por intermédio de Azeredo da Silveira, pois não posso achá-lo aqui? Eu acertaria com Azeredo da Silveira, um homem verdadeiramente encantador que fiquei contente de conhecer./ Queira desculpar-me de abusar assim de sua amabilidade e crer, caro amigo, na expressão de meus sentimentos de admiração muito cordial.

11. Muito caro e grande amigo./ Acabo de receber sua tão amável carta de 24 de abril e apresso-me em respondê-la. Pena que eu não tenha podido enviar-lhe um pouco do nosso frio em troca de um pouco do seu calor!/ Chego agora ao fim da tradução preliminar de *Grande Sertão*. Mais umas cinquenta páginas e começo a datilografia definitiva. Pretendo enviar o manuscrito à Albin Michel em junho. Asseguro que tive com esta obra dificuldades bem maiores que com as outras e é bem possível que tenha cometido erros. Muitas vezes praguejei contra você!/ Passemos agora à questão dos apelidos. Modifiquei alguns e juntei outros: *Pacamã-les-Crocs* soa melhor que *Pacamã-le-Dentu*; *Marcelino-Tête-Blanche*, para Marcelino Pampa; Acauã soa bem em brasileiro, mas não rende nada em francês, isso daria A-c-a-u-a, pois não conhecemos o til, então proponho *le Chouan* (*Chouan* é a contração de *Chat-Huant*, poderia empregar este último termo se você preferisse); para Beijú: Tapioca; Marruaz: *Front-de-Boeuf* (alcunha de não sei mais qual nobre cavaleiro da Idade Média); Mão de Lixa: *Main-de-Fer* ou *la Poigne*; Coscorão: *Cloporte* ou *Bousaque* (pejorativo de *Bouseux*, camponês, em gíria); Gavião Cujo: *Pique-Poussin* (tradução de Pega-Pinto); eu deixarei Pau na Cobra, a tradução que eu propunha era muito longa, salvo se colocar *Tue-Serpent* ou *Serpentaire*. Traduzi catrumano por *cul-terreux*, gíria para camponês

atrasado. Gostaria muito que pudesse enviar-me logo sua permissão./Os únicos cortes que fiz foram das enumerações de plantas ou das repetições que não teriam nenhum sal em francês. Tomei bastante cuidado ao tocar em tudo que tratou do sertão, em “*Viver c’est bien dangereux*” e no *Diable, Diantre, Déchu, Renégat, Maudit, Malin, Satan*, ou qualquer nome que se lhe dê./ Agora, terminarei contando-lhe uma história brasileira narrada por meu irmão, usarei as palavras dele: “Eu tinha sido encarregado de desbravar uma antiga plantação dos jesuítas em Macacu, ao norte da baía do Rio, abandonada há um século. Ela havia se tornado uma verdadeira floresta. Tinha sob minhas ordens tipos extraordinários, mestiços de brancos, de índios, de negros, meio selvagens e dotados de um senso de orientação excepcional, só igualado por sua indolência. Eles olhavam com desconfiança e algum desprezo “o Europeu” que vinha comandá-los, ignorando que eu havia levado uma vida um tanto aventureira no Marrocos. Precisei impor minha autoridade, ou, ao menos, um certo respeito. Você conhece minha habilidade com armas: mandei colocar à uma boa distância sete garrafas de cerveja, vazias naturalmente, tirei displicentemente minha pistola e quebrei-as com sete balas, e depois, à distância de oito metros, joguei minha faca de caça numa folha de papel de carta. Senti logo que esses homens me respeitavam mais. Um dia tive a infelicidade de dizer a um capataz que ele era preguiçoso, era perfeitamente exato, mas ele se ofendeu. No dia seguinte, voltei ao canteiro com alguns homens seguindo uma trilha, vi de repente aqueles que me precediam no caminho pararem para me deixar passagem. Avancei e vi na beira do caminho uma espécie de altar com velas pretas, penas ensanguentadas, um monte de sujeiras. É um sortilégio que querem jogar em mim, pensei logo. Que fazer? Tomado de um inspiração súbita, avancei para o altar e pus-me a declamar com grandes gestos os primeiros versos da *Eneida* que ainda lembrava “*Arma virumque cano Trojae qui primus ab oris*”, etc. ... Depois virei-me para o público impressionado e proclamei: “Isto é magia de descendentes de escravos! Eu voltei da África onde conheci feiticeiros de verdade que foram meus amigos: Sua magia vai se virar contra ele!” Por uma coincidência extraordinária, o batente da porta do capataz caiu, quebrando a perna da mulher que trazia a roupa lavada. A partir desse dia fui não somente respeitado, mas temido e venerado como um grande feiticeiro. Nunca tive um colaborador mais ativo e devotado que esse capataz. Quando parti em 1939 para a guerra, dei-lhe minha faca de caça de lembrança. Não sei se os versos de Virgílio tem valor absoluto em tais situações, mas em todo caso indico a receita./ O Seuil acaba de me avisar que vai confiar-me a tradução de outra obra sua, uma série de novelas. Suponho que se trata de *Primeiras Estórias* e alegrei-me enormemente./ Queira desculpar-me a datilografia imperfeita, mas tenho aborrecimentos com o “t” de minha máquina./ Desejo um sucesso merecido para sua candidatura à Academia e envio-lhe, meu muito caro amigo, a expressão de minha grande amizade.

13. Meu muito caro amigo,/ Há muito tempo que lhe devo uma carta e o dicionário com dedicatória que Azeredo da Silveira me entregou veio avivar meu remorso. Azeredo e eu conversamos longamente no consulado, tomando um cafezinho e, naturalmente, falamos muito de você. Estou desolado que esse homem encantador deixe Paris antes que eu tenha podido conhecê-lo melhor, mas feliz de vê-lo designado para um posto dessa importância./ Passemos agora à Tatarana & Cia.. Finalmente, não traduzirei por Pampa nem Pau-na-Cobra. Escrevo *Acaoun*, ainda que *chouan* seja uma deformação camponesa de *chat-huant*. Para Fanchu Bode: *Bougre-Bouc*, que soa bem, mantendo o sentido. Carro-de-Boi: *Démêloir* (alcunha dada a um gago que errava tanto ao falar que era preciso desembaraçar suas palavras, como cabelos). Ventarola: *Toupie* (dizemos: ventar como um pião). Catrumanos: *les affreux*. Para Beiju, mantive Tapioca. Mão-de-Lixa: *La Poigne*./ Tenho uma má notícia para lhe dar: eu pensava acabar em junho, mas, como se diz, eu “quebrei” e fiquei sem condições de terminar no ritmo que havia previsto. Posso garantir que nunca uma tradução foi tão desafiadora para mim. Alguns dias só consegui traduzir 4 ou 5 páginas. Dez páginas num dia era o máximo, raramente atingido. E isso era só uma primeira versão. Quando se tratava de datilografar tudo, corrigindo, eu planejava atingir 20 ou 25 páginas por dia. Eu as fiz no começo. Depois tive a contrapartida de perto de 5 meses durante os quais trabalhei quase todos os dias até a meia-noite e, a partir da décima página, às vezes antes, meu espírito e minha vista começavam a se confundir, eu cometia erros de datilografia, pulava linhas, etc. Precisava e preciso de descanso. Vou sair de férias durante um mês, para Igls, na Áustria, onde reservei um quarto no Alpenhoh Kittler, de 26 de julho a 6 de agosto. Deixo Paris em 8/7 para voltar em 14/8. No momento de minha partida três quartos do livro estarão terminados./ Fiquei feliz que minha pequena história de superfeiticeiro, sobre meu irmão, o tenha divertido. Estou certo que, se um dia você passasse na Fazenda Santo Antônio, meu irmão poderia contar muitas outras. Ele casou-se com Antonieta Botelho e administra a fazenda desde a morte do cunhado. Quando lhe falo dele, tenho muita saudade, pois não o vejo desde 1945, quando foi desmobilizado e retornou ao Brasil. É meu único irmão./ Agora, depois desta longa conversa, vou contar-lhe algumas breves anedotas, para recompensá-lo por sua paciência. Mas vou entregar-me a uma pequena vingança, vou escrever a primeira transcrevendo as frases tais como um normando as pronunciou: Meu pai possuía, antes da guerra de 1914, uma leiteria na Normandia, perto do

Havre e de Rouen. Eu tinha em torno de dezesseis anos, estava de férias, meu pai tinha me mandado fazer o pagamento do leite (pagávamos mensalmente nossos fornecedores). Estava sentado no banco da grande carroça, ao lado do velho leiteiro que fumava seu cachimbo. Chegamos à casa de uma velha carola. Ao chegarmos, meu bom homem tirou o cachimbo da boca e declarou-me solenemente: “- *C’tu te vieille-là est eune vieille gâ’ce. Su’ l’age, ça’s met d’église, vu que les cierges est plus long qu’les bougies.*” E eu não podia rir ao escutá-lo, isso o teria desgostado. Tinha de me limitar a balançar sentenciosamente a cabeça, pois os normandos são muito fechados e pouco expansivos, não gostam nunca de dizer sim ou não, de medo se comprometer. Conta-se sempre a história do velho camponês encontrado na rua numa manhã de domingo, seu livro de missa na mão, e a quem se pergunta: “- *Alors, Pé Natole, on va à l’église?*” e que respondeu: “*Euh, ...On va du cotê...*”/ As outras histórias são lembranças da primeira guerra./ Em agosto de 1916, em Verdun, subi à posição da bateria com uma turma de uma dezena de homens para fazer aterros. Tinha então o pomposo grau de “cabo”. Um dos meus homens era um velho artilheiro colonial, embrutecido pelo álcool e por 25 anos de serviço. A bateria estava numa depressão a 800 metros das primeiras linhas. Uns cinqüenta metros à frente, cadáveres de alemães, lá caídos há três meses ou mais, durante um ataque, acabavam de secar. Eu vi meu bom homem, o bigode ainda úmido do último trago de vinho, dirigir-se para essa pilha, debruçar-se, escavar, depois voltar trazendo algo que ele escondia um pouco. Era um braço. Ele me explicou: “- *C’tui lá l’avait guère l’habitude de travailler. L’a les ongles trop bien faits. J’vas le garder comme souvenir.*” Fomos obrigados a recuperar e enterrar esse braço enquanto ele estava de costas./ Outubro de 1917, no Caminho das Damas. Os alemães se retiraram, mas ao sair minaram todos os abrigos, com granadas, obuzes explosivos e a gás. Um desses abrigos explode, matando todos os soldados de uma seção de infantaria que havia se instalado ali. Somente o tenente que a comandava escapou, por ter sido chamado ao posto do chefe do batalhão. Ao saber do desastre, foi tomado por um acesso de loucura e desapareceu. Foi procurado por toda parte e finalmente descoberto. Tinha colocado uma tela na porta do abrigo infestado de gás e comia só, à mesa, à luz de uma vela. “Que faz aí?”, pergunta-lhe um outro oficial. “Como vê, estou jantando. Eu te convido. Pus uma tela porque a porta está de frente para os boches. Eles não devem ver a luz.”. “Mas você está doido de jantar assim, só!” “Só? Olhe ...” E mostrou um pé saindo dos escombros. “É meu ordenança. Ele recusou meu convite.” Foi preciso arrastá-lo à força para fora do abrigo. Estava muito queimado, tossindo os pulmões. Ia morrer. Mas mesmo assim pudemos salvá-lo no hospital e sua loucura desapareceu./ Sou um pouco como Riobaldo, minha memória é boa e minhas lembranças retornam. Eu VEJO as cenas de outrora. É isso que me permite ver as cenas que você descreve. Tenho uma imaginação visual e tenho a impressão que você é não somente poeta, mas também pintor, para descrever assim./ Na sua carta você citou palavras francesas que lhe agradam e que você gostaria de me ver adotar como alcunhas. Mas muitas dessas palavras não são correntes, sobretudo entre o povo. Cloporte por exemplo. O inseto geralmente é chamado pelos camponeses *Cochon de Saint Antoine*. Em compensação os estudantes chamarão de Cloporte um zelador, por jogo de palavras, pois ele fecha a porta./ Olhando o guia de estradas que traz os nomes dos povoados, encontrei nomes que certamente o agradariam: *Écoute s’il pleut; La Granje du Doyen; Ville Froide; Forêt de la Potence; La vente de l’Avocat; La Belle Idée; Le Plancher des Belles Filles; Les Crocs Larrons; Les Quatre Vents; Heurte-Bise; Outremont; Le Val des Dames; etc.* /Termino esta longa carta agradecendo mais uma vez pelo dicionário, do qual espero fazer bom uso, e enviando-lhe minhas lembranças muito amigáveis.

15. Caro grande amigo,/ Há muito tempo que lhe devo uma carta e o remorso me persegue. Você deve ter recebido a tradução que Chodkiewicz tinha me pedido para fazer de “Fatalidade”. É uma tradução que fiz muito rapidamente, pois o tempo urgia. Comecei por ler e reler uma dezena de vezes a novela para embeber-me de seu espírito, pois creio que é o espírito que conta em primeiro lugar, depois a tradução, depois deixei de lado, depois li e corrigi, depois li mais uma vez comparando com o texto original, depois corrigi novamente. Devo ter cometido alguns erros, pois às vezes é difícil saber se um verbo está na primeira ou na terceira pessoa do mais-que-perfeito ou do subjuntivo. Peço que me desculpe. Nesses casos deixo-me guiar pelo espírito da novela, tal como a interpreto. / No momento passo a limpo *Grande Sertão: Veredas*. Não posso todavia proceder com essa maravilhosa obra como com uma breve novela. É um trabalho penoso mas apaixonante. Conto terminar em quinze ou vinte dias, depois só terei de reler de novo. Para Manuelzinho-da-Croa, adotei *Chevalier-des-Sables*, a tradução literal seria *Chevalier-des-Bancs-de-Sable* ou *des Laisses*, mas essas duas palavras davam margem à confusão (banco para sentar e coleira para segurar um cão). Além disso *des Sables* é mais poético./ Há uma expressão que me incomoda um pouco, p. 393, quando São Habão diz: “Dou notícia... Dou notícia.” Ela tem um sentido particular? Diferente da tradução literal?/ No mais, vai tudo bastante bem, mas sempre descubro novos erros que cometi, e ainda ficarão outros./ Agora, vou contar-lhe duas pequenas histórias, uma verdadeira, da minha pequena aldeia, outra inventada, mas que poderia ser verdadeira./ Na minha aldeia, na praia, à direita do mar, morava um homenzinho, desgraçado, chamado Roussi, por causa da cor dos cabelos. Ele tinha se

casado com uma mulher grande, rude, meio virago, em quem ele tinha feito, apesar de tudo, vários filhos. A mulher era o homem da casa e o pobre Roussi tinha que se comportar bem. O inverno neste ano estava muito rigoroso. Havia nevado muito, e tinha muito gelo. Roussi tinha se resfriado, tossia dia e noite, impedindo sua mulher de dormir. Uma tosse seca e cava. O médico passava em seu carro. A mulher se conformou em chamá-lo, já que um doutor custa caro. O pobre Roussi estava mesmo mal. O médico diagnosticou uma pleurisia e deu uma receita, depois partiu. A farmácia mais próxima ficava a uma légua de lá. Roussi tremia de febre na cama quando a mulher o interpelou: “Você pensa, vagabundo, que vai nos perturbar. Teus remédios, vá buscá-los!”. E o pobre Roussi, encapotado como podia, subiu a encosta. Seguiu a estrada sobre a planície, batido pelo vento, cambaleando contra trilhas de neve congelada, avançando sobre uma terra branca, sob um céu negro e estrelado. Chegado à estrada principal, desceu ao povoado de Prud’hommes, onde só havia sobrado o tanque público, uma casa e as ruínas de duas outras. Mais longe, tomou a direita, a estrada que sobe para Tourny, o povoado mais alto do planalto. Foi à farmácia, comprou os medicamentos. Quiseram retê-lo. Ele recusou, pois sua mulher “não iria gostar”. E partiu novamente. Penosamente. Andou mais uma légua à noite, no frio e na neve... Chegou... arrastando-se, estava quase em casa. Transido. Batendo os dentes de frio e de febre. Deixou-se cair no palheiro. Na manhã do dia seguinte estava morto. A mulher foi à farmácia para devolver os remédios e pegar o dinheiro de volta. / A outra, é uma velha história inventada, mas mais engraçada, ainda que macabra. O médico faz sua ronda numa charrete. Apoiada na cerca, uma mulher lhe faz sinal. “Como vão as coisas em casa, senhora?”. “Oh, o marido não vai bem. Poderia fazer o favor de vê-lo, doutor?”. O médico amarra sua mula na cerca, entra, examina o homem, e diagnostica uma forte constipação. Ele receita um laxante e se vai. No dia seguinte, ao passar, ele pergunta à boa mulher: “E então, ele foi à privada?”. A mulher faz um cara desconsolada e responde: “Por Deus, não, senhor doutor!”. “Então dobre a dose”. No dia seguinte ele encontra a mulher no mercado, onde ela tinha ido vender seus ovos. Ele pergunta: “Então, desta vez ele foi à privada?”. Ela faz a mesma cara: “Por Deus, não, senhor doutor!” O médico refletiu um pouco e disse: “Bem, dobre a dose novamente”. Mas esse estado hermético o inquietou e no dia seguinte ele voltou à fazenda. Foi recebido pela mulher, chorosa. “Ah, doutor, uma grande infelicidade! O pobre homem morreu esta manhã! E há três dias que ele cagava as tripas!”. “Mas, infeliz, você me dizia sempre que ele não ia à privada!”. “Por Deus, senhor, ele não ia à privada, ele ia ao fumeiro...”. Com esta nota humorística termino minha carta/ Tenho ainda de dizer-lhe o quanto penso em você nesses tempos complicados que parecem se abater sobre este belo país que é o seu e é um pouco o meu. / Espero que uma carta sua me traga logo notícias mais tranquilizadoras. / Dou-lhe um abraço e peço-lhe que creia, caro e grande amigo, na expressão de meus melhores sentimentos.

16. Caro Senhor e Amigo/ Foi bem recebida sua carta de 25 de setembro, que chegou ontem, assim como as duas traduções de “Fatalidade”: do Sr. J.-J. Villard e do Sr. Pierre Furter. Sou muito grato ao senhor por ter querido conhecer minha opinião sobre o assunto. / Muito francamente, o texto J.-J. Villard agradou-me e satisfez-me plenamente. Partilho, portanto, de sua opinião e da opinião da Casa. A meu ver, a tradução é honesta, fiel, sólida e orgânica, e além disso simpática, de fresca naturalidade. O que prova, mais uma vez, que “nosso” tradutor continua a merecer nossa confiança. / Aliás -- devo dizer-lhe -- eu já tinha feito constatação semelhante. O senhor se lembra que a revista *Planète* traduziu e publicou um dos meus contos, “La troisième rive du fleuve”. Pois o Sr. Villard fez a tradução dele e, a meu pedido, enviou-ma. Comparados os dois textos, foi o do Sr. Villard que, bem de longe, teve minha preferência. / Quanto a tradução do Sr. Pierre Furter -- devo dizer-lhe -- eu já a conhecia, tendo mesmo tido a ocasião de sugerir algumas pequenas modificações. Depois disso, o Sr. Haroldo de Campos -- um dos poetas de vanguarda, “concretista”, e aliás intelectual honesto e de real valor, contribuiu também com alguns pequenos conselhos, que, vejo, o Sr. Furter aceitou. / Sou muito grato a ele, por esse esforço, e por seu simpático interesse.

19. Caro e grande amigo, / Desculpe-me por ter demorado tanto para responder suas duas cartas, mas estive sobrecarregado de trabalho e gosto de escrever-lhe com a cabeça descansada. Responderei primeiro as suas diversas questões: / Vi Chodkiewicz e lhe falei de *Sagarana* e das duas novelas restantes de *Corpo de Baile*. Creio que ele lhe escreverá sobre esse assunto, mas ele pediu-me para dizer-lhe que estava interessado em *Sagarana*. Quanto às novelas, elas serão publicadas posteriormente. Chodkiewicz espera antes a publicação de *Grande Sertão: Veredas*, pela Albin Michel, depois serão publicadas *Primeiras Estórias*, depois as duas novelas, depois, eventualmente *Sagarana*, pois não convém que várias traduções de um mesmo autor saiam de uma vez. / Quanto à “Fatalidade”, eu tinha feito essa tradução muito rapidamente, a pedido do Seuil, e não me surpreendo com o número de erros que você notou. Já tinha corrigido algumas relendo meu texto mais tarde. Vou passá-los rapidamente em revista: / 1. De acordo. 2. Escrevi *alla trouver* para evitar uma seqüência desagradável de *V*: “nouveau venu dans la ville vint trouver”. 3. De acordo, ainda que o gerúndio raramente, ou nunca, seja empregado como único verbo de

uma frase. 4. De acordo, eu já tinha corrigido. 5. Ver 3. 6. Eu já tinha trocado por *ne l'égalat*. 7. Impossível usar *spéculer*. Antes eu tinha escrito *spéculer*, mas muitos leitores só conhecem seu sentido financeiro, então insisti no *philosopher*, que é sinônimo exato. 8. Eu quis insistir sobre a escassez de possibilidades. 9. Eu garanto que louça me deu bem o tom: *faïence* não podia ser, *pot*, *cruche*, também não. Insisti em *assiette*, que se quebra facilmente ao cair e é geralmente de louça. 10. De acordo. 11. Já corrigido na releitura. 12. *réel et existant* não podia ser, preciso achar outra coisa (por exemplo *était dans la réalité de la vie*?) 13. Eu tinha procurado em vão o significado da palavra. Coloquei *demicentre*. 14. O artigo é necessário antes de *l'Épître*. 15. *Le-Père-au-Curé* (na França um homem do povo raramente diz *prêtre*, ele quase sempre diz *curé*). 16. De acordo, eu confundi *le* e a terceira pessoa do imperfeito e pensei que *que* se referia à mulher. 17. Eu corriji: *lui lançait des regards incendiaires*. 18. De acordo. 19. Eu manterei *querelle* mas escreverei na linha 15 *un chercheur de noises*. 20. No caso *vaut* é preferível a *vaudrait*. 21. Trocarei *subir* por *être cause d'un malheur injuste*. 22. De acordo. 23. *malice* é inclinado a fazer mal, creio que este termo deverá convir. 24. *encore assombri* implica o sentido *plus assombri*. 25. Eu sugiro: *Tant qu'à moi, je suis personnellement pauvre...* 26. *un silence moitié-moitié? un silence mitigé? un silence mi-figue mi-raisin?* 27. Muito difícil de traduzir: *quand il était en cause?* 29. *ses yeux propres et infra-humains?* 30. *mais la Nécessité a des mains d'arain.*/ Passemos a outras questões: “chevalier-des-sables” (“*petit*” ficaria muito longo)./ Vou falar-lhe muito confidencialmente de Pierre Furter: depois de ter feito uma crítica muito ruim de *Buriti*, ele escreveu ao Seuil para se candidatar a tradutor, esse gesto foi muito mal visto. Chodkiewicz mostrou-me a tradução, é um “palavra por palavra” que não busca encontrar o espírito do texto, suponho e espero que se trate de uma primeira versão que deve ser corrigida cem vezes, polida e repolida, como queria Boileau. Você, quando cria palavras, segue mesmo assim um processo existente entre o povo para a formação de palavra saída da deformação de outras, e suas palavras são criadas num certo espírito, e é este espírito que é preciso respeitar antes de tudo. Certas expressões também não podem ser traduzidas literalmente, e sim traduzidas por expressões idiomáticas da outra língua. Por exemplo quando chove muito e muito forte nós dizemos: *il pleut des cordes*, ou *des hallebardes*, ou *à sceaux*, ou *comme vache qui pisse*./ Agora tenho de pedir-lhe conselho. Comecei a examinar a adaptação radiofônica do “Message du Morne”, com R. Deprat. Como não se vê, mas apenas se ouve, certas modificações são necessárias. Permite-me que eu faça Pedro Orósio cantar enquanto ele anda à frente dos outros antes de encontrar Gorgulho? O que eu poderia fazê-lo cantar? Em que ritmo? Eu deveria terminar também o canto de Laudelim, talvez? Em que ritmo ele deve cantar? Gostaria de dar essas indicações a Deprat, que fará a música segundo meu libreto. Qual é o ritmo dos cantos e danças populares, do lundu, por exemplo? Você me faria um favor muito grande se pudesse me dar ou apontar quem desse essas indicações./Eu queria contar-lhe uma nova história da minha aldeia, mas hoje o tempo está medido. Vou me contentar em contar a minha, para que você me conheça ainda melhor./ Nascido em Paris, em 22/02/1897 de pai francês e mãe brasileira, nascida na Tijuca. Aprendo alemão e inglês desde a infância. Sempre ouço falar “brasileiro” na casa de minha avó Klingelheffer, nascida de Gomensoro, e vivo na casa dela entre usos e costumes brasileiros. Estudo latim, grego e filosofia no Liceu Carnot e depois no Liceu Henri IV. Guerra de 1914. Alisto-me aos dezessete anos e meio, em 07/09/1914, parto para o *front* em 07/12/1915, como cabo de artilharia montada. Champagne, Argonne, Verdun. Anos de grandes misérias. A lama, os carrapatos, a falta de sono, o frio, a disenteria. Enviado à Escola de Artilharia em 03/1917. Aspirante em 14/07/1917. Volta ao *front* em 24/12/1917. Batalha da França, um pouco por toda parte. Termina a guerra como subtenente. Duas menções. Escola de Altos Estudos Comerciais. Por um mês controlador de manobras numa estrada de ferro, durante uma greve. Diploma de Altos Estudos Comerciais em 1921. Aluno-comissário num navio misto (carga/passageiros, viagem à América do Sul). Estágio como operário numa fiação e numa tecelagem de algodão (1922). Representação comercial. Casamento em 1927, mulher de origem holandesa. Aprendo assim o holandês. Três filhos (1928, 1929, 1933), um menino e duas meninas. 1939, a guerra. Capitão-chefe da seção de criptografia do II Grupo do Exército. Desmobilizado em 07/09/1940. Volta à Paris. Ocupação alemã. Libertação. Passo ao serviço de informação americano. Depois, cinco anos no governo militar na Alemanha, dos quais um ano em serviço tripartido em Frankfurt. Retorno definitivo à França em 1951. Agora, estou aposentado. Meus três filhos são casados, tenho oito netos. Minha principal ocupação é traduzir. Isso começou como um *hobby* em 1956, atualmente tornou-se quase uma profissão. Em oito anos traduzi vinte e três livros, sem contar diversos folhetos, do inglês, do alemão, do holandês, do português, li e fiz a crítica de centenas de romances dessas línguas, mais alguns do espanhol. Isso me apaixonou, mas nunca experimentei uma alegria tão grande como ao traduzir suas obras, que me permitem viver sob outro clima, num país que aprendi a amar como se fosse o meu... e no fundo é um pouco./Termino com um cordial abraço esta longa conversa expressando o desejo de finalmente conhecê-lo um dia./ P.S. A questão da adaptação radiofônica é extremamente urgente.

25. 20/03/64 Caro grande amigo,/ Devo-lhe cartas há muito tempo, a última há dois meses, e estou atormentado pelo remorso. Minhas únicas desculpas são o trabalho que tive, as festas de família, alguns pequenos problemas de saúde devidos ao inverno e à idade; etc. Em 22 de fevereiro, comemorei meus 67 anos, meus 37 anos de casamento, os 8 anos de uma de minhas netas e os 6 anos da irmã dela, muita coisa ao mesmo tempo. *Grande Sertão: Veredas* sairá no segundo semestre deste ano. Creio que o título escolhido definitivamente é *Diadorim*, sem mais nada, um título incisivo e que deverá destacar-se. Acabo de terminar um livro inglês e um livro alemão. Vou descansar um pouco durante a Páscoa e iniciar *Primeiras Estórias*. Comecei também a traduzir “Cara-de-Bronze”. As duas últimas novelas de *Corpo de Baile* sairão depois da publicação de *Diadorim*. Seria ruim para os dois livros de um mesmo autor que eles fossem lançados ao mesmo tempo. Os editores geralmente agem assim, mesmo para os autores *best-sellers*, é o fruto da experiência. Não sei se a adaptação radiofônica poderá se realizar, pois há certas restrições financeiras na rádio que a impediriam. Mesmo assim, trabalho nela. Traduzi ou compus algumas quadras:/

[...]

Gostaria de pedir-lhe algo: A revista *Babel*, revista internacional dos tradutores, queria que eu escrevesse um artigo sobre as dificuldades que tive de superar em minhas traduções, particularmente no que concerne às suas obras. Você me autorizaria a utilizar em parte dados extraídos do capítulo “Aspectos Formais”, de *Trilhas do Grande Sertão*, de M. Cavalcanti Proença?/ Tive uma entrevista com Dr. Luis Heitor Corrêa de Araújo, homem encantador, e sua mulher, igualmente encantadora. Eles eram ambos amigos do velho Paulo Bittencourt, morto no ano passado. Recebi também um telefonema de M. Azevedo, que se pôs à minha disposição para remeter-lhe tudo o que eu poderia ter dificuldade de enviar-lhe pelo correio. Agradeço-lhe por ter pedido a ele para entrar em contato comigo./ Agora, vou contar-lhe rapidamente algumas histórias da minha aldeia, uma aldeia já citada pouco depois do ano mil, uma aldeia normanda, a cinco quilômetros da fronteira da França./ Um dia, meu pai, que era prefeito dessa vila de duzentos habitantes apenas, recebeu a visita de um velho amigo, um político que queria se eleger deputado e procurava uma circunscrição. Os dois passeavam na aldeia, saudando e apertando a mão das pessoas, trocando idéias. Por fim, cruzaram um camponês, bem sujo. Meu pai lhe falou, sem tirar as mãos dos bolsos; o aspirante a candidato se precipita e aperta as mãos do homem. Um pouco adiante, ele diz a meu pai: “Meu velho, você nunca terá sucesso na política: você não sabe apertar a mão de todo mundo”. Então meu pai respondeu: “Sim, mas eu sei que ele tem sífilis.” Claro que esse candidato apressou-se em entrar em nossa casa para lavar as mãos./ Um dia, encontrei o velho Mateus, que se afastava de casa, perseguido pelas imprecações de sua mulher. Ele me declarou, balançando filosoficamente a cabeça: “Com certeza esta noite vou dormir no albergue do *cul tourné*!!/ Havia na minha aldeia um homenzinho, que, como todo homenzinho, tinha casado com uma virago, forte, peituda, autoritária, diante da qual ele “pulava miudinho”. O casal contratou, para ajudar no campo, um trabalhador belga, um homenzarrão que logo tomou no leito conjugal o lugar do marido, que passou a dormir ao lado do forno. Pela manhã, enquanto os dois ainda estavam deitados na sala, o homenzinho ia preparar seu café na varanda, despreocupado. Para grande surpresa de meu pai, o homem veio procurá-lo para que fosse feito um flagrante de adultério. Enquanto prefeito, e portanto também delegado de polícia da aldeia, meu pai convocou os policiais da sede do município vizinho, afim de fazer o flagrante. Ao nascer do sol, meu pai, escoltado por dois soldados, bateu na porta: “Abra, em nome da lei”. Agitação na casa, depois a mulher abre, desarrumada, vestida com um saiote e um camisão. O belga, com seus um metro e oitenta, estava encolhido numa caminha de criança, de no máximo um metro e meio, num canto, enquanto, como Nêmesis, o homenzinho surgia de perto do forno gritando: “ Não é possível! Ele estava na cama com ela!”. Um policial aproximou-se da cama suja, apalpou o lençol e disse: “ Há dois lugares quentes. Se o prefeito quiser tocar... ”. “Obrigado, policial, confio em você”, respondeu meu pai, sem querer por a mão naquela imundície. O flagrante foi lavrado e a mulher teve que se comportar daí para a frente. Mas meu pai quis conhecer o final da história, e por fim soube. “Bem, Senhor Villard, o belga dormia lá com a Luisa, isso até me aliviava um pouco. Mas, sabe, outro tinha eu tinha preparado meu café na caneca. Depois eu saí, jogar a água. Quando eu voltei, o belga tinha esvaziado minha caneca. Que ele dormisse com a mulher, eu não dizia mais nada. Mas ele bebeu meu café, e isso eu não pude agüentar!/ Chego ao fim da minha página, e também de minha carta. Eu a termino enviando-lhe a expressão de meus sentimentos mais amistosos e um cordial abraço!

29. Muito caro e grande amigo,/ Pela primeira vez recorrerei à amabilidade do Sr. Mauro de Azevedo para remeter-lhe uma carta urgente, a qual pediria que respondesse o mais cedo possível./ Trata-se da dedicatória que deve aparecer no *Diadorim*. Tentei várias traduções e eis a que mais me agradou:/ [...]/

A Aracy. minha esposa/ Ara, a quem este livro/Pertence de direito./ Afirmaria que Ara me incomoda um pouco, pois é assim que se traduz arara em francês. Preferiria que você desse os termos de uma dedicatória que lhe agrade, ou, ainda melhor, que você mesmo a redigisse, para que eu a transmita a Albin

Michel. Talvez fosse suficiente suprimir pura e simplesmente Ara, mas tenho certeza que encontrará alguma coisa ainda mais apropriada./ Queira desculpar-me por não escrever mais hoje, mas preciso que essa carta parta logo. Acrescentarei somente que pensei muito em você durante esse período conturbado e espero que não tenha preocupações graves. Cordial “abraço”

34. Cara Senhora, ... creio que me disse que poderia transmitir pela mala as cartas que eu tivesse de endereçar a Guimarães Rosa. Venho usar de sua amabilidade enviando-lhe esse envelope um pouco pesado. Eu junto a esta carta todos os meus melhores votos de Natal e de bom ano novo. P.S. Desculpe-me, por favor, por ter fechado o envelope.

35. Caro grande amigo, Estou envergonhado por ter ficado tanto tempo sem lhe dar minhas notícias e sua carta veio avivar meus remorsos. Houve as férias, houve uma porção de outras coisas, mas eu lhe contarei mais adiante. Começarei por falar de seus livros, a conversa virá em seguida: /1. *Diadorim*. Passou agora para o setor de composição da Albin Michel, fui vê-los outro dia para acertar diversos pontos. O livro sairá durante o primeiro semestre de 1965. Ver como os tradutores americano e alemão trataram a questão me divertiria muito. Você poderia indicar-me os nomes dos editores afim de que eu possa obter exemplares e, se possível, os nomes dos tradutores, para que eu possa entrar em contato com eles?/ 2. “Cara-de-Bronze”. É absolutamente necessário apresentar essa novela como um roteiro de cinema, com anotações tais como plano geral, fusão, etc.? Acredito que aqui o leitor não aprecia esta apresentação, que encobre em parte toda a poesia da obra e prejudica um pouco a ação./ 3. *Primeiras Estórias*. A tradução avança lentamente. O que traz uma certa dificuldade, eu diria até uma dificuldade certa, é a mudança de “tom”, que é preciso adotar para cada história, passando da linguagem infantil à poesia e depois à anedota rústica e brutal./ Acho que todas as questões estão acertadas, passemos adiante./ Minha mulher e eu saímos de férias na metade de junho, num pequeno carro dirigido por ela. Visitamos a Bretanha, que conhecíamos muito mal, e foi um encantamento. Estou certo que você adoraria ver essa região, onde se descobre nas pequenas aldeias “enclaves paroquiais” com igrejas e calvários de grande beleza, portas triunfais, ossuários, tudo talhado em granito no século XVI por artesãos animados pela fé, velhos castelos, velhas casas (junto à minha carta dois cartões postais que lhe darão uma idéia, assim como um folheto sobre a floresta de Brécéliande, hoje floresta de Paimpont, onde o mago Merlin foi cativo de Viviane). Depois voltamos à Neuilly e retomei a labuta, mas é necessário um tempo para se reaclimatar ao trabalho. Depois houve o nascimento de meu nono neto, uma menina chamada Sofia, nascida na Alsácia, espero que ela tenha toda a sabedoria que seu nome pressupõe. Não esconderei que a tradução de suas obras é um trabalho estafante e que, às vezes, para me desintoxicar e recomeçar com idéias mais claras, devo mudar de língua e é assim que traduzi um livro americano, um livro alemão e quase terminei a tradução de um romance argentino de Marco Denevi. O mais curioso é que conheço mal o espanhol, mas também “sinto” a personagem, incorporo-me a ela; porém isso não se faz de imediato e o mais difícil é o começo, tenho de recomeçar ao menos dez vezes as vinte primeiras páginas, é muito mais árduo, é preciso sempre voltar à imersão, mudar sempre de atmosfera./ Termino enviando-lhe meus melhores votos para um Natal alegre e um bom ano, desejando que 1965 traga-me finalmente o grande prazer de encontrá-lo./ Cordial abraço do seu

44. Caro mestre e grande amigo./ Mais uma vez é cheio de remorso que lhe escrevo. Há muito tempo queria fazê-lo, mas deixava sempre para depois. “*Morgen, Morgen, nur nicht Heute sagen alle faule Leute*”, todavia tenho outras desculpas além da preguiça. Primeiro houve a gripe, e depois tive de compensar o atraso que havia acumulado no meu trabalho, finalmente houve o lançamento de *Diadorim* que se aproximava e eu só queria escrever depois./ Quanto mais escrevo, mais me dou conta que são más razões, e que procuro tornar desculpável aquilo que não o é, portanto vamos a outra coisa. Conforme me havia pedido, consegui de Albin Michel que se coloque como vinheta no final do livro o sinal de Infinito./ Estou desolado pelos erros de tradução que cometi, um deles: surucucu, é uma falta de atenção. Eu tinha posto surucucu no rascunho manuscrito, mas escrevi tão mal que ao datilografar pensei ler sucuruju e escrevi *eunecte*. O erro 5, p. 221, deveu-se à inversão de duas letras pelo tipógrafo. O 6, p. 250 não é erro na minha opinião, *aussi* é empregado como conjunção de coordenação que indica conclusão ou explicação (p. ex. Ele é mau, *então* todos fogem dele). 11. p. 383: *jeter un sale oeil* = *jeter mauvais regard*. *Jettatura* seria *jeter le mauvais oeil*... Quanto aos outros erros, queira desculpar, deixei-me enganar por idéias preconcebidas./ Sou muito sensível aos cumprimentos que me envia. Com efeito, o trabalho não foi fácil. Tive que aderir realmente ao texto, um pouco como a luta de Jacob com o anjo, guardadas as proporções, e nem sempre venci esta luta; quando a tradução terminou eu estava literalmente esgotado./ *Diadorim* já faz muito barulho na crítica e nos meios literários, o livro desperta um grande interesse antes mesmo de estar realmente entre o público, certos artigos elogiosos já apareceram, no *Monde* em particular. Eu assisti outro dia à apresentação do filme rodado no Brasil tendo

o livro como tema. Creio que só pode prejudicar a obra, tanto ele a deforma. Diadorim não tem mais mistério desde o começo, Zé Bebelo perdeu todo caráter, Riobaldo é um vago herói de *western*, Joca Ramiro foi despojado de toda grandeza e Hermógenes não é mais a fera quase sobre-humana. Em Sucruíú reina a malária e não a varíola. No massacre dos cavalos, vê-se apenas a morte de umas carnes miseráveis, das quais se pode contar as costelas que se arrastam penosamente, no lugar dos belos animais inquietos, girando, crinas ao vento. Urucuia é só um cavalo. Vendo o filme, tenho a impressão de uma traição. Apenas as paisagens são belas, pois o cineasta não pode falsificá-las. A fotografia é bonita, é verdade, mas o filme é inexistente comparado a *O Cangaceiro*./ Envio, para diverti-lo, uma pequena narrativa que escrevi para nosso boletim dos antigos combatentes de 1914-1918, narrativa estritamente exata cujos detalhes ficaram gravados na minha memória. Tenho que dar-lhe aqui um pequeno glossário. [...] Envio-lhe minhas lembranças mais amigáveis e um cordial abraço.

45. Caro mestre e grande amigo,/ Há muito tempo não lhe escrevo e há ainda mais tempo não tenho notícias suas. Você recebeu minha carta de 16.04.65, na qual eu lhe enviava uma pequena narrativa de uma experiência pessoal de 50 anos atrás, em Verdun? Se por acaso ela não chegou eu lhe enviarei uma cópia./Um ano e meio se passou desde nossa última troca de correspondência. Desde então, tive o nascimento de duas netas, uma das quais morreu aos 8 meses. Traduzi dois romances argentinos, uma vida de Mussolini por um autor inglês e acabo de terminar a tradução de *A Barca dos Homens*, de Autran Dourado. E mais diversas pequenas traduções do holandês./Agora retomo a tradução de “Cara-de-Bronze”, antes de dedicar-me a *Primeiras Estórias*./ O que me leva a escrever-lhe hoje é uma questão de poesia. Em “Cara-de-Bronze” o cantor invisível canta quadras e eu gostaria de mostrar-lhe certas traduções que fiz delas para que me desse sua opinião:/

[...]/

Você acha que isso pode funcionar?/ Traduzir poemas é sempre muito difícil quando é preciso manter o estilo, o espírito, o ritmo, o sentido e a rima. Você me autorizaria eventualmente a tomar certas liberdades com as palavras, mantendo o ritmo e o espírito, quando a tradução pura das palavras me parecer impossível?/ Recebi no mês passado uma carta de Curt Meyer-Clason pedindo certas informações para uma nota que você teria pedido a ele para redigir./ Poucos esclarecimentos úteis pude dar, pois fora “*feminaille*” et “*vivelaloisir*” nunca fui de inventar palavras. Ele me dizia ter tido certa dificuldade para traduzir “*furibondancia*” e ter finalment adotado *Ueberwut*. Quando eu encontrasse essa palavra, é muito provável que eu também tivesse certa dificuldade, pois se eu usasse *furibondance*, essa palavra pareceria vir de *furibonder*, verbo inventado por Mme de Sevigné, vindo de *furibonde*, assim como *vagabonder* vem de *vagabonde*, mas cujo sentido era “manifestar violentamente sua cólera”. Enfim, verei qual solução adotar quando eu chegar lá./ Gostaria muito de encontrá-lo um dia e espero sinceramente que esse prazer me seja concedido, pois os anos se acumulam sobre meus ombros: em fevereiro próximo celebrarei o duplo aniversário de meus setenta anos e de quarenta anos de casamento. Portanto, não há mais tempo a perder. Espero que essa carta chegue bem. Permito-me juntar a ela um pouco antecipadamente meus melhores votos de Natal e de Ano Novo./ Queira crer nos meus sentimentos de admiração muito amistosa

47. Caro grande amigo distante./ Sua carta de 25 de fevereiro me deu imenso prazer. Como lamento por você, que precisou empreender seu precioso tempo com demarcações de fronteira! Enfim, como se dizia no exército: “Serviço... Serviço!”. Agora, às questões sérias! Terminei “Cara-de-Bronze” e enviei a tradução ao Seuil./ As duas novelas ainda não publicadas *Corpo de Baile* tinham sido traduzidas ao mesmo tempo que as primeiras e sairão com “Cara-de-Bronze”. Falei com Claude Durand, que sucedeu Chodkiewicz no Seuil, da questão *Sagarana*, dando a entender que se o Seuil não se interessasse, Albin Michel ficaria muito feliz de ter o livro. Ele respondeu-me que ia escrever-lhe sobre isso, mas ignoro se escreveu. Estou agora até o pescoço em *Primeiras Estórias* e embora esteja interessado, há momentos em que eu me arrancaria os cabelos, se não fosse detido pela prudência estética. Sim, há momentos em que o amaldiçoaria e de repente percebo que você tomou uma palavra no sentido etimológico, ou empregou uma raiz grega, etc. É irritante mas a descoberta dá imensas satisfações./ Em princípio *Primeiras Estórias* deveria estar terminado há muito tempo, mas o Seuil tinha pedido para fazer no lugar dele a tradução de *Sobre Heroes Y Tumbas*, de Sabato, que acaba de sair com o nome de *Alexandra*. Como eu tinha outros compromissos na sequência, *Rosaura a las dieces*, de Marco Denevi, para Albin Michel, e *A Barca dos Homens*, de Autran Dourado, que acaba de sair, para Stoch, *Primeiras Estórias* foi automaticamente adiado. Eu já tinha traduzido as seis primeiras novelas, pelo menos em versão inicial. Para “Famigerado”, conservei o termo original pois não existe equivalente francês que permita seguir o tom desse conto; uma palavra fabricada não teria sentido e uma perífrase ficaria pesada, indigesta. Para a tradução, esforço-me, segundo meu princípio, por reproduzir o espírito, o tom, o ritmo, por fim a letra. Voltando a “Cara-de-Bronze”, suprimi, como você me havia autorizado, a longa enumeração de plantas, etc.. Reinserei no texto alguns diálogos de vaqueiros que estavam em notas, espero que não veja nisso maior inconveniente.

Quanto às quadras, modifiquei certas interpretações que tinha lhe mostrado, ao me dar conta que elas não correspondiam exatamente ao espírito dos originais: espero que goste. Por mim, não estou inteiramente satisfeito com minha tradução, aliás nunca estou, pois mesmo se eu relesse vinte vezes encontraria sempre correções a fazer./Tive notícias suas por minha colega e amiga Sra. Tavares-Bastos, que teve a grande sorte de vê-lo quando fez um estágio no Rio. É a ela, aliás, que confio minha correspondência. Ultimamente tenho estado preocupado com a saúde de meu irmão caçula Pierre Villard, quatro anos mais novo que eu, e que não vejo desde 1945. Ele teve uma infecção pulmonar, depois de ter de abandonar a exploração de uma fazenda em São Carlos, que administrava para sua mulher e suas cunhadas Botelho. Ele, um homem extremamente ativo, se viu reduzido à inação. Procura ocupar-se intelectualmente, pois não pode agora fazê-lo fisicamente. É um contista nato, mora há mais de trinta anos no Brasil, naturalmente fala fluentemente português e francês, sabe também inglês e alemão. Atualmente mora em Ubatuba, Litoral Norte, Estado de São Paulo e pode ser encontrado por meio do Banco Novo Mundo. Se você por acaso conhecesse alguém que pudesse utilizar suas capacidades, eu lhe ficaria muito grato. Entretanto, como ele é um pouco urso, talvez não queira sair da toca. Não me pediu nada, mas sinto que tem necessidade de uma ocupação e de um derivativo que o tire de seus pensamentos, pois quando se está ocioso por força se pensa muito, até demais./ Termino aqui esta longa carta para lançar-me a “Pirlimpsiquice”./ Receba um forte abraço de um amigo de seis anos

48. Caro Mestre e grande amigo, /Conheci outro dia a Sra. Beata Vettori, mulher encantadora com quem tive o maior prazer em conversar. Ela entregou-me de sua parte um exemplar da terceira edição de *Primeiras Estórias* com uma dedicatória que tocou-me o coração, agradeço-lhe vivamente. A tradução deste livro segue seu curso, creio ter encontrado o tom para algumas das novelas, mas é preciso que eu deixe “decantar” tudo para retomar o acabamento depois das férias que vou tirar de 26 de maio ao fim de junho. Traduza-lo é um trabalho de fôlego e é preciso dar um tempo para se “desintoxicar” e rever tudo com um novo olhar. Cheguei à metade do livro e devo confessar que muitas vezes o tratei mentalmente com todo tipo de nomes indelicados! Enfim, depois de numerosas pesquisas metódicas, de que a prática a criptografia me deu o hábito, eu me dizia de repente: “Ora, é uma palavra grega!” ou ainda “É uma palavra da alquimia árabe” e sentia a imensa satisfação de alguém que resolveu um problema difícil./ Deseja que a introdução de Paulo Rónai figure no início da edição francesa? Neste caso, eu lhe pediria escrever sobre o assunto ao Seuil. Mas acho que será praticamente impossível traduzir utilmente a maior parte, sobretudo os tópicos 8, 10, 11, 12, 13 e 14. Que sentido se pode dar a Pirlimpsiquice? Creio que não lhe escrevi que recebi a visita de Meyer-Clason, a quem dei um exemplar com dedicatória de *Diadorim*. Fiquei muito contente de conhecê-lo. Ele enviou-me um exemplar de sua tradução de *Grande Sertão*. Fez um trabalho realmente extraordinário, tanto mais que a língua alemã é tão distante da brasileira./ Antes de eu lhe escrever esta carta, telefonei a Claude Durand, do Seuil; ele me disse que acabava de escrever-lhe sobre *Sagarana*, você deve receber logo a carta. Na minha última carta tinha lhe falado de meu irmão Pierre Villard, que atualmente mora em Ubatuba. A saúde dele está melhor e o ânimo parece ir melhor. Ele vai começar a escrever contos, tirados de sua vida um pouco aventureira. Permitiria que ele se dirigisse a você, para pedir conselho? Não sei se o fará, por ser profundamente tímido, ou antes, sofrer de certo complexo de inferioridade./ Envio-lhe minhas melhores lembranças e um cordial abraço

3. Conclusão

Para terminar, voltarei às fontes deste trabalho, que permanecem nucleares.

A vida de escritor de João Guimarães Rosa e os caminhos percorridos pela criação, até que esta se tornasse o objeto que iria circular e ressoar na cultura literária.

É difícil dizer que escolhi este tema. Ele me foi sugerido por uma documentação, a correspondência editorial arquivada de um escritor brasileiro. Sujeito, autor, romancista, e pois inventor de ficção. Tem por profissão a diplomacia, com seus chamados à realidade da vida pública, à sua dimensão política; na carreira, a busca de veracidade, as provas, a argumentação, estão entre os hábitos mentais. Seu sustento vem do Ministérios das Relações Exteriores.

Autor, seu primeiro ofício faz com que se dirija a um tipo de negociante de algo incompleto, a obra, pronta a retornar ao sistema literário. Estabelecem uma troca, em que o negociante conta com práticas já estabelecidas há muito, como os modelos de contratos, a divisão dos ganhos, a partilha dos exemplares para autor, crítica, divulgação. Este irá por outro lado dirigir-se direta ou indiretamente aos leitores, que poderão comprar, ler e fazer viver a obra na imaginação coletiva.

A primeira idéia foi partir da relação de Rosa com seu editor José Olympio e seguir a trilha, dos entendimentos, entrega do dito manuscrito, produção do livro, propaganda, até o lançamento e talvez as primeiras críticas. Algumas tentativas nesse sentido não foram bem sucedidas, pois os fundos do editor arquivados no Museu de Literatura da Casa de Rui Barbosa e na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional ainda estavam, ambos, indisponíveis para consulta, em processamento técnico.

Em paralelo a essas tentativas, eu tomava conhecimento das séries documentais que integram os fundos do escritor depositados no Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros, especialmente a série correspondência: modo de expressão diferente de sua prosa de ficção, por sua finalidade prática -- caso da troca com editores --, devia provavelmente a ela se assemelhar pela dimensão estética, literária.

Como poderia acontecer a muitos, fui atraída por suas cartas inéditas.

Era sabido que a correspondência já publicada do escritor, especialmente a mantida com seus tradutores - e ela entremostra uma outra - , tem recebido atenção de leitores comuns, que buscam contato novo com sua escrita, e de leitores estudiosos, que

nela encontram novas chaves para a compreensão da gênese e a interpretação da obra (além, é claro, de questões ligadas à tradução propriamente).

Havia uma sub-série associada à linguagem dos negócios; seus temas se situariam no terreno cujos limites são de um lado as matérias e mistérios que vão da invenção à forma dita “definitiva”, ou seja, o da crítica genética; de outro a análise e interpretação da forma “acabada”, ou seja, o da crítica literária. Foi então que me voltei para o estudo da correspondência com os editores estrangeiros e, entre eles, os de Portugal e da França.

A exploração do campo assim definido trouxe duas revelações principais.

A primeira foi que a correspondência editorial não se completava, e, se era suficiente para a apuração da edição das obras em Portugal, era insuficiente com relação à França. Depois de ter lido as cartas trocadas com o primeiro editor francês, Pierre Seghers, constatei que na sub-série não havia troca de cartas com editores das casas Seuil e Albin Michel. As primeiras negociações devem ter sido feitas por outros caminhos, foi a hipótese levantada. As lacunas indicaram outras buscas; levaram-me à correspondência com Jean-Jacques Villard, o tradutor de português e de espanhol que mantinha contatos e prestava serviços em mais de uma firma editorial de Paris.

O envolvimento dos tradutores Curt Meyer-Clason e Harriet de Onís foi decisivo para os rumos da edição das obras de Guimarães Rosa respectivamente em alemão e inglês; Edoardo Bizzarri também esteve presente desde o início das edições em italiano. Estes leitores-tradutores tinham se entusiasmado com a leitura dos livros em português, quiseram traduzir os livros e interessaram-se pela publicação em seus países. O caso francês parece diferente.

A carta inicial do lote, de Jean-Jacques Villard para Guimarães Rosa, é posterior à edição da primeira parte de *Corpo de Baile* pela Seuil, e só mais tarde, em algumas situações, o tradutor seria o representante do escritor junto às editoras. Provavelmente trabalhou sob encomenda. Quanto aos primeiros contatos entre o autor e segundas casas francesas que o publicaram, eles seguem sem rastros, exceto pelas alusões presentes na correspondência do escritor com o primeiro editor, Pierre Seghers.

A correspondência Rosa/ Villard tem de tudo um pouco. De um lado, um senhor já avô, que se diz um pouco brasileiro pelo lado materno, tem um irmão no Brasil, participou da primeira e segunda guerra, e entre as duas passou pelo Rio de Janeiro, uma vez, comissário num navio mercante. De outro, nosso escritor do século passado, que desagradava alguns, mas fora prontamente reconhecido por seus pares, como fica

patente nos excertos de crítica que transcrevia e na coleção de recortes de colunas literárias, notícias e crônicas que organizava, ou fazia organizar, sobre si e sua obra, onde figuram Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e muitos outros. Era amigo e editado do mais ilustre e amigável editor de sua terra.

O que ela certamente contém de interesse tanto para a crítica genética como para a crítica literária fica a partir de agora à disposição dos respectivos especialistas.

A segunda constatação, de outra ordem, veio da própria prática da pesquisa no Arquivo e diz respeito às condições para consulta das cartas do escritor e daquelas que ele recebeu em resposta, que por sua vez remetem à questão do direito de autor, ou de propriedade intelectual, entre outras. No que se refere à obra editada esse tema será retomado adiante.

Sobre o documento de arquivo em geral escreveu Paul Ricoeur,

“assume o primeiro plano a iniciativa de uma pessoa física ou jurídica que visa a preservar os rastros da própria atividade; essa iniciativa inaugura o ato de fazer história. Vem em seguida a organização mais ou menos sistemática do fundo assim posto de lado. ... preservação... ...operações lógicas de classificação... . Ambos os procedimentos são postos a serviço do terceiro momento, o da consulta ao fundo dentro dos limites das regras que lhe autorizam o acesso.”²⁰⁴

“como toda escrita, um documento de arquivo está aberto a quem quer que saiba ler; ele não tem, portanto, um destinatário designado, ... o documento que dorme nos arquivos não é somente mudo, mas órfão; os testemunhos que encerra desligaram-se dos autores que ‘os puseram no mundo’;”²⁰⁵

Vale ressaltar aqui: a amplitude do ato de fazer história, do qual participam a pessoa que deseja preservar os rastros, a instituição que tem por fim realizar a preservação, e o historiador que consulta o documento. E também que os três momentos da operação historiadora encontram-se já no primeiro estágio, a fase documental, que se dá sobre a memória arquivada: este primeiro estágio será acompanhado (e não sucedido) pelo estágio da explicação/compreensão; do mesmo modo o terceiro estágio, da narração/representação, também está presente em toda a extensão da operação historiadora, já que ao selecionar suas fontes no arquivo, o historiador o faz por meio de perguntas em forma narrativa. A pergunta que passou a guiar-me no arquivo, “Como um escritor é editado?”, pode servir de exemplo.

²⁰⁴ Paul Ricoeur. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007. p. 178.

²⁰⁵ Ibidem, p.179.

No que tange ao documento que é a correspondência arquivada, deparei-me com “as regras que autorizam o acesso”. Vim a saber que a consulta depende do cumprimento de requisitos, obtenção de permissões. Seja dos detentores de *copyright*, cedido à editora Nova Fronteira pelos titulares finais, os herdeiros, seja da direção do Arquivo, que procura se assegurar das condições morais e científicas dos pesquisadores, isto é, estes devem comprometer-se a não divulgá-la e serem capazes de dar-lhe tratamento adequado.

Atendidas minhas solicitações, durante passos preliminares havia me defrontado com a pergunta “a quem pertencem as cartas, afinal?” Aos herdeiros? À editora, a qual foram cedidos os direitos sobre a obra do escritor? Ao Arquivo, a quem cabe a guarda do documento?

A pergunta já fora respondida, por Philippe Lejeune, na crônica justamente intitulada “A qui appartient une lettre?”²⁰⁶. Transcrevo a seguir o resumo da resposta, feito pelo autor ao final da crônica.

- desde que é postada, a carta se torna, fisicamente, propriedade do destinatário, e depois, quando ele morre, de seus herdeiros; mas o exercício do direito de propriedade é limitado pelos dois aspectos seguintes:
- mesmo postada, a carta permanece, intelectual e moralmente, propriedade de seu autor e, após sua morte, de seus herdeiros, os únicos que podem autorizar sua publicação (conforme a lei de 1957 de propriedade intelectual); mas o exercício desse direito pode ser limitado *de facto* por o autor não ter mais a carta (exceto se ele guardou cópia) e *de jure*, pelo terceiro aspecto;
- na medida que a carta revela a vida privada, toda pessoa posta em causa (autor, destinatário, terceiros) pode se opor à sua divulgação e publicação (Código Civil, artigo 9).

No Brasil, a questão da propriedade da cartas não é diferente, mas a norma frequentemente é posta em xeque pela variedade de casos de direitos e tipos de demandas com que têm de se haver os arquivos públicos.

Toda correspondência depositada em uma instituição pública pode ser lida, indiscriminadamente? A carta, documento sigiloso, como se sabe, está protegido pelo direito à intimidade (vide, em primeiro lugar, a Constituição Brasileira), logo a sua consulta estaria condicionada à autorização do remetente e do destinatário, bem como de pessoas citadas no documento, e na ausência deles, de seus herdeiros legais. A partir dessa proposição ideal, surgem casos intrincados a ser resolvidos: pode-se ler cartas cujos envolvidos ou seus familiares não puderam ser localizados? O que fazer diante da recusa de um herdeiro em fornecer autorização para a consulta dos documentos em acervos públicos? Em suma, como conciliar patrimônio do Estado e interesses privados de familiares,

²⁰⁶ Philippe Lejeune. *Pour l'autobiographie*. Paris: Seuil, 1998. p. 77. (tradução minha).

pesquisadores, jornalistas ou consultentes apenas curiosos dos bastidores de uma vida que se tornou pública?²⁰⁷

No trecho citado as perguntas indicam situações inconclusivas.

Existem desdobramentos. O que fazer diante do silêncio de um herdeiro a quem se pede permissão? Pode o silêncio ser entendido como consentimento tácito?²⁰⁸

A natureza das cartas, trocadas entre escritor e editor, fornece a moldura na qual o que elas têm de particular, pessoal, único, deve ganhar relevo.

Por meio delas se estabelece um contrato em que de um lado está o sujeito que produziu escritos movido por sua imaginação e gênio, escritos inicialmente materializados num objeto único, “original” em mais de um sentido, e de outro o sujeito que com sua indústria fará esse produto ultrapassar o círculo dos íntimos, tornar-se conhecido do público, como manifestação autoral, “maneira de apreender o real”; o segundo não é desprovido de imaginação, apenas a emprega para outro fim, o de fazer a criação chegar ao leitor, um leitor provável. É a face intelectual da profissão, nascida junto com a imprensa; a outra face é comercial.

... a imprensa apareceu como uma indústria regida pelas mesmas leis que as outras indústrias e o livro como uma mercadoria que os homens fabricavam antes de tudo para ganhar a vida. ... Era-lhes necessário, pois, primeiramente achar capitais para poderem trabalhar e imprimir livros suscetíveis de satisfazer sua clientela, e isso a preços capazes de sustentar a concorrência. Pois o mercado do livro sempre foi semelhante a todos os outros mercados. Problemas de preço e de financiamento colocavam-se aos industriais que fabricavam o livro, isto é, os tipógrafos, e aos comerciantes que o vendiam, ou seja, os livreiros e os editores,²⁰⁹

O trecho acima mostra uma espécie de divisão possível entre as funções do antigo impressor/tipógrafo e do livreiro/editor, mas essa divisão nunca foi forte nem definidora. E aponta para a próxima questão: se o mercado do livro sempre foi semelhante aos outros, o que dizer da posição dos agentes e dos fatores da produção nele envolvidos? As posições relativas são sempre recriadas, e quanto ao imaterial contido no livro, aprendo que lentamente, com avanços e recuos, ele se estabiliza como propriedade de alguém (precariamente, hoje é possível dizer).

²⁰⁷ Marcos Antonio de Moraes. “Nove endereços para a mesma carta”, 6, §5. <http://www.ieb.usp.br/marioscriptor/congressos/nove-enderecos-para-a-mesma-carta.html>.

²⁰⁸ A restrição à reprodução digital de uma carta numa tese e, pois, sua publicação em banco de dados público poderia -- se seguida de eventual duplicação posterior -- afetar direitos legais sobre a obra.

²⁰⁹ Lucien Febvre e Henri-Jean Martin. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 173.

O contrato entre autor e editor, que Wilson Martins chama de irmãos inimigos, firma a propriedade intelectual. Sobre suas condições e legitimidade refletiu e escreveu²¹⁰ um praticante dos dois ofícios, Denis Diderot (sem ser um editor, ou livreiro, como se dizia então, encomendou artigos, analisou manuscritos, visitou impressores em seus *ateliers* e revisou provas, tudo para a tumultuada publicação da *Encyclopédie*, empreendida por Le Breton entre 1751 e 1765).

Naquele momento, a meio caminho entre o aparecimento do livro impresso e os dias atuais, a propriedade do autor sobre “uma obra do espírito, fruto único de seus estudos, de suas noites insones, de suas pesquisas, de suas observações” era o fundamento do direito que ele tinha de vendê-la ao livreiro.

O acordo entre o livreiro e o autor daquela época fazia-se como hoje em dia: o autor chamava o livreiro e propunha sua obra; eles entravam em acordo sobre o preço, sobre a forma do livro e sobre outras condições. Estas condições eram estipuladas em contrato privado, no qual o autor cedia perpétua e definitivamente sua obra ao livreiro e a seus sucessores.²¹¹

Não foi o detentor quem comprou o manuscrito do autor e pagou por ele? Quem é o proprietário? Quem o é com mais legitimidade?. Não é sob a garantia que lhe foi dada, sob a proteção cujo título ele tem assinado pelo soberano, que ele consumiu sua empresa?²¹²

O “privilégio” do livreiro deve ser preservado, interessa ao “bem geral”, às letras, ao autor, ao livreiro, ao literato, ao leitor comum, pensa Diderot, que, ao escrever a carta, o faz a partir do lugar de autor em que se vê situado. Deste ponto de vista descreve inclinações e papéis de autor e editor:

nada se concilia tão mal quanto a vida ativa do comerciante e a vida sedentária do homem de letras. Como somos incapazes de fazer uma infinidade de delicadezas, entre cem autores que desejassem escoar eles próprios suas obras, noventa e nove teriam dificuldades e se enfastiariam”...“manter livros de receita e despesa, responder, trocar, enviar, que afazeres para um discípulo de Homero ou de Platão!²¹³

Abolir o “privilégio” significaria favorecer os contrafactores inescrupulosos, e a entrada de livros estrangeiros, em prejuízo de todos, inclusive fabricantes de papéis

²¹⁰ Denis Diderot. *Carta sobre o comércio do livro*. Prefácio de Roger Chartier. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. p. 51. Escrita em 1763, tinha como destinatário o diretor do Ofício dos Livreiros, Le Breton, editor. Seu subtítulo, do ano seguinte, dá a medida de sua extensão: *Carta histórica e política endereçada a um magistrado sobre o comércio do livro, sua condição antiga e presente, seus regimentos, seus privilégios, as permissões tácitas, os censores, os vendedores ambulantes, a travessia das pontes do Sena e outros temas relativos à política literária*. Só foi publicada em 1861.

²¹¹ Ibidem, p. 51.

²¹² Ibidem, p. 61.

²¹³ Ibidem, p. 72.

especiais, “fundidores de tipos bonitos”, “compositores e impressores hábeis”, “revisores instruídos”. Diderot propõe para o comércio livreiro

Que se dê liberdade ao livreiro, que se dê liberdade ao autor. O tempo conseguirá, sem o senhor, mostrar a este o valor de seu produto; assegure somente ao primeiro sua aquisição e posse, pois sem esta condição a produção do autor perderá necessariamente o preço justo.²¹⁴

Para os autores, o tempo de espera seria longo; o século XIX pertenceu aos livreiros/editores²¹⁵, eles alcançaram posição de força no alto negócio que se tornou a publicação dos livros.

As primeiras décadas foram de incorporação de mudanças a um sistema técnico que havia se mantido praticamente estável desde o surgimento da imprensa, entre elas a introdução no vapor na prensa. Diante das tendências de baixa de preços e alargamento do mercado, aqueles chefes de empresas privadas que souberam inovar no comando da fabricação do livro, em novos formatos, na identificação de nichos e formas de venda (libretos de teatro, livros escolares, jurídicos, coleções, assinaturas, fascículos, venda em quiosques, em estações de trem), puderam acumular capitais consideráveis. Uma vez atingido certo patamar da solidez dos negócios e firmas e da construção de fortuna pessoal, eles estavam prontos para novas aventuras.

Nas últimas décadas seus herdeiros ou sucessores já seriam detentores também de outros tipos de patrimônio ou investimento, fossem imóveis, fundos de ações, partes de companhias de mineração, ferrovias, empresas de colonização, participações em casas bancárias, coleções de arte. Perfeitamente inseridos no mundo da alta finança, partilhavam seu estilo de vida, seus hábitos de luxo, sua posição social.

Diante da magnitude dessa riqueza os autores/escritores queixavam-se da fraca remuneração que lhes proporcionava a venda aos editores do produto de sua criação, na forma da alienação do manuscrito, do assalariamento, ou dos direitos percentuais sobre ganhos obtidos. Com exceções, não os deixava pobres, mas impedia que acumulassem o suficiente para não depender de entradas vindas das firmas a que se vinculavam. Para alguns, este era um mal menor diante da perda do “controle das operações de desvelamento de sua obra”.²¹⁶

²¹⁴ Ibidem, p. 78.

²¹⁵ Jean-Ives Mollier. *O dinheiro e as letras. História do capitalismo editorial*. São Paulo: Edusp, 2010.

²¹⁶ Jean-Ives Mollier. “Les relais de l’écrivain au XIX^e. siècle”. In: Paul Berthier et Michel Jarrety. *Modernités XIX^e – XX^e siècle. Tome 3*. Paris: Quadrige /PUF, 2006. p. 696. (Michel Prigent. *Histoire de la France littéraire*).

Quanto aos novos talentos, restava-lhes aproveitar as brechas que os editores pequenos recriavam, à sombra dos maiores; esses editores compensavam a fraqueza do capital a investir com maior abertura a novas sensibilidades, afinidades literárias com estreantes, disposição para arriscar. A partir da virada para o século XX, autores novos, inicialmente de poesia, em seguida romancistas e pensadores, tentaram criar estruturas às margens das principais empresas de edição, agrupando-se em revistas, núcleos por sua vez de editoras que viriam a ter importância futura.

Houve reações contra o domínio da cena e das regras pelos negociantes do livro, mas ainda assim os autores teriam que esperar os meados do século XX para recuperar, modificada é claro, a aura que os cercara nos salões da época do iluminismo e ocupar o lugar mais prestigioso do negócio editorial.

Os anos da segunda guerra repercutiram no negócio, com diferenças para cada país. Em comum, os editores (à exceção dos norte-americanos) sofreram os problemas de transporte terrestre e marítimo e de escassez e encarecimento de papel e outras matérias, que afetavam o dispêndio na produção e o lucro.

Na França, a ocupação de Paris teve efeitos desastrosos, entre eles dispersão de pessoas, editores impedidos de publicar, neutralidades questionadas, cizânias, mudanças de lado, editores condescendentes com os ocupantes condenados pelos pares²¹⁷. A libertação do jugo nazista encontrou o terreno da edição revoltado; os colaboracionistas foram alvo da retaliação dos antigos confrades; os que queriam se instalar podiam tentar fazê-lo; os que trabalharam de algum modo a favor da resistência podiam aparecer. É dessa época a maior afirmação no ramo das Éditions du Seuil. Alguns pequenos se estabeleceram, como Pierre Seghers.

Em Portugal intensificou-se o mercado interno da edição, mas este ainda tinha feições antigas, comandado por editores fracamente organizados em associações e desorganizados quanto aos projetos e à administração.

A julgar pelo depoimento de Rodrigues Lapa, diretor do recém criado editorial Seara Nova, eles tinham compromissos verbais com os autores; e estes, por sua vez, pareceram um pouco cativos aos olhos de quem empreendeu o inquérito: “... os editores

²¹⁷ Henri-Jean Martin, org. *Le livre concurrenté*. Paris: Promodis, 1986. p. 236.

oficiais de alguns destes escritores... resistiam a deixá-los transitar para a incipiente empresa... ”²¹⁸

Os maiores queixam-se que as pequenas editoras pulverizam os esforços, não tem capital, não tem planos; para enfrentá-las em seus segmentos, criam secções editoriais.

Todos reclamam que o retorno é lento e incerto, a publicidade nos jornais é cara, a crítica é tardia e insuficiente; mas a maioria reconhece que o negócio se desenvolve (mesmo conduzido de modo pouco racional), e não o abandona. Um deles disse que leitores não faltam, faltam bons romancistas e contistas.

Na ausência destes últimos, resta o domínio público, e os russos, por serem livres de direitos (bastava traduzi-los). Se uma editora se antecipa com uma determinada obra, não tem exclusividade e as demais já podem contar com um exemplar para servir de base à composição tipográfica.

Eles não deixam claro se tem autores da casa e parecem dar mais importância ao livro que ao autor, o que levou a pesquisadora que os entrevistou a escrever em sua conclusões: “É como se os livros nascessem ali na livraria”.²¹⁹

Nessa época voltou para Lisboa o editor António de Souza-Pinto, que anos antes havia se estabelecido no Rio de Janeiro, Rua do Ouvidor; mudou a firma, doravante chamada “Livros do Brasil”, criou sua coleção “de detetive”, e mais tarde passaria a editar autores brasileiros. Havia contornado a contração do mercado externo atravessando o Atlântico e imprimindo aqui a literatura portuguesa; agora iria superar a escassez de ficcionistas de lá enriquecendo seu catálogo de forma duradoura, com romances e contos brasileiros que lhe eram contemporâneos.

Pode-se pensar nos anos cinquenta como um estágio da cultura de massas em que mais rapidamente a instrução se alastra, e a leitura se expande -- de obras literárias inclusive, ao lado da de jornais e de escritos de ficção sem outra qualidade que a de entreter durante o descanso ou a viagem ao trabalho --; o livro tem então poucos competidores como meio de lazer, ócio, ou fruição, e o contrato entre o escritor que o criava e o editor que o produzia como mercadoria tangível passa a ser entre iguais.

Além disso, muitas vezes os outros meios de lazer, ócio ou fruição agiam sinergicamente em favor do livro, seja através de adaptações radiofônicas e

²¹⁸ Irene Lisboa. *Inquérito ao livro em Portugal*. Lisboa: Seara Nova, 1944. (composto e impresso na Gráfica Lisbonense, Rua da Rosa, 238). p. 216. Com perguntas pré-definidas ou abertas, a pesquisadora entrevistou os livreiros, trancreveu suas respostas orais e ao final fez comentário dos resultados.

²¹⁹ Ibidem, p. 239.

cinematográficas (e, mais tarde, televisuais) de obras literárias, seja através da divulgação por programas de rádio e por anúncios em jornais ou crítica em suas secções, páginas e cadernos especializados.

A adaptação do *GS.V* para o cinema é comentada pelo tradutor Villard, que assistiu o filme em Paris (carta 44) antes de sua exibição comercial no Brasil

O rádio se faz presente nos três blocos de correspondência. No primeiro, como possíveis meio de divulgação do romance e veículo de adaptação do conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”; no segundo, como efetivo meio de divulgação de autores, obras e prêmios, com espaço para crítica e entrevista (carta 33); no terceiro, como possível veículo de adaptação, desta vez da novela “Recado do Morro”(carta 18).

Os meados do século XX foram provavelmente uma época boa para os escritores. Seus direitos de propriedade intelectual haviam sido primeiro reconhecidos em seus países; mais tarde estes direitos foram reafirmados em convenção internacional (Berna, 1951), por delegações de países, assim desdobrados: direitos pessoais plenos à própria criação, e direitos patrimoniais sobre a obra, estes sim transferíveis. As disposições convencionais passaram a ser praticadas pelos países signatários em suas relações mútuas -- Brasil, Portugal e França incluídos.

Poucos anos depois da Convenção de Berna, Wilson Martins via o editor como alguém que ...“tira um benefício legítimo do produto de sua indústria: ele compromete capitais, fornece um trabalho e obtém um lucro...”²²⁰; ele tem sobre si o “peso da organização comercial e industrial”, impostos, taxas, salários, e custos variados; ele trabalha com “incerteza”. Uma coisa lhe parecia certa: que a prosperidade do editor “é condição de vida intelectual intensa”.

Mas a época foi propícia também porque ainda não havia chegado o tempo dos reagrupamentos e fusões de empresas do ramo de edição, que por sua vez logo seriam absorvidas em grandes conglomerados multimídia, onde quase sempre a publicação de livros tem parte secundária, mesmo diante outros materiais impressos.

As casas editoriais, portanto, ainda guardavam dimensões em que podiam subsistir as marcas da personalidade daqueles que as dirigiam, movidos em grande medida pelo gosto literário; os editores tinham contato pessoal com autores, a quem admiravam.

²²⁰ Wilson Martins. *A Palavra Escrita*. São Paulo: Anhembi, 1957. p. 482.

Um editor que entrou para a editora Randon House no final dos anos cinquenta, Jason Epstein, ainda entendia assim a profissão:

O negócio da edição de livros é por natureza pequeno, descentralizado, improvisado, pessoal; mais bem desempenhado por pequenos grupos de pessoas com afinidades, devotada ao seu ofício, zelosas de sua autonomia, sensíveis às necessidades dos escritores...
... a maioria dos editores que conheci prefere, como eu, considerar-se devoto de um ofício cuja recompensa é o ofício em si e não seu valor em dinheiro²²¹

Ao atingir a edição, a concentração de capitais, que já havia se dado em outros setores da indústria cultural, em outros meios de massa, absorve o empreendimento editorial, transformado em departamento de grande corporação; lá os editores descobrem que não podem exercer “a seu modo” sua função, vêm-se afastados dos autores. Ou próximos demais, pois durante uma temporada em Nova York Italo Calvino, colaborador da editora Einaudi, ao descrever o funcionamento da Randon House, observou: “O editor trabalha o livro com o autor; é coisa habitual que faça o autor corrigi-lo enquanto houver alguma coisa de que não gosta”.²²²

A Randon House comprou a Knopf em 1960. Juntas formaram um catálogo tal que seu presidente pode dizer que poderiam fechar pelos próximos vinte anos; afinal, ter Franz Kafka, Marcel Proust, William Faulkner, Thomas Mann... “é como ... encontrar ouro na calçada.”²²³

O grupo foi adquirido pela RCA em 1969. Epstein analisou o período:

“o ramo de edição de livros desviou-se de sua verdadeira natureza, assumindo, coagido pelas desfavoráveis condições de mercado e pelos equívocos de administradores distanciados, a postura de um negócio convencional.”²²⁴

Pórem, ao fazer um balanço da função que exerceu, aponta nela núcleo infenso aos limites e imposições da produção da mercadoria-fim, não importa em que ambiente tecnológico. Editar é um processo

tão improvisado quanto o é em si o escrever. A decisão de aceitar ou rejeitar um manuscrito, as estratégias de revisão e de divulgação, a escolha da arte gráfica e da tipografia o apoio emocional e financeiro aos autores; estes atos podem ser executados tão somente por seres humanos dotados das qualidades peculiares que formam um bem sucedido editor...²²⁵

²²¹ Jason Epstein. *O negócio do livro*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19.

²²² Italo Calvino. *Eremita em Paris: páginas autobiográficas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 46.

²²³ Jason Epstein, p. 31.

²²⁴ Idem, p. 21.

²²⁵ Idem, p. 46.

Dos dias em que Diderot escreveu sua *Carta* até os dias atuais, o ouro dos ativos de um editor é seu catálogo, e um bom editor é aquele que sabe montar um catálogo, feito com títulos de venda lenta mas constante e outros de ocasião, títulos de domínio público e outros novos. Entre os títulos novos, alguns -- raros, podem logo entrar na lista da venda constante e um editor mais que bom sabe identificar os autores capazes de produzi-los.

Pouco mais de dois séculos depois da publicação da *Carta*, Pierre Bourdieu usa critério assemelhado para analisar a estrutura do campo da edição: o peso relativo dos empreendimentos a longo prazo, voltado para o público *intelectual*, e a curto prazo. Assim chega à seguinte classificação: *as pequenas editoras de vanguarda*, como Maspero e Minuit; as ocupantes de posições intermediárias, ou antigas editoras de *tradição*, que têm em seu patrimônio uma força e um freio; e as *grandes editoras*, como Hachette. Sem desconsiderar a dinâmica vanguarda/ consagração e a composição mista dos investimentos, o sociólogo inclui na posição intermediária Flammarion, Le Seuil, Albin Michel e Gallimard, esta no apogeu da consagração no momento da escrita do ensaio (1972).²²⁶

Entre nós, José Olympio, exemplo incontestável do tipo editor mais que bom, reconheceu prontamente o valor de Rosa, e sabe-se que o apreço foi recíproco,²²⁷ fez fabricar, com cinco meses de intervalo, dois livros, objetos múltiplos a partir do “manuscrito” (quer dizer, datiloscrito), ou “original”, o que vai para a composição, e passa por provas, correções; revisões, maquinários, corte, encadernação, capa...; chega à propaganda, à venda, à leitura crítica e ampliada.

Mas e as edições estrangeiras, qual foi a estratégia, se é que houve? e a cronologia? e a geografia? Como um escritor brasileiro pode se tornar conhecido fora do Brasil -- isto é, ser traduzido e publicado em poucos mil exemplares, receber resenhas, ficar nas livrarias algumas semanas ?²²⁸ Dadas a formação histórica da nação brasileira e sua inserção no sistema mundial, o reconhecimento de um produto cultural daqui pelo centro não era coisa tão “natural”, como seria o caso inverso, da aceitação de um produto de fora no antigo espaço de colonização que é o nosso.

²²⁶ *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2008. p. 106. (itálico do autor). Penso que a casa de Pierre Seghers esteve entre as *pequenas de vanguarda*.

²²⁷ Na dedicatória do *Corpo de Baile*, o autor escreveu “A JOSÉ OLYMPIO -- generosa inteligência e formidável valor a serviço da Cultura Brasileira, -- sincera homenagem de admiração, gratidão e amizade do seu Guimarães Rosa. Rio, 27-II-56. Dario Luis Borelli. “José Olympio, editor de Guimarães Rosa”. *Estudos Avançados*, São Paulo: IEA, v. 20, n. 58, p. 65-72, set./dez. 2006.

²²⁸ Italo Calvino, p. 245.

Tentarei responder essas perguntas a partir da correspondência aqui recolhida e de fontes secundárias. Quando isto não for possível, arriscarei algumas suposições, no intuito de testá-las.

Argentina e França foram os primeiros países a publicar o escritor (1958).²²⁹ Em ambos a publicação iniciou-se com o gênero conto, o mesmo “... Matraga”. Na França, o conto figurou numa antologia, organizada por Juan Liscano, o poeta e ensaísta venezuelano então no exílio. O editor, poeta também, se não estava entre os maiores, era reconhecido naquele meio editorial mais voltado para o ciclo longo de produção, do qual era um segmento²³⁰. A antologia por sua vez fazia parte de uma coleção, aberta a novelistas estrangeiros, agrupados por continente. Foi como autor latino-americano que Rosa entrou no meio literário francês.

E para tal deve ter contribuído o estágio em que se encontrava a novelística dos países subdesenvolvidos, cuja realidade econômica mantinha a dimensão regional como objeto vivo²³¹. Superada a primeira fase, do regionalismo pitoresco, as *tendências regionalistas* foram transfiguradas pelo realismo social e deram origem a romances significativos, nos anos trinta e quarenta. Passo seguinte, seus contornos humanos adquirem universalidade, por meio do refinamento técnico atingido, dos elementos não realistas, da magia das situações, do emprego do monólogo interior. A obra de Guimarães Rosa seria tributária deste super-regionalismo. Ou, dito de outra forma, a síntese entre as tendências de vanguarda e a presença da realidade local “(*talvez... seja o motivo principal do impacto da nossa narrativa no tempo do famoso boom.*)”²³²

O autor achou necessário esclarecer que a autorização inicial valia apenas para a edição da antologia e que futuras adaptações do conto para outros meios exigiriam nova permissão. Pronta a antologia de autores latino-americanos²³³ (e aqui começa de fato a troca de cartas), o editor Seghers tenta obter para si -- sem sucesso, como se viu --, o grande romance do autor brasileiro. Para isso dirigiu-se primeiro ao editor José Olympio e logo em seguida ao escritor. Talvez fosse essa a praxe da profissão, mas a resposta, acompanhada da oferta de *Sagarana*, veio de Rosa, saído do silêncio e a quem vemos conduzir a negociação subsequente ao mesmo tempo que se entendia com Seuil e Albin

²²⁹ Plinio Doyle. op. cit., p. 217.

²³⁰ Penso que a casa de Pierre Seghers esteve entre as *pequenas editoras de vanguarda*.

²³¹ Antonio Candido. “Literatura e Subdesenvolvimento”. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987. p. 161.

²³² Antonio Candido. “Uma visão latino-americana”. In: Lígia Chiappini e Flávio Wolf de Aguiar (orgs.) *Literatura e História na América Latina: Seminário Internacional*, 9 a 13 set. 1991. São Paulo, Edusp, 2001, p. 269. Nessa intervenção o crítico brasileiro aborda um estudo de Angel Rama.

²³³ A indefinição do título durante sua preparação foi mantida na transcrição das cartas feita acima.

Michel. O caso poderia servir de exemplo do procedimento das grandes casas de, após a recepção favorável por críticos e leitores, absorver autores surgidos às suas margens, graças aos pequenos editores.²³⁴

Não foi possível até aqui conhecer os termos dos acordos com as duas casas, respectivamente sobre *CB* e *GS:V*. Porém, na comunicação epistolar entre Rosa e Seghers havia transparência, fidelidade aos fatos, compromissos decorridos a serem honrados, em meio a aspirações confessas ou recônditas. A julgar por este pequeno episódio, parece que no negócio da edição literária existiam lealdades a princípios e a pessoas, e as partes se encontravam em condição de confiança na palavra ouvida ou lida.

É possível dizer, no entanto, que no final dos anos cinquenta a sorte do escritor na França estava lançada, e era boa, já que as opções por ele concedidas sobre obras enviadas foram aceitas por ambas as editoras; isto sem contar que a tradução francesa, a edição parisiense era importante “instância de internacionalização”²³⁵ dos escritores latino-americanos.

A correspondência Seghers/ Rosa teria se encerrado aí, não fosse, três anos mais tarde²³⁶, o retorno da questão da adaptação do “... Matraga” para o rádio e a televisão. A casa Seghers havia passado pela mudança da moeda nacional, dos francos para os NF, e nesse intervalo havia quase dobrado o capital.

A questão, tratada pessoalmente pelo autor nas viagens de 1962 a Berlim, final de setembro, e a Frankfurt, início de outubro, foi também a oportunidade para a regularização do pagamento dos direitos sobre o conto da antologia.

Assunto delicado, denegado, foi mencionado numa carta, que o encontro com Piault, secretário das Éditions Seghers, durante a feira internacional do livro, livrou Rosa de enviar. Tudo indica que o secretário transmitiu a conversa a Seghers, que respondeu com o pagamento. Rosa teria cedido o conto de toda maneira, é o que parece. Mas o fato de receber por ele, o que em momento anterior poderia ter sinalizado um

²³⁴ Jean-Ives Mollier, 2006, p. 708.

²³⁵ Pierre Rivas. “Paris como a capital literária da América Latina”. In: Ligia Chiappini e Flavio Wolf de Aguiar (orgs.) *Literatura e História na América Latina*: Seminário Internacional, 9 a 13 set. 1991. São Paulo: Edusp, 2001, p. 101. Existiam centros literários como Havana, México, Buenos Aires e São Paulo, mas, em função de seu relativo isolamento, o encontro se dava no campo “neutro” que era Paris.

²³⁶ No mesmo ano, Pierre Seghers foi um dos quatro nomes indicados por Vinícius de Moraes para fazer versões francesas de seus sambas e canções, junto à gravadora Barclay. Carta a Roberto Assumpção, 2 de abril de 1962. Vinícius de Moraes. *Querido poeta: correspondência de Vinícius de Moraes. Seleção, organização e notas Ruy Castro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 264.

compromisso indesejado, agora é um gesto de afirmação do escritor profissional -- além de representar aporte monetário.

Ele recebeu 152 NF pelas 38 páginas; e a carta que escreveu em seguida para tratar dos direitos da adaptação a serem negociados com emissoras foi precedida por dois rascunhos, com rasuras, acréscimos, cortes diversos. Entre agradecimentos, elogios e reconhecimento a quem “*primeiro fez aparecer meu nome e texto meu na Europa*” e defendeu “*na França a literatura da América Latina*”, terminou a troca epistolar, episódio da troca cultural em andamento.

A correspondência com o editor português começou no hiato da anterior.

No timbre do papel de carta de sua firma, onde se lê: Editores, Impressores, Livreiros, leia-se Ant3nio de Souza-Pinto, o negociante dedicado que sabia enxergar valores literários e com eles criar oportunidades de ganho, mesmo quando os efeitos da condiç3o pol3tica de Portugal sobre a vida cultural eram motivo de queixas por parte de seus colegas ou confrades.

Possuía oficinas gráficas modernas e, embora não tivesse naquele momento livrarias, contava com uma extensa rede de distribuiç3o para seu produto pelo pa3s afora²³⁷. Fazia publicar em jornais de Lisboa, Porto e cidades de província notas, resenhas ou críticas²³⁸. Mantinha-se em contato com editores europeus. Portanto, é de crer que a fórmula presente na primeira carta (5) a ele enviada pelo autor, “*Feliz de entrar assim a associar-me aos empreendimentos de sua grande Editora, e de poder aproximar-me dos leitores de Portugal, ...*” expresse a satisfaç3o verdadeira com o editor.

O tom de simpatia em que Rosa se dirige a ele brota na construç3o de frase, com seu uso do tempo verbal, mais português... *entrar ... a associar-me aos empreendimentos...* . Ele termina por escrever seu lugar de autor no sistema de ediç3o, em que se sabe detentor de um bem ímpar. O tom de simpatia e o lugar de autor se mantiveram praticamente inalterados na duraç3o da troca.

Sempre em impresso idêntico, os contratos para o *Sagarana* e os três volumes do ciclo novelesco seguiram quase iguais. A tiragem de três mil e duzentos exemplares se

²³⁷Devo as informaç3es a Alberto da Costa e Silva, a quem agradeço a breve entrevista por telefone. Rio de Janeiro, 08/06/2010.

²³⁸Arquivo IEB, Fundo JGR, S3rie Recortes, doc: R 14, 3, 4; R 14, 3, 8; R 14, 3, 11; R 14, 3, 14 e outros.

dividia em três mil para venda, cento e oitenta para crítica e divulgação, vinte para o autor. Este recebia um adiantamento de cem dólares, e tinha seus direitos -- de dez por cento sobre o preço de capa dos três mil exemplares -- liquidados por ocasião do lançamento.

A destacar, a licença exclusiva acordada livro a livro e a opção para toda a obra, editada ou a editar no Brasil. A opção neste caso significa que, mesmo sem o editor ter se decidido a publicar outras obras de um autor de seu catálogo, até que ele se manifeste em contrário o autor não pode cedê-la a outro; ou seja, o contrato para o primeiro livro assegura o direito futuro sobre os demais. O contrato ratifica a intenção de Souza-Pinto expressa desde o início (carta 2), de publicar todos os livros de Rosa. Não foi o que aconteceu com a edição deles na França, onde a opção foi concedida e as obras foram negociadas separadamente, e onde, pode-se dizer, os livros de contos despertariam interesse menor.

Rosa recebeu de Souza-Pinto “*o primeiro exemplar saído de nossas oficinas gráficas*”, os cheques, os vinte exemplares e a promessa de editar *GS: V* (carta 9).

“*Vivamente contente*”, o escritor elogiou os aspectos do objeto, a revisão, o prefácio e o glossário²³⁹, e (de novo o tom de simpatia), ao se apropriar de uma expressão usada pelo editor, “*invulgar interesse*”, retribuiu a homenagem recebida inserindo-a na forma da escrita. Como seria de esperar, os artifícios literários se integram à comunicação epistolar, a ponto de ser possível reconhecer em uma frase, por exemplo “*entusiasma-me-imenso -- em alegria!*”, o estilo encontrado na sua ficção.

Os leitores iam se somando aos milhares em Portugal, localidades de fala portuguesa na África e, a partir do *Buriti* parisiense, nos países ou regiões da francofonia.²⁴⁰ Antecipação e divisão do *Corpo de Baile* foram sugeridas pelo escritor (carta 10) e aceitas pelo editor (carta 11) em vista do acréscimo que possivelmente trariam a esse universo.

Enquanto lá Souza-Pinto cuidava do *Miguilim e Manuelzão*, aqui Rosa cuidava das suas *Primeiras Estórias* e de seus contratos e publicações estrangeiras. 1962 deve ter sido um ano vertiginoso.²⁴¹ Em fins de setembro seguiu do Colóquio de Berlim para

²³⁹ Fora do Brasil é o primeiro sinal da importância que o autor atribuía ao “paratexto” editorial; este lote e o seguinte trazem exemplos mais fortes de suas tentativas de se fazer presente no campo usualmente reservado ao editor.

²⁴⁰ Pierre Rivas observou que uma tradução para o francês não tem a mesma ressonância se for outro o local de edição. loc.cit.

²⁴¹ Sobre a feira, o tradutor alemão escreveu a Rosa: “... lá o Senhor poderá falar num único pedacinho da cidade com todos os editores do mundo”. Bussolotti, 2003, p. 199.

a Feira de Frankfurt, em outubro estava de volta. A remessa para Lisboa do “amarelinho”, tido como “*um livro de sorte*”, foi anunciada em carta de 12 de outubro, muito naturalmente, isto é, deslizou para o meio de uma série de notícias e aí ganhou relevo, com a alusão à publicação de “A Terceira Margem do Rio” na revista *Planète*. Antes mesmo de receber a pergunta, respondia ao editor português: “*tudo vai bem em Portugal, França, Estados Unidos, Itália, Alemanha*”.... Isto significava edição em andamento por Livros do Brasil; Seuil e Albin Michel; Knopf/ Random House; Nuova Academia Editrice e Feltrinelli; Kiepenheuer & Witsch.

As cartas 12 (Rosa) e 13 (Souza-Pinto) foram escritas no mesmo dia e se cruzaram, fato que o escritor tomou como o “*mais simpático e auspicioso dos sinais*”. Retomarei adiante uma certa concepção de mundo insinuada em sua interpretação.

Em sua próxima carta (14), o escritor explora e reforça o efeito de sinergia da edição simultânea em vários países, atitude que se torna uma constante. Além das informações solicitadas pelo editor, transcreve trechos de artigos de jornais do Rio de Janeiro sobre *Primeiras Estórias*, um deles muito arguto e simpático de Carlos Drummond de Andrade²⁴². E reproduz excertos de críticas publicadas em periódicos de Paris, Bruxelas, Genebra e Lausanne sobre as duas partes do *Corpo de Baile* francês, que mostram a ótima acolhida das novelas. Quem lê a correspondência com o tradutor francês vê transparecer uma pequena intriga nos diferentes comentários à tradução aí contidos: enquanto para um crítico (René Lefèvre) ela tinha preservado todo frescor e espontaneidade da obra, para outro não havia recebido cuidados à altura. Este outro era Pierre Furter, candidato a tradutor que acabaria preterido em favor de Villard. Sob esse distanciamento aparente que consiste em transcrever opiniões opostas, talvez se encontre um retorno da ambivalência do autor em relação ao desempenho linguístico de seus diversos tradutores (à qual voltarei oportunamente).

Três semanas depois manda outra, em que não só retoma como se fosse nova a idéia do ano anterior, da tripartição do *Corpo de Baile* (“*uma pequena idéia, que ontem me acudiu*”), mas também a justifica com raciocínio de editor. Fala em “*apresentação mais leve e mais chamativa*”, diz que “*esse aligeiramento de doses da matéria viria a ajudar o leitor a achar menos difícil ...*”; alude à importância do conhecimento do meio leitor português por Souza-Pinto, a quem finge deixar a decisão. Raciocínios deste tipo

²⁴² Arquivo IEB, Fundo JGR, Série Recortes, doc. R7, 120. 19/09/62. Nos meses seguintes, outubro a dezembro, “Porta de Livraria”, coluna de Eduardo Lys no jornal *O Globo*, publicou a lista dos *best-sellers* da semana, entre os quais *Primeiras Estórias* esteve em terceiro, segundo e quarto lugar.

em nada ferem a integridade do livro, sempre a salvo de considerações semelhantes. Seriam a expressão do desejo incontornável de ser lido, entendido e apreciado, que ressurge no zelo com títulos, revisões e traduções, apresentação e tudo mais que envolve a passagem da criação à publicação.

Consegue seu intento, recebe, assina e devolve “*na maior alegria*” via do contrato de *Miguilim e Manuelzão*, e repete o procedimento que chamei de simpatia, de se apropriar de expressão usada pelo remetente.

Palavras do editor português, “meter à frente de outros originais já programados, tal é o meu empenho de publicar seu belo livro” reaparecem na resposta do escritor como “... à frente de outros originais brasileiros já programados, tal é o seu empenho ...”, acompanhadas de elogios à terra e à gente lusa, aos sabores, ao mel de abelhas do Algarve, entre “*pólem*”, “*néctar de amendoeiras em flor*”... (carta 18).

As três cartas seguintes têm por fim colaborar com o editor na divulgação do *Miguilim e Manuelzão*: lidos hoje, os trechos de crítica transcritos e enviados para possível reprodução em Portugal dão uma justa noção da calorosa recepção de *Corpo de Baile*, que mobilizou nomes importantes e os principais órgãos da imprensa brasileira (carta 19). Dos vinte exemplares que lhe cabiam, o autor abriu mão de oito, destinando um para a tradutora americana e os demais para casas editoriais estrangeiras (cartas 20 e 21), sempre por intermédio da editora de Souza-Pinto.

Na carta seguinte (22), de março de 1964, o editor trata dos negócios: o envio por via aérea do exemplar de *Miguilim...* (os outros seguiriam via marítima) e do cheque, e a proposição do *Grande Sertão: Veredas* brasileiro para o Prix Formentor, por delegados portugueses. O lançamento do livro é concomitante à liquidação dos direitos para o autor: confiante no sucesso do trabalho empreendido, o editor podia esperar pela realização do capital investido, que viria aos poucos da venda em livraria.

Na história do Brasil, mal saído de anos de confiança no futuro e alguns bons sucessos, sobreveio a queda do presidente João Goulart.

Em 7 do mês de abril, o escritor responde (carta 23): entre boas notícias de seus livros, fala em “*alegria*”, “*agradecimentos*”, “*entusiasmo*”, “*feliz*”, “*satisfação*”. Como já havia ficado patente em sua correspondência com Harriet de Onís²⁴³ (com quem à época colaborava, por meio de extensas sugestões, na tradução dos contos de *Sagarana*), o abalo na vida política nacional não afetou sua disposição.

²⁴³ Verlanguieri, p. 261 - 265.

Não é possível ter deste fato passado a mesma percepção que tiveram seus exatos contemporâneos. Nem projetar sobre ele no momento da eclosão a interpretação que só a posteridade lhe pode conferir. A que ponto a extensão das consequências danosas já era visível àquela altura? Que alternativas estavam em confronto? Que promessas acalentadas tiveram de ser abandonadas?

São perguntas até certo ponto ociosas, que pouco tem a ver com o enraizamento da obra literária em si, aqui ou alhures, é certo. Sua escala temporal não é a do evento, ela está forçosamente entranhada na duração dos fenômenos culturais, deve à tradição, opera ou afirma rupturas. O criador daquelas páginas pungentes e belas que entre tantas coisas retratam a nossa desdita, brasileira, recriada por exemplo no Mutúm, parecia saber que a potência das novelas se manteria inalterável, acima da corrente dos eventos. Pensando no papel da ideologia na construção da obra de arte, Alfredo Bosi escreveu:

Partindo de uma plataforma comum, que é a inter-relação de sujeito e objeto, o discurso político e o discurso ficcional caminhariam em direções diversas, na medida em que a lógica da decisão e da ação tem necessidades que não coincidem com a lógica da imaginação criadora.²⁴⁴

Em julho Rosa escreveu a última carta (30) daquele ano ao diligente diretor da Livros do Brasil Ltda., na qual agradece o “*cordial interesse*” e “*afetuoso empenho*” nas gestões para atribuição do Prix Formentor ao *GS:V*; juntou-se a essas gestões; criticou muito favoravelmente a intervenção do crítico português e delegado no júri do prêmio, Óscar Lopes; fez repercutir a apreciação de Roger Caillois sobre a recepção do livro nas discussões lá transcorridas; explicou com cuidado a estrutura da terceira edição brasileira de *Corpo de Baile*, em vésperas de sair, tendo em mente a continuação da edição lusa; e despediu-se *com a amizade*.

O prêmio internacional, hoje percebido como respiro poético em paisagem então inspiradora²⁴⁵, alternativa à pesada atmosfera do franquismo, unia critérios estéticos a considerações próprias do negócio editorial. Captava para o centro europeu a melhor produção literária das áreas periféricas daquele e de outros continentes e, por garantir a tradução e assim tornar possível a circulação do livro ganhador em vários países, constituía instância de legitimação cultural na escala do mundo ocidental.

²⁴⁴ Alfredo Bosi. “Passagem para a interpretação literária”. *Ideologia e Contraideologia: temas e variações*. São Paulo: Companhia da Letras, 2010. p. 394.

²⁴⁵ <http://mas.laopinioncoruna.es/suplementos/2009/10/03/el-espiritu-literario-de-formmentor-medio-siglo-despues/> Escrito por Matías Vallés. Acesso em 08/05/2011.

Na vida prática, o capital investido num livro qualquer de boa venda irriga as etapas de fabricação, com encomendas, compra de papel, salários, arte gráfica, provas, revisão, novas provas, composição, impressão, corte, encadernação, capa; a cadeia se estende com distribuição, propaganda, livraria, vendas, retornos e lucros.

Obter um livro excepcional vai além, aumenta o catálogo e o patrimônio material e simbólico, projeta ganhos futuros. Os cosmopolitas editores nacionais, europeus principalmente, artífices do prêmio, em consórcio, ao criarem para o mercado livros em que viam valor permanente, otimizavam seus lucros²⁴⁶ e supriam, ou nutriam, a porção exigente do leitorado.

Nos próximos dois anos, foram somente duas cartas para a casa de Lisboa: maio de 1965 (carta 37), em resposta às três vindas de lá em fevereiro, abril e maio; e maio de 1966 (carta 44), em resposta às três recebidas em fevereiro, março e abril. Mas intensificou-se no mesmo período a correspondência com o tradutor francês, que retomarei adiante.

As cartas de Lisboa, Rua dos Caetanos, 22, desde o início mostram que havia um certo planejamento no negócio: fechar os contratos no começo do ano, lançar a edição em outubro ou novembro. Foi assim em 1961, quando chegou correspondência no começo do ano (inclusos o contrato e o cheque do adiantamento) e no fim do ano, para o anúncio do envio do primeiro exemplar (incluso o cheque para liquidação). Em 1963 o padrão se repetiu, com atraso de alguns meses. Em 1965, o contrato veio junto com o lançamento (e liquidação), por *inérito lapso*.

A firma de “impressores, editores, livreiros lda.” tinha de produzir e (ou) distribuir matéria para divulgação, principalmente em jornais. Possuía seu próprio boletim, pertencia à agremiação nacional, que também possuía o seu, e buscava a publicação de artigos em periódicos de muitas cidades, onde ainda fazia anúncios pagos na época pertinente. No país pequeno não faltava capilaridade ao negócio da livraria, é o que parece.

As demais cartas se destinavam a abastecer ou dar conta do trânsito dessa matéria, sem o qual os trabalhos do diretor não seriam devidamente recompensados. Os leitores, afinal, são encontrados nos jornais.

²⁴⁶ Idem. Do ponto de vista de escritor, Jorge Luis Borges, agraciado em 1961, *...reconheceria que alcançou o limite das grandes vendagens “por ese premio que me dieron en las islas. Yo creo que a partir de entonces escribí mejor, desde luego”*. [http://mas.laopinioncoruna.es/suplementos/2009/10/03/el-espiritu-literario-de-formentor-medio-siglo-despues/Esrito por Matías Vallés](http://mas.laopinioncoruna.es/suplementos/2009/10/03/el-espiritu-literario-de-formentor-medio-siglo-despues/Esrito%20por%20Mat%C3%ADas%20Vall%C3%A9s). Acesso em 08/05/2011.

Mas se o assunto da programação radiofônica for literatura, os leitores também podem ser encontrados entre os ouvintes do rádio, daí a firma patrocinar programa de entrevistas com autores e críticos. Convidado a participar, o editado brasileiro da casa não mostrou interesse nessa modalidade sonora de divulgação, embora prezasse muito os recortes da imprensa que iam para o público em múltiplas direções e vinham para as pastas de seu arquivo.

Por trás desse perfil comercial, as cartas de Souza-Pinto mostram sua atraente persona epistolar. Ao pedir notícias detalhadas das demais editoras de Rosa -- dadas copiosamente por este em seguida --, acrescentou (carta 13):

evitaria maçá-lo a si, pois sei como é avesso a estes pequenos problemas que, todavia, são de tanta importância para o editor. Porém, decerto compreende que tais notícias, quando publicadas nas páginas literárias aqui existentes, contribuem bastante para despertar interesse à roda de um livro e de um autor.

Seu tom é de conversa, é o velho modelo do “natural” em ação. “...*deixe-me dizer-lhe que elas [as palavras] bastaram para me encher de regozijo, se a satisfação de ser seu editor em Portugal não fosse já motivo de orgulho.*” Ele é claro, sereno, de uma gentileza que aflora no formalismo, seu humor é sutil. “*A crítica está em atraso relativamente ao movimento editorial, de forma que, em Portugal, quando o público lê as críticas já tem seu juízo feito e lê-as só para saber se gostou certo ou errado.*”, escreve ao Prezado Amigo Dr. João Guimarães Rosa (carta 11).

Ele se expressa como um profissional que trabalha num mercado livreiro de dimensões reduzidas, sujeito a flutuações de conjuntura. Mas localiza acima do mercado o valor de autor e obra, conhece a crítica, os leitores, a relação entre ambos.

Ao receber resposta da Seix-Barral à sua remessa do *Miguilim...*, que prometia decisão da comissão de leitura, o editor procura se esclarecer com o autor: o envio significaria concessão de opção? O esclarecimento não veio. O que sei até aqui é que a casa de Barcelona publicou *Gran Sertón: Veredas* três anos depois, e deve ter negociado os direitos diretamente com o autor.

E parece que não era incomum uma editora dirigir-se à outra para solicitar opção por determinada obra. Seghers escreveu a José Olympio²⁴⁷, uma casa de Berlim escreveu à Livros do Brasil, informação repassada a Rosa (carta 31). Pode-se dizer que editores de nações européias intermediavam por confrades seus contratos internacionais.

²⁴⁷ Carta 5, 05/05/58.

Entretanto, havia modos não institucionais de atrair os autores e livros para editoras, e retomo um deles, já referido.

Em Paris, Roger Caillois escreveu a Lourival Gomes Machado comentário sobre a boa acolhida ao nome do romance roseano na reunião do Prix Formentor em Salzburgo (1964); dizia que a Gallimard tinha interesse em obras futuras do escritor brasileiro. De Lourival Gomes Machado a carta chegou às mãos de Rosa, que, no Rio de Janeiro, a copiou em duas das dele, remetidas para Lisboa (carta 30) e Hamburgo²⁴⁸. As inconfiências não iriam ao encontro das intenções do primeiro missivista, o articulado amigo de Victoria Ocampo, que havia morado em Buenos Aires, era membro da comissão para leitura da Unesco, e representante da editora francesa? O conteúdo se desprende do original, não pertencia mais a Roger Caillois. Apesar do que disse, e com razão, Phillipe Lejeune.

Souza-Pinto fez coisa parecida com partes de carta a ele dirigida (carta 31) para efeito da próxima premiação: “*tomo também a liberdade de lhe transcrever ... do Dr. Óscar Lopes...*”; assim retomou o ponto já tratado, da importância de ter a tradução francesa publicada, já que alguns críticos membros do júri tinham dificuldade de ler o escritor brasileiro no original.

A Livros do Brasil. Lda. ia bem, em expansão, seu diretor tinha nos planos uma livraria “na rua mais central do Porto” (carta 33). Para o homem de letras, se um assunto era incômodo -- “gralhas”, ele nem por isso deixa de abordá-lo. Pronto a fazer reparar erros (mencionados por um terceiro, oralmente, como um ruído na troca de cartas), ainda trata de resguardar a competência do profissional de sua firma. E depois de receber resposta, com promessa do escritor de reler *Miguilim...* e *A aventura nos Campos Gerais...*, inicia o contato seguinte por ...*muito grato pela sua carta, tão amável e amiga*, reiterando a disposição de emendar o texto.

E renova antigo convite de viagem. Naqueles anos, quando o interesse por um escritor ainda vinha da leitura de seus livros, Souza-Pinto teria gostado de apresentar o autor aos leitores -- de certa forma ele os havia criado²⁴⁹.

²⁴⁸ Bussolotti, 1997. p. 402

²⁴⁹ Na cultura de massas do século vinte, na literatura consumida por amplas faixas, houve um tempo em que não importava muito de quem era o nome que estava na capa, um hipotético *Noite azul*, de um desconhecido M. podia vender bastante, por um período curto. Não é dessa literatura que se trata aqui, mas de todo modo, nos anos sessenta, o brilho de um escritor não tinha se descolado do que ele escrevia, como parece se dar atualmente. Parece haver uma espécie de inversão, o culto da pessoa do escritor de hoje se substitui aos critérios de valor intelectual ou estético de sua obra.

Se outro assunto é melindroso, por envolver política e diplomacia, o editor o trata com habilidade. ... *estes obstáculos decorrem de um mal-entendido e não de um temor real de que a comparência do Dr. Óscar Lopes nas reuniões do “Prêmio Internacional de Literatura” possa vir a prejudicar a política do regimedadas as relações que o ilustre Amigo tem na vida diplomática brasileira cuidei eu... que talvez lhe fosse possível realizar uma diligência...* Já mencionei como a “atual situação política portuguesa” entrou na troca de cartas e trouxe o novo missivista, Óscar Lopes. Conhecendo os livros de Rosa, ele teria feito, se tivesse podido comparecer à reunião anterior do Prix Formentor, melhor defesa do GS: V do que fez seu colega espanhol ao ler a intervenção.

Não houve reunião, o prazo do livro decorreu, o Prêmio entrou em declínio (em 2009, passados cinquenta anos, pareceu renascer²⁵⁰, na mesma ponta de ilha do agrado de importantes editores, poetas e romancistas que lá estiveram na época de sua criação).

Ao silêncio de seu editado, responde que *não tenho tido a alegria de receber notícias suas, mau grado as minhas cartas de ...* e, em outra ocasião semelhante, ... *fico-lhe muito grato se me fizer o obséquio de proceder à devolução das provas...*; e ainda *contudo eu remeti-lhe [recorte] por via aérea. Oxalá se não tenha extraviado.*

O editado, atribulado com questões do Itamaraty, dirigindo-se enquanto escritor a outros destinatários e a tradutores, confiante no bom andamento da edição em Portugal, acabou por deixar as correções para a firma lisboeta (“*os autores não são bons revisores de seus próprios textos*”) e restringiu seu contato aos motivos práticos, como o estudo português de Óscar Lopes que quis fazer acompanhar nova aparição de *Sagarana* no Brasil (1967).

Autor, o bem que ele possuía era o mesmo desejado pelo editor. Ele forja sua persona literária. Disto deriva a persona epistolar com que se apresenta: a de um artífice da *escrita*, no lugar de confluência das práticas dela submetidas a modelos -- pois são cartas entre pessoa e pessoa/firma, e das formas dela livremente ficcionais. Sempre se vale dos meios expressivos com largueza e fartura, mesmo quando quase afirma o contrário, como na resposta (carta 43) ao crítico português que lhe havia escrito três meses antes.

“Tanto, aliás, tinha a dizer-lhe e expressar-lhe, de espírito e coração, que nada fácil me ficava fazer isso em carta. Por mais que a gente dê, em altos casos assim, tudo fica chôcho e pequeno, o que as

²⁵⁰ José Saramago tinha em mente comparecer, mas só pode enviar seu texto, que foi lido. *José e Pilar*. Dir. Miguel Gonçalves Mendes. Brasil, Espanha, Portugal, 2010.

palavras apagam, no formal, no convencional. Só posso lembrar-me, e comovido, do que tem tentado e feito, espontânea, incansável, admiravelmente, pelo meu livro, pela minha obra, pelo prestígio das “literaturas de nosso domínio linguístico”.”

As “literaturas de nosso domínio linguístico” encontram-se *ipsis literis* na carta recebida do crítico.

A persona reveste alguém que entrega seus livros, mas não por inteiro; alguém que não se separa das criaturas, que vão se somando e multiplicando, o que faz com que ele tenha de multiplicar as atenções.

Do ponto de vista jurídico, o autor tem direitos pessoais sobre a criação, inalienáveis. Existe um contrato, e os direitos patrimoniais são transferidos. O valor intangível se converte numa quantia, expressa na moeda-padrão, escudos, cruzeiros.

Para cada uma das quatro edições, conforme se depreende dos avisos de lançamento²⁵¹ enviados pelo editor ao autor, o preço de capa de exemplar foi de 45 escudos (*Sagarana*) e 40 escudos (volumes do *CB*), o que significa 135.000 para o o livro de contos e 120.000 escudos para cada parte do ciclo de novelas; pela venda dos três mil exemplares. A quantia era assim dividida, por contrato: dez por cento, ou 13.500, 12.000, 12.000, e 12.000 escudos para o autor; os restantes 121.500, 108.000, 108.000 e 108.000 escudos para o editor.

Os valores dos contratos sucessivos de *Sagarana* mais os três livros de “*Corpo de Baile*”, convertidos em dólares, foram respectivamente de 468,10; 364,43; 413,17; 412,82. O valor total obtido pelo autor com a venda de direitos autorais dos quatro livros foi portanto de 1658, 52 dólares. Distribuído por seis anos.

O editor tinha recebido e produzido os livros. Cumpriu sua programação, talvez com orgulho discreto. O término da edição tripartida de *Corpo de Baile* coincidiu com a incorporação “à Casa-Mãe de toda uma organização livreira com estabelecimentos dispersos pelo país”. Em sua última carta ao escritor, Souza-Pinto diz: “Faço votos por que ... novas obras vão surgindo... não as esquecerei nas programações da Coleção “*Livros do Brasil*” logo que surja uma oportunidade na nossa linha editorial.” Ele não

²⁵¹ Não foi localizado na sub-série o Aviso de Lançamento referente ao *Miguilim e Manuelzão*, mas nada indica variação de seu preço de capa, que é a base para cálculo dos direitos. A Série Recortes do Fundo JGR (R14, 3, 31) contém anúncio em jornal de Lisboa, 1. jan. 1965: “De novo junto do leitor português um dos/escritores brasileiros mais importantes dos nossos dias//João Guimarães Rosa//o autor de *Sagarana* e *Miguilim e Manuelzão* assina o novo volume da Coleção Livros do Brasil// *A Aventura nos Campos Gerais*//preço 40\$00//A venda nas livrarias - pedidos contra reembolso postal aos editores//Livros do Brasil/Rua dos Caetanos, 22 - Lisboa”.

fala de GS: V, nem de *Primeiras Estórias*, livros que ficaram sem edições portuguesas. Estaria pronto a continuar? “*Fico aguardando o prazer das suas notícias,*”...

Pela troca epistolar completou-se um episódio de intercâmbio cultural, e o melhor da literatura brasileira de então expandiu-se firmemente pelo campo lusófono, a princípio dentro e mais tarde fora da península. A série de eventos da vida social e intelectual dos dois países revelada nas cartas acabaria por se estender sobre a longa duração das relações triangulares que unem Brasil, Portugal e África, atualizando-as. Alguma deriva, nenhum isolamento. Neste caso a correspondência entre autor e editor foi uma jangada de papel cuja carga simbólica transportada com delicadeza se replicou ao aportar.

No episódio português que acabo de rever, a edição dos livros não se separou da escrita epistolar, desde o início se fez por meio dela. E, como é sabido, as traduções também não se separaram. A tradução é parte da replicação literária feita sob comanda da editora/fábrica pertencente a outra nação/língua.

O lote que trata da tradução francesa poderia estar entre um outro, do qual ele tem rastros diversos. Ler-se numa carta a Villard: *já escrevi ao Chodkiewicz* é coisa diferente de se ler a carta ao Chodkiewicz. A carta enviada deve existir, mas o Arquivo só tem um rascunho, incompleto (será apresentado adiante).

Autor e tradutor escreviam um ao outro; tradutor e editores se encontravam; e o autor se fazia representar pelo tradutor e outros junto aos editores, o que não é novidade.

Mas esta correspondência com tradutor se diferencia das demais, seja daquela em que é a relação é mais professoral (com de Onís e seus questionários), ou daquela em que transparece um tom mais íntimo ou afetuosos (com o Bizzarri encantado pelo texto original), ou daquela em que mais se aprofunda a discussão intelectual das obras e da questão tradutória (com Meyer-Clason).

De um lado há a persona que se repete no manejo das formas expressivas e no ensejo de se fazer lido e entendido. Diplomático, cativante, blandicioso, Rosa via também no carteio com o tradutor francês a possibilidade de intervir na tradução e assim continuar um pouco a escrever suas peças de ficção, através da ênfase, da acumulação ou da iluminação de sentidos²⁵². A diferença, portanto, não está aqui.

²⁵² Pierre Bourdieu, quanto ao campo das artes visuais, observa que “o discurso sobre a obra não é um simples acompanhamento, destinado a favorecer sua apreensão e apreciação, mas um momento da

De outro está um tradutor que se singulariza por não pedir o concurso do “traduzido” para a realização do trabalho. de Onís e *Sagarana*, Bizzarri e *Corpo de Baile*, Meyer-Clason e principalmente *Grande Sertão*, cada um a seu modo demandava esclarecimentos, concedidos prodigamente.

A correspondência de Rosa com Bizzarri, o próprio tradutor italiano trouxe a público (1972).

Aquela com outros tradutores veio a ser conhecida após trabalhos iniciados no Instituto de Estudos Brasileiros, Arquivo, em 1979, de inventário, classificação, catalogação, organização de índices descritivos²⁵³. Os trabalhos decorreram simultaneamente à formação de pesquisadores, e levaram à construção de práticas documentais modelares. Em continuidade foram apresentadas as correspondências com de Onís e Meyer-Clason, respectivamente pela pesquisadoras Verlangieri (1993) e Bussolotti (1997). Interessada no processo tradutório, a primeira localizou na obra as passagens que foram objeto de indagações da tradutora ao autor; já a segunda trouxe a particularidade de ter cotejado e completado suas fontes com os documentos arquivados pelo destinatário Meyer-Clason. Consolidou-se uma proposta de edição. Os trabalhos prosseguiram e multiplicaram-se (a partir dos fundos diversos) e sempre com resultados vultosos.

Hoje há estudos isolados e de conjunto que exploram, por uma gama de abordagens, as vertentes e virtualidades das séries de correspondência já apontadas por Paulo Rónai.²⁵⁴

Um desses estudos, de Evangelina Hoisel, é orientado para as relações entre a literatura e a biografia roseanas, e analisa os diálogos epistolares do escritor com os quatro tradutores e mais a dupla espanhola Angel Crespo/Pilar Bedate. Ela ressalta a grande empatia, “simbiose espiritual”, entre Rosa e os três primeiros (de Onís, Bizzarri, Meyer-Clason) e considera “reduzido e comedido”²⁵⁵ o diálogo com Villard e Crespo/ Bedate.. Mostra como o autor se constrói e se representa ao escrever aos tradutores, aos quais procura comunicar sua “ansia de perfectibilidade” e seduzir em função de seu projeto literário. Esse projeto se delineia não só na criação poética, ou

produção da obra, de seu sentido e de seu valor.” p. 96. Homologamente, o carteio é para João Guimarães Rosa também uma via de ação sobre a literatura.

²⁵³ Parte dos índices está hoje disponível em catálogo eletrônico. <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. acesso em 8 junho 2011.

²⁵⁴ Rónai, loc. cit.

²⁵⁵ Evangelina Hoisel. *A escritura biográfica*. São Paulo, 1996. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. p. 68.

ficcional, mas se espalha por toda a produção e confere unidade aos conjuntos de cartas, “apesar de todo o processo de encenação e jogo de máscaras que nele se imprime.”²⁵⁶ As cartas não só participam de um mesmo projeto estético, mas servem à sua propagação.

Piers Armstrong ocupa-se das filosofias e práticas de tradução abordadas por Rosa e de Onis, Bizzarri, Meyer-Clason²⁵⁷; ele vê nas cartas um certo pragmatismo do escritor, que, por querer assegurar a disseminação de sua obra, procurava o equilíbrio entre a qualidade possível e a quantidade de seus livros em outras línguas/culturas.

Já o artigo de F. B. Viotti tende à exegese da obra e nota que naquela colaboração com os tradutores, por carta, o autor Rosa acabou por atribuir sentidos, inconclusivos -- dada a complexidade das indagações em que ele acredita moverem-se os sujeitos --, a conteúdos da sua novelística²⁵⁸. As personagens espelham a natureza humana tal como ele a entende, um princípio de indeterminação rege as subjetividades, e por isso as formas estéticas são impregnadas de fluidez e incerteza. Exatidão e minúcia documental estariam reservadas *aos planos concretos de seu universo narrativo*.

Atribuição de sentidos a passagens de obras, em sua relação com a cosmovisão ou o sentimento do mundo do escritor, assim como indicações, pressupostos e métodos tradutórios, isto está entre os elementos presentes na correspondência com Jean-Jacques Villard. Sempre se trata de traduzir a ficção plena de ousadia formal, criação léxica, inquietação metafísica, mas os aspectos privilegiados nas próximas linhas serão outros, não somente porque as hipóteses situam-se em outro campo, mas também por um princípio, o de buscar no caráter peculiar dos documentos o norte para o tratamento a ser dado.

Na primeira carta, em que conta dos avanços de suas traduções de Rosa, Villard já expõe seus conhecimentos, teorias, métodos e instrumentos, e avisa *que preferiria fazer sozinho um trabalho desse tipo*, a fazê-lo com o parceiro proposto por Seuil.

Uns quinze meses depois, na volta de Frankfurt, o autor se declara satisfeito com seus dois volumes em francês e envia o *Primeiras Estórias*. Villard respondeu como havia feito Souza-Pinto em outra ocasião, isto é, com alegria pelos cumprimentos e pesar por não ter conhecido o autor em sua passagem pela Europa. Estimulado, revela seu empenho, ao contar que ao fim da tradução se sente desorientado, como se a pele

²⁵⁶ Idem, p.78.

²⁵⁷ Piers Armstrong. “Filosofias e práticas de Guimarães Rosa e seus tradutores”. *Veredas do Rosa*, Belo Horizonte: PUC Minas, 2000. p. 582.

²⁵⁸ Fernando Baião Viotti. “Em busca do indeterminado: Guimarães Rosa e seus tradutores”. *Teresa*. revista de Literatura Brasileira [8/9]; São Paulo: Ed. 34, 2008. p. 332.

das personagens demorasse a soltar. E também mostra empenho ao narrar a experiência que tivera com “La Troisième Rive...”, quando alguns de seus achados para a transcrição foram considerados erros de francês; penso que compreensão e empatia com o original o levaram a transgredir regras da própria língua, numa tentativa de emulação, para melhor recriar.

Rosa quis conhecer a tradução villardiana de “ A terceira margem...” porque havia outros candidatos a verter os demais contos, quis discuti-la e, embora tenha dito²⁵⁹ que a decisão seria do editor francês, manifestou a este sua preferência. Maria Frias, brasileira residente em Paris, conhecia em algum grau o idioma de chegada e Pierre Furter, suíço, conhecia em algum grau o idioma de partida, mas do ponto de vista do escritor não eram os mais indicados para a trabalho.

A preferência seria por Villard, francês de mãe brasileira, que viveu a infância no meio rural, a quem as coisas do Brasil eram familiares, poliglota. Era bom narrador. Fragmentos autobiográficos, memorialismo, estórias reais e inventadas, vividas ou ouvidas, em cenários tais o arco do triunfo da estrela, uma estrada rural, o front em Verdum, uma velha fazenda jesuítica num sertão próximo ao Rio de Janeiro. Em primeira pessoa escreveu o episódio ouvido do irmão, que, naquele pedaço de mata, tinha feito uma espécie de contra-macumba, recitando versos em latim.

Nas conversas do autor sobre GS:V, um ponto foi inegociável, a voz da narração tinha que ser de Riobaldo. *D'accord*, disse o tradutor, e para efeito do trabalho passou a se identificar com a personagem que ouve em silêncio as venturas do protagonista. Teve o *Nuits du Sertão* indicado para o Prêmio dos Tradutores. Lia estudos de crítica; sabia que o encontro pessoal²⁶⁰ de autor e crítico era importante para o destino de um livro, interessava-se por esse destino.

O outro lado do empenho de Villard em sua tarefa (desafiadora e extenuante, difícil mas apaixonante, como ele reconhece, nas Cartas 13 e 15) é a liberdade que procurava preservar. “*O objetivo de minha carta de hoje é submeter-lhe diversos apelidos que pretendo usar na minha tradução atual:[...] Ficaria feliz se me desse sua opinião sobre este ponto.*” (carta 10).

²⁵⁹ Carta a Maria Frias. A carta encontra-se na Série Recortes, entre os documentos R 7, não possui código.

²⁶⁰ Embora tenha aceito convites de seus editores de Colônia (viagem ao congresso de escritores de Berlim, 1964) e Milão (viagem ao Columbianum de Gênova, 1965), na França repetiu-se o caso português do não comparecimento.

Concordava, discordava, reconhecia faltas, argumentava. Na carta (19) em que respondeu a algumas correções ao “Fatalité” sugeridas pelo autor, fez a crítica da tradução de Furter do mesmo conto e mostrou como entendia sua atividade. Para a adaptação radiofônica de “Message du Morne” deu suas idéias e pediu indicações musicais, ou seja, imaginou como ela seria. E depois da pequena autobiografia, onde disse “[traduzir] me apaixona, mas nunca experimentei alegria tão grande como ao traduzir suas obras, que me permitem viver sob outro clima, num país que aprendi a amar como se fosse o meu...”, terminou cordial, com “o desejo de conhecê-lo um dia”.

Rosa retomou o assunto correções ao “Fatalité”, mas não encontrou eco. Villard só reapareceu alguns meses depois (carta 25), como redator de um possível artigo sobre tradução, compositor de quadras e canções para o “Recado...” radiofônico, e narrador de histórias de aldeia.²⁶¹ Preferiu que a dedicatória a Aracy fosse do próprio Rosa (carta 29). E, no final daquele ano de 1964 (carta 35), veio com notícias sobre o *Diadorim* terminado e o trabalho exaustivo com as *Primeiras Estórias*, do qual descansava traduzindo outras línguas e autores.

Do lado francês a correspondência escasseou. Houve uma carta (44) no ano seguinte, sobre o lançamento próximo do *Diadorim*, e é de notar que só quando o livro já estava na gráfica Villard quis conhecer demais traduções, não antes. Houve outra em 1966, sobre “uma questão de poesia”, as estrofes compostas para o “Face-de-Bronze”.

As duas últimas cartas (47 e 48) de Villard (e também do lote) mencionam seus embates de tradutor com as “*Primeiras Estórias*” e confirmam o tom de independência que marca sua posição no diálogo. Sem prejuízo da empatia e da admiração que sentia e manifestava pelo escritor brasileiro.

Mais que um tradutor que tinha satisfação em transpor dificuldades e encontrar soluções, ele foi um aliado. Atendeu de bom grado os pedidos do escritor quando se tratava de contatos com as casas Seuil (Chodkiewicz e Claude Durand) e Albin Michel (Pasquier) para assuntos como a ordem e o momento em que saíam os volumes, o futuro de *Sagarana* na França, o lemniscato final de *GS: V*. Tinha bom trânsito nas editoras, entendia seus acordos e a política, por elas praticada, de não lançar simultaneamente dois livros de um mesmo autor.

A repetição de alguns conteúdos das cartas deveu-se à tentativa de compreender e explicar esse tradutor ativo e sua relação epistolar com o autor exigente e minucioso

²⁶¹ Carta 25.

na transposição nada fácil de seus livros. Posso arriscar uma interpretação. Não é improvável que, por sua história de vida -- a mãe brasileira, o idioma e os costumes da casa da avó, os momentos da infância no campo, o irmão mais novo distante em algum lugar do Brasil rural --, ele fizesse da tradução uma aventura pessoal, uma busca de atar não as duas, mas as muitas pontas da vida, e restaurar na velhice o ouvido, o vivido, o almejado.

O ato de traduzir texto literário dá nova dimensão ao ato de ler, obriga seu praticante a uma sondagem do escrito, o que significa mobilizar saberes, preparar ferramentas, demarcar planos, observar sinais, recolher pistas, relacionar partes e todo, referências internas e externas. Em grau superior (se comparado ao leitor comum), Villard talvez fosse levado por esse ato a mergulhar numa criação cujo alcance nos permite atribuir sentidos à própria existência e nos faz querer lembrar, como se fosse nosso, aquilo que não experimentamos diretamente. Ele escreve (carta 13):

Sou um pouco como Riobaldo, minha memória é boa e minhas lembranças retornam. Eu VEJO as cenas de outrora. É isso que me permite ver as cenas que você descreve. Tenho uma imaginação visual e tenho a impressão que você é não somente poeta, mas também pintor, para descrever assim.

Haveria então uma espécie de paradoxo, entre o uso metódico da razão e a ressonância anímica desse uso. E tais suposições explicariam a fotografia, a autobiografia, a suave vingança que era contar histórias à moda da fala dos normandos, a boa vontade nas andanças que incluíam editoras da margem esquerda do rio, embaixada na margem direita, os ritmos buscados em surdina durante o percurso no metrô...

Do porto do Rio de Janeiro, ou melhor, do Ministério das Relações Exteriores, o “traduzido” acompanhava os movimentos.

Desde a primeira carta endereçada a Villard (carta 2), sempre manifestou a ele sua satisfação, admiração e gratidão com o que chamava de “nosso trabalho”. Eis sua avaliação: “*achei a tradução tão boa, cuidada, competente, conseguida, fiel e viva, saborosa -- a melhor possível.*” Sete adjetivos, resumidos no final da frase. Diz ainda que *pedia a Deus que o recompensasse* [o tradutor]. Era a primeira publicação do *Corpo de Baile* em língua estrangeira e o autor considerava uma *sorte* encontrar alguém capaz de traduzir “*com alma*”. Estão aí todos os motivos que se repetirão nas demais cartas, em combinações e intensidades diversas: elogios abundantes e protestos de sinceridade, ao lado de agradecimentos sempre renovados ao tradutor; referências à

sorte/destino/acaso; alusões à alma, ao espírito e à comunhão de sentimentos ou idéias; expressões de religiosidade.

Sobre a última constante, note-se que Alfredo Bosi incluiu Guimarães Rosa entre os homens orientados para a forma moral, desalienada, da religião (a outra seria a eclesial, alienada); não fosse essa a orientação e seria incompreensível a “força intelectual ou artisticamente criativa” de alguns homens de mentalidade religiosa.²⁶²

Guimarães Rosa diz (carta 4) ter tido a sorte de ter encontrado um tradutor que, graças ao parentesco de espírito, podia dar satisfação a “um autor que se quer ver transportado bem para outro idioma”. Não se opõe a alguns cortes. É um preâmbulo para as recomendações que viriam, sob o emprego da primeira pessoa do plural (“*Nisto, temos que estar atentos.*”), acompanhadas de explicações sobre o *leit-motiv* e o caráter (“*épico, religioso, existencial, confessional*”) do GS: V. O demônio por perto, um rio subterrâneo pronto a aflorar. Ele agrega à autoexegese valores revelados pela crítica, por exemplo ao enviar o trabalho de Cavalcanti Proença e (carta 7) de Antonio Candido; deste modo participa da formação do tradutor para a tarefa. Por fim pede a tradução villardiana de “A terceira margem...”, àquela altura já descartada na revista *Planète*.

Depois de receber “La troisième rive du rio” ele comentou que teria preferido *f.l.e.u.v.e.* (sic) no título do conto já publicado (carta 7) e assim retomou a versão do GS: V, agora questão rios, na intenção de guardar aspectos realistas, geográficos (documento) e ao mesmo tempo reafirmar o princípio de indeterminação ou “diversidade ambígua” (invenção): é o “*ardente espírito barroco*” habitando persona e personagem.

Outro traço da persona epistolar que se mostra ao interlocutor e o aproxima é o do espontâneo e natural, do surgido na hora da escrita e por causa dela, como em “*estava agora pensando na solução...*”, e também em “*Mas veja: à medida que escrevo evolui meu pensamento...*”.

Talvez alguma carta Rosa>Villard tenha escapado ao arquivamento. Diria que sim, pois o segundo inicia o tema das alcunhas e apelidos (carta 8) referindo-se a uma sugestão anterior do primeiro, não localizada. Mas não afirmo, é melhor admitir que

²⁶² Alfredo Bosi. “Parêntese temerário: a religião como alienação ou como desalienação”. *Ideologia e contraideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 151. Ver também Fernão Baião Viotti. *Encenação do sujeito e indeterminação do mundo: um estudo das cartas de Guimarães Rosa e seus tradutores*. Minas Gerais, 2007. Dissertação (Mestrado - Estudos Literários). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais.

esse tipo de documentação oferece uma resistência, e portanto sempre um “resto” considerável permanece desconhecido.

Na carta 10, o “*Hoje, porém, venho vê-lo, com prazer e muito cordialmente.*” tem algo de fórmula epistolar, semelhante ao “volto à sua presença”, mas sugere aproximação física ao tradutor. O tema é a discussão dos apelidos, e serve de álibi para mais explicação do livro; a recomendação é para o tradutor considerar, novamente, a “*sensibilidade geral dos leitores franceses*”. Rosa comenta a tradução americana recém lançada do livro: ele teria perdido força, mas ganhou fluência. A sugestão para que Villard a leia²⁶³ pode ser vista, mais do que como ânsia de perfectibilidade, como resultante da vontade de formar o tradutor, subordinada por sua vez ao anseio de ter seu livro entendido entre os leitores franceses.

Na carta seguinte (12), em que retornam a discussão das alcunhas mesclada à explicação do livro e a menção ao “*sentir dos leitores franceses*”, a estória de Dannunzio e das traduções francesas que faziam “*seu nome brilhar*” fecha com elemento novo uma sequência de louvores às narrativas do tradutor, ao sabor de suas cartas, à importância de a tarefa ter sido confiada a ele. A propósito da relação autor/tradutor, o ciúme de Dannunzio transforma-se na alegria de Rosa com o reconhecimento do mérito de Villard pela crítica.

A carta 12 é longa, fragmentada em seis partes pelo uso de espaço entre linhas com asteriscos. Uma das partes, a quarta, tem doze sugestões de título para o GS: V, como o sonoro *Les hors-la-foi*. A nós brasileiros faz lembrar da primeira carta, fundadora da terra achada, sem fé, sem lei, sem rei, há mais de cinco séculos. Nenhuma sugestão foi aceita. Mas confirmam que releitura e reescritura, do livro e de si, eram intermináveis. A motivação prática está na quinta e sexta parte, dois pedidos relativos à Albin Michel (propaganda) e Seuil (terceiro volume do *Corpo de Baile*).

A próxima carta (14) trata do manuelzinho-da-crôa, que frequentou, indefectível, as correspondências com de Onis e Meyer-Clason, nos mesmos termos. Ele reaparece mais timidamente na carta 17, e ainda na carta 18. Anexo está o rascunho manuscrito com as versões possíveis do nome do pássaro, anotação que deve ter servido de base para as cartas aos três tradutores. “... *um dos “motivos, tomado como símbolo...”*”. Este vínculo de Rosa com o “pequenino pernalta elegante” que cem anos antes tinha atraído

²⁶³ No ano seguinte sugere a Bizzarri que leia carta de Meyer Clason sobre as “coordenadas” da tradução alemã. ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p. 144.

Richard Frances Burton repõe, concentrado, o problema da assimilação das leituras anteriores, atualizadas na escrita ficcional como se saídas da memória individual. Não posso resolvê-lo aqui.²⁶⁴

Dois dias apenas separam as cartas 17 e 18. Trazem mais de explicação de livro e suporte para tradução, agora de *Primeiras Estórias*. “*seria interessante ler*” os relatórios da comissão de leitura da Seuil, escreveu Rosa. Pela segunda vez o autor recorreu a Villard para saber do andamento da publicação do último volume de *Corpo de Baile* pela casa. A intermediação do tradutor em assuntos editoriais supria parcialmente a troca de cartas entre autor e editor, mas não a substituiu. Nessa época, fins de 1963, aumentaram as referências a uma troca com o editor da casa, Chodkiewicz, à qual pertence o rascunho²⁶⁵ que passo a descrever.

Ele foi escrito em três estiradas (quatro, se se considera a de apagamento). Usados em sequência, os instrumentos foram máquina/fita preta, caneta azul, lápis de cor vermelho e lápis grafite. Reproduzi-lo em todos os seus lances seria quase impossível²⁶⁶, e apesar de conhecer os riscos tento restitui-lo.

A primeira forma é datiloscrita, parágrafos 1, 2 e 4.

Sobre essa base, a tinta azul foram aumentados os parágrafos 2, a partir de “*naturalité*” e 4, a partir de “*modifications*”; também e a tinta azul foram acrescentados os parágrafos 3, 5.

A lápis vermelho foi feito somente o apagamento de erros nos cinco parágrafos.

A lápis preto se deu o último gesto de escrita sobre a folha, revisão, pequenos cortes e acréscimos, os acertos finais.

Este rascunho, provisório, instável, está em algum ponto entre o começo do escrever e a carta boa, enviada. Dela não ficou cópia, traço material, e pois sua reconstrução é incerta: o autor pode ter feito novas alterações no ato de passar a limpo

²⁶⁴ “Não há grande texto artístico que não tenha sido gerado no interior de uma dialética de lembrança pura e memória social; de fantasia criadora e visão ideológica da história; de percepção singular das coisas e cadências estilísticas herdadas no trato com pessoas e livros.” Alfredo Bosi. “A interpretação da obra literária”. In: *Céu, Inferno*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. p. 467.

²⁶⁵ Ver acima, à p. 148, lote Rosa > Villard, carta 16, à Chodkiewicz, s/d.

O Arquivo IEB autorizou a reprodução parcial do documento citado. Agradeço à sua Diretora, Prof^a Dr^a Maria Angela Faggin Pereira Leite, e à Elizabete Marin Ribas, que gentilmente fez scanner e remessa do mesmo.

²⁶⁶ O lote JGR > Seghers contém carta (17) escrita em três estágios, formas que se sucedem em folhas diferentes. Já este rascunho exhibe as camadas sobre folha única e nem mesmo sua descrição completa restituiria o sistema semiológico que é o original.

~~avec le~~ le texte de Mr. J.J. Villard m'a plu ~~beaucoup~~ et
 m'a satisfait entièrement. Je partage, donc, votre ^{sur qui se} opinion
~~sincère point de vue~~ et de la Maison, ^{celle} sur ~~leur~~ son
 auteur. Et à mon avis, ^{la traduction} le morceau est honnête, fidèle,
~~original~~, solide et organique, et, ^(sympathique et) de plus, plein
 de fraîche naturalité, ~~et~~ sympathique. ^{Ce qui prouve}
~~une fois de plus~~ encore une fois, que "notre" traducteur ^(non) a justifié
~~bien votre rigoureux choix initial~~ et mérite de garder
 notre ~~sa~~ confiance. Je tiens ainsi à renouveler,
 avec un réel plaisir, mon appui à Mr. J.J. Villard.

Et D'ailleurs, je dois vous dire que, ~~il y a~~ quelque
~~temps~~, j'ai déjà pu faire une pareille constatation.
 Vous vous rappelez que la revue PLANÈTES ^{a traduit et} a publié un ~~des~~ mes
 contes ~~de~~, La Troisième Rive du Fleuve. Or Mr. J.J.
 Villard ^{en} avait lui aussi fait la traduction
~~de ce conte~~ et, à ma demande, me
 l'a renvoyé. ~~et~~ Comparés les deux
 textes, c'est celui de Mr. J.J. Villard

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP-- Fundo João Guimarães Rosa, cod.: JGR-CE-Cx.01,15.

Já que se trata de uma reconstituição, escolho fazê-la em nossa língua. Refazer o que a rigor não conheço, seguir a semiologia -- diferentes cores e instrumentos de escrita, disposição no branco da página, cortes, adendos, marcas --, em busca de uma carta que ele desejou enviar.

Os múltiplos sinais que a princípio desorientam o leitor, ao serem "lidos" tanto quanto o texto garantem a fidelidade possível.

Caro Senhor e Amigo

Foi bem recebida sua carta de 25 de setembro, que chegou ontem, assim como as duas traduções de “Fatalidade”: do Sr. J.-J. Villard e do Sr. Pierre Furter. Sou muito grato ao senhor por ter querido conhecer minha opinião sobre o assunto.

Muito francamente, o texto J.-J. Villard agradou-me e satisfez-me plenamente. Partilho, portanto, de sua opinião e da opinião da Casa. A meu ver, a tradução é honesta, fiel, sólida e orgânica, e além disso simpática, de fresca naturalidade. O que prova, mais uma vez, que “nosso” tradutor continua a merecer nossa confiança.

Aliás -- devo dizer-lhe -- eu já tinha feito constatação semelhante. O senhor se lembra que a revista *Planète* traduziu e publicou um dos meus contos, “La troisième rive du fleuve”. Pois o Sr. Villard fez a tradução dele e, a meu pedido, enviou-ma. Comparados os dois textos, foi o do Sr. Villard que, bem de longe, teve minha preferência.

Quanto a tradução do Sr. Pierre Furter -- devo dizer-lhe -- eu já a conhecia, tendo mesmo tido a ocasião de sugerir algumas pequenas modificações. Depois disso, o Sr. Haroldo de Campos -- um dos poetas de vanguarda, “concretista”, e aliás intelectual honesto e de real valor, contribuiu também com alguns pequenos conselhos, que, vejo, o Sr. Furter aceitou.

Sou muito grato a ele, por esse esforço, e por seu simpático interesse.

Construída a versão mais legível, despido o rascunho dos impulsos aparentes (com o que se vão os subjacentes), fica clara, na única carta ao editor Chodkiewicz, a importância atribuída à tradução para a troca cultural em andamento, materializada na publicação da literatura estrangeira. O tradutor do *Primeiras Estórias* só foi escolhido depois de testes e sondagens, e depois de consulta feita pelo editor ao autor. Este mantivera contatos anteriores com o tradutor por fim descartado e com o também tradutor Haroldo de Campos, que deu sua contribuição.

“Le Message du Morne” radiofônico também foi tratado na troca autor/ Seuil. Ao contrário da entrevista solicitada por Souza-Pinto para a Rádio e Televisão Portuguesa, a adaptação da novela interessou Rosa, a ponto de inspirá-lo a criar, em carta a Villard, quadras em português (“*estou ‘compondo-as’ agora mesmo, aqui, enquanto lhe escrevo.*”) e em francês. Assim, realizou-se nas cartas 20 e 21 outra virtualidade da correspondência de escritores, a de ser espaço de criação; mas apenas em parte, pois a inspiração momentânea não deu origem a texto a ser publicado. E interessou-o a ponto de, em meio a esclarecimentos do “Recado...”, mobilizar, por meio do tradutor, seus amigos diplomatas e musicólogos (cartas 20, 21, 22 e 23), com sucesso. A carta 21 corrige e completa a carta 20, do dia anterior.

Já a carta 23, de 15/03/64, repete e resume, dois meses depois, a extensa, laboriosa, variada carta 22, até então sem resposta. Quase todos os livros de Rosa e várias traduções estão presentes, de uma forma ou de outra. Atribuídos à história de vida, ganham destaque os talentos do tradutor, como a “*sutil certeza de tom, seguro e rico*”. Comum às trocas epistolares, o dilema entre *não recebido* ou *recebido e não*

respondido colocado pela falta de resposta foi resolvido com o apelo ao portador, secretário de embaixada e com rearranjo e condensação dos motivos. Um deles, *Corpo de Baile* terceira parte, desaparece momentaneamente, já que tratado diretamente com Seuil.

Mas o nó teria se desfeito por si, com aquele retorno de Villard em grande estilo, a que me referi acima. O escritor iniciou o próximo lance (carta 27) assim: *Nossas cartas se cruzaram. A sua de 20 de março, e a minha, de 15 de março. ...acertaram-se por sua vez nossos pensamentos...* Parece que se divertiu muito com as histórias camponesas e, desta vez com brevidade, foi logo aos seus livros por sair.

Com o *Diadorim* no prelo, os atrasos do lançamento e a indicação do livro brasileiro para o Prêmio Formentor, o recurso do escritor a seus amigos diplomatas servindo em Paris se repetiu, e eles atuaram como intermediários de cartas ao tradutor, ou junto às editoras. Durante o ano anterior ao lançamento o escritor escreveu sobre assuntos afins a Mauro Mendes de Azeredo, Franck Henri Teixeira de Mesquita, Antonio Mendes Viana, Guilherme de Figueiredo, seis cartas no total, todas em tom bastante pessoal, gentil. Antes disso Roberto Botelho de Oliveira, Azeredo da Silveira, Paulo Carneiro e Lavinia Augusta Machado também foram citados, em situação semelhante. Questões urgentes, necessidade de enviar material impresso e desconfiança da eficiência dos correios levavam o escritor e embaixador a recorrer aos colegas e à mala diplomática.

Aparentemente, o escritor sentia pressa. Ao voltar da segunda reunião de escritores alemães e latino-americanos de Berlim, em outubro de 1964, isto é, antes da publicação do *Diadorim*, escreveu a Villard (carta 34) e pediu notícias da tradução do *Corpo de Baile* terceira parte e do *Primeiras Estórias*. De Guilherme de Figueiredo, desejou saber (carta 37) “*o que é que o pessoal de dentro da Albin Michel acha do livro...*” prestes a sair.

Ainda que tratem de questões práticas, as cartas a Guilherme de Figueiredo são “puro Guimarães Rosa” do ponto de vista do estilo, cheio de invenção, apenas modificado pelo espontâneo epistolar e por algum exagero sentimental. Talvez ele se expressasse com as maneiras que empregava na ficção para homenagear o amigo. Escolho duas passagens, não só pela forma (seria a carta inteira), mas também porque informam sobre o julgamento do *Corpo di Ballo*

“Tradução fabulosamente boa. Melhor que o original, bastante: filtrado, gostoso, borgonhoso...”

e mostram o sentimento diante da *não-ida ou ida* para o lançamento, e da vida em geral, ou seja, o “*mood*” daqueles dias

“Gui, Guilherme! Eu estou muito desorganizadíssimo, esbandalhado e farofoso, sem ânimo. Vocês são uns amores, uns amigos, uns magos. Grande é o Antonio, o Mendes Viana, fabuloso sempre, meu muito, Embaixador possante, o nosso mais inteligente e mais vivo ou vidoso. E eu, aqui, frouxo, flácido, não abúlico mas besta, *plein-de-doigts*, todo raposo-e-uvas. Gostar de ir, sim. Mas, não acho jeito. Só pelo fato de ser publicado o livro, não se justifica. O Itamaraty não poderia me ajudar (eu, sozinho, ainda menos!) -- pois não saem traduzidos e publicados livros de outros patrícios, que não comparecem *in loco*, só por não serem da Casa? Ficava feio.”

Na carta 37, plena de criação léxica e sintática, de tom coloquial acentuado, o sentimento é condensado em *raposo-e-uvas*, termo que ganha variações imprevistas, no *CB* borgonhoso e no Antonio vidoso; as aliteraões estão em amores/ amigos/ magos, em frouxo/flácido, em abúlico/ besta. Ela denota maior proximidade, mais intimidade, mais liberdade. Os pedidos são mais difíceis de atender. Ela tem palavras em inglês, italiano, latim, francês. A escrita de si, algo intrínseco ao epistolar, aqui é evidente, confessional.

As cartas 40 e 42 ao *Querido Guilherme* são semelhantes, embora mais brandas. Na segunda, lançado o *Diadorim*, o escritor contou sua fantasia: “*Eu queria que a vida de Paris parasse, para todo mundo ler, apreciar, só falar no livro, pendant pelo menos seis semanas.*”

Volto às cartas a Villard, a uma delas (38), muito extensa e importante, por avaliar as traduções americana (*razoavelmente boa*) e alemã (*magnífica*) do *GS*: V, bem como a italiana (*estupenda, formidável*) do *Corpo de Baile*. “Cara-de-Bronze” é discutido e explicado ao tradutor, inclinado a destitui-la das referências à linguagem cinematográfica, que o autor prefere manter. No entanto, sua maior riqueza vem da análise das *Primeiras Estórias*, feita para orientar a tradução francesa: agrupamento por afinidade temática, ordenação determinada na leitura de cada grupo de contos (para testar o resultado pretendo um dia seguir a orientação dada pelo autor, mas ainda não foi possível). A análise se segue à prescrição de um verdadeiro método de traduzir, encoberto pela menção a procedimentos empregados por Meyer-Clason no “Sorôco”

alemão. O viés didático assumido é mitigado por meio de acréscimos esparsos e, no final, com palavras de afeto, amizade, ciúme de outros traduzidos.

Menos de dois meses depois os mesmos assuntos reapareceram na carta 41, que seguiu acompanhada da tradução alemã de “Sorôco”. Em defesa do modo “roteiro cinematográfico” presente no “Cara-de-Bronze”, Rosa havia enviado comentário sobre a novela publicado na Itália; o portador, escolhido possivelmente num dos encontros e conversas do Columbianum genovês, foi Ernesto Sábato, também traduzido por Villard. Deu resultado, pois o modo roteiro encontra-se na versão francesa. O fato novo relatado foi a assinatura de contratos com as editoras de Estocolmo -- o Prêmio Nobel já havia sido mencionado a Guilherme de Figueiredo -- e Zagreb.

No início de 1965 foi lançado o *Diadorim*. Na carta (43) ao tradutor, muita gratidão, alegria e uma avaliação: “A tradução está esplêndida, soberba.”, “... é muito melhor que a norte-americana e de maneira alguma menos excelente que a alemã.”²⁶⁷ As observações para mudanças numa eventual segunda edição foram anexas, contudo o “manuelzinho-da-coroa” ganhou novamente um parágrafo, na própria folha. Está lá e alhures, *aldaz*, à espera de interpretação²⁶⁸.

Depois disso, vinte e três meses se passaram antes de Rosa escrever, em 23 de fevereiro de 1967, sua última carta (46) ao tradutor francês, então com setenta anos incompletos. Em resposta à “questão de poesia” enviada por Villard, o escritor deu a este seu aval para as quadras de “Cara-de-Bronze”, e indicou as traduções alemãs e italiana para cotejo. Incerto da conclusão do *Corpo de Baile*, perguntou das duas novelas faltantes.²⁶⁹ Com enfáticas demonstrações de entusiasmo diante das traduções francesas, cuidou de desfazer um mal-entendido sobre seu julgamento das traduções diversas, publicado no *Gran Sertón: Veredas*, orelha.²⁷⁰

Na penúltima carta recebida do tradutor (47) o escritor foi chamado de *Caro grande amigo distante*, tratamento nunca empregado antes. Os seis anos de amizade epistolar chegavam ao fim. Exceto pela primeira carta, dirigida ao *Caro Mestre*, Villard sempre usava a expressão *caro amigo*; combinada a *muito*, *meu*, ou *grande*, e a *mestre* nas cartas finais (44, 45 e 48). Mais que formalidade, a oscilação de tratamento

²⁶⁷ Compare-se com o que Rosa escreveu a Meyer-Clason: *O livro ficou bonito, e a tradução não está má; mesmo, fiquei grato, a leitura agradou-me bastante. Naturalmente, como sempre fazem os franceses, houve cortes, às vezes infelizes. A coisa engrossou, perdendo muito da sutileza. ... Acho bem melhor que a norte-americana*. Bussolotti, 2003. p. 259.

²⁶⁸ João Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. 3ª ed. p. 137, 194, 553.

²⁶⁹ Sim, já estavam prontas, mas o *Hautes Plaines* só sairia em 1968.

²⁷⁰ Barcelona: Seix Barral, 1967. 470 p. Trad. nota e glossário de Angel Crespo.

representa o percurso de um diálogo animado pelo viver da obra criada e traduzida, rico de encontros, descobertas, anseios, esforços e alegrias para ambos missivistas.

Antes de voltar ao diálogo epistolar e concluir, cabem umas palavras sobre a circulação das narrativas, tornada possível pela tradução e edição.

Nos anos sessenta outras artes e meios ainda atuavam a favor da literatura, ela não havia sido banida para o universo de leitores letrados. Houve na Inglaterra e na Alemanha peças radiofônicas de nível literário, bons autores franceses escreveram para o rádio. Rosa, instado por Meyer-Clason a fazer o mesmo²⁷¹, ou seja, adaptar a novela “Cara-de-Bronze”, respondeu ao tradutor que não podia colaborar; a transcrição, se houvesse, não teria sua participação²⁷². Ele escrevia para muitos leitores únicos, às centenas, em sua (deles) solitude. Pensar no ouvinte que se sabe múltiplo, aos milhares, milhões, era diferente.

Quanto à recepção²⁷³, *Hautes Plaines* esteve na lista dos melhores romances no ano do lançamento, e, se na época as vendas não foram expressivas, traduções posteriores não devem ter alterado o quadro. Hibernação nos anos setenta, e nos oitenta, a tradução de *Primeiras Estórias*²⁷⁴; seguida da reimpressão das três partes do ...*Baile*. Nos anos noventa um *Diadorim* novo, pela tradução, editora e formato livro de bolso, mais *Tutaméia* e *Sagarana*. No final do século XX todos os livros estavam traduzidos e publicados em francês. Na década seguinte, os progressos se deram na área da crítica e dos estudos acadêmicos, o que poderá, com algumas mediações, vir a alargar o universo de leitores.

Estes avanços parecem ser seguros, sugerem que a implantação dos livros do escritor brasileiro na cultura literária francesa foi bem feita, e bem sucedida. O papel de Rosa foi determinante, escolheu editoras²⁷⁵ e tradutores, tentou intervir na sequência das publicações, *editou-se* o quanto pode. Sua morte suspendeu a aclimação, mas não a

²⁷¹ Carta de 26/12/66. Bussolotti, 1997, p. 346.

²⁷² Carta de 23/01/67. O escritor dá sua justificativa: *teatro, rádio televisão [...] tudo isso me espanta e estupidifica*. Ele autoriza Meyer-Clason a prosseguir na empreitada e procura assegurar seus direitos autorais. Bussolotti, 1997, p. 349. Meses antes, já havia se negado a gravar em fita leitura de trechos de livro seu para programa idealizado pelo mesmo tradutor (*Der Autor Liest*), e a convidar outros escritores brasileiros para fazer o mesmo; a justificativa foi outra: “*Perdoe-me falhar totalmente neste ponto. Sem tempo, sem jeito, arredo, e fora da ‘vidinha literária’, voluntariamente solitário...*”. Idem, p. 325.

²⁷³ Jaqueline Penjon. “A recepção de João Guimarães Rosa na França.” In CHIAPPINI, Ligia e VEJMEKA, Marcel, org. *Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 88.

²⁷⁴ Conforme escreveu em sua última carta, Villard traduziu seis das *Primeiras Estórias*; àquela altura ele trabalhava em “Pirlimpisquice”.

²⁷⁵ “*A escolha de um local de publicação, editor, (...), só é tão importante porque, a cada autor (...) corresponde um lugar natural no campo da produção; ...todas as homologias [que] garantem um público ajustado, críticos compreensivos, etc., àquele que encontrou seu lugar na estrutura...* Bourdieu, p. 57

interrompeu. E desde o início foi percebida a faculdade, que narrativas como “...Matraga”, “Recado do Morro” têm, de recriar-se e “polenizar”²⁷⁶ outras artes e meios.

A fortuna do autor indica que o tempo da literatura difere dos ritmos curtos do mercado editorial, sedento de novidades, premido de um lado por prazos de lançamento, publicidade, vendas, lucros, e de outro por leitores apressados ou impacientes. O tempo necessário à afirmação das obras literárias assemelha-se aos ritmos da história da cultura; história esta em que a literatura continuará a ter papel basilar.

Volto ao diálogo epistolar Rosa > Villard. Diálogo segundo, suscita o primeiro diálogo, interno ao sujeito, de cada um com seu outro, este sim fundante; pois dar uma imagem de si, com qualquer grau de encenação, pressupõe a construção dessa mesma imagem, em mutação constante. Ou, em outros termos, o diálogo segundo suscita o primeiro, mas também o realimenta.

sublinhei que a epistolografia escondia, contudo, armadilhas, [...], é preciso considerar preliminarmente que a carta propicia a formulação de *personae*, pois o sujeito molda-se como personagem em face do interlocutor. Essa invenção de si (*mise-en-scène*), da qual o remetente pode ter maior ou menor grau de consciência, forja sempre estratégias de sedução. [...] a carta encontra-se encorada em um ponto da trajetória de vida do sujeito.²⁷⁷

Um autor, leitor vigilante das traduções de seus contos e novelas, que quer assegurar a preservação do teor poético e metafísico deles em ambiente novo e para isso depende da relação epistolar com o tradutor.

Um tradutor, narrador de estórias imaginadas, vividas ou escritas, que no ato de traduzir se reconhece subitamente, entre o leite transportado pela carroça numa estrada rural e o radical grego esquecido no banco da escola, retornado, e por isso se compraz na relação epistolar com o autor.

O diálogo terceiro é o que nós, pósteros, somos tentados a estabelecer com os anteriores, na qualidade de um dia insuspeitados destinatários de missivas datadas, endereçadas, subscritas, enviadas, recebidas, respondidas; por vontade do escritor elas

²⁷⁶ No Brasil essa “polenização” é notável pela extensão; as diversas recriações parecem superar em termos de público a própria leitura, talvez em razão das características de nosso universo de leitores. A recriação das narrativas em outras linguagens foi mapeada por Walnice Nogueira Galvão. “Ler Guimarães Rosa hoje: um balanço”. In CHIAPPINI, Ligia e VEJNELKA, Marcel, org. *Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 15.

²⁷⁷ Marcos Antonio de Moraes. “Nove endereços para a mesma carta”, 11 §8. <http://www.ieb.usp.br/marioscriptor/congressos/nove-enderecos-para-a-mesma-carta.html>

foram arquivadas, entre demais séries documentais, todas instituídas por ele e preservadas no Arquivo depositário.

Estabelecido o terceiro diálogo, a partir dele, chego a afirmar que João Guimarães Rosa, enquanto vai se inventando em segredo, cria personas. A de escritor, mais exterior, pública, da vida de relação, que se revela em encontros literários ou não, em presenças e conversas, e prescinde do escrito; a literária, ou de autor, voltada para os leitores de sua ficção, e que se confunde com o “estilo” a ele atribuído; a epistolar, dirigida aos destinatários nomeados, formada num âmago do sujeito, a partir do qual também desencadeiam-se práticas de arquivamento pessoal outras, e pois dirigida não só aos coetâneos, mas aos pósteros.

É pela persona epistolar -- pelo que ela mostra de “fiz tal coisa”, “isso aconteceu assim”, “quero que o que eu quis dizer em tal passagem da ficção fique claro” -- que se atesta a biografia.

A epistolografia que resulta da persona epistolar em ação tem portanto caráter de prova, é peça para a compreensão histórica do escritor e de sua inserção no sistema literário; para o entendimento literário do autor; e por fim para a aproximação ao sujeito.

Na escolha da epistolografia do escritor como fonte para trabalho de natureza historiográfica esteve presente o desejo de aproximação ao sujeito, desejo por sua vez nascido na leitura da obra ficcional, não há porque negar.

Também esteve presente na escolha a consciência que existia uma justificativa prévia, advinda do material *cartas de escritor*. Melhor dizendo, apresentar as cartas de tal escritor é ato que se justifica por elas mesmas.

Mas houve diante da epistolografia a construção de um subconjunto, e este arranjo vem de um problema histórico, situado no campo da história da cultura. O problema poderia ser assim resumido: como autores e obras entram e permanecem numa espécie de cânone, como trama, enredos e personagens entram no imaginário de uma comunidade, primeiro nacional e mais tarde supranacional, antes através da leitura e mais tarde também por outros meios e linguagens.

Embora inseparáveis, o “por que” seria um problema estético e o “como” é um problema histórico.

O segundo teria de considerar sociabilidades literárias, edição e tradução; procurei configurar as vias da passagem da imaginação ao objeto livro a circular

amplamente. Vias e *estações*, de pensar, escrever, *escolher*, *contratar*, *fabricar*, *vender*, comprar e ler, para imaginar.

BIBLIOGRAFIA

ALVIM, Gilda Cesário. “Guimarães Rosa em Francês”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1961.

ARAÚJO, Heloisa Vilhena. *Guimarães Rosa diplomata*. Brasil: Ministério de Relações Exteriores, Fundação Alexandre de Gusmão, 1987.

ARMSTRONG, Piers. “Filosofias e práticas de Guimarães Rosa e seus tradutores”. *Veredas do Rosa*, Belo Horizonte: PUC Minas, p. 577 - 582, 2000.

BALTAR, Alda. “Grande Sertão: Veredas em francês. Discussões entre autor e tradutor”. In *Estudos de Tradutologia 1* (Delton de Mattos, ed.). Brasília: Kontakt, 1981, p. 124-135.

BARROSO, Ivo. “*O corvo*” e suas traduções. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

BECKER, Collete. *O discurso de escolta: A anotação e seus problemas*. Comunicação apresentada em Colóquio sobre edições de Correspondências organizado pelo Centro de Correspondências da Universidade de Paris IV. Tradução de Claudio Hiro. 10 p.

BERTHIER, Paul et JARRETY, Dir. *Modernités XIXè - XXè siècle. Tome 3*. Paris: Quadrige /PUF, 2006. p. 696. (Michel Prigent. *Histoire de la France littéraire*).

BLOCH, Marc. *Correspondance/ Marc Bloch, Lucien Febvre et les Annales d'Histoire Économique et Sociale. Tome Premier/ 1928 – 1933*. Édition établie, présentée, anotée par Bertrand Müller. Paris: Fayard, 1994.

BORELLI, Dario Luis. “José Olympio, editor de Guimarães Rosa”. *Estudos Avançados*, São Paulo: IEA, v. 20, n. 58, p. 65-72, set./dez. 2006.

BORGES, Jorge Luis. *O livro*. São Paulo: EDUSP, 2008.

BOSI, Alfredo. *Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Duas cidades/34, 2003.

BOSI, Alfredo. *Ideologia e contraideologia: temas e variações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRANCO, Lucia Castello, org. *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin. Quatro traduções para o português*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BROCA, Brito. *O repórter impenitente*. Coord.: Alexandre Eulálio. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

BUSSOLOTI, Maria Aparecida Faria Marcondes. *Proposta de Edição da Correspondência Inédita entre João Guimarães Rosa e seu tradutor alemão, Curt*

Meyer-Clason (23 de janeiro de 1958 a 27 de agosto de 1967). Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, 1997.

CAILLOIS, Roger/ OCAMPO, Victoria. *Correspondence (1939-1978)*. Lettres rassemblées et présentées par Odile Felgine. Paris: Stock, 1997.

CALVINO, Italo. *Eremita em Paris: páginas autobiográficas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Humanitas, 2005.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. Uma visão latino-americana. In: Ligia Chiappini e Flavio Wolf de Aguiar (orgs.). *Literatura e História na América Latina: Seminário Internacional*, 9 a 13 set. 1991. São Paulo, Edusp, 2001. p. 263 - 270.

Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade/ Carlos e Mário. Prefácio de Silviano Santiago, apresentação e notas de Carlos Drummond de Andrade, organização de Lélia Coelho Frota. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2003.

Correspondência Mario de Andrade & Manuel Bandeira/ organização, introdução e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp, 2001.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador*. São Paulo: Imprensa Oficial, Unesp, 1999.

CHARTIER, Roger e ROCHE, Daniel. "O Livro. Uma mudança de perspectiva.". In LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 99 - 115.

CHIAPPINI, Ligia e VEJMEKKA, Marcel, org. *Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

COUTINHO, Eduardo de Faria, org. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1983.

DANTAS, Paulo. *Sagarana Emotiva: cartas de João Guimarães Rosa a Paulo Dantas*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras,

DIDEROT, Denis. *Carta sobre o comércio do livro*. Prefácio de Roger Chartier. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*. Paris: PUF, 2002.

- DIAZ, José-Luís. “Quelle génétique pour les correspondences?”. *Genesis*, Paris, nº 13, p. 11-31, 1999.
- DOSSE, François. *L'histoire et la guerre des mémoires*, [2007?].
- DOSSE, François. *Paul Ricoeur: le sens d'une vie*. Paris: La Découverte, 1997.
- DOYLE, Plínio. Bibliografia de e sobre João Guimarães Rosa. Separata de: *Em memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- EPSTEIN, Jason. *O negócio do livro. Passado, presente e futuro do mercado editorial*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ESCARPIT, Robert. *Le Littéraire et le social*. Paris: Flammarion, 1970.
- FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa. Fronteiras, Margens, Passagens*. Cotia: Ateliê; São Paulo, SENAC, 2003.
- FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Unesp, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Pequeno Dicionário Brasileira de Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.
- FIGUEIREDO, Guilherme. *As Excelências ou Como entrar para a Academia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2009.
- GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella. org. *Prezado Senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Cotia: Ateliê, 2009.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras: 1989.
- HOISEL, Evelina. *A escritura biográfica*. São Paulo, 1996. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.
- LAGES, Susana Kampf. *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*. São Paulo: Edusp, 2002.
- LIMA, Luiz Costa. *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras: 2006.
- LINS, Osman. *Guerra sem testemunhas: o escritor, sua condição e a realidade social*. São Paulo: Ática, 1974.
- LEJEUNE, Philippe. *Pour l'autobiographie*. Paris: Seuil, 1998.

- LISBOA, Irene. *Inquérito ao livro em Portugal*. Lisboa: Seara Nova, 1944.
- LISPECTOR, Clarice. *Correspondências*. org. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- LOPES, Óscar. “Guimarães Rosa. Intenções de um estilo”. In Adónias Filho et alii. *Guimarães Rosa. Estudos*. Lisboa: Instituto Luso-Brasileiro, 1969.
- MARQUES, Reinaldo. “O arquivamento do escritor”. In SOUZA, Eneida Maria de e MIRANDA, Wander Mello. *Arquivos Literários*. Cotia: Ateliê Editorial, s/d.
- MARTIN, Henri-Jean, CHARTIER, Roger et VIVET, Jean Pierre. *Le livre concurrence (1900- 1950)*. Paris: Promodis, 1986. (Histoire de l’édition française, tome IV).
- MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. São Paulo: Anhembi, 1957.
- MELLO NETO, João Cabral de. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Org., Apresentação e notas Flora Sussekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MOLLIER, Jean-Ives. *O dinheiro e as letras: Historia do Capitalismo Editorial*. São Paulo: Edusp, 2010.
- MORAES, Marcos Antonio de. “Epistolografia e crítica genética”. *Crítica Genética*, nº , p. 30-32,
- MORAES, Vinícius de. *Querido poeta: correspondência de Vinícius de Moraes*. Seleção, organização e notas Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- NUNES, Benedito. “Guimarães Rosa e a Tradução”. in *O dorso do Tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- OSEKI-DÉPRÉ, Inês. “A tradução francesa das *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa”. *Colóquio/ Letras*. Lisboa; Fundação Calouste Gulbenkian, n. 87, setembro de 1985, p. 43-49.
- PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Ática, 1990.
- PINTO, Júlio Pimentel. *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- REVISTA de HISTÓRIA. n. 2, Campinas, Unicamp, 1991.
- REVISTA do INSTITUTO de ESTUDOS BRASILEIROS. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, n. 41, 1996.
- REY, Alain. *Le Robert Micro. dictionnaire d’apprentissage de la langue française*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1978.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

RIMBAUD, Arthur. *Correspondência*. Trad., notas e comentários Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 2009.

ROBERT, Paul. *Dictionnaire Alfabétique et analogique de la langue française*. Paris: Le Robert, 1992.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROSA, João Guimarães. *Cartas a William Agel de Mello*. Cotia: Ateliê: 2003.

ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ROSA, João Guimarães. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)*. Ed., org. e notas Maria Aparecida Faria Marcondes Bussolotti. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Hautes Plaines*. Roman traduit du brésilien par Jean-Jacques Villard. Paris. Seuil, 1968.

ROUDINESCO, Elizabeth. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALLES, Heráclio. “Guimarães Rosa, um dos 13 de acesso mais difícil na França”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1961.

SILVA, Alberto da Costa e. *Invenção do desenho: ficções da memória*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

SPIRY, Zsuzsanna Filomena. *Paulo Rónai, um brasileiro made in Hungary*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, 2009.

VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues. *J. Guimarães Rosa -- correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 1993.

VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues. “Guimarães Rosa e a tradução literária”, in *Manuscrita*. São Paulo, 1991.

VIOTTI, Fernando Baião. “Em busca do indeterminado: Guimarães Rosa e seus tradutores”. *Teresa*. revista de Literatura Brasileira. FFLCH/ USP. São Paulo: Ed. 34, [8/9], p. 322-337, 2008.

VIOTTI, Fernando Baião. *Encenação do sujeito e indeterminação do mundo: um estudo das cartas de Guimarães Rosa e seus tradutores*. Minas Gerais, 2007. Dissertação

(Mestrado - Estudos Literários). Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais.

Banco de dados

ABL - Academia Brasileira de Letras. www.academia.org.br

BnF - Bibliothèque Nationale de France. www.bnf.fr

BNP - Biblioteca Nacional de Portugal. www.bnportugal.pt

IEB - Instituto de Estudos Brasileiros. <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>.

MRE - Ministério das Relações Exteriores. www.mre.gov.br

Rede de serviços do SIBI/USP. www.usp.br/sibi